

A close-up portrait of a young woman with long, dark, wavy hair and light-colored eyes. She is looking directly at the camera with a neutral expression. A white flower is visible in the foreground on the left, slightly out of focus. The background is a soft, out-of-focus light color.

Bibi Santos

Reencontrando **a PASSADO**

“ UMA HISTÓRIA DE AMOR E PERDÃO REGADA A MUITA
PAIXÃO QUE VAI MEXER COM VOCÊ A CADA PÁGINA ”





Reencontrando o Passado

Bibi Santos

Copyright © 2017 por Bibi Santos

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia da autora.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Capa: Aléxia Oliveira Macedo

Revisão de texto e copidesque: Sheila Mendonça

Wenceslau Guimarães - BA

Dedicatória

Dedico este livro a todas as mulheres *Plus Size*. Não existe padrão de beleza, existe preconceito. Seu peso não faz de você menos bonita, menos inteligente, menos mulher. Não esqueçam, somos “maravilindas”!

Agradecimento

Agradeço a Deus, ele é a razão de todas as minhas vitórias.

Agradeço à Ewelyn Mendonça, minha beta e amiga, esse livro é nosso.

Agradeço às minhas amigas do grupo WhatsApp, seus vídeos são muito importantes, pura combustão para minha escrita (risos).

Agradeço à Dominika, minha amiga escritora. Adoro trocar figurinhas com você.

Com Emely fui agraciada com várias leitoras amigas. Meu imenso carinho para vocês. Nada disso seria possível sem o apoio de todas.

E minhas amigas leitoras do grupo Livros da Bibi Santos. Vocês são dez mil. Amo vocês, suas lindas!

E todas as leitoras do Wattpad, pois a cada mensagem, e-mail, depoimento, comentários, essa autora ia aos céus. Foi lindo, magnânimo, sou uma pessoa diferente por conta de vocês. Meus sinceros aplausos. Vocês são as propulsoras desta história.

E para finalizar, agradeço a minha comadre Katy Reis. Obrigada por estar sempre lá quando preciso de você. Seu apoio representa muito. Você é o anjo que Deus mandou para mim e não vou devolver. Te amo!

Infância

— Estou com fome! — era hora do recreio. Estava morta de fome e odiava quando a mamãe me colocava de castigo sem lanche.

— De castigo de novo? — perguntou minha melhor amiga para a vida toda, a Duda.

— Sim, engordei e mamãe disse que iria virar uma baleia e todos iriam rir de mim. — A mamãe não entendia que eu não queria comer tanto assim. — Queria ser magra igual à Sabrina. — choraminguei.

— Bobagem! Você é linda do seu jeito — disse levantando do banco em seu fardamento impecável. A Duda era linda, parecia uma princesa dos contos de fadas. — Trouxe um lanche a mais, pode comer. — tirou de sua lancheira mais um sanduíche e passou para minhas mãos. Ela sempre fazia isso, porque sabia das manias de minha mãe em me deixar sem lanche.

Devorei rápido o meu e a Duda ficou beliscando o dela. Depois me deu o seu também, eu amava os sandubás da mãe da Duda. Queria uma mãe igual à dela, que não se importasse com o meu peso.

— Escondidas? Como sempre comendo, não é, Emely?

Rafael, idiota. Só porque era maior e magro ficava falando essas coisas comigo. Para um menino de dez anos ele era muito lindo, com seus cabelos loiros e olhos verdes, eu achava que ele era um príncipe. Mas um príncipe cruel, sempre tirava sarro do meu peso, todos tiravam sarro do meu peso.

— Não é da sua conta.

— Uma menina de seis anos, mais gorda que a baleia daquele desenho... Qual o nome do desenho mesmo, Duda?

— Não vou dizer, não gosto que fale assim com minha amiga.

— Gorda e feia. — saiu correndo e sorrindo.

Uma lágrima brilhou em meus pequenos olhos cor de mel.

— Não fica assim, Emely, meu irmão é um idiota.

— Um dia ele vai pagar e ainda vai casar comigo.

— Concordo! — falou a Duda beijando meu rosto gorduchinho. — Amo você amiga, nada vai nos separar! — disse abraçando o meu pequeno corpinho. — Para sempre amigas! — deu seu dedinho para jurarmos. — Não se preocupe, Emely, vamos fazer o Rafael pagar por tudo que ele disse — falou decidida.

Capítulo 1

A cidade de São Conrado ficava em lugar nenhum no mapa. Se você foi olhar para confirmar, perdeu seu tempo, não tem, é esquecida do mundo essa cidade.

Às vezes tinha vontade de sair e ir morar em outro estado, país, província; Itália, Grécia, seriam bons lugares para viver. Pelo menos teria várias mulheres gordas e ninguém iria perder o seu tempo tomando parte da minha vida.

— Bom dia Emely, como vai?

— Estou bem, Ester, e você? — Ester era uma senhorinha idosa, umas das fundadoras da cidade, fofqueira por esporte.

— Tudo tranquilo, vou querer o de sempre hoje. — Com certeza ela foi contar alguma fofoca nova.

— Rosas?

Minha floricultura era a única da cidade, eu amava meu lugarzinho preferido, uma vidraça linda na frente, com todos os tipos de flores e cartões. Dentro, várias poltronas vermelhas, um balcão branco com lacinhos bem fofos e para todos os lados você encontrava flores. Tinha orgulho do que consegui construir, meu próprio negócio. Morava em cima da floricultura e adorava minha casinha.

— Sim, sim — disse sorrindo, parecendo que engoliu um gato. — Sabe da novidade?

Não disse que ela veio fofocar? E, com certeza, eu iria odiar aquela conversa.

— Não sei, Ester, mas com certeza você vai contar. — comecei a separar as rosas. Entreguei uma dúzia de rosas amarelas embrulhadas em um papel branco como ela gostava e esperei a fofoca quente que viria.

— O irmão da Dra. Duda está voltando para a cidade. — Meu coração quase parou, o Rafael estava voltando para São Conrado? Desastre à vista.

— Que bom, mais um médico para nossa cidade. — fiz cara de que não me importo.

— Hum, verdade, a mãe dele deve estar numa alegria imensa com os dois filhos de volta. Vocês eram amigos, não eram?

— Sim, claro.

— Eu lembro. — sei que lembrava como minha desastrosa amizade com Rafael acabou. — Bem, você não vai naquele nutricionista novo? Seria bom emagrecer um pouco, quem sabe dessa vez não tenha mais sorte com ele.

Dizendo isso saiu da floricultura. Velha mexeriqueira! Veio aqui só colocar sal na minha ferida. Como vou viver na mesma cidade dele? Como vou olhar em sua cara de novo? Eu não consigo perdoar o que ele fez comigo. Precisei fazer terapia, mas não consegui perdoar. Ele foi

cruel, não tenham pena dele, podem odiar junto comigo. Não vale se bandear para o lado dele quando bater aqueles cílios e piscar aqueles olhos verdes.

— Emely? — Uma Duda eufórica entrou praticamente derrubando tudo.

Continuava linda minha amiga, uma pediatra maravilhosa, ao contrário do irmão tinha um coração enorme e nem um preconceito com o meu peso. Era a irmã que não tive. Minha única amiga, na realidade.

— Meu irmão está voltando — falou quase sem fôlego.

— Já estou sabendo.

— Sabe? Como? Acabei de saber da notícia, minha mãe ligou para avisar.

— As fofocas voam neste lugar. Mas por que ele vai voltar? — perguntei quase choramingando.

— Separou da namorada, eu acho, e resolveu que era hora de voltar para casa. — A namorada era uma modelo linda, parecia capa de revista, tinha visto na última vez que ele teve na cidade, fez questão de exibir a magrela de pernas compridas. — Você precisa superar.

— Eu já superei. Quantas vezes preciso dizer?

— Mas não quis falar com ele em nem uma das vezes que ele tentou pedir desculpa. — Ela lembrou.

— Eu superei. Mas não quero amizade e nem intimidade com ele.

— Agora ele vai ficar na cidade e vocês vão acabar se esbarrando. — sentou numa poltrona. Realmente estava nervosa com toda a situação. — Me sinto culpada com tudo que houve.

— Você não tem culpa, Duda, só pensou que realmente ele tinha mudado e estava a fim de mim. — sentei do seu lado e a abracei.

— Mesmo assim, tinha que ter previsto que eles fariam alguma coisa ruim com você. Meu irmão é um idiota.

— Nisso concordamos. — Com essa resposta ela sorriu.

— Vamos almoçar?

— Vamos!

— Minha mãe fez lasanha.

— Amo a lasanha de sua mãe, mas hoje marquei de almoçar com meu pai.

— Posso ir junto?

A Duda adorava meu pai. Quem não adorava meu pai? Ele era espetacular, um homem maravilhoso e excelente cozinheiro. Quando minha mãe o largou e partiu, ficamos só nós dois e foram os melhores dias da minha vida. Eu amava meu pai, ficava triste, porque ele ainda tinha esperança de que a outra voltasse. A safada é minha mãe, trocou meu pai por um caminhoneiro e nunca mais deu notícias. Sorte nossa, mas meu pai ainda sofria a sua ausência.

Como ficava perto sua oficina, fomos andando e jogando conversa fora. Sei o que as

peessoas viam: uma loira linda, bem-sucedida, a Duda vinha de uma família muito rica, apesar de muito simples e amável, e uma morena enorme de gorda. Eu tinha 24 anos, 1,76 cm e 85 quilos, já fui bem mais gorda, pesava antes 100 quilos. Depois do episódio com Rafael acabei perdendo peso, pois não comia, não bebia, praticamente vegetei por um tempo de vergonha e tristeza.

Apesar de ter um rosto bonito, olhos cor de mel, meu quadril era enorme e minha barriga era a de um barril. Pode sentir pena, estou sentindo sua energia daqui. Sempre obesa, desde a infância sofria com o meu peso. Já passei diversas vergonhas por conta disso. Odiava esse padrão que a sociedade criou de que só as magras são lindas. Por que não posso ser bonita, sexy? Por que não tenho o corpo da Gisele? Nem acho tão bonito o corpo dela.

— Pai? — vinha ele de dentro da oficina, cada dia que passava ficava mais magro, estava preocupada com a perda de peso do papai.

— Trouxe mais uma para comer meu cozido? — perguntou abraçando a Duda. Ele a adorava, todos a amavam, era uma pessoa fenomenal minha amiga.

— Claro, não perco seu cozido por nada.

Beijou a bochecha de nós duas e seguimos casa adentro.

Capítulo 2

O telefone da Duda tocou e ela precisou voltar para o hospital, tinha uma emergência. Depois de agradecer, saiu correndo e eu fiquei mais um pouco para curtir meu paizão.

— Você já sabe quem vai voltar para a cidade? — Meu pai perguntou cautelosamente. Ele era lindo para um homem de 40 anos. Não sei por que não encontrava alguém para casar e ser feliz.

— Soube hoje! — respondi baixo remexendo a comida no prato.

— Você vai ficar bem com tudo isso? — Ele apertou minha mão por cima da mesa.

— Sim pai, vai ficar tudo bem. — tentei formar um sorriso.

— Eu sei como foi difícil para você. Eu estava aqui no momento, lembra? Se quiser podemos sair da cidade por um tempo, morar fora, quem sabe construir uma vida em outro local. Todos os lugares precisam de uma oficina, não é?

— Não precisa, aqui é nossa casa, não sou a culpada pelo que houve.

— Eu sei, minha filha, eu sei. Vou ter uma conversinha com ele, não o quero perto de você.

— Pai, se remexer nessa história, as pessoas nunca vão esquecer. Vamos deixar pra lá e viver em paz. Não quero que o senhor converse com ele.

— Eu estou tentando, mas saber de tudo que ele fez, da humilhação que passamos e, no fim, ele volta para a cidade como se nada tivesse acontecido? Ainda como o médico que a cidade precisava? — bateu na mesa e os copos acabaram caindo e quebrando.

Abaixei para pegar os cacos dos copos e esconder minhas lágrimas, que caíam em abundância neste momento. Meu pai não esqueceria como eu também não conseguiria seguir em frente, sabendo que poderia encontrá-lo em qualquer esquina.

— Perdão, pai! — levantei, busquei minha bolsa e saí correndo de lá. Eu também fui culpada, coloquei a vergonha na minha família, não podia me eximir que, por conta de uma paixão boba, coloquei meu nome na lama e envergonhei o meu pai.

Só de lembrar tinha calafrios. Tive meses de pesadelos lembrando a cena: nua, correndo, com todos aqueles garotos rindo atrás de mim. Ainda suja do sangue da minha virtude. *“Deus, quando poderei esquecer e viver em paz? Por que ele tinha que voltar e destruir tudo?”*.

Entrei na floricultura e fechei a porta. Precisava de um tempo, sozinha. Não seria fácil dali para frente. Todos vão me olhar com pena, vão falar, vai ser o mexerico da cidade por meses. Talvez fugir fosse o melhor a fazer naquele momento. Meu pai estava certo, precisava sair da cidade por um tempo.

O dia passou muito rápido. Meu pai ligou algumas vezes para saber se me encontrava bem.

Garanti que ficaria bem, que já tinha me acalmado, mas ele não precisava saber que por dentro estava uma pilha de nervos. Entrei na internet e me candidatei a várias vagas de emprego fora da cidade. Podia parecer covardia, mas encarar o meu passado não era opção no momento. A cidade de São Conrado era pequena, todos se conheciam desde sempre. Não tinha nada que se fizesse ali e não fosse descoberto.

Como em uma cidade serrana, era um pouco fria, mas isso é que dava charme àquele local. Suas casas projetadas com tijolinhos pareciam até de boneca. Com uma vegetação extensa, era linda minha cidade.

Apesar de tudo que aconteceu, eu era muito feliz ali, com seu pequeno hospital, uma pequena praça projetada com várias margaridas, riachos excelentes para um piquenique com a família.

Com seus dez mil habitantes, São Conrado era uma cidade muito aconchegante. A prefeita era uma mulher de fibra e visão. Realmente, em sua gestão, a cidade deu uma melhorada, abriu um posto médico, o hospital já fazia cirurgias, sem contar vários negócios que abriram, inclusive, minha floricultura.

Os vinhedos produziam excelentes vinhos, que eram comercializados em todo o país. Inclusive, a família da Duda era uma das produtoras de vinhos da região. Soube que já estavam exportando para outros países. Tinha orgulho desta terra, pena que eles não tinham orgulho de mim.

Com esse pensamento triste, atendi o delegado da cidade. Era um rapaz moreno, muito bonito, de olhos negros e cabelos crespos, cortados no estilo militar.

— Boa tarde, Emely.

— Olá, delegado! Em que posso ajudá-lo? — gostava dele. Era um cara muito simpático e bem forte, musculoso. Não me julguem, não sou cega.

— Amanhã é meu aniversário, vou sair com alguns amigos para comer uma pizza e gostaria de convidá-la para participar.

Minha mão começou a suar frio. Sei que não era um encontro, mas ninguém nunca me convidava para nada. Minha vida social era uma merda, pode crer, pior do que você pensou.

— Claro, delegado!

— Fico feliz. Na Pizzaria da Saly, as oito, então? — Com um sorriso lindo, saiu da minha floricultura.

Meu Deus, nem acredito que aconteceu isso! Será que não era sonho? Um gato daquele me queria em sua festa de aniversário. Jesus! Preciso providenciar uma roupa. Estava totalmente eufórica, quando a Duda entrou parecendo a imagem da derrota.

— O que houve? — fui até ela, abracei-a e a levei até uma poltrona que ficava próxima.

— Não consegui salvar, Emely, não consegui! Tentei de todos os jeitos, mas não foi

possível. — Suas lágrimas eram de cortar o coração.

Ela sempre sofria quando perdia uma criança. Como não podia desmoronar no hospital na frente das pessoas, sempre corria para mim. Com seu coração enorme, sempre que as coisas não aconteciam do seu jeito, ela sofria.

— Mas sei que você deu o seu melhor. — beijei o topo de sua cabeça e a preendi em meus braços.

— Ele só tinha quatro anos, uma vida pela frente e morreu da porra de uma insuficiência respiratória.

— Entendo, pode chorar, coloca para fora essas lágrimas.

Em meio ao silêncio, que só era quebrado com o som do choro da Duda, meu pai entrou e, ao olhar para ela, seu olhar ficou suave e triste ao mesmo tempo. Ele tinha uma admiração enorme por ela.

— O que houve? — Ele ajoelhou-se na frente dela e a tomou em seus braços carinhosamente. Uma fisgada fria veio a minha mente. Será que meu pai tinha sentimentos pela Duda? Não, não, ele a amava como uma filha.

— Ele morreu! — encarou seus olhos e disse chorando. Com isso os dois se abraçaram mais forte ainda. Eu me senti em uma cena de filme que, por sinal, eu não compreendia.

— Vai ficar tudo bem, pequena, vai ficar tudo bem. — Ele falava e beijava sua testa carinhosamente. — Acho melhor levá-la para casa.

— Verdade, a mãe vai cuidar dela.

Ele a pegou no colo e a colocou em sua *Pick Up*, deu a volta, colocou-se atrás do volante e deu partida.

— Estranho. Muito estranho.

Duda

— Desculpa, me descontrolei. — olhei por baixo do olho para ele, para o único homem que não poderia ter. — Sei que não deveria chorar na frente da Emely.

— Você não tem culpa, deve ser difícil não conseguir salvar uma pequena vida.

— Muito! Tenho que ser mais forte, mas na maioria das vezes não consigo.

Olhando pela janela do carro, percebi que não estávamos indo para minha casa, e sim para a dele. Meu coração se encheu de esperança, fiz silêncio, porque não queria que ele desistisse. Entrou com sua *Pick Up* na garagem e fechou a porta, para os abelhudos não olharem. Foi até a porta do carona, pegou-me no colo e me trouxe até seu peito.

— Eu tento ficar longe, mas não consigo assistir você sofrer sem fazer nada.

— Não fique longe, eu não quero sua distância — respondi beijando sua barba por fazer. Era o homem mais lindo que já tinha conhecido.

— Sabe que não podemos, sabe que não sou homem para você — falou colocando-me no chão da sala.

— Eu decido se é ou não. — puxei minha blusa e meus seios envoltos em um pequeno sutiã de florzinha ficaram expostos. Senti sua respiração ficar tensa.

— Isso é loucura. Você é amiga da minha filha, tem idade para ser minha filha.

— Mas não sou, Ricardo, sou uma mulher que ama você e não vai desistir fácil. — fui até ele e possuí sua boca faminta, querendo sempre mais. Era ali que eu queria estar, naquela casa, com aquele homem. Ele me pertencia e não iria fugir dessa vez.

— Sua louca!

Segurou-me em seus braços e me levou para sua cama, só precisava convencê-lo de que nós dois fomos feitos um para o outro.

Capítulo 3

Amanheci ansiosa pela chegada da noite. Coloquei quase todas as minhas roupas em cima da minha cama. Decidi que usaria uma saia rodada preta, um cinto vermelho e uma camiseta floral branca. Acho que fica informal e elegante.

O dia parecia que não iria acabar nunca. A Duda deu notícias, avisou que também foi convidada. Melhor ainda, assim não iria me sentir deslocada no meio de pessoas com as quais não tinha intimidade.

Quando a noite chegou, estava totalmente eufórica. Fiz uma maquiagem leve, com olhos gatinhos. Eu amava delineador, prendi meu cabelo em um rabo de cavalo, queria deixar meu rosto em evidência, já que o corpo era impossível esconder. Não façam cara feia para mim, não é fácil ter meu peso e altura.

Resolvi ir de carro, porque se alguma coisa não der certo e eu tenha que fugir rápido, assim será mais fácil. Não precisa rir, sei que meu jipe rosa chamava atenção. Foi ideia do meu pai, ganhei no meu aniversário de quinze anos e até hoje não consigo me desfazer dele.

Como a cidade era pequena, a travessia foi rápida. Já havia algumas pessoas na pizzeria, inclusive a Duda, onde mais uma vez, percebi seu semblante triste.

— Emely! Que bom que você veio! — O Delegado Murilo já foi me abraçando. Braços muito fortes os dele.

— Não poderia deixar de dar meu abraço de feliz aniversário.

— Então pode abraçar. — abriu os braços para me receber e claro que não me fiz de rogada, joguei-me neles.

Meu sorriso morreu ao perceber, por cima do ombro do Murilo, outra pessoa que não estava preparada para encontrar, o meu pior pesadelo.

— Rafael?

— Emely — disse meu nome com um olhar enigmático.

Procurei o ar do meu pulmão e não encontrei, não conseguia respirar.

— Você está bem? — Murilo perguntou preocupado. — Ficou fria e pálida.

— Estou bem, foi só uma vertigem. Não comi o dia todo para entrar nesta roupa.

Ele olhou para mim sorrindo, resposta idiota essa minha. Na realidade ainda estava mandando oxigênio para o meu cérebro. Por que a Duda não disse que ele já tinha chegado e por que ele fica me olhando?

Sentei perto do Murilo e de uma Duda aflita, que alternava o olhar para o irmão e para mim, preocupada. Eu a ignorei. Ela deveria ter me avisado, assim eu não teria ido. Foi uma sacanagem da parte dela.

Todos que estavam ali eram conhecidos. Várias pizzas de vários sabores foram servidas, mas não consegui comer mais nada, meu estômago estava embrulhado.

— Não vai comer Emely? — Um dos rapazes perguntou.

— Não estou com fome.

— Pelo que soube você é boa de boca, come bem, por isso é assim, fofinha. — sorriu da piada sem graça. Só ele, porque todos na mesa ficaram calados.

— Desculpa se arranhei seus sentimentos sobre mim, mas não dê ouvidos a tudo que ouve por aí, pois isso caracteriza fofoca.

Ele me olhou vermelho e sem graça. Percebi vários sorrisos, até o idiota do Rafael sorriu, o que acabou virando uma gargalhada e todos se viraram para ele.

— Bem feito cara, quem disse que a pequena Emely não tem garras? — Ele falou se desculpando com a mão.

— A pizza está uma delícia — disse Murilo tentando trazer de volta a alegria que estava à mesa antes que aquele idiota abrisse a boca.

Não estava mais à vontade. O olhar do Rafael não me deixava e todos estavam percebendo. Murilo fazia questão de ficar me tocando, tentando puxar assunto. Se não estivesse tão nervosa, talvez tivesse apreciado seu interesse. Tinha vontade de sumir, sair correndo. Minhas mãos estavam geladas, meu coração batendo como um tambor. Essas merdas só acontecem comigo. Por que ele tinha que vir para esse aniversário? Fiquei o máximo que aguentei, depois pedi licença alegando dor de cabeça, mas todos sabiam que era mentira.

— Vou te acompanhar até seu carro. — A Duda falou. Não reclamei para não fazer cena.

Despedi-me do Murilo e ele falou que me ligava depois, pois todos iriam a uma boate depois dali. Menos eu, porque, mais uma vez, o idiota do Rafael voltou para estragar tudo.

— Emely, desculpa! Não tive como te avisar... — Duda torcia as mãos ao falar, sinal de que estava muito nervosa. — Ele chegou na hora que eu estava saindo, juro pra você.

— Foi numa festa sem ser convidado? — perguntei desconfiada.

— Não sei por que quis vir, nem sequer falou com todos lá em casa direito. Só veio logo perguntando para onde eu estava indo e eu disse.

— Do nada ele resolve vir? Estranha essa história, Emely. — suspirei e abri a porta do carro. — Mas agora não adianta reclamar, ele voltou e eu preciso conviver com isso.

— Juro que não fiz por maldade. Ele tomou meu celular dizendo que meus amigos não precisavam saber que ele viria.

— Ok, deixa pra lá. Boa noite, amiga!

— Boa noite. Mas você não deveria se deixar afetar assim por ele. As pessoas vão começar a falar e fazer gracinha, não quero você sofrendo.

— Prometo tentar.

Fui para casa. No caminho comecei a chorar. Será que meu pai tinha razão? Era hora de deixar aquela cidade para trás e seguir em frente?

Capítulo 4

Quase não dormi à noite. Estava com os olhos vermelhos, ardendo de tanto chorar. Sentia pena de mim mesma, isso era horrível, mas não conseguia modificar esse sentimento de impotência. Tomei banho e coloquei um vestido leve de verão. Quando já ia descendo as escadas, senti que estava sendo observada. Levantei a cabeça e dei de cara com Rafael em pé na minha escada me olhando. Em suas mãos trazia um saco da padaria e uma garrafa de café.

— Toma café comigo?

Lindo, de calça jeans e camiseta branca, ainda via nele traços do garoto pelo qual me apaixonei e partiu meu coração. Assim, não posso me esquecer disso jamais.

— Acho que fica para a próxima vez. — dei um sorriso falso.

— Emely, preciso falar com você. — Em seu olhar havia tristeza e arrependimento.

— Você está oito anos atrasado — falei tentando passar por ele. Seu perfume tomou todos os meus sentidos. Droga, ele ainda me afetava! Ele segurou meu braço, disparando meu coração com seu toque.

— Vou morar nesta cidade e não vai ter como as pessoas não falarem sobre o que houve. — Com um suspiro me entregou o pacote da padaria. — Sinto muito, Emely, quero consertar as coisas e não vou desistir de obter seu perdão.

— Melhor comprar uma cadeira e sentar. — fui até a porta da floricultura e abri.

Ele entrou junto comigo, decidido a não me deixar em paz.

— Você nem bem chegou à cidade e já está tirando meu sossego.

— Precisamos conversar, resolver esse mal-estar que existe entre nós.

— Faz assim: você fica no seu canto e eu fico no meu e aí tudo ficará bem, *se ligou?* — fui para trás do balcão precisando de distância.

— Você não pode fingir que aquele dia não aconteceu. — Ele bateu no balcão para enfatizar o que havia dito. Isso me deu uma ira... Quem ele pensava que era?

— Você não passa de um babaquinha. Você acha que quero me lembrar da humilhação, da dor por perder minha virgindade com um idiota que só queria mostrar que era o fodão e conseguir pegar a gordinha da turma?

— Emely... — Minhas lágrimas estavam turvando minha visão.

— Saia da minha floricultura! Nunca vamos ser amigos! Não quero sua amizade, será que não entende?

— Fui um idiota... em anos não conseguia tirar aquelas imagens da minha cabeça, passando dias sem conseguir dormir.

— Devia ter bebido veneno, assim faria um bem enorme ao mundo. — percebi a mágoa em

seu olhar, mas levei anos com aquela mágoa e ele merecia ouvir tudo que eu sentia. — Contanto, que não tenha que ouvi-lo ou sequer ouvir falar em você, não me importo com sua existência. Saia do meu estabelecimento!

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o Delegado Murilo entrou e perguntou se queria ajuda. Ele olhou para o delegado e saiu pisando duro.

— Desculpa, Murilo.

— Não precisa se desculpar, imaginei que ele viesse procurar por você.

— Por que você pensou isso? — perguntei olhando-o de lado.

— Emely, sei o que houve com vocês anos atrás e ontem ele não tirava os olhos da minha mão em seus braços.

— Impressão sua, policial, ele só quer mostrar que pode destruir minha vida mais uma vez.

— Não acredito nisso. Ele parece um homem determinado a consertar a bobagem que fez.

— Não importa, contanto, que ele fique longe.

— Você quem sabe! Mas se precisar estou às ordens. — Com um sorriso lindo deixou a loja. Por que meu coração não batia por aquele cara? Ainda odiava me sentir meio apaixonadinha pelo Rafael.

Capítulo 5

Estava me sentindo inquieta, chateada. A cena com Rafael mexeu muito com minha cabeça. Resolvi dar uma volta para espairecer. Fui até a pracinha, sentei no banco e fiquei olhando as pessoas passarem.

A sorveteria sempre foi o meu fraco quando ficava meio triste. Assim, segui até ela e fui comprar uma casquinha.

— Emely, o de sempre?

— Sim, tapioca, por favor.

— Você sempre toma o mesmo sorvete?

Tomei um susto ao ver que Rafael encontrava-se perto de mim, sorrindo. Será que ele nunca aprenderia? Qual foi a parte do ficar longe de mim que ele não entendeu? E vocês, por que estão sorrindo? Não vou perdoá-lo, esqueçam. De que lado vocês estão?

— Boa tarde, Rafael — falei porque sou educada. Peguei o sorvete e quando fui pagar, ele resolveu ser cavalheiro.

— Deixa que eu pago.

— Não, obrigada, posso pagar meu sorvete.

Voltei para o banquinho e fui sentar. Estava vibrando raiva.

— Você continua teimosa como sempre. — era carma.

— Essa cidade anda pequena demais para nós dois — falei fazendo menção de levantar.

— Não, não precisa ir embora, já estou indo, não quero estragar sua tarde.

— Tarde demais.

— Emely, vamos sentar para conversar? Preciso te contar o porquê fiz aquela idiotice.

— Rafael, não importa, chega desse assunto, vai viver sua vida. — olhei para os lados e percebi que todos ao redor estavam prestando atenção em nós dois. Mais uma vez, ele me colocava numa situação tensa quando as pessoas começavam a esquecer a minha vida. — Estão todos olhando para nós, pare de me perseguir, você já fez estrago demais.

Levantei com lágrimas nos olhos e saí da praça pisando duro. Filho da puta! Sempre me colocava em situações comprometedoras. Será que não percebia que as pessoas iriam falar se ele se aproximasse de mim? Por que ele sempre faz isso? Por que me odeia tanto?

Em alguns minutos estava na casa do meu pai. Sempre corria para seus braços.

— Filha? O que houve?

— O Rafael, ele ficou conversando na rua comigo e todos ficaram olhando.

— Vou matar aquele moleque!

— Não, pai, deixa pra lá. Só fiquei nervosa, porque me lembrei daquela noite, todos

olhando e rindo.

— Emely, você não acha que está na hora de voltar para o analista?

— Não! Não precisa, já superei. Só tive um surto, porque não consigo lidar com multidões.

— Filha, você sabe que pode contar com seu pai, não sabe?

— Claro, olha para onde eu vim quando fiquei tensa?

— Verdade. — Com um beijo na testa e um abraço dele já me sentia melhor. — Aceita um café?

— Só se eu fizer.

— Não, seu café é horrível!

Dando risada, entramos em casa e fomos para a cozinha preparar nosso café.

Ricardo

— Ela precisa voltar para o analista.

— Você acha que não sei? Como irei convencer minha filha de que ela precisa se tratar?

— Deixa comigo, vou conseguir, afinal a culpa é do meu irmão.

— Não quero você se indispondo com sua família.

— Não tem problema. Emely vai ficar bem, você verá.

— Chega mais perto, estava louco de saudades de você.

Com um beijo molhado, nossos corpos se enroscaram naquela rede do quintal. Queria gritar para o mundo que aquela pequena era minha, mas não podia, muita coisa nos separava.

Capítulo 6

Senti-me abatida, triste. Sempre foi assim quando tinha esses surtos de tristeza, mas precisava superar, nada iria me tirar a alegria de viver, nem aquele médico mequetrefe, ridículo.

Coloquei um vestido solto, vermelho, e um laço preto no cabelo. Fiz uma maquiagem leve e calcei uma sapatilha preta bem linda, sentia-me bem feminina.

Desci para trabalhar, mas antes resolvi passar na padaria para comprar os biscoitos de goma que adoro. Entrei e já ouvi um mexerico da porta.

— Se fosse ela tinha vergonha de andar com ele por aí.

— Concorde, principalmente depois daquela vergonha que passou nua e todos vendo.

— Como ela pode achar que aquele garoto lindo iria namorar uma gorda como ela?

Senti um frio tomar conta do meu coração. Eram de mim que estavam falando, mais uma vez minha vergonha virou fofoca. “*O que faço agora?*”. Parece que virei pedra naquele lugar. Não tinha coragem de olhar para descobrir quem estava falando de mim. “*Vai fugir? Vai deixar que*

continuem massacrando você assim?”, meu ego tinha razão, não iria dar o gostinho àquelas velhas fofoqueiras.

Entrei e não olhei para o lado do mexerico. Fui ao balcão, fiz o pedido dos biscoitos e um refrigerante para mais tarde.

— Emely, estávamos falando de você. Refrigerante uma hora dessas, menina? — Mas era muita cara de pau mesmo! Sei que deveria dar uma voadora nela, mas meu pai me deu educação.

— Eu sei que estavam falando de mim, eu ouvi da porta. O refrigerante eu comprei com meu dinheiro. Feio não é ser gorda, mas sim ser velha e fofqueira.

— Menina malcriada!

— Meu pai me criou muito bem, por isso não fico por aí fofocando da vida alheia.

Saí da padaria me sentindo gloriosa, linda e poderosa. Quem disse que iria engolir desaforo desse povinho futriqueiro? Acabou. Essa Emely morreu, vou mostrar para essa cidade que gordo também é gente.

Coloquei um som bem alto na floricultura. Estava feliz pela decisão que tomei, não vou fraquejar, vou seguir em frente. Assim, acho que vou me matricular na aula de balé, Sempre quis ser bailarina, mas minha mãe nunca deixou dizendo que eu era muito gorda e iria acabar machucando alguém.

— Um passarinho passou por aqui? — Uma Duda pronta para trabalhar estava em pé no meio da loja. Era impressão minha ou ela andava mais brilhante, bonita, com a pele boa?

— Não, mas hoje resolvi ser feliz. O que você acha? Vou fazer balé.

— Sério? Poxa, queria ter tempo para acompanhar você.

— Seria maravilhoso, amiga, nós duas dançando, mas ainda estou na dúvida, acho que sou grande demais para esse tipo de dança.

— Então, por que não *pole dance*?

— Ficou louca? Como vou conseguir escalar aquele troço sem pagar mico?

— Poderíamos fazer. Ah, Emely, vamos! Vai ser legal!

— E você vai ter tempo? Vive da clínica para o hospital. Falando nisso, Dona Duda, quem é o carinha?

— Que carinha? — Ela ficou muito tensa com minha pergunta.

— Aquele que anda deixando essa pele boa, vistosa.

— Não sei do que você está falando, não tem carinha nenhum.

— Sei... aceita uns biscoitinhos? — Não pressionarei, na hora certa ela irá me contar.

— Claro, estou cheia de coisa hoje e o tonto do meu irmão resolveu arrumar uma briga ontem chegando em casa todo machucado.

Fiquei curiosa, mas resolvi não perguntar. O que ele fazia de sua vida não era de minha conta. Dividíamos o refrigerante e os biscoitinhos quando o delegado resolveu entrar naquele

momento, lindo como sempre.

— Bom dia, meninas.

— Bom dia, delegado — respondemos em uníssono. — Aceita um biscoitinho?

Acabamos os três dando risada. Ele era muito espontâneo e divertido, bem que poderia namorá-lo.

— Seu irmão se meteu em uma briga feia ontem, Duda.

— Estou sabendo. Minha mãe estava arrasada quando saí de casa hoje.

— Ele estava transtornado, bateu em dois caras e posso dizer que os caras não ficaram bonitos de se ver não.

— Ele sempre foi bom de briga. Bem que o senhor poderia conversar com ele, já que não quis nos falar por que brigou.

— Duda, o problema do Rafael é culpa. Ele está se sentindo culpado por tudo que fez antes aqui na cidade e, para completar, acho que alguém fez alguma piada de mau gosto sobre o passado.

Fingi haver uma lã invisível no meu vestido e fiquei calada. Sei que esperavam alguma colocação minha, mas não tinha nada para dizer. Parem de me olhar de cara feia, não vou perdoá-lo.

Com um suspiro, nós três acabamos ficando em silêncio por alguns minutos. Depois o delegado resolveu quebrar o silêncio.

— Emely, vai ter o Baile da Primavera no próximo fim de semana. Aceitaria ser meu par?

Quase engasguei com o biscoito. “*Senhor, era sério aquele convite?*”. Nem conseguia articular uma frase com aquele gato me convidando para sair. Era um sonho.

— Claro que ela aceita, não é Emely?

— Clar... claro, vou sim, será um prazer.

— Então estamos combinados. Passo aqui e pego você.

— Certo. Obrigada pelo convite. — No fim, lembrei-me da boa educação.

Com um aceno, ele se despediu de nós duas.

— Emely tá namorando! — caiu na risada a louca da Duda.

— Não estou nada. — deitamos na poltrona e ficamos rindo como duas hienas.

Capítulo 7

A semana passou voando e ainda tinha que comprar um vestido para o baile, mas não sabia como faria isso. A Duda sempre ajudava, mas essa semana ela estava muito atarefada. Acho que terei que ir à cidade vizinha sozinha comprar.

Consegui me matricular no *pole dance*, já tinha tido duas aulas e a professora foi muito simpática comigo. A Duda nunca compareceu em nem uma aula, ela andava bem sorrateira.

Adorei me sentir sexy, gostosa. Aquela música, aquele clima, ainda não consegui acertar os passos, mas estava muito contente com minha coragem em fazer.

Falando nisso, estava quase na hora da aula. Coloquei minha malha na bolsa, tranquei a porta e segui pela rua indo para a oficina de dança da cidade. As pessoas andavam me olhando estranhamente, não sei por que, talvez porque eu não andava mais de cabeça baixa. Não havia cometido nem um crime, portanto, chega de me depreciar ou viver escondida.

Na esquina encontrei meu pai conversando baixinho com a Duda enquanto tomavam um sorvete, parecia uma troca de segredos. Meu pai estava com um olhar guloso. Será? Devia ser coisa da minha cabeça.

— Oi, meus amores.

Os dois tomaram um susto, mas depois que me reconheceram, sorriram.

— Vai aonde, minha filhota?

— Fazer aula de *pole dance*.

— Como é? — Ele quase se engasgou com o sorvete.

— O que tem pai, a Duda também vai fazer. Já deveria estar fazendo, não é Dona Duda? — cutuquei-a acusatoriamente.

— Você também vai fazer, Duda? — Ele deu uma olhada estranha para ela. Meu pai estaria interessado na Duda? Não, é coisa da minha cabeça. Ele a conhece desde pequenininha, tem idade para ser pai dela. Pare com isso, Emely, pare de ver coisas onde não existe.

— Sim, mas estou sem tempo, prometo que semana que vem eu vou, Emely.

— Vou cobrar. Agora tenho que ir, estou atrasada. Beijos, se cuidem!

Segui até a oficina que ficava junto à academia, estava empolgada com aquela aula. Assim entrei no banheiro e troquei minha roupa pela malha de dança.

Quando saí, tinha vários garotos perto da porta. Pedi licença para passar quando um deles olhou para mim e disse em alto e bom som.

— Aceita elefante aqui na aula?

Quase tive um treco do coração. A antiga Emely teria corrido e chorado a noite toda, mas essa Emely não deixaria barato de forma nenhuma. Com um soco certeiro de esquerda atingi seu

nariz. Minha mão doeu pra caramba, mas não dei o gostinho de demonstrar.

— Se aceita antes, por que não aceitaria baleia? Idiota.

Todos me olharam com cara de espanto e o menino segurou o nariz como se fosse revidar, mas uma mão linda e enorme segurou seu braço.

— Se tentar tocar nela, vai perder seu braço. — tinha que ser o Rafael! Ele precisava presenciar minha humilhação.

— Não preciso de você para cuidar de mim.

Dei as costas e entrei na sala, a professora veio perguntar se estava tudo bem, respondi que estava. Só minha mão e o meu ego que estavam feridos, mas nunca admitiria isso para ninguém. Fiz minha aula como se fosse a última. Subi naquela barra fixa, dancei como se minha vida dependesse daquilo. Recebi elogios da professora dizendo o quanto estava impressionada. Estava suada, mas de alma lavada.

Quando deixei a sala, meu carma astral estava aguardando na porta.

— Você arrasou dançando. — Em seus olhos vi luxúria, provavelmente deveria ser pelas meninas que dançaram junto comigo. — Nunca vi você se entregando tanto a uma coisa como hoje.

— O que você deseja, Rafael? — tinha que ser grossa, ele não podia furar o cerco que fiz em meu coração com aqueles olhos lindos.

— Se eu dissesse, você nunca acreditaria. — engoli em seco e caminhei para a porta da oficina. — Emely, um dia você irá parar para me ouvir?

— Nunca, não temos nada a dizer um ao outro — respondi e ele assentiu tristemente.

Filho da puta gostoso do caralho. O cara ficava mais lindo a cada dia que passava com aquela roupa de malhar, exibido, mostrando aqueles músculos. Palhaço!

Ricardo

Não acredito que a Duda irá fazer *pole dance*. A imagem dela naquela malha estava me deixando excitado. Não resisti e liguei para ela.

— Vou colocar uma barra fixa aqui em casa.

— Seu tarado!

— Estou de pau duro só em imaginar você dançando naquele mastro. — gemi ao telefone. Ela me fazia sentir com dezoito anos, não estava dando mais para esconder que estava apaixonado por aquela garota.

— Vou dormir com você hoje.

— Isso está ficando perigoso, Duda, mas confesso que estou ansioso por sua presença.

— O perigo só existe na sua cabeça. Por mim o mundo todo já saberia que te amo e te pertenço.

— Sua louca, ainda vai acabar comigo.

— Me espera. Já, já, chego aí.

Desliguei com um sorriso no rosto. Tinha que preparar alguma coisa gostosa para minha pequena comer, ela andava muito magrinha e não se alimentava direito.

Com meia hora de atraso ela chegou linda naquele jaleco, parecia uma princesa, minha princesa. A mesa do café já estava posta para ela.

— Estava com saudades.

— Com fome? — perguntei quando ela sentou no balcão, toda aberta de saia e percebi que não tinha nenhuma calcinha. Engoli em seco e meu pau criou vida com aquela visão. — Você é uma safada.

— Com fome de você. — segurou meu pau e me beijou, sabia que estava perdido, porque não conseguia ficar mais longe daquela pequena.

Capítulo 8

Estava ansiosa para o baile. Era a primeira vez que iria com um acompanhante que não era meu pai. Passei a semana evitando, sempre que possível, o Rafael, que fazia questão de estar nos lugares em que eu estava.

“Quando ele iria parar de me humilhar?”. Todos estavam fofocando, rindo pelas minhas costas. Ainda havia as recalcadas que diziam que estou fazendo aula para chamar a atenção dele. Até parece!

Aquele pensamento me levou aos acontecimentos de anos atrás.

Minha mãe era linda, uma rainha má, igual a das histórias de princesa que o papai conta para mim. Ela sempre gritava com ele. Eu não queria ouvir, não queria. Sempre coloquei a minha pequena mão no ouvido, não queria mais ouvir aqueles gritos.

— Culpa sua! Pode olhar! Agora meu corpo está horrível... Porra, se você não tivesse me engravidado não estaria assim. — Ela gritava loucamente. Sempre que bebia se descontrolava.

— Não diga isso, nossa filha está ouvindo. Você estava com quem? — Ele a trancava no quarto, mas as paredes eram finas e eu sempre ouvia.

Sentei na cama e fiquei esperando a gritaria acabar. Peguei a Lulu e fiquei mexendo nela. Amava minha bonequinha, foi um presente da mãe da Duda.

— Nunca te magoarei Lulu, sempre vou te amar! — jurei para ela com as lágrimas caindo entre as minhas pequenas pálpebras.

— Filha? — Meu pai entrou e sentou na cama, passou a mão no cabelo, parecia cansado. Tão lindo o papai, merecia uma princesa de coração bom, igual a Duda. — Venha aqui, senta no colo do papai.

Sentei no seu colo e o abracei forte. Tadinho, precisava de muito carinho.

— Te amo, papai!

Voltei ao presente quando tocaram a campainha da loja. Uma moça entrou, parecia que não era da cidade. Graças a Deus, não gostava de me lembrar daquela época tão complicada da minha vida.

— Sim? — tentei sorrir escondendo as lágrimas. — Posso ajudar você?

— Boa tarde, sou a Kátia, a nova enfermeira do posto médico.

— Prazer, Kátia.

— Soube que você estava procurando alguém para dividir o apartamento.

— Na realidade não é dividir, mas é que aqui em cima da loja tem duas quitinetes e uma está vazia. Se quiser olhar, subo rapidinho e te mostro.

— Claro, estou agoniada para ter meu cantinho. Quem te indicou a mim foi a Duda, ela disse que é sua amiga.

A Kátia era negra, alta e uma mulher notável, com seus cabelos *black*, bem estilosa. No pescoço vários colares coloridos, uma calça apertada de onça e uma blusa branca, parecia a cara da riqueza. Gostei dela, parecia ser confiável.

— Somos amigas de infância. Você é de onde? Seu sotaque é diferente — falei pegando o chaveiro do imóvel.

— Sou carioca.

— Nossa, não é um pouco longe de casa? — estava parecendo com as mexeriqueiras da cidade querendo saber da vida da menina.

Ela sorriu e não disse mais nada. Ali na minha frente estava uma mulher decidida, tudo que eu não era. Será que se eu pedisse, ela me daria umas aulas? Do que vocês estão rindo? Estou em busca de autoconfiança, vocês sabem que não tenho.

Depois de olhar a quitinete, ela resolveu que o preço do aluguel estava ótimo e que se mudaria naquela mesma noite. Que bom, assim teria sempre alguém por perto e para conversar também. Ultimamente a Duda andava estranha e distante. Estava descendo a escada com ela, quando tive uma ideia.

— Você parece entender de cabelo e maquiagem.

— Gosto bastante.

— Pode me ajudar? Desculpa pelo pedido tão inusitado.

— Claro que ajudo, Emely, o que gostaria de saber? — Ela era uma fofa.

— Na realidade hoje tem o Baile da Primavera e fui convidada por um rapaz bem legal e sou uma negação com esse negócio de arrumar penteado e maquiagem.

— Pronto, vamos olhar sua roupa e veremos como posso ajudá-la.

Com essa deixa, fechei a floricultura e voltamos para minha casa. A Kátia amou meu vestido vermelho. Na realidade escolhi pelo impulso, pois ele se moldava as minhas curvas exuberantes até a cintura e ficava esvoaçante até abaixo do joelho, com um decote maravilhoso, colocando meus dotes na rua. Quando o vi na vitrine, tive certeza de que precisava dele.

Arrematei com um salto preto e bolsa de mão da mesma cor. A Kátia puxou meu cabelo volumoso para o alto e fez um coque frouxo, colocando pequenas flores de pérolas. A maquiagem tinha o batom vermelho em evidência. Quando ela terminou meus olhos estavam lindos, límpidos e enormes. Não me reconheci e quase chorei, pois pela primeira vez me achei linda.

— Ei moça, não pode chorar, senão vai acabar com todo o meu trabalho.

— Você acha que devo usar um xale ou alguma coisa para cobrir os peitos?

— Lógico que não! Os meninos vão babar nesse decote hoje. Esses seios lindos... nem pensar!

— Então tá... Obrigada por tudo. Estou me sentindo uma princesa.

— Depois vou te ensinar uns truques que vão te ajudar.

— Quero aprender, sim. — abracei-a quando a minha campainha tocou.

— Minha deixa para partir — disse ela sorrindo e abriu a porta para mim.

O delegado tomou um susto quando a viu e ficou hipnotizado pela minha inquilina. Só faltava mais essa, nem consegui o homem e já o perdi. Parem de rir de mim! É verdade! Precisam ver a cara de babão do cara.

— Murilo, essa é a Kátia, minha nova inquilina. — apresentei-os, sorrindo.

— Prazer!

— Encantado.

— O Murilo é o novo delegado da cidade — expliquei à Kátia, que parecia desconcertada.

— Que bom, mas já estava de saída — falou se despedindo.

— Emely você está espetacular — disse me olhando. — Uma rainha, vou ser o homem mais odiado da festa.

— Besteira, só está sendo simpático!

— Aceite o elogio porque é sincero. — Seus olhos me olhavam com desejo, meu coração deu um salto dentro do peito e acabei molhando a calcinha depois desta olhada cobiçosa.

Peguei minha bolsa e desci as escadas a sua frente. Chegamos à festa, todos bem vestidos, inclusive meu pai, que estava maravilhoso em seu terno, queria que ele encontrasse alguém.

— Pai? — fui ao seu encontro.

— Filha? Você está um escândalo, vai pegar uma gripe com esse decote.

— Pai! — falei com vergonha, pois o Murilo começou a rir.

— Uma bebida, Emely?

— Sim, pode ser um Martini. — Ele saiu para buscar e fiquei aguardando próxima ao meu pai. — Veio sozinho?

Meu pai não respondeu, olhando para a entrada da festa e para uma Duda maravilhosamente vestida em seu vestido longo verde que abria em uma enorme fenda na perna. Estava perfeita em seu corpo escultural. Quase senti inveja, mas eu disse quase.

Meu pai não tirou o olho e todos os homens da festa também. Minha amiga era linda, uma verdadeira rainha do baile.

— Emely? Ricardo? — cumprimentou-nos sorrindo. — Amiga, você está linda.

— E você uma diva — disse e nós duas rimos muito.

— Muito lindas as duas. — Meu pai disse, vermelho. Parecia nervoso.

Alguém acenou para Duda que se retirou para falar com a pessoa, pedindo licença. Meu pai a seguiu com o olhar.

— Pai, pare de secar a Duda! — falei, ultimamente ele andava estranho. — Daqui a pouco vão achar que é interesse, minha amiga sabe se virar.

— Quem disse que estou secando ela? — Ele perguntou chateado. — Vou buscar uma bebida.

Saiu chateado, andava todos estressado e estranho nos últimos dias.

E, para estressar minha noite, chegou um Rafael acompanhado de uma loira linda, que não deveria ser da cidade, pois não a conhecia. Ele não tirou o olhar de mim em nem um momento. Como sei disso? Ora, não é da sua conta!

Salva pelo Murilo, que chegou com minha bebida e perguntou se queria dançar, aceitei sua mão e fui para o meio do salão, dancei junto, de rosto colado, com ele.

Depois só vi o Rafael no bar bebendo e, em seguida, resolvi que a festa estava ótima para me preocupar com ele.

Capítulo 9

Meu pai tinha sumido, acho que foi para casa, não vi mais a Duda, mas a festa estava muito boa, nunca me diverti tanto na vida. O Murilo era uma companhia maravilhosa, deixava-me à vontade, contando piadas, dançando, um verdadeiro cavalheiro.

— Você é uma moça muito linda para não ter namorado. — Ele disse. Sorri colocando a língua para fora. Será que foi impressão minha ou ele gemeu?

— Sei disso, os homens estão escassos por aqui — falei tomando mais um pouco da minha bebida.

— Não diga isso, assim arrasa comigo.

Com uma gostosa gargalhada, voltamos para o meio do salão. Eu estava excitada, com o rosto fogueado e com a certeza de que beijaria o delegado ainda essa noite.

Duda

Não consegui encontrar o Ricardo. Depois da olhada ciumenta que ele me deu, o cara simplesmente sumiu do baile. Onde estava?

Fui até sua casa e a lâmpada estava acesa. Encontrei-o sentado em frente da TV, bebendo uma dose de Whisky, parecendo bêbado.

— Ricardo? — fui até seu encontro.

— Olha a rainha do baile.

— Você está bêbado.

— Estou? Claro que estou bêbado — disse jogando o copo no chão.

— Por quê? Você saiu da festa e não se despediu — questionei calmamente.

— Você estava ocupada com seus admiradores, por que iria se importar com um velho como eu?

— Queria dançar com você. — Ele não entendia que meu coração era dele desde que entrei na adolescência.

— Por quê? Não sou homem para você. — sorriu sem graça. — Linda, rica, jovem. Como posso sequer competir com eles?

Fiquei na sua frente e desci a alça do meu vestido, ficando só de calcinha e sua respiração foi se alterando.

— Você é o único que é o dono de tudo isso e do meu coração também — falei colocando sua mão em meu peito.

Ele me pegou no colo e colocou em cima da mesa, abaixou sua calça junto com a cueca

boxer e invadiu meu corpo ali mesmo, rápido e com força. Segurei-me em seu braço me deixando levar pela intensidade do nosso desejo, que por enquanto bastava.

— Sim, sua! Só sua!

— Minha!

Emely

Já era tarde, quase três da manhã, quando fui ao banheiro e dei de cara com um Rafael praticamente bêbado no corredor. Quando me viu, rapidamente me puxou para junto de umas caixas que nos esconderiam dos abelhudos.

— Emely.

— Ficou louco? Me larga!

— Você está linda! Está namorando o delegado?

— Não é da sua conta!

— Não é mesmo, mas não consigo evitar ficar com ciúmes.

Provavelmente devia ter bebido demais mesmo, estava louco, só pode. Tentei puxar meus braços, mas foi inútil.

— Você fica trocando sorrisos e sussurros com ele. Parece um maldito casal feliz. Não quero ele com você, mas sei que ele é melhor para você.

— Pare com isso, você está bêbado!

— Culpa sua e desse maldito vestido!

Com essas palavras invadiu minha boca com sua língua, encostou-me à parede e me segurou pela cintura, chupando minha boca, chupando meu pescoço, desceu até meus peitos e os beijou por cima do vestido.

— Lindos! — abaixou o decote e chupou com força. Minha calcinha já estava úmida, estava quase pedindo para me possuir ali mesmo. — Continua do mesmo sabor que eu me lembro.

Quando mencionou aquela noite foi como um balde de água fria. Que humilhação me deixar levar novamente por aquele miserável, desgraçado.

Consegui me soltar e fui para o banheiro, fugindo como o diabo foge da cruz.

— Emely! — Ele praticamente gritou. Vóltei-me para ele com lágrimas nos olhos. — Não adianta, seu corpo me pertence, só falta derreter o gelo do seu coração.

— Nunca! Odeio você! — falei e entrei no banheiro.

— Não, não odeia, assim como eu te desejo, você também me quer.

Ouvi sua afirmação e entrei em desespero. Se ele tivesse dito isso há oito anos, tinha evitado tanta dor. Mas agora que superei, ele volta e quer revirar minha vida. Não vou deixar, não vou mesmo, não posso!

Voltei para a festa transtornada, estava chocada com meu comportamento.

— Emely? — Murilo me encontrou no meio do caminho.

— Vamos para casa? — olhei sugestiva para ele.

— Tudo bem, já está tarde, vamos para casa.

Sei que estava sendo infantil em usar o Murilo, mas precisava esquecer aquele cara, precisava seguir em frente.

Chegamos à porta da floricultura e ficamos ali em silêncio, até que resolvi que precisava tomar a iniciativa.

Parti para ação e o beijei com desejo. Ele era um homem lindo e forte, poderia me proteger e me amar. Nossas bocas se fundiam e meus seios foram de encontro a sua mão. Não foi voluntário, viu? Ele os apertou e gemeu, sua boca desceu sobre meu decote. Fui às nuvens e voltei, ele era bom com a boca.

— Quer subir? — perguntei gemendo.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ele me seguiu escada acima. Já na sala abri um vinho e servi duas taças. Ele não tirava os olhos do meu.

— Dança para mim? — Ele disse visivelmente excitado.

— Só se você me acompanhar.

Coloquei uma música gostosa e dançamos agarradinhos. Terminamos o vinho e nos amassamos ali no sofá.

— Não quero pressa, Emely, mas estou louco para amar cada curva deste seu corpo.

Molhei a calcinha. Depois do Rafael não consegui ficar com mais ninguém, tinha vergonha do meu peso, mas o Murilo me deixava à vontade para tentar.

— Tem muitos anos que fiz isso — falei desconcertada.

— É igual a andar de bicicleta, nunca se esquece. — sorriu e aquele sorriso foi meu pecado. Me joguei em seus braços e fomos ao meu quarto.

Capítulo 10

Acordei desnorteada, meu quarto parecia uma praça de guerra, tinha roupa para todo lado. Foi, então, que tomei noção de que estava pelada e tinha um homem gostoso em minha cama.

Minhas partes estavam doloridas, nem acredito que desencalhei. Meu Deus! Peraí, era um pinto duro na minha bunda? Esse cara não cansava não?

— Se continuar mexendo essa bunda não vou resistir, vou ter que comer você de novo. — Ele disse beijando minha bunda.

— Quem está resistindo aqui? — falei balançando as pernas.

Rapidamente ele deslizou seu pau delícia para dentro da minha boceta. Queria acordar assim todos os dias.

Estava praticamente cantando e divagando com as imagens da noite passada em minha mente quando a Duda, toda de branco, entrou na floricultura.

— Humm, alguém viu passarinho por aqui?

— Bem grande o passarinho — respondi suspirando.

— Humm? — debruçando no balcão bateu no braço. — Desembucha!

— Transei com o Murilo! — falei sorrindo. Ela me olhou com cara de quem não curtiu a ideia.

— Como assim? Você não gosta dele.

— O que tem isso? Por que você não gostou? Você vivia dizendo que eu tinha que superar... Não consigo entender — falei frustrada.

— Desculpa, Emely, mas foi um susto, porque até ontem você não estava a fim de ninguém e hoje está namorando. — tentou se explicar, mas não me convenceu.

— Escute aqui, Duda, se a romântica dentro de você estava fazendo planos para seu irmão, esqueça! Nunca vou perdoar.

— Emely, vocês se amam, quero você como minha cunhada.

Passei para fora do balcão e fiquei na sua frente. Não acredito que ela teve coragem de achar que eu ficaria com o irmão dela.

— Você é minha amiga, poxa! Como pode querer que eu namore o cara que me humilhou na frente da cidade toda? Fui eu quem ficou nua para todos rirem às minhas custas, fui eu quem ouviu aqueles meninos gritarem me chamando de gorda, de ridícula, que ele nunca me quis, de baleia... — Já não segurava as lágrimas.

— Desculpa, amiga, desculpa... Eu só queria que aquele dia nunca tivesse acontecido, não sabia que isso iria acontecer, juro pra você, não fiz por mal.

— Não sei por que você se culpa, sendo que achou também que ele estava a fim e me

amava... Fomos vítimas, Duda.

— Devia ter previsto isso, já que os amigos do meu irmão sempre foram uns idiotas. Me perdoa, por favor, quero que você seja feliz, eu te amo, amiga.

— Então esqueça essa história do Rafael — falei enxugando as lágrimas.

— Tudo bem, mas ele voltou para ficar e quer você. — Ela disse me encarando.

— Ele vai ter que entender que nossa história nunca existiu e que não pretendo abrir a porta para deixá-lo entrar.

— Então é namoro? — perguntou mudando de assunto.

— Não falamos muito, se é que me entende?

Começamos a gargalhar e ela não parava de perguntar os detalhes. Voltamos a ser o que éramos antes, pois não a queria contra meu possível relacionamento. A Duda era muito importante para mim.

O dia passou rápido, quase não percebi, pois ainda estava nas nuvens e a minha perereca dolorida não me deixava esquecer da noite maravilhosa. Já no fim da tarde, recebi uma visita inusitada do cara que adorava estragar meus momentos de felicidade.

Um Rafael com cara de poucos amigos entrou, bateu a porta e ainda a trancou.

— Você está namorando?

— O que deseja, Rafael? — perguntei cruzando os braços.

— Bastou sair dos meus braços e foi correndo para os braços daquele delegado traíra dos infernos.

— Traíra? Não entendi.

— Deixa pra lá, o que importa é que você estava quase fodendo comigo em um corredor e depois caiu na cama de outro.

— Você está parecendo um marido traído. O que você pensou? Que cairia em seus braços? Que passei esses anos todos esperando você voltar e me enxergar?

— Emely, não teve um dia sequer que tenha me esquecido de você. — Ahh! Ele não iria bater seus belos cílios e eu iria cair novamente. Estava redondamente enganado.

— Não me importo, você só quer deixar sua consciência tranquila.

— Não acredito que você já se esqueceu da gente. — Ele passou a mão nos cabelos e andava pela loja, enraivado. — Droga! Fui um babaca, sei disso, mas estou arrependido. Tentei me matar, sabia disso?

— Não, esquece, Rafael, já está feito. Segue com sua vida.

— Não posso, não posso, droga... por que ainda sinto seu cheiro em minha pele, seu gosto em minha boca.

— Pare! Saia daqui, saia da minha vida!

— Não vou embora dessa vez, Emely, podemos enfrentar tudo, juntos.

— Não! Já estou com outra pessoa. — segurei-me na parede. Aquele olhar decidido me deu calafrios.

— Não! Nunca vou deixá-lo ter você.

Beijou-me e... Puxa, eu deixei! Foi um beijo quente, de tirar o fôlego, aquele homem era um furacão em meus sentidos. Assim como o beijo começou, acabou e em seus olhos havia lágrimas.

— Sua boca nega, mas seu corpo reconhece seu dono. — enxugou as lágrimas e saiu da floricultura.

Fiquei ali de pernas bambas e coração aflito, vindo uma lembrança de dias antes daquele fatídico dia.

Rafael é o garoto mais lindo do mundo. Estava encantada com o bilhete que recebi marcando um encontro. Já estava à beira da árvore tinha alguns minutos.

— Emely, você veio? — Ele parecia triste, porque aceitei o convite.

— Sim, trouxe lanche para nós dois.

— Claro, você ama comer — disse sarcástico. — Aceito sua oferta.

Ele não me tocou. *“Por que não me beijou? Se não me queria, por que marcou aquele encontro?”*.

Passamos a tarde sentados à beira da árvore. Depois de alguns minutos em silêncio, puxei assunto sobre a nossa última semana no colégio, antes da formatura.

Falamos sobre muitas coisas e demos muita risada. Em seguida, ele me convenceu a nadar no lago. Nadamos de roupa de baixo, dando muitas gargalhadas.

— Foi uma tarde maravilhosa. Quer marcar de novo? — Não resistia àquele sorriso, ele sempre foi meu amor, meu sonho secreto.

— Claro, Rafa, pode ser amanhã?

— Pode sim. Eu trago a comida.

— Marcado. — Com uma piscada, ele se despediu de mim na trilha perto da cidade. — Você é uma boa garota, Emely.

Voltei ao presente com lágrimas nos olhos e sentei na poltrona, cansada, derrotada. Naquele dia deveria ter desconfiado, pois ele nunca foi bonzinho comigo, nunca me respeitou, sempre fazendo piadas idiotas a respeito do meu peso.

Fui uma idiota sonhadora. Garotos como ele não namoravam garotas como eu. E agora, o que vou fazer? Ele não me deixaria em paz, precisava sair da cidade, para um lugar bem longe, sumir sem destino.

Capítulo 11

Já era noite quando a Kátia apareceu sempre linda, bem vestida em seu vestido de oncinha e salto vermelho. Estava parecendo uma modelo.

— Como foi a festa?

— Ótima! — falei sem ânimo.

— Poxa! Quanto ânimo para uma festa ótima! — sorriu e sentou-se no sofá da minha pequena sala.

— Não, foi tudo perfeito, mas é que aconteceram algumas coisas que me deixaram abalada hoje.

— Quer conversar?

— Hoje não, só quero uma taça de vinho, relaxar e esquecer.

— Boa pedida. Amo fazer noite das garotas.

— Vou ligar para Duda. Que tal uma pizza e fazer maratona de filmes?

— Combinado. Vou só tomar um banho.

Liguei para a Duda, que resolveu que traria pizza e uma garrafa de vinho da adega da casa dela, ou seja, isso queria dizer que seria de primeira qualidade. Escolhi um pijama de gatinho e já estava pronta quando as meninas chegaram.

Meu celular tocou na hora em que estávamos colocando o filme. O escolhido da vez foi “Uma Linda Mulher”. Por que o sorriso? Amamos esse filme, já assisti muitas vezes e tenho certeza que você também... Não disse? Acabou o sorriso, não foi?

— Alô?

— Emely, é o Murilo.

— Oi Murilo! — As duas safadas olharam para mim e sorriram maliciosamente.

— Estou de plantão hoje, não vou ter como passar em sua casa. — Ele parecia genuinamente triste com a situação.

— Tudo bem, estamos fazendo a noite das meninas hoje — falei com o coração transbordando de alegria, pois era bom ter alguém nos ligando, principalmente se esse alguém fosse alto, forte, gostoso. Ai Jesus, molhei a calcinha.

— Fico feliz. Mande lembranças para as meninas.

— Ok, a gente se fala amanhã? — Não quis parecer ansiosa.

— Podemos almoçar, se você quiser.

— Fechado, então.

Desliguei rindo feito uma boba, virando e dando de cara com as meninas me olhando, com as expressões que diziam: “A Emely está namorando.”.

— Emely tá namorando! — falaram em uníssono.

— Bandidas! — joguei a almofada nelas.

Assistimos aos filmes clássicos românticos e choramos em todos eles. Secamos três garrafas de vinho e, provavelmente, nosso domingo seria somente de dor de cabeça intensa.

Acho que estávamos bêbadas, pois já ríamos por qualquer coisa, iguais hienas. A Kátia já estava extremamente emotiva.

— Essa cidade é tão gostosa para morar... só está faltando vender sapatos de qualidade.

— Você sente falta de sapatos? — estávamos rindo, nem sei por que.

— Sim, odeio o Rio de Janeiro, não tenho boas lembranças daquele lugar.

— Coração partido? — Duda perguntou virando sua taça de vinho.

— Pode- se dizer que sim.

— Disso nós entendemos muito bem, não é, Emely?

— Claro que sim. Eu sou a rainha do coração partido, lascado e sangrando. — Todas riram quase engasgando e jogando o vinho fora.

— Sério? Meu Deus, meu caso foi bem clássico, me traiu com minha melhor amiga.

— Poxa! Aí é foda! — Duda falou chateada.

— Muito. Jamais ficaria com um cara que namorasse a Duda — falei.

— Nem eu ficaria com um namorado dela.

— A minha amiga ficou e ainda por cima engravidou dele.

— Filha de uma puta! Vamos matar ela! — disse pegando a mão da Kátia, que neste momento tinha passado do riso às lágrimas. — Pode chorar. Chorar ajuda, foi meu analista quem disse.

— Você fez sessão com um analista? — Ela perguntou enxugando as lágrimas e tomando mais uma taça de vinho.

— Sim, durante dois anos. Eu fui massacrada, tive o coração e a dignidade partidos. Foi uma barra, precisei fazer análise.

— Difícil! — respondeu Kátia

A Duda começou a chorar e não conseguia mais parar. Achei estranho, pois sempre que a Duda bebia, ela dava para rir, mas chorar era a primeira vez.

— A culpa é minha, fui uma amiga egoísta. Perdão, Emely.

— Pare, Duda! Já disse que você não teve culpa. — tentei acalmá-la.

— Fiz você sofrer. — Ela repetia sem parar.

— O Rafael fez isso, não você.

— Rafael, doutor? — Kátia perguntou com a voz meio enrolada.

— Sim. — Duda disse ainda chorosa.

— Conheço-o do Rio, muito gato.

— Como assim? — olhei meio estranho para ela.

— Foi meu colega de trabalho lá, um cara extraordinário.

— Quem? — Naquele momento não estava gostando da Kátia.

— Ele ajudou muita gente. Na realidade, foi ele quem me indicou este lugar para colocar meu currículo. Sabia que precisava sumir por uns tempos.

— Vamos parar de falar deste cara na minha casa? — Não queria saber de nada de bondade vindo dele.

— Certo, certo — disse ela com as mãos para o alto.

Não sei o que aconteceu, mas acho que dormimos ali no tapete mesmo, porque acordei por cima da Duda e com a Kátia dormindo em cima de minhas pernas, que, a propósito, já estavam dormentes.

Capítulo 12

Depois de duas xícaras de café forte, as três estavam um bagaço. Duda foi para casa dormir um pouco, porque tinha plantão à noite. A Kátia foi dormir em sua quitinete e eu fui limpar a bagunça das duas folgadas.

Terminei perto da hora do almoço, tomei um banho correndo, vesti uma saia lápis e uma blusa de bolinha, cheia de babados, coloquei um tênis e segui para o restaurante.

O Murilo já me aguardava à mesa. Ficava delicioso naquela roupa de delegado. Levantou quando cheguei, deu um beijo na minha bochecha e puxou a cadeira. Tinha certeza de que todos no restaurante estavam olhando.

— Desculpa o atraso.

— Acabei de chegar. Tive uma emergência hoje.

— Alguma coisa grave?

— Um chamado para a Lei Maria da Penha.

— Não entendo por que os maridos espancam suas mulheres — disse tomando um pouco do suco de laranja que ele pediu para nós.

— Tem homem que para sentir-se mais macho precisa humilhar aqueles que acham que são mais indefesos, mas, na realidade, são somente covardes.

— Concordo.

Fizemos nossos pedidos. A conversa com ele era agradável. Além de um cavalheiro, era muito inteligente, um verdadeiro homem para namorar. Confesso-me encantada por ele.

Almoçamos e ainda optamos por sobremesa. Ele disse que adorava me ver comer, que não curtia mulheres cheias de coisa para comida. Ganhou meu coração com esse comentário.

Quando saímos do restaurante, ele entrou na viatura e fui até a janela para me despedir. Ficamos rindo e ele dizendo que à noite passava lá em casa. Quando virei a cabeça lá estava o Rafael nos olhando com cara de poucos amigos.

— Ele ainda mexe com você?

— Não, só tenho ódio por ele — respondi na defensiva.

— Você sabe que amor e ódio andam juntos, não é?

Resolvi não responder. Ele, então, calou-se, deu partida na viatura e saiu do pátio do restaurante. Até isso aquele médico dos diabos estragava.

Ignorei-o e segui andando para casa. Ele me seguiu em sua imponente caminhonete. Como é que uma pessoa gosta de perturbar a vida da outra assim?

Já estava jogada no sofá, quando a campainha tocou. Levantei chateada para abrir, queria tirar um cochilo. Abri e tentei fechar novamente, mas o carma da minha vida não deixou.

— O que você deseja? — Não dei espaço para ele entrar.

— Não me convida para entrar? — deu o seu melhor sorriso-molha-calcinha.

— Não! — Não iria funcionar comigo.

— Emely? Se eu ficar aqui, o povo vai passar e ver.

Resolvi deixá-lo entrar, pois assim era melhor do que ter meu nome envolvido novamente em fofoca com ele.

— Diga o que quer e vá embora.

— Quero seu perdão — falou colocando as mãos no bolso da calça.

— Perdoado, pode ir embora. — abri a porta e mostrei a saída.

— Emely, sei que fui um filho da puta com você, mas voltei para resolver isso. Parte meu coração sua frieza, seu desprezo.

Aquilo era demais. Eu estava partindo o coração dele?

— Você tem coração? Não sabia.

— Emely, passei meses desesperado depois daquele dia, tentei falar com você, tentei te encontrar, mas seu pai me agrediu e não consegui chegar até você.

Aquela era nova para mim. Não imaginava que meu pai o havia agredido.

— Não importa Rafael, me deixa em paz, por favor — falei com a voz desesperada.

— Mas que droga, você não imagina como aquela semana foi a melhor de minha vida. Eu me apaixonei por você, Emely. Eu contava as horas para nosso encontro, adorava nadar no lago, adorava nossos beijos.

— Paraaaaaaaaaaaaaaaa! Aquilo foi uma mentira, foi um plano de sedução, foi maldade sua e de seus amigos. Será que não entende que você já me feriu demais? Agora voltou para pisar nos restos que você deixou?

Parti para cima e comecei a bater em seu peito desesperadamente. Não aguentava mais aquela pressão. Por que ele não ficou onde estava? Por que voltou?

Ele não me empurrou e nem revidou, ficou parado me deixando bater. Em seus olhos desciam lágrimas. Quando já não suportava mais, encostei-me à parede e fui descendo até sentar no chão colocando a mão nos cabelos e assim chorei.

Senti sua presença ao meu lado, ele me abraçou, mas eu estava tão fraca que não resisti ao seu abraço e ficamos ali chorando. Era muito peso para carregar.

— Me perdoa, amor, me perdoa. — Ele não parava de repetir.

Capítulo 13

Acho que ficamos ali abraçados por minutos ou pode ter sido por horas. Não sei, mas, na realidade, ambos precisávamos passar por aquele momento de lágrimas.

— Acho melhor você ir — falei me levantando.

— Emely, eu nunca consegui chegar até você e me desculpar.

— Rafael, por favor, por hoje já deu, não adiantará nada reviver o passado.

Ele olhou para mim, ainda sentado no chão da sala, com os olhos vermelhos por causa do choro. Estava mais lindo do que nunca. Ele sempre seria meu primeiro amor.

— Foi horrível quando percebi que a brincadeira tinha fugido do meu controle. Eu não sabia como consertar, não era para a cidade ter visto, eu não escondi suas roupas, juro para você que não fui eu quem planejou aquela cena, só era para os meninos entrarem no armazém e vê-la comigo.

— Para, por favor, não quero saber, não importa quem é o culpado, eles não eram meus amigos, eles não me conheciam como você, foi uma semana você fingindo me namorar para brincar depois comigo.

— Eu me apaixonei, poxa! Naquela semana eu me apaixonei completamente por você. Eu te amei, mas só percebi quando vi suas lágrimas, você chorando e seu pai tentando salvar você. Fui um babaca, entrei em colapso, não soube o que fazer naquela hora.

— Você foi cruel, você sorriu!

— Não, juro que não sorri. — Ele levantou e veio até mim.

— Não me toca, não fala mais comigo, por favor, me deixa em paz!

— Como posso não te tocar? Eu passei oitos anos no inferno, agora não vou desistir, vamos lutar juntos, Emely.

— Não! Não quero, saia da minha vida!

Fui decidida para abrir a porta e mostrei a saída para ele.

— Não vou partir, Emely, não vou embora da sua vida, mas também não vou atrapalhar seu namoro. Você merece ser feliz, eu lhe devo isso, mesmo vendo você com outro, sabendo que ele a toca, irá me matar aos poucos todos os dias.

Depois disso, ele se retirou da minha casa. Fiquei com vontade de correr atrás dele e pedir para voltar, mas isso sim seria assinar um atestado de burrice.

Ele só estava com a consciência doendo, aquele cara de pau.

Já passava das dez horas da noite quando o Murilo apareceu. Estava monossilábico, até parece que cometi algum crime.

— Vai ficar de birra a noite toda? — perguntei oferecendo café para ele.

— Emely, eu sei que você tem uma história com o Rafael, mas não gosto de saber que estou saindo com uma mulher que ama outro.

— Nunca. Eu nunca disse a você que amava o Rafael. — defendi-me.

— Nunca, mas o seu olhar e o olhar dele dizem que a história de vocês só deu um tempo. — tomou o café e olhou para a parede como se pudesse ver através dela.

— Murilo, vamos ser sinceros, você quer sexo e eu quero sexo, não entendo o problema. — parecia um namorado ciumento que já estava me dando nos nervos.

— Certo, mas quero ser comunicado caso você mude de ideia sobre ele.

— Não irei mudar, mas vamos fazer assim: vamos ficando, transando e depois decidimos aonde vamos com isso tudo, tudo bem?

— Moderna demais, você! Eu achando que era tímida. — sorriu. Preferia aquele sorriso sacana às cobranças.

— Não sou santa, não tive muitas oportunidades de colocar meu lado safado para fora.

— Acho que você pode fazer isso comigo, sou superfã de uma safadeza.

Agora sim, ele estava falando do jeito que eu queria ouvir. Fui até o centro da sala e tirei o pijama, ficando só de calcinha. Ele me olhou gulosamente. Como era delicioso me sentir desejada! Ele me olhava como se eu fosse uma das mulheres mais desejáveis do mundo.

— Sabia que nunca despi um policial? — brinquei com as pontas do meu cabelo.

— Posso conceder esse desejo. — veio, ficando perto de mim, e tomou minha boca em um beijo de tirar o fôlego. — Adoro sua boca, você é perfeitamente deliciosa.

Duda

Estava realmente preocupada com o namoro da Emely. Meu irmão surtaria novamente se realmente esse namoro fosse para frente. Não quero perder a amizade dela, mas ele era meu irmão.

Fiz muita coisa errada no passado, fui imatura, ingênua, tinha pesadelos com aquele dia, às vezes acordava suada e gritando. Minha mãe vivia dizendo que eu deveria contar a Emely e ao Rafael a verdade.

Se descobrissem, o Ricardo me odiaria, sabia que o perderia. O que vou fazer agora? Meu irmão levou toda culpa, mas no fundo, também foi vítima de uma brincadeira cruel.

— Não consegui dormir? — tomei um susto com o Ricardo parado na porta da cozinha.

— Só queria um copo de leite.

— Você anda estranha, Duda, não se alimenta e não dorme direito. O que te aflige, pequena? — perguntou me abraçando.

— Nada, só estou um pouco preocupada com o Rafael. — Depois desta frase ele se

afastou e foi até a geladeira. O Ricardo odiava meu irmão.

— Ele é grande, Duda — disse tomando água.

— Eu sei, mas é meu irmão. Você sabe como ele ficou depois daquilo tudo? Meu irmão quase morreu, foi um ano de transtorno.

— Ele magoou minha filha, humilhou uma garota inocente por uma brincadeira!

— Era o trote para entrar na irmandade da faculdade.

— Quem se importa? Como ele pode trazer seus amigos para brincar de quem vai comer a gordinha? — Ele bateu o copo na mesa transtornado. Podia ver que ele nunca me perdoaria se descobrisse a verdade. E agora, o que farei? — Vamos dormir. Amanhã você vai sair cedo — disse me dando a mão.

— Não, desculpa, é melhor eu dormir em casa.

Tinha que dar um basta naquela história. Não queria ver o seu olhar de ódio depois de tudo. Eu amava aquele homem com desespero. Ele sempre foi meu início e seria o meu fim.

— Não precisamos brigar por conta dele, Duda.

— Ele é meu irmão, você não sabe de nada desta história!

— O que eu não sei? Então me conte. — tentou puxar meu braço, mas me afastei e saí andando para o quarto.

— Vou pegar minhas coisas — falei decidida.

Capítulo 14

Minha pele estava uma seda. Sexo é o melhor creme para o ego e para a pele. A Kátia veio reclamar, disse que era para fazermos menos barulho. Nem sabia que era barulhenta. O Murilo xingava muito na hora do sexo e eu adorava os puxões de cabelo. Já tínhamos experimentado todos os cômodos de minha casa.

Só estava achando estranho ele nunca ter me convidado para sua casa. Mas, afinal, era só sexo e também não tinha nem um mês que estávamos transando. Gostava desta coisa sem compromisso, jantar de vez em quando, fazer uma comida e depois muito sexo e vinho. Ele era um homem insaciável.

Mas meu sexto sentido dizia que ele também escondia segredos. Outro dia, fui ao mercado e, quando estava saindo, encontrei-o com o Rafael. Falavam baixinho perto da viatura, ele de cabeça baixa e o Rafael gesticulando com raiva.

Quando me aproximei, eles silenciaram e o Murilo não me beijou ao me cumprimentar. Parecia triste. O doutor deu as costas e saiu pisando duro. Acabei questionando o delegado e ele disse que não era nada.

Depois disso, ele passou uns dias estranho, sem aparecer, mas já voltou ao normal. Tentei abordar o assunto, mas ele foi categórico ao dizer que não tinha nada demais.

A Duda andava sumida e meu pai nervoso. Eu estava deixando passar alguma coisa que imaginava o que era.

Ainda tinha a afirmação do Rafael de que tinha tentado se matar. Resolvi tirar isso a limpo, mas a Duda não retornou minhas ligações. Mande mensagens dizendo que era urgente, que precisava vê-la depois da aula de *pole dance*.

Vesti minha malha e lembrei que o Murilo disse que desejava me ver dançando, mas não sentia vontade de fazer isso para ele, pois ainda não estava preparada para fazer isso para ninguém, era uma coisa pessoal. Arrumei uma desculpa e até agora não voltamos ao assunto.

Segui pelos corredores, mas antes de chegar à sala de *pole dance* encontrei meu carma, lindo em seu calção de malhar, todo suado, camiseta grudada na pele. Ventilei por dentro. Parem de me olhar com esse sorriso cínico, não sou cega, não gosto dele, mas também não posso dizer que não o acho delicioso.

— Emely?

— Oi — tentei passar, mas ele segurou minha toalhinha, assim tive que virar para puxar.

— Você fica linda nesta malha.

— Obrigada, agora solta minha toalha.

— Não, só até você olhar para mim.

— O que você quer? — virei e olhei aqueles olhos lindos, mas que transmitiam tristeza.

— Você! Não precisa dizer nada, mas não vou deixar você esquecer que estou lutando por você.

— Idiota! — puxei a toalha e segui tremendo para sala.

Naquele dia não consegui me concentrar, estava nervosa, chateada, tudo por culpa daquele imbecil.

Fiz uma péssima aula. Já estava de saída quando o vi na porta, perto da grade, olhando-me. Que raiva! Ainda ficou assistindo o estrago que fez. Fui até ele, chateada, pois ele não tinha o direito de sair do inferno para acabar com minha paz.

— Viu o que você fez? — bati a mão em seu peito.

O safado abriu um sorriso delicioso, preguiçoso.

— Você nega, mas mexo com você. Somos únicos, Emely. — Ainda sorria quando virou as costas e seguiu para seu carro no estacionamento.

Ahh, mas isso não vai ficar assim, não! Fui atrás praticamente correndo. Daria uma boa lição naquele idiota. Puxei seu braço.

— Escute aqui... — Ele me segurou e me empurrou para me encostar à sua *Pick Up* prata, fiquei encurralada entre ele e o carro. — Pare de fazer isso.

— Você não deveria ter vindo atrás de mim — disse me beijando com fogo, sua língua estava nervosa, invadia minha boca à força. Está bem, não foi à força, eu deixei, tá bom? — Desde que vi você subindo naquela barra quis entrar em você, chupar cada parte do seu corpo. Estou louco para te comer aqui mesmo. — Juro que fiquei molhada. Ele me olhava com êxtase, estava claramente excitado sob aquele calção. — Diz que sim, diz que me quer e vamos para um local, só nós dois. — Ele falava me hipnotizando.

Segurei meus lábios entre os dentes e mordeu de leve. Fui ao céu, fiquei louca de tesão, estava perdendo a guerra para meu desejo. Flexionou seu pau duro em minha malha, lambendo meu colo. Eu estava gemendo, em brasa. Como se lembrasse de alguma coisa, ele se afastou e fez a pergunta mais idiota e que não tinha nada a ver com que já tinha ouvido na hora que você está pronta para molhar o biscoito.

— Você já dançou na barra pra ele?

— Humm? — Ainda estava pensando nos beijos.

— Sim, Emely? Diz para mim que você não fez aquela dança para aquele idiota!

— Você está com ciúmes? É isso?

— Estou! Não quero você dançando para ele.

— Ficou louco? Nunca dancei para ninguém — falei sem querer. Deveria ter escondido a informação e o deixado sofrer.

— Então, Emely, vamos jantar juntos? O que acha?

— Estou meio zozza ou você acabou de me amassar, quase foder comigo aqui mesmo no estacionamento e agora mudou de ideia e quer jantar?

— Sim, quero namorar você, fazer as coisas direito.

— Você quer o perdão da nação para pode dormir tranquilo à noite? É isso? Você é um palhaço! Não vou deixar você me usar desta vez.

Soltei-me dos seus braços e saí andando, derrotada pelo estacionamento.

— Emely, você entendeu errado! Quero ser o homem certo para você.

Mostrei meu dedo do meio e segui para pegar minha sacola, torcendo para ninguém ter assistido minha humilhação. Pior que não pensei em nem um momento no Murilo. Só pensava em deixar o Rafael me foder.

Não sei como, nem esperava, mas fui jogada na parede e um Rafael furioso domou minha boca, chupando minha língua, puxou meu cabelo nivelando nossos olhos.

— Eu quero você, porra, só você. — levou minha mão até seu pau. — Isso aqui é seu, mas ele também quer seu coração. Quero ser o único dono dos seus beijos, do seu corpo.

Mais uma vez me beijou, deixando-me em ebulição, louca de desejo. Ele sempre teve esse poder sobre mim.

Assim como me agarrou, soltou e seguiu para seu carro.

Capítulo 15

Estava agitada, já tinha tomado dois banhos frios, mas nada passava aquele fogo. Nunca senti aquela excitação com o Murilo. Adorava o sexo com ele, mas não ficava em ponto de combustão como me encontrava naquele momento. O que me lembrou a outro momento.

— Você nunca demonstrou gostar de mim, sempre preferia meninas loiras de pernas longas.

— Bobagem, Emely, sempre gostei de você — falou atirando a pedra no lago.

— Não gostava nada, sempre me tratou por gorda, baleia — disse sorrindo, mas no fundo aquilo me magoava.

— Éramos crianças, acabamos fazendo e falando coisas bobas.

Estávamos a quase uma semana nos encontrando todas as tardes. Queria gritar para o mundo que estava namorando o Rafael, o menino mais bonito da cidade, só que eu não sabia como seria quando ele tivesse que voltar para a faculdade de medicina na cidade vizinha. Não era longe, talvez nos víssemos todos os fins de semana.

— Rafa, você vai ser meu par na formatura? — perguntei esperançosa.

— Sim, Emely. — Ele segurou minha mão e beijou minha boca. Foi um beijo rápido, mas era nosso primeiro beijo. Acho que fiquei vermelha. — Já disse à Duda que vou ser seu par, ela nem ficou zangada, aceitou numa boa.

— Ela sabe o quanto sonhei com você sendo meu par na minha formatura. — queria ter coragem de abraçá-lo, mas era muito tímida para isso.

— Sério? Você gosta de mim mesmo? — Ele me olhou como se achasse aquilo uma loucura.

— Sempre e para sempre — falei levantando. Acho que não deveria ter me declarado para ele.

— Emely, você é uma menina muito linda e doce. — Ele também se levantou. Dessa vez, encostou-me à árvore e me beijou. Era bom o sabor dos seus lábios. Estava no céu.

Uma batida na porta me tirou dos devaneios do passado. Tinha trancado aquelas lembranças há muito tempo, mas com a volta do Rafael, elas estavam voltando e não conseguia trancá-las de volta na caixinha do esquecimento.

A Duda entrou e se jogou no sofá, parecendo mais magra e muito abatida.

— Boa noite para você também, sumida.

— Estou com fome, muita fome. Me alimente primeiro, depois brigue comigo.

Esquentei o macarrão ao molho de camarão que fiz para o almoço. Ela sentou-se à mesa e devorou tudo parecendo que tinha ficado uma semana presa, sem comer.

— Tem quantos dias que não come, mulher?

— Ando faminta ultimamente — falou devorando o restinho que sobrou no prato.

— Duda, está acontecendo alguma coisa... estou achando você estranha — perguntei preocupada.

— Não, na realidade, com a volta do Rafa as coisas lá em casa ficaram estranhas. Minha mãe anda perguntando por você.

— Mande beijos para ela, nunca mais comi sua lasanha.

— Verdade. Vem almoçar lá em casa amanhã? Vamos Emely, estamos todos com saudades.

— Você sabe que não posso.

— O Rafael estará atendendo amanhã na cidade ao lado. Plantão de 24 horas.

— Não sei.

— Vamos, amiga, assim você mata as saudades da mamãe.

— Duda, verdade que o Rafael tentou se matar? — Ela ficou paralisada com o copo na mão olhando para mim.

— Como você sabe? — Ela resolveu não beber o vinho, colocou a taça na mesa.

— Ele me contou. Esteve outro dia aqui, discutimos e acabou falando que atentou contra a própria vida.

— Verdade. Quando meus pais o tiraram da cidade, seu pai tinha dado uma surra nele e acabou tendo que ficar internado por alguns dias.

— Meu pai bateu no Rafael?

— Muito e meu pai deixou por alguns minutos ele apanhar. — Ela não me olhava nos olhos, desconcertada. — Minha família estava arrasada pelo que aconteceu.

— Lembro-me da sua mãe pedindo perdão.

— Pois é. Depois que saiu do hospital tentou encontrar você. Meu pai o pegou invadindo sua casa à noite, drogado e transtornado.

— Nunca soube que usava droga. — Realmente fiquei alheia a tudo que acontecia, só conseguia chorar e me esconder.

— Descobrimos que ele andava usando droga na faculdade. Meu pai o internou numa clínica de um amigo da família. Foi um transtorno enorme e meses depois nosso pai morreu.

Lembro-me disso. Não tinha ido ao enterro, estava com medo do que diriam de mim. Algumas pessoas ainda me culpavam pela morte do pai do Rafael. Disseram que ele morreu de desgosto por conta de tudo que aconteceu quando tentei seduzir o menino e destruir uma família.

— Quando ele tentou se matar? — precisava saber.

— Uma semana depois da morte do papai. Ele cortou os pulsos, foi encontrado no quarto da casa, quase inconsciente, e sobreviveu por pouco.

— Não sabia, Duda. Nunca imaginei que isso tivesse acontecido.

— Você não tem culpa, nunca teve. Neste momento todos os amigos dele sumiram, os fornecedores de drogas vieram cobrar a dívida dele. Minha mãe pagou tudo e resolveu mandá-lo para o Rio de Janeiro. Lá era longe o suficiente para ele se recuperar.

— Vocês devem ter enfrentado uma barra. Como ninguém soube que ele fez isso?

— Nós o levamos para a cidade vizinha e silenciámos os funcionários que viram o que aconteceu.

Segurei sua mão e apertei. Aquela noite deixou marcas em todos nós. Nunca deveria ter aceitado aquele primeiro encontro.

— Deveria ter imaginado que não passava de uma brincadeira aquele bilhete que você me entregou.

— Você um dia vai me perdoar?

— Já disse que a culpa não é sua, fomos enganadas. Você acreditava que seu irmão me queria e eu, ingenuamente, achei que ele finalmente tinha me notado, mesmo gorda.

— Não fale isso. Você é linda, uma mulher incrível com esses cabelos maravilhosos, esses olhos lindos e com essa cinturinha. Eu acho você glamorosa.

— Você não conta, é minha amiga.

— Digo a verdade, amiga, você é linda. Vejo como meu irmão baba quando te vê.

— Consciência pesada.

— Emely, ele não é mais um menino imaturo. Ele realmente te deseja. — Preferia mudar de conversa, não queria lembrar tanta mágoa e dor. — Ele comprou a cabana velha perto do rio.

— Ela soltou a bomba, quase caí da cadeira. — Você ainda acha que é consciência pesada? — Ela encarou-me ao fazer essa pergunta. Engoli em seco e virei meu olhar para o outro lado da cozinha.

Ricardo

Estou sentindo umas dores de cabeça estranhas, parecia um bobão ali no posto do hospital esperando para ser atendido, mas na realidade queria ver a pediatra. Ela não atendia meus telefonemas, estava ficando maluco, a ponto de sair de casa achando que estava doente só para poder encontrá-la.

— Senhor Ricardo.

— Sim.

— Chegou sua vez. O médico já está aguardando o senhor.

Segui a atendente até a sala, e qual foi minha surpresa ao encontrar aquele moleque na sala de exames.

— Acho que houve um engano, não quero ser atendido por esse médico — falei olhando para a moça com raiva.

— Ricardo, sejamos razoáveis, a moça não tem culpa do seu ódio por mim.

Ela pediu desculpa e deixou a sala. Ele parecia cansado e tinha um olhar que, apesar da idade, tinha visto muita coisa na vida.

— Sente-se, Ricardo, se veio aqui é porque está com algum problema de saúde.

— Dores de cabeça — respondi de má vontade.

— Minha irmã tem esse efeito nas pessoas mesmo.

— Como disse?

Ele cruzou as mãos na mesa e me olhou nos olhos. Não era mais aquele menino de oito anos atrás.

— Sei que anda dormindo com minha irmã. Ela é adulta, não tenho nada contra, mas acho que ela não merece ser escondida como uma amante qualquer.

— Deveria ter acabado com sua vida naquela época.

— Concordo. Mereci tudo que fez comigo.

— Minha filha passou meses trancada no quarto, perdeu a inscrição da faculdade.

— A culpa foi minha. O que posso garantir é que nunca quis humilhar sua filha. Estou de volta para corrigir esse erro.

— Como? Ela não precisa de você — falei com desprezo.

— Mas eu preciso dela — falou olhando para a caneta que segurava.

— Deixe a Emely em paz! — levantei batendo na mesa.

— Você sabe que ela me ama e posso dizer com toda clareza que também a amo e não vou desistir.

— Se magoá-la de novo, vou matar você!

— Eu mesmo acabo com minha vida se fizer ela sofrer novamente.

Em nem um momento ele tirou os olhos dos meus, desafiava-me com o olhar. Deixei a sala, enraivado.

— Ricardo? — O som daquela voz era um bálsamo para o dia nebuloso.

— Duda? — Lá estava ela, toda de branco, com aqueles cabelos maravilhosos. Sentia falta do cheiro deles no meu travesseiro.

— O que aconteceu? — perguntou preocupada.

— Estava em uma consulta — respondi.

— O que você tem? — pegou em minha mão e entrou em uma sala vazia. — Fala Ricardo,

estou ficando nervosa. O que você tem?

Ela ficava linda toda preocupada comigo. Não resisti e a beijei.

— Saudades, o que tenho é saudade da minha pequena.

— Ricardo... — Ela tentou resistir, mas não conseguiu.

— Venha ficar comigo hoje, preciso de você.

— Pare. Você mesmo disse que era loucura.

— Você fica deliciosa vestida de doutora. — beijei seu pescoço, lambi seu colo. Ela já estava mole em meus braços.

— Não podemos fazer isso aqui. Daqui a pouco vão me procurar.

— Então venha para minha casa hoje.

— Ok, ok.

Capítulo 16

Há dois dias que o Murilo não aparecia. Parei de ligar para ele, afinal era só sexo. Tentei me convencer, mas a pulga da dúvida ainda teimava em futucar. No fundo sabia que tinha alguma coisa errada naquela história.

Vesti uma saia rodada de florzinha e uma blusa de botão branca e sapatilhas. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo, iria almoçar com a Duda, a mãe dela era elegante e acolhedora. Quando chegou a hora do almoço, tranquei a floricultura e peguei meu carro rosa, pois a casa da Duda praticamente era nos vinhedos.

Segui pela estrada de chão. Era bom voltar ali depois de dias sem voltar àquela casa. Amava a mãe da minha amiga, sempre quis ter uma mãe igual, desde pequena fui protegida e amada por aquela mulher maravilhosa.

Passei na árvore, olhei, mas não tive coragem de parar, tinha anos que ignorava aquele local. Também não me virei para a cabana velha, mas sabia que ela estava lá.

— Amo essa cabana! É aqui que vou morar e criar meus filhos — falei sonhadora.

— Duvido que consiga viver sem luz elétrica. — Ele deu risada e mordeu seu pedaço de bolo. Estávamos fazendo um piquenique perto da cabana velha. Há anos que era desabitada, mas o lugar era mágico, com aquele lago imenso e ainda tinha uma árvore, a nossa árvore. Não queria sair nunca mais dali.

— Com você, não me importaria em morar em lugar nenhum. — Ele me olhou e seus olhos sorriram.

— Você fala essas coisas e vou acabar acreditando que realmente você me ama.

— Acredite, eu amo você, Rafael!

Ele me beijou e me deitou naquela manta xadrez ridícula do meu pai. Ele começou lambendo meus seios. Eu queria muito mais, eu queria que ele fosse meu primeiro e último homem.

— Você é incrível, Emely. — Seus olhos pareciam apaixonados e sua mão invadiu minha calcinha e acabei gozando em seu dedo.

Deixando as lembranças de lado, fui entrando na estrada da casa da Duda e fui recebida por sua mãe, que já me aguardava no portão. Como sempre, estava divinamente vestida em uma

calça preta, blusa verde, de manga comprida, e suas botas de montaria.

— Como sempre, belíssima. — beijei sua bochecha com carinho.

— Seus olhos, minha princesa, você é que a cada dia desabrocha com tanta beleza.

Entramos sorrindo, pois a Duda já estava sentada à mesa, magra e faminta. Não entendo esse povo que come e não engorda.

— Já comendo, gulosa? — perguntei beijando sua testa.

— Estou faminta, tenho plantão hoje à tarde — disse de boca cheia.

— Duda, você nem esperou a gente. — Sua mãe reclamou. — Vamos, menina, sente e coma logo.

Sentamos e comemos a melhor lasanha do mundo, colocando o papo em dia, falando sobre tudo, menos sobre a pessoa que morava naquela casa e estava ausente.

Depois do almoço, a Duda saiu correndo e fui ver o canteiro de rosas de sua mãe. Cada uma mais linda que a outra. Ela aproveitou e tirou várias flores me dando algumas. Tive a ideia de que ela poderia me fornecer algumas para vender na floricultura.

Depois de quase duas horas de uma boa conversa, voltei para a estrada, mas a curiosidade foi mais forte e fui parando o carro perto do lago, indo até a cabana. Na minha cabeça, seria a última vez que entraria ali, pois logo o Rafael deveria demolir aquele lugar.

Fiquei ali lembrando todos os momentos que vivi com ele. Foi só uma semana, mas uma semana que marcou nossas vidas para sempre.

— Você também se lembra?

Tomei um susto, tinha entrado na cabana sorrateiramente e ao ouvir a voz dele, acabei derrubando a cadeira que estava no meio da sala.

— Rafael!

— Sim, sempre que posso, venho e fico lembrando.

Seu olhar era de um lobo faminto que achou sua presa.

— Preciso ir — disse caminhando para a porta.

Ele entrou na frente com olhar de cachorro pidão. Não sei se foi o local ou as lembranças, mas fui parar em seus braços e sua boca me beijando suavemente.

— Emely! — Meu nome dito por seus lábios tinha efeito hipnótico sobre mim. Minha blusa foi arrancada do meu corpo, senti minha bunda ser colocada na mesa, sua boca não deixava a minha, minhas mãos puxaram sua camisa para fora da calça. — Quero foder você, mas quero devagar, saborear cada pedacinho deste corpo maravilhoso. — abriu minhas pernas e levou os dedos para dentro de minha calcinha. — Ah, Emely, você já está molhada! Deixe-me te saborear.

Cheirou minha calcinha, colocou para o lado e lambeu meu clitóris, fui ao céu e voltei. Cada golpe de sua língua era o paraíso. Estava à beira do orgasmo, quando ele colocou dois dedos dentro de mim e começou a dança em um vai e vem.

— Rafael! Deus, não aguento! — Oh Deus, eu revirava os olhos.

— Não. — Ele tirou os dedos e levantou. Foi como se tirassem o mundo de mim. Rapidamente abaixou a calça junto com a cueca. Meu Deus, era grande demais, aquilo tudo não caberia em mim.

Tomou meus lábios e começou a me beijar devagar, mas eu estava em fogo, queria mais, puxei-o para mais perto e abri as pernas. Ele invadiu minha abertura apertadinha, entrando com todo seu pau enorme.

— Sonhei anos por esse dia. — Ele falou e em seus olhos brilhava luxúria, paixão e lágrimas. — Emely, minha Emely!

— Rafa! — Longos oitos anos.

A mesa batia na parede com o impacto do nosso desejo. Ele ia cada vez mais fundo, gemendo meu nome o tempo todo, lambendo meus seios. Era maravilhoso, estávamos suados, a dança dos nossos corpos era uma sincronia perfeita.

— Assim, mais rápido. — gemi. — Rafa...

— Sim amor, sim... Venha comigo, goza comigo. — Ele não tirava seu olhar do meu.

— Ahhhh Jesus, vou gozar... aiiiiiiiiiiii! Meu Deus, Rafaaaaaaaaaaaaaaaaa!

— Sim, sim... — Ele metia mais fundo enquanto eu gozava como nunca gozei antes. — Emely...

Ele gozou chamando meu nome, seus olhos ficaram nublados, foi linda a forma que jogou a cabeça para trás e chamou por mim.

Foi um baque meu retorno ao mundo real. Lá estava eu, só de saia, totalmente aberta, numa mesa velha, em uma cabana caindo aos pedaços, com o homem que jurei odiar enfiado dentro da minha boceta. Para piorar, tive o melhor orgasmo da minha vida.

Ele percebeu a mudança do meu corpo, porque se afastou e começou a vestir a roupa.

— Emely? — falou já vestido. — Precisamos conversar. — Não tive coragem de olhar em seus olhos. Estava ocupada juntando minha dignidade e a minha calcinha. — Emely, olhe para mim.

— Para quê?

Não iria chorar na frente dele, não vou chorar, ele não vai me fazer chorar novamente, foi só sexo, só isso. Estava fazendo um mantra na minha cabeça.

Ele me abraçou por trás e beijou minha cabeça. Devagar me virou e as lágrimas, eu não consegui mais segurar.

— Vamos resolver tudo juntos — disse beijando minha testa.

— Foi um erro, um enorme erro.

— Não foi! Era a ordem natural das coisas. Eu quero você e você também me quer.

— Não, você é meu passado. E quanto ao Murilo, não pensou nele? — falei sem pensar.

Ele me largou e foi para o outro lado da cabana ficando de costas e passando a mão nos cabelos. Vesti o resto de minhas roupas e puxei a porta para sair.

— Ele sabe que você é minha — disse antes que eu batesse a porta.

Corri até o carro. Estava atordoada. Minhas lágrimas nublavam minha visão.

Capítulo 17

Não sei como cheguei à estrada. Dirigi como se estivesse fugindo do capeta, só que esse capeta era lindo e me deu o melhor orgasmo da minha vida.

Lembrei que não usamos camisinha. Meu Deus, mais uma vez fomos irresponsáveis, dois loucos.

Aquele cara só me fazia mal, tinha que me livrar dele. Já passou da hora de tomar uma decisão drástica sobre a situação.

Meu celular tocou e era a Duda, quase deixei cair na caixa postal.

— Emely?

— Oi.

— O que houve? — perguntou preocupada.

— Nada, por quê?

— Meu irmão chegou aqui no hospital transtornado, não falava coisa com coisa, dizendo que era para ligar para você que nesse momento você necessitava de mim.

— Como ele chegou à cidade primeiro que eu? — falei quase para mim mesma.

— Esqueceu que não estamos na cidade?

— Ele chegou rápido até você.

— Deve ter vindo feito louco pela estrada de chão dos vinhedos, mas diga-me o que aconteceu.

— Nada, estou indo falar com o Murilo.

Desliguei e fui a caminho da casa do delegado. Precisava falar com ele sobre o que tinha feito, não queria enganar ninguém.

O carro da Kátia estava parado na porta. O que será que houve com ela? Dei a volta pelos fundos da casa que era pequena, creio que deveria ter dois cômodos, no máximo.

Ouvi risos e meu coração gelou, já sabia o que encontraria. Entrei pela porta da cozinha que estava aberta e na sala estava o casal do ano, sentados no sofá, comendo da mesma caixa de comida japonesa. Vestidos, mas a cena era clara para os olhos de quem olhasse. Agora já sabia por que ele andava sumido.

— Emely? — Ela me viu primeiro e tomou um susto com minha presença.

— Emely, não é o que você está pensando! — Com o olhar que a Kátia deu para ele, ela não gostou da frase.

— O que estou pensando? — perguntei sentando no sofá em frente aos dois. Estava sedada, morta de raiva, todos os homens do planeta são uns filhos da puta. — Diga Murilo, o que

estou pensando?

Peguei uma faca de cortar pão e voltei para o sofá. Estava cheia de ser a boazinha, aquela que todos fazem de idiota, minha vontade era abrir a cara da Kátia. Vadia, dormindo com o homem que ela reclamava do barulho que fazia quando fodia comigo.

— Emely, largue essa faca. — Ele disse como se fosse levantar, mas mudou de ideia.

— Vamos, pombinhos, me contem o que estou pensando. — Meu olhar era mortal.

— Olha, Emely, eu já conhecia o Murilo do Rio. A realidade que já namoramos antes e acabei largando-o pelo cachorro do cara que me traiu com minha amiga.

Quando ela terminou de falar, percebeu o que tinha dito. Vendo que ela fez comigo o mesmo que tinham feito com ela, na mesma hora começou a chorar.

— Perdoe-me, Emely, íamos contar a você, só não sabíamos como. — Ele disse segurando a mão da Kátia.

— Foram os gemidos, os gritos ou o que mais que te fez perceber o que tinha perdido? Criou fogo em você? Quero que você deixe meu apartamento hoje ainda — falei levantando.

— Podemos resolver isso com calma. — Ele argumentou.

— Olha aqui, seu delegado, tenho nojo de homens como você, que não honram as calças que vestem. Você é igual a todos os outros filhos da puta. E você, sua vadia, falou tanto da sua amiga, mas você é igual a ela.

Quando já estava na porta, lembrei-me de uma coisa importante, então voltei.

— Isso que dizer que os dois conheciam o Dr. Rafael? — Murilo me olhou desconcertado e tive certeza. — Que pena de você, Kátia, homem que não respeita o melhor amigo, vai respeitar quem?

Dei as costas e saí daquele lugar. Estava de cabeça erguida, prometi que a partir daquele dia, uma nova Emely iria nascer. Chega de me importar com o que as pessoas falavam de mim, agora viverei de acordo com minhas regras.

Duda

— Rafa? — Ele andava inquieto na sala de descanso do hospital.

— Falou com ela? — foi logo perguntando.

— Sim, ela está bem, estava indo para a casa do Murilo.

— Droga, filho da puta! — jogou a cadeira no chão com um baque.

— Calma, irmão, calma.

— Eu não sei mais o que fazer para ela me perdoar e ficar comigo — falou batendo na parede.

— Ela te ama, mas tem medo de admitir. — tentei tranquilizá-lo abraçando-o por trás. —

Vai ficar tudo bem.

— Eu a tive em meus braços e nem deu tempo de colocar a camisinha, estava louco por ela e ela por mim.

Tomei um susto e virei-o para mim.

— Rafa, ela pode ficar grávida, você ficou louco?

— Iria adorar ter um filho nosso.

— Você fez de propósito, seu louco?

— Juro que não, mas não me arrependo. A única coisa da qual me arrependo foi de trazer aquele delegado para essa cidade, ele não tinha nada que colocar os olhos nela. Dei uma chance para o cara reorganizar a vida e ele me traiu.

— Uma hora dessa ela vai entender que não é o cara certo.

— E se ela não entender, Duda? E se isso não acontecer?

— Vai acontecer, vocês foram predestinados a ficarem juntos.

— Amo você, irmã, muito obrigado por lutar por mim. Mas como vai ser com o pai dela?

— Ele não me assume, mas sei que me ama. Rafa?

— Sim?

— Estou grávida.

— Meu Deus, parabéns! — abraçou-me comemorando. — Já contou a ele?

— Não tive coragem.

Capítulo 18

Estava dirigindo há horas. Por que todos achavam que podiam me humilhar? Não entendo por que aquela falsa não me contou que conhecia o Murilo. E pior ainda foi saber que aquele delegado dos infernos conhecia o Rafael!

Cheguei ao hospital e pedi para falar com ele. A moça me olhou desconfiada e entrou para ver se ele podia me atender. Fiquei andando de um lado para o outro, dúvidas povoavam minha cabeça e precisava tirá-las. Então, quem melhor do que o idiota que fudeu minha vida para isso? Não o defendam, pois não aceito.

— Ele pediu para a senhora entrar.

— Senhorita! — olhei chateada para ela e entrei.

— Emely? — Ele estava com aquele olhar preguiçoso.

— Desde quando você conhece o Murilo?

— Como? — parecia confuso.

— Não brinca comigo, tudo na minha desgraça de vida tem dedo seu. Só gostaria de saber o que eu te fiz, caralho?

— Não tenho nada a ver com o Murilo namorar você. — Ele bateu a caneta na mesa.

— De onde você o conhece?

— Emely, eu fiz muita coisa errada depois que saí da cidade e fui para a faculdade.

— Sei, virou um viciado em drogas e destruiu a vida das gordinhas.

— Não fale isso! Eu fui insensato e imaturo.

— Sei bem como foi isso, mas o que isso tem a ver com o Murilo? — Já estava ficando nervosa com tanta enrolação.

— Conheci o Murilo na reunião de recuperação de viciados. — Ele disse sentando na cadeira a minha frente e ficando de cabeça baixa.

— Ele era um viciado em drogas?

— Não, ele estava tentando vencer o vício de bebida. Ele tem uma história bem complicada, se envolveu com o álcool e não conseguia parar, quase perdeu o emprego.

— Onde eu entro nisso tudo, Rafael? — sinto informar que naquele momento queria que o Murilo se afogasse em uma adega cheia de cachaça. Não estava no clima de peninha.

— Falei da cidade para ele, que era um bom lugar para recomeçar, mas o pedi que não dissesse a ninguém que me conhecia. Minha mãe morreria se a cidade soubesse que o filho dela era um drogado, acostumado a dormir na rua. — Ok, agora fiquei abalada. O que ele fez com sua vida? Tudo bem, já passou não me importo. Não me interessa o que aquele loiro lindo e gostoso faz com a vida dele. — Não é bom para um médico ter o nome envolvido com drogas. Me afastei

de tudo e todos que conheci naquele tempo, queria ser um homem melhor, queria poder voltar para casa, para você, um homem de verdade. — Aquilo foi cruel da parte dele, meu coração deu uma pirueta.

— Por que você disse que ele te traiu?

— Esquece, Emely, a história é dele, então pergunte a ele.

— Ele está namorando a Kátia. — acabei me arrependendo depois que falei.

— Imaginei que isso fosse acontecer.

— Por que você não me contou? Como posso confiar se me nega informações?

— Emely, a história é dele, não posso falar se ele não quiser contar. Na realidade, prefiro não ter amizade com ele e acho que ele também prefere assim.

— Vocês são todos iguais, idiotas! Acham que mulher é brinquedo, que pode usar e jogar fora? — fiquei possesso de raiva com as respostas vazias que ele me apresentou. A vontade que tinha era de quebrar aquela cara linda. — Você e ele são dois ridículos, farinha do mesmo saco. Tenho pena do que a vida irá fazer com vocês dois. Saiba que ela dá muitas voltas! — gritei, porque era sempre ele. Se não tivesse mandado o Murilo para a cidade, eu não teria sido humilhada novamente. — Sabe como encontrei o Murilo? Nos braços da Kátia me traindo descaradamente. E sabe quem mandou os dois para viver aqui?

— Emely? — Ele levantou e veio como se fosse me abraçar.

— Não chegue perto de mim! A partir de hoje quero distância de você! Se voltar a falar ou pisar na mesma calçada que eu, entro com um processo contra você!

— Nunca foi minha intenção magoá-la novamente.

— Estou avisando Rafael, fique longe! A Emely que você conheceu não existe mais! A partir de hoje aquela menina apaixonada por você não existe mais!

Com essas palavras saí de sua sala e ganhei as ruas da cidade. Precisava de uma mudança radical. Acho que irei fazer compras e mudar o visual.

Capítulo 19

— Tem certeza que vai cortar? — O cabeleireiro estava chocado. — Seus cabelos são lindos, pesados, maravilhosos!

— Quero um visual mais moderno — falei olhando para o espelho.

— Posso ajudar, irei fazer umas camadas e colocar uma cor mais para o tom avermelhado, irá valorizar mais seu rosto de boneca de porcelana.

— Boneca? Eu? — sorri.

— Minha flor, você é linda, maravilhosa e com esse rosto perfeito e todas essas curvas, é uma diva *Plus Size*. — fez uma dancinha segurando a tesoura.

— Confio em você, pode mandar ver.

— Adorooooooooo mulheres decididas! — piscou e começou a fazer o milagre das tesouras.

Duas horas depois estava maravilhosa. Os cabelos cortados no ombro, sedosos e superbrilhantes. Estava me sentindo maravilhosa, poderosa, fatal. Recebi olhadas nada sutis dos homens que passavam. Queria fazer compras, mas não tinha tempo, pois já estava anoitecendo. Encontrando uma lanchonete aberta, entrei para fazer um lanche.

Pedi um suco e um sanduíche de atum. Perto de uma mesa havia uma moça grávida, muito magra. Tinha um olhar triste e ficava olhando todos que entravam. Senti um aperto no peito.

Comi o sanduíche e, pelo olhar que ela me deu, percebi que estava com fome. Levantei-me e fui ao seu encontro oferecendo o lanche. Olhou-me e uma lágrima caiu do canto dos seus olhos. Sentei e fiquei em silêncio vendo-a comer. Aquela cena mexeu bastante comigo!

Não dissemos uma palavra. Fiquei ali fazendo companhia a ela. Minha fome havia passado. Era triste ver alguém tão jovem sofrendo e ainda tinha uma criança em seu ventre.

Quando ela terminou de comer, levantei-me e fui ao caixa pedindo mais um sanduíche. Mandeí entregá-la e saí. Já estava perto do meu carro quando ela me alcançou e começou a falar rapidamente, com lágrimas nos olhos.

— Obrigada, você foi um anjo.

— De nada! — O que dizer em um momento daqueles?

— Estou grávida de quatro meses e perdi o trabalho — falou rápido como se pedisse desculpas por precisar de uma estranha para se alimentar.

— Tem para onde ir? Quer uma carona? — perguntei comovida.

— Não!

— Não quer a carona ou não tem para onde ir?

— Não tenho para onde ir, não tenho mais nada, só o bebê.

Não suportando mais aquela situação, chorei junto com ela sabendo como era não ter como

se esconder, a dor de achar que o mundo estava contra nós. Felizmente, eu ainda tinha meu pai e ela parecia não ter ninguém.

— Vamos, acho que hoje você tem um lugar para dormir.

— Não precisa se preocupar, moça, darei um jeito. — Ela parecia uma criança perdida e indefesa. Era de cortar o coração.

— Vou te ajudar, mas moro na cidade vizinha, se importa?

— Não, tudo bem.

Entrou no carro, descansou a cabeça na janela e ficou em silêncio durante quase todo o caminho.

— Cadê o pai da criança?

— Sumiu e levou todo o dinheiro que eu tinha — respondeu sem abrir os olhos.

— Quantos anos você tem? — parecia muito nova para ser casada.

— Dezesete anos, sou órfã e conheci o pai do bebê em uma firma que prestou serviço aqui na cidade. Me envolvi e você pode imaginar como acabou.

— Sinto muito!

— Obrigada. Amanhã vou tentar achar um emprego. Quem sabe na cidade vizinha não seja mais fácil? — falou tentando ser otimista. Honestamente, quem daria emprego a uma grávida?

— Posso te oferecer um emprego na minha floricultura.

Na realidade nem eu sei por que falei aquilo, mas acabou saindo e a ideia fez sentido naquele momento.

— Tenho uma quitinete que você pode alugar e ficar lá para ter seu bebê.

Ela começou a chorar e agradecer. Meu coração foi ficando mais leve sabendo que fiz a coisa certa. Na rua é que aquela criança não iria ficar.

Já chegamos tarde a minha casa e, sentado na escada, estava o Murilo balançando um chaveiro. Reconheci, pois era o chaveiro da minha quitinete.

Estava sem saco para discussão e ainda tinha a garota, que nem o nome sabia, para resolver onde a colocaria para dormir.

— Emely.

— Murilo, hoje não, por favor. — passei por ele subindo as escadas. Acabei lembrando que a menina havia ficado lá embaixo, olhando para o Murilo com receio.

— Venha...

— July. — Ela respondeu.

— July, suba, venha conhecer sua nova casa.

— Emely, precisamos conversar e de onde você conseguiu essa menina grávida?

— E desde quando devo satisfação a você? Pelo que eu sei, nem amigos somos mais — repreendi colocando a mão na cintura.

— Preciso conversar com você e explicar algumas coisas. — Ele falava comigo, mas não tirava os olhos indagadores da July, como se a menina fosse começar a gritar a qualquer momento.

— Outra hora, agora preciso ajudar a July a se acomodar. Como você pode ver, ela está grávida e tem que ter repouso.

— Certo, eu entendo. Volto amanhã, então. — parecia desconcertado. — Seu cabelo ficou lindo, você está um arraso — disse sem graça e partiu.

— Vamos, July.

— Cara bonito, mas parece ser chave de cadeia — falou me seguindo.

— Pode ter certeza!

Consegui deixar meu sofá confortável para que ela pudesse passar a noite. Ainda não pensei em como ficaria essa situação, mas sentia uma empatia por aquela garota que me impulsionava a ajudá-la.

Capítulo 20

Tinha esquecido que receberia um carregamento de flores naquele dia, assim acordei atordoada com o meu celular tocando. Era o rapaz do carregamento e ele estava na floricultura me esperando. Levantei quase dormindo, odiando a situação, pois odiava acordar cedo.

Tomei um banho rápido e qual não foi o meu susto ao chegar à sala e encontrar a Duda tomando café, numa mesa superorganizada, com a July.

— Bom dia, meninas, tenho que ir correndo pegar um carregamento de flores que acabou de chegar. — peguei uma torrada e saí correndo escada abaixo.

O rapaz já estava com cara de poucos amigos. Ofereci um suco, mas ele recusou. Após todas as flores estocadas, agradei e assinei a nota. Finalmente pude respirar com calma e subi as escadas para tomar o meu café.

— Graças a Deus consegui receber as flores. — entrei me jogando na mesa e colocando o suco de laranja no copo. — Você que fez, July?

— Sim, tinha umas coisas na geladeira e resolvi aproveitar. — Ela parecia bem mais tranquila.

— Não preciso te apresentar à Duda, minha melhor amiga — falei apertando a Duda em um abraço quentinho.

— Pois é, estava aqui conversando com July. Ela precisa marcar uma consulta para ver como está o bebê e também para fazer acompanhamento do pré-natal.

Prática, como sempre, a Duda, já estava resolvendo o problema da saúde da menina. Fiquei muito feliz por ela não ter questionado minha decisão em trazer a July para casa.

— Tenho algumas roupas que mandarei buscar, provavelmente caberão nela. Tem cobertor e algumas toalhas também. Falei com minha mãe e ela mandará uma cama de casal e alguns móveis da casa antiga.

— Duda, você é uma flor linda — disse emocionada.

— Obrigada, Dona Duda, não quero dar trabalho.

— Não precisa se preocupar, July, a Emely e eu vamos cuidar de você. — levantou e abraçou a menina com carinho.

— Vou arrumar a casa e depois vou ajudar na loja — falou com um brilho de esperança no olhar.

Voltei à floricultura com a Duda em meu encalço.

— Que novidades são essas? Por que não me disse que havia trazido uma menina? — A Duda perguntou. — Você também cortou o cabelo e não me avisou.

— Foi repentino. Uma hora estava com seu irmão, na outra peguei o Murilo com outra.

— Peraí, para tudooooo! Como assim? Murilo com outra? — Ela estava quase com os olhos fora da caixa.

— Você não vai acreditar, ele estava com a Kátia.

— Nunca imaginei que isso aconteceria. Nossa! Você bateu nela? Por favor, me diz que quebrou todos aqueles dentes branquinhos. — Ela parecia uma criança eufórica.

— Não, mas ameacei os dois com uma faca, disse poucas e boas àquela bandida e mandei sair de minha casa.

— Filha de uma mãe! Ficou pegando o delegado pelas suas costas! Como pode fazer isso sabendo que você estava transando com o cara?

— Eles já se conheciam, só não sei por que fingiram que não. Bem, isso não importa agora. Irei me concentrar em como ajudar a July.

Contei como conheci a menina e o quanto fiquei abalada com sua situação.

— Ela pode ajudar você aqui, na floricultura, e dormir na quitinete até arrumar um lugar para morar.

— Pensei nisso. A quitinete ficou tanto tempo fechada, que o aluguel não vai fazer diferença e, assim, vejo um salário para ajudar nas despesas dela.

— Pode contar comigo. Já temos alguns móveis lá, só faltam a cama e o berço, mas isso podemos conseguir.

— Ohhh, Duda! Adoro quando você embarca nas minhas loucuras — falei apertando sua mão. — Te amo, amiga.

— Também te amo, mas ela é uma criança, não deveria passar por isso sozinha, iremos cuidar dela. — sorriu se despedindo, mas voltou na porta e disse. — Seu cabelo ficou perfeito e aquele delegado é um babaca.

Com uma piscadela foi embora. Amava minha amiga e não sei o que seria de mim sem ela. Ela segurou todas as minhas pontas me ajudando e me levando ao analista, fez de tudo para me erguer novamente. Hoje eu sei que, sem ela, eu teria entrado em depressão.

— Terminei de limpar as coisas, precisa de ajuda? — July, acanhada em suas roupas enormes, entrou na floricultura.

— Venha me ajudar a colocar essas flores no freezer.

Trabalhamos a manhã inteira organizando as novas flores e preparando as que seriam entregues para uma festa de casamento no fim de semana. July aprendeu rápido, o que me deixou bem feliz.

Antes da parada do almoço recebemos uma visita já esperada: Ester e Dona Juliana. As fofoqueiras, desocupadas. Sempre tive vontade de bater naquelas duas.

— Bom dia.

— Emely, vou querer as flores de sempre. E você Juliana?

— Uma dúzia de rosas amarelas. — sorriu, mas seu olhar não saía de cima da menina grávida.

— Quem é essa mocinha? — perguntou Ester.

— Minha nova funcionária — respondi seca.

— Tão nova e já grávida? Essa juventude de hoje é uma vergonha, Juliana.

— Verdade, não se faz mais jovens como na nossa época.

— Pelo que se fala na cidade, a senhora, Dona Juliana, engravidou, não sabia quem era o pai e foi mãe solteira — disse com um sorriso falso. As bochechas dela ficaram vermelhas.

— Mentira deslavada! Meu marido faleceu cedo e nem conheceu a filha — falou sem graça.

— Pois é, tem gente fofqueira demais nesta cidade, adora inventar fofoca com o nome das pessoas, até disseram que o pai de sua filha era casado, mas olha só que povo fofqueiro.

— Vamos, Ester, acabei de lembrar que deixei uma panela no fogo. — Ela pagou as flores e saiu quase correndo da loja.

— Emely, não se esqueça daquele nutricionista, dizem que é muito bom. — Ester ainda teve a cara de pau de falar.

— Não se preocupe, estou fazendo muito sexo. Emagrece também. — Ela me olhou horrorizada e acompanhou a colega.

— Muito bem, Emely! Você as colocou em seus lugares!

— As pessoas gostam de julgar esquecendo que têm passado e sujeiras embaixo do tapete. É só sacudir que elas se calam e correm.

Caímos na risada e voltamos ao trabalho.

Duda

Não conseguia parar de enjoar, isso estava me matando. Daqui uns dias teria que decidir como resolver a situação, no caso das pessoas começarem a perceber tantos enjoos. Não iria tirar meu filho, isso estava fora de cogitação. Ele foi planejado, queria ser mãe e nunca teria um filho se não fosse do Ricardo.

Não sei como ele reagiria, sei que sua vida e a minha estavam prestes a mudar para sempre. Minha mãe já estava desconfiada e o pessoal do hospital também.

— Duda? Podemos conversar?

Não acredito que a Kátia veio falar comigo, que cara de pau! Sabia que a Emely era minha amiga, então tudo que a ferisse me magoava. Portanto, a Kátia era minha inimiga.

— Não temos nada para falar, Kátia — falei saindo do banheiro.

— Sei que parece não ter explicação a situação com o Murilo, mas tem.

— Você disse ser amiga da Emely e pegou o homem dela — falei colocando o dedo no peito dela. — Traição.

— Ela não ama o Murilo como eu. A nossa história é longa, vem de muito tempo — disse como se isso explicasse tudo.

— Por que você não contou? Por que ficou com ele pelas costas dela?

— Ele iria conversar com ela, juro pra você — disse tentando parecer arrependida.

— Você gostou de fazer isso, foi como uma vingança por ter passado por isso com aquela sua outra amiga lá do Rio. — sorri entendendo a situação.

— Você acha que o Murilo amava a Emely? Poupe-me, Duda, ela não é uma mulher que se possa desejar.

Desgraçada, vou matá-la! Parti para cima dela e apertei seu pescoço.

— Minha amiga é mil vezes mais linda que você, não somente de corpo, mas de alma. Você é podre e fruta podre estraga rápido. Você vai pagar por isso!

Precisou da ajuda de algumas pessoas do hospital para conseguir soltá-la. Ela não tinha o direito de falar assim da Emely!

— Prepare-se, porque aqui em São Conrado você não trabalha mais.

— Sim, dona do mundo — desdenhou segurando o pescoço. — Veremos!

Capítulo 21

Já era tarde quando tomei banho e fui preparar alguma coisa para comer. Precisava ir ao mercado, a geladeira estava nua.

Vi uma batida e vozes na casa ao lado. “*Será que as coisas que a mãe da Duda separou chegaram?*”. Coloquei um robe e segui para lá. Tinha dois rapazes e o carma da minha vida colocando uma cama enorme no centro do quarto e várias outras mesas estavam no meio da sala.

— Boa noite, Emely.

— Boa noite, Rafael.

A cena daquela tarde veio a minha memória, o que me fez fechar o robe e voltar para sala, onde encontrei uma July animada abrindo todas as caixas. A quitinete era mobiliada, mas faltavam a geladeira e a cama.

— Emely, você viu quantas coisas eu ganhei? — era tão gratificante ver seu sorriso.

— Parabéns! A Duda foi maravilhosa!

— Amanhã vou fazer uma consulta com Doutor Rafael, tem algum problema?

— Claro que não, temos que cuidar deste grãozinho.

— Verdade, vida nova, preciso pensar no bebê — falou passando a mão na barriga.

— Já imaginou você grávida de um filho nosso? — Quase morri de susto ao ouvir sua voz no meu ouvido.

— Quer me matar de susto? — olhei para ele zangada.

— Você não se lembra de que não usamos camisinha?

— Não estou grávida. — Eu me afastei dele.

— Vamos pegar o resto das coisas lá embaixo, rapazes.

— Tem mais, doutor? — July estava louca de alegria.

— Tem o principal presente. Você não conhece minha mãe, mas ela já quer te conhecer, quer que você vá lá em casa.

— Vou sim, tenho que agradecer. — começou a chorar.

— Não fiquei assim, pequena, não faz bem para o bebê. — Ele falou tão doce e a abraçou com carinho.

— Vou fazer dezoito anos semana que vem e pedi a Deus para colocar alguém para me ajudar e ele atendeu ao meu pedido. Mandou Dona Emely e agora o senhor, a Dona Duda e sua mãe. Não mereço tanto.

Vendo-o ali consolando aquela menina desamparada me fez ficar com um bolo na garganta. A pobre não tinha ninguém. Como uma criança iria criar um bebê? Às vezes o mundo era bem cruel.

Os homens trouxeram uma geladeira e a colocou na cozinha, trouxe também um berço antigo, mas muito bonito e conservado.

— Olha que lindo! — Ela sentou na cama e ficou alisando o berço ao mesmo tempo em que conversava com o bebê em sua barriga. Aquela cena estava me emocionando, então resolvi deixá-la e voltei para minha casa.

Sentei no sofá, pensativa. Nunca sequer tinha imaginado que o Rafael poderia ser tão doce, cuidadoso, mas também não queria deixá-lo tomar conta dos meus pensamentos. Era mais seguro assim, que ele ficasse onde ele sempre esteve: no passado.

— Você não deveria andar de robe por aí. — Lá vinha ele invadindo minha casa como se fosse o dono.

— Não me lembro de tê-lo convidado a entrar.

— Os rapazes ficaram te olhando.

— Isso não é da sua conta, se eu quiser posso andar até nua. — levantei e passei por ele que cheirava a suor, cheiro de homem. Tudo bem, tudo bem, sempre ficava excitada na presença dele. Vocês também não precisam me olhar assim.

— Pode começar a tirar a roupa para mim, estou com saudades dos seus beijos. — abraçou-me por trás e começou a beijar minha nuca. “*Hummm, golpe baixo.*”. Beijou-me na nuca e vocês sabem o que isso faz comigo, então não me julguem. — Vamos lá para o seu quarto. Quero saber o que tem por baixo desse robe.

— Para Rafael! Não temos nada que conversar e já avisei que vou entrar com um processo contra você.

— Não consigo me concentrar em nada do que está falando, já que você fica rebolando assim, perto do meu pau e falando gemendo. — Canalha, safado! Não estava gemendo nada, eu juro.

— Pare! Me largue, seu canalha! — consegui seguir para a cozinha colocando uma distância entre nós dois.

— Quero água, você será capaz de negar um copo de água a uma pessoa com sede?

Olhando-o com cara de poucos amigos, peguei a água, coloquei no copo e o entreguei. Rápido como um raio, sem que eu esperasse, ele me beijou e sua língua invadiu minha boca. O copo caiu no tapete, minha bunda encontrou a geladeira e seus dedos abriram meu robe felpudo.

— De calcinha, safada! — gemeu levando sua mão para dentro dela. — Molhadinha, assim você me mata, gostosa.

— Para Rafa! Você não pode fazer isso.

— Posso e vou, e eu sei que você também quer.

De joelhos, perto da geladeira, abaixou minha calcinha e lambeu minha abertura me levando às nuvens. Minha boceta estava pulsando de vontade. Penetrou-me com dois dedos e foi

abrindo, levando sua língua até meu clitóris, chupando-o com força.

— Jesus! — gritei desesperada.

— Está vendo, Emely, sua bocetinha me reconhece, sabe que sou seu dono e você não pode mudar isso — dizia e chupava meu botãozinho. Eu não conseguia parar de gemer. — Calada, mulher! Senão sua vizinha e os rapazes irão te ouvir.

Coloquei a mão na boca tentando gemer menos, mas era impossível com aquela dança de vai e vem dos dedos dele, junto com sua língua. Minhas pernas estavam cedendo, já me encontrava no limite, estava prestes a gozar.

— Aiiiii, Deus! Senhor! Vou gozar, Rafa! Aiiiii, Deus! — As estrelas chegaram e me levaram para o mundo da lua. Encontrava-me trêmula sob sua mão, ele bebia todo meu gozo.

— Minha Emely! — disse dando um último beijo em minha boceta antes de levantar.

Ricardo

Já tinha tomado banho e feito uma comida gostosa para minha pequena. Ela não devia demorar. Ainda bem que depois de nossa última discussão, ela voltou a dormir comigo. Ainda não conversamos muito, mas sei que alguma coisa a magoava bastante.

Tentaria descobrir essa noite e depois procurar ajudá-la. Já estava na hora de assumir meu relacionamento com ela, amava aquela moleca. Sei que a Emely não iria entender muito minha decisão no início, mas se me amasse, ficaria ao meu lado.

Amanhã mesmo iria pedir sua mão em namoro à mãe dela. A Duda era menina direita, merecia todo meu respeito.

Quando ouvi a chave na porta, percebi que era ela e fui recebê-la enchendo-a de beijos, mas ela não correspondia, devia estar chateada com alguma coisa.

— O que foi, amor? — peguei seu rosto e fixei o meu olhar no seu.

— Estou com raiva, muita raiva. — Ela foi até o sofá e sentou, parecia mais magra e abatida.

— Converse comigo, talvez eu possa te ajudar. — sentei-me ao seu lado e peguei sua mão fazendo uma massagem para ajudá-la a relaxar.

— Você sabia que a Emely estava namorando o delegado?

— Achei que fosse um namorico. — Emely namorando? Como eu não soube disso?

— Pois é, ele a traiu com a Kátia, aquela que alugou o apê. A vaca ainda teve coragem de vir falar mal da minha amiga no hospital, quase quebrei a cara dela.

De tão nervosa que estava, começou a andar pela sala e batia na mão com ódio, se eu não estivesse chateado com a Kátia, teria rido da imagem da Duda neste momento.

— Vou conseguir a demissão daquela vadia. Nesta cidade, ela não trabalha mais. — Duda não parava de gesticular e andar.

— Vou conversar com o delegado.

— Não, não quero que a Emely saiba que você já sabe, ela já foi magoada demais.

— Essa mulher pode tentar magoar minha menina, e eu a quero longe da Emely.

— Ricardo, a Emely é uma mulher e não vai gostar de ser tratada como criança.

— Mas você a defendeu! Não é a mesma coisa?

— Sim, eu a defendi, mas não é a mesma coisa quando você a defende. Eu sou amiga dela, amigas fazem isso e pai fazendo isso é pagar mico.

— Não entendo vocês! — disse, exasperado.

— Preciso de uma massagem, estou me sentindo cansada. Você se importa em só dormir hoje?

— Claro que não, amor, quero você bem. Vá deitar que irei preparar um prato para você comer na cama.

— Amo você, sabia disso? — respondeu beijando-me e seguindo até o quarto.

Nossa outra conversa teria de esperar.

Capítulo 22

— Emely, cadê suas roupas? Emely. — Sua voz parecia longe, mas só via aqueles rapazes rindo de mim, não conseguia achar o meu vestido e, meu Deus, cadê minha roupa de baixo?

— Você conseguiu, irmão, conseguiu comer a gordinha, você é um dos nossos. — *“O que ele estava falando? Meu Deus, cadê minhas roupas?”*.

— Pare, João! Cadê as roupas dela?

— Não sei, por que saberia já que foi você quem a despiu?

— Comer banha é bom? Essa porquinha está bem gorda.

Suas risadas me perseguiam. Precisava sair dali, minha cabeça estava rodando.

Acordei molhada de suor. Há muitos anos que não tinha pesadelos com aquele dia traumatizante. As lembranças eram horríveis, sentia calafrios ao me lembrar da cara do João parecendo um louco. Ele e seus amigos deveriam estar drogados, queriam transar comigo para saber como era uma gorda na cama.

Não queria lembrar, pois as lembranças eram muito dolorosas. Mas como me livrar delas com o Rafael de volta? Meu envolvimento com ele reavivou tudo.

Precisava de um café forte e do colo do meu pai. Tomei banho frio e depois de já pronta, pedi a Joly para olhar a floricultura para que eu pudesse sair.

Tomei um susto quando vi o carro da Duda parado na garagem. O que tinha acontecido com meu pai? Precipitei-me para dentro da casa, o coração batia freneticamente só pensando na possibilidade de perder meu velho.

Os dois encontravam-se tomando café à mesa, rindo como dois adolescentes. A Duda estava vestida com a roupa do hospital e meu pai ainda com a roupa de dormir.

Estranho, pois as caras deles estavam estranhas, pareciam culpados. O que aqueles dois estavam tramando?

— Veio tomar o café do meu pai e nem avisou, Duda? — beijei a bochecha dele e depois a dela.

— Você sabe que amo o café do seu velho. — Ela sorriu para ele que fechou a cara. Sabia que a Duda sentia falta do pai dela, por isso não me importava de emprestar o meu.

— Também amo esse cafezinho, mas tomei um susto quando vi seu carro na garagem, pensei que papai estava doente.

— Não, foi só para filar o café mesmo. E como vai nossa grávida? — perguntou colocando a xícara na mesa.

— Bem. Depois irei agradecer a sua mãe. Ela chorou de alegria com a geladeira e o berço.

— De quem vocês estão falando? — Meu pai olhava desconfiado para nós duas.

— Ah, Pai! Não contei para você ainda — relatei a história desde o começo, mas lógico que pulando as partes que o Rafael me chupou na porta da geladeira e depois foi embora me deixando de pernas bambas.

— Você é louca, Emely? Como pode sair pegando pessoas na rua e levando para sua casa?

— Pai, ela está grávida e estava com fome — argumentei.

— Não concordo, Emely. Depois que a criança nascer vai sobrar para você também. — Ele bateu na mesa, nervoso.

— Ricardo, o que você tem contra os bebês? — Duda perguntou com cara de poucos amigos. Fiquei sem entender como a discussão começou.

— Nada, só acho que já tive minha cota. Criei a Emely sozinho e não pretendo criar mais nem um.

— Isso quer dizer que você não deseja filhos? — Ela perguntou jogando o guardanapo na mesa, levantando-se.

— Isso mesmo! — Ele quase gritou.

— Vocês dois, parem com isso! Não estou entendendo este surto. Quem vai criar o bebê é a mãe dele, pai. Quer parar de ser rabugento? Até porque eu não fui uma criança tão ruim para você ficar tão traumatizado.

Levantei da mesa e fui para a porta, não estava a fim de ouvir mais discussão. Meu pai, às vezes, era um cabeça dura.

Segui para a rua com a Duda em meu encalço. Ela nada disse, entrou em seu carro, deu a partida e saiu da garagem em alta velocidade. Se eu soubesse que minha vinda acabaria em briga nem teria vindo.

— Sua filha é gorda, Ricardo, nunca vai arrumar um namorado.

— Nunca mais diga isso de nossa filha! Ela é linda!

— Sua filha! Se pudesse escolher nunca a colocaria no mundo. Menina inútil!

Sei que foi difícil para meu pai me criar tendo minha mãe por perto, sempre nos humilhando. Como meu pai me amava muito, ela me usava para atingi-lo.

Eram cansativas suas brigas. Ela gritava para quem quisesse ouvir o quanto odiava sua vida. Hoje eu sei que ela engravidou nova e pretendia ser atriz, mas achava que minha existência atrapalhava seus planos, até o dia que resolveu partir. É a data mais feliz de minha vida. Não me

culpem, não foi fácil conviver com uma pessoa daquelas, ela era um monstro.

Falando em monstro... Murilo me esperava na frente da floricultura com a mão no bolso e estava lindo, pena que não valia nada.

— Posso falar com você um minuto?

— Sobre? — Não tinha tempo para homens como ele.

— Emely, vamos entrar, tomar um café, por favor. Não ficaria bem conversar aqui na rua.

Subi para casa com ele atrás de mim. “*Pode admirar minha bunda e veja o que perdeu, seu idiota.*”, sorri para mim mesma.

— Pode falar e não vou te oferecer café.

— Emely, a minha história com a Kátia é antiga.

— Foi antes ou depois do Rafael? — perguntei para tirar a história a limpo. — Já sei que vocês dois se conheciam.

— Ele te contou? Então vocês dois andam se encontrando? — Oi? Era impressão minha ou havia notas de ciúmes ali?

— Sim, mas pode continuar falando.

— Vocês estão namorando, é isso?

— Não é isso, mas isso também não é de sua conta.

— Tudo bem, tudo bem, só quero dizer que namorei a Kátia antes. Por conta de alguns assuntos, acabamos nos separando e voltei a vê-la aqui na cidade.

— Mas por que o segredo? Por que vocês dois não me disseram que se conheciam? Você e o Rafael também fingiram que não se conheciam. — disparei todas as perguntas para fora. Estava cansada de tantos segredos.

— Emely, estou com 28 anos, consegui o posto de delegado muito cedo, era imaturo e acabei fazendo muita besteira depois que meu irmão foi morto por um cara que foi preso por mim.

— Sinto muito, Ricardo!

— Faz muito tempo, agora eu superei, mas na época eu enlouqueci e o Rafael me ajudou muito. Mas na posição que temos hoje, o tratamento requer que tudo fique lá no passado, entende?

— Não entendo!

— É uma cidade pequena, Emely, as pessoas falam e pesquisam a vida da gente. Não queremos histórias do passado vindo à tona, então eu pedi ao Rafael para não conversar sobre isso com ninguém.

— Eu sei muito bem como essa cidade funciona. Passei a minha vida sofrendo e ainda sofro preconceito, piadinhas sobre meu peso. Fui humilhada perante metade desta cidade, mas não fugi e não vou fugir. Para que fugir? Colocar-me em uma concha e levar uma vida fingida como você?

— Você não entende. Sou o delegado desta cidade. Sou a lei, não posso ter meu nome

misturado aos drogados e delinquentes. — Ele ainda tentou argumentar.

— Por isso mesmo. Você é um exemplo de superação para todos que convivem com você, pelo menos eu vejo deste jeito. Além do mais, o Rafael não é mais um delinquente e, pelo que você diz, ajudou muito você.

— Você o defende com paixão. — sorriu com raiva.

— Não estou defendendo o Rafael, estou tentando fazer você entender como é injusto e covarde seu comportamento.

— Você está me ofendendo!

— Pense como quiser, mas você e a Kátia se merecem. Fico feliz em ver que vocês dois se dão bem juntos. — abri a porta e mostrei a saída.

— Sinto muito! — Ele disse e saiu de cabeça baixa.

Capítulo 23

Passei uma semana tranquila. Com a ajuda da July, consegui fazer e resolver muita coisa. Meu pai, cabeça dura como sempre, apareceu lá na floricultura, mas foi breve, olhou para July e conversaram poucas palavras. Mas apesar de ser muito turrão, eu não iria dar espaço para ser tratada como criança. Estava na hora de entender que sou adulta e que posso tomar minhas próprias decisões.

Meu pai estava com a barba por fazer, parecia envelhecido. Gostaria tanto que arranjasse uma namorada. Uma mulher madura que pudesse trazer brilho à vida dele. Ele tinha sido pai muito cedo e não teve tempo de viver sua juventude. Meu celular apitou e era a mensagem de um número estranho.

“Saudades!”

“Humm? Quem é?”, respondi.

“O homem da sua vida. Viajei e já quero voltar, não consigo mais viver longe de você.”

“Rafael, vai tomar banho que passa.”

Não respondi mais a nem uma mensagem e também não fiquei olhando o celular toda hora para ver que ele mandou várias carinhas tristes. Não olhei nada. Parem de me olhar de cara feia, não estou mentindo.

Morria de raiva quando tinha que comprar comida e encontrava a Kátia no restaurante com o Murilo. Ela fazia questão de exibir que estavam juntos, beijava-o na minha frente, toda maliciosa. Era uma cobra ardilosa.

Tenho pena de mulheres que nem ela, que enganavam, fingiam amizade. Era só uma pele, sua alma devia ser negra. Gente igual a ela não precisa de empurrão, cai sozinha.

— Bom dia! — Um rapaz, bem lindo por sinal, entrou na loja.

— Procuo Emely — disse olhando ao redor, lendo o nome no papel.

— Sim, sou eu. — O que será que eu fiz para merecer um deus grego me procurando logo cedo?

— Sou Adriano, tudo bem?

— Sim, em que posso lhe ajudar, Adriano?

— Na realidade, sou fotógrafo da Revista *Woman*. Estive com um cabeleireiro da cidade vizinha, onde você cortou o cabelo.

— Sim, lembro-me dele.

No dia em que cortei meu cabelo, ele tirou uma foto minha lá no salão. Estava muito linda naquela foto, bem sexy. O dono havia pedido para tirar, porque gostaria de colocar no mural de

clientes.

— Bem, gostaria de convidar-lhe para uma sessão de fotos. Vamos fazer uma edição especial do Dia das Mulheres e gostaríamos que nos desse uma entrevista.

— Hummm? — acho que meu queixo caiu. — Por que eu?

— Por que não você? Linda, bem-sucedida, bem-humorada. O retrato da mulher atual.

— Gente, estou bege. — Não conseguia raciocinar direito, nem acreditava numa coisa desta. — Quando vai ser isso?

— Queremos fazer a sessão de fotos aqui na cidade mesmo. Talvez segunda-feira?

— Tudo bem, claro que sim.

— Então foi um prazer. Segunda-feira às sete da manhã nos encontramos?

— Ok! — Quando ele beijou minha mão senti um calafrio. Que homem gostoso e cheiroso!

— Dona Emely! Parabéns! — July estava pulando de alegria.

— Cuidado com essa barriga menina! Nem acredito!

— A senhora merece, ainda vai virar modelo.

— Já viu gorda ser modelo? Desce para terra, July! — sorri e ela balançou a cabeça como se achasse minhas palavras ridículas.

Quase no fim da tarde, a Duda apareceu. Estava mais magra e abatida.

— Duda, você já foi ao médico? Parece doente.

— Sim, é estômago — disse, mas não acreditei.

— Sei, mas não te conto o que aconteceu comigo hoje!

— Conte, pois sabemos que você não consegue fazer suspense mesmo.

Ela tinha razão. Conteí sobre as fotos e o fotógrafo lindo.

— Amiga, que maravilha! Você sabe que torço por você, não é?

Ela estava chorando? Essa mulher andava muito emotiva.

— Claro que sei. Você é minha melhor amiga, irmã, mãe, tudo para mim.

— Ohhh, Emely, você não deveria dizer essas coisas! — fungou entre as lágrimas.

— Amo você e nada vai separar nossa amizade!

— Deus! — disse isso e começou a chorar copiosamente!

Capítulo 24

O dia estava sendo difícil. Anunciava uma chuva, mas eu precisava visitar uma fazenda perto da fronteira da cidade. O fornecedor entrou em contato dizendo que tinha um canteiro de flores exóticas para me vender.

Como não percebi que uma chuva se preparava para cair, agora estava presa numa estrada atolada de lama e sem possibilidade de sair de lá. Não passou uma alma viva para poder me socorrer.

Pensei em ligar para o papai, mas ele ficaria preocupado e acharia que não consigo me cuidar sozinha. Pensei melhor e resolvi pedir à Duda para mandar um guincho. Drogaa! Drogaa, drogaa, dez vezes droga! Prometi fazer um jantar para July, mas agora iria atrasar.

Olhei para o céu e percebi que com certeza o temporal iria piorar. Para completar a minha idiotice, meu celular tinha pouca bateria e eu precisava sair dali o quanto antes. Só faltava essa. Ainda por cima estava de calça fina. O frio estava gelando os ossos.

— Duda? Duda? Está me ouvindo? — estava quase gritando para ser ouvida sob a tempestade.

— Emely? Onde você está? Passei lá na loja e você não estava. — Ela também estava gritando.

— Estou atolada na estrada da 207. O celular vai descarregar e preciso de um guincho, consiga um para mim, por favor.

— Certo! Você precisa ficar dentro do carro. Trave a porta e só abra quando o guincho chegar, entendeu, Emely? — era minha mãe falando. Dei risada do cuidado da minha amiga.

— Sim, mamãe, mande logo, estou molhada e com frio.

— Vou providenciar. — desligou.

Fiquei tensa dentro do carro. Não tinha nem uma camisa de lã comigo. Meus dentes começaram a bater, eu estava gelada.

Ouvi o barulho do celular tocando já nas últimas. Era o número da loja, devia ser a July, preocupada.

— Alô?

— Dona Emely? Está chovendo e a senhora não voltou para casa. — parecia aflita.

— Estou presa aqui na estrada, com o carro atolado. A Duda mandará ajuda. Não fique preocupada, July, vai ficar tudo bem. — tentei acalmá-la.

— A senhora não levou nem um casaco, deve está com frio, com fome. Quer que eu chame seu pai? — perguntou quase chorando.

— Não, flor, vai ficar tudo bem, já pedi ajuda e o guincho já deve está chegando.

— Certo, vou fechar a loja e fazer uma sopa. A senhora vai precisar para se aquecer.

— Obrigada, July, você é um anjo. — O carinho dela me deixava aquecida e amada. Era uma menina de ouro.

— A senhora que é um anjo. — desligou me deixando muito emocionada com tanto carinho. Sabia que havia feito a coisa certa em ajudá-la. Ela seria uma excelente mãe para o pinguinho de gente sem nome.

Falando nisso, percebi que precisávamos pensar nos nomes para o toquinho de gente. Exames foram feitos e ainda bem que estava tudo bem, mãe e filho eram fortes como touros.

Tomei um susto quando bateram na janela do meu carro. Gritei aterrorizada parecendo que o coração sairia do peito. Quando vi quem era meu salvador, tive quase certeza de que teria uma parada cardíaca. Era o Rafael.

— O que faz aqui? — perguntei abaixando o vidro para olhar aquela lindeza toda de calça de moletom, um casaco grosso e gorro. Morar em cidade serrana tinha dessas coisas: qualquer chuva parecia que você estava no Alasca. — Ficou louco saindo nesta chuva?

— Você que é uma louca. Como pôde sair com essa chuva e sem um casaco, Emely? — Hammm? Só faltava essa!

— Não é da sua conta e não te chamei aqui — falei e ele nem ligou, saiu para olhar se tinha possibilidade de tirar o carro.

— Não tem como empurrá-lo uma hora dessas. O guincho não vem, pois está com uma demanda muito grande, provavelmente só amanhã.

“*Como assim? Quer dizer que eu poderia morrer congelada que o dono do guincho não estava nem se importando?*”. Essa era a pior coisa de cidade pequena, só tem um guincho naquela porra. Desculpem o palavirão, estou nervosa, com fome, frio e ainda o homem que mexe com meus nervos está no mesmo espaço que eu. Não é preciso rir, sei que estou ferrada.

— Como sairei daqui, então? — olhei para sua *Pick Up* enorme. Não vou entrar nela, pois meu alarme de perigo estava apitando.

— Você está batendo o queixo de frio. — veio ao meu lado do carro, abriu a porta e me pegou no colo com carinho. Tentei resistir sim, um pouco, mas resisti e é isso que importa, porém estou com frio, droga. Vocês estão parecendo as fofoqueiras da minha cidade.

Fui levada para seu enorme carro, com tração nas quatro rodas e estava cheiroso e quentinho.

— Tem uma manta aqui, minha irmã mandou trazer para você e ela mandou isso também. — suspendeu um saco com comida. Fiquei salivando, pois estava morta de fome. — Você está gelada, não devia se colocar em perigo. — passou a mão em meu rosto com carinho e beijou minha testa.

Não ronronei como um gato, coisa da imaginação fértil de vocês. Sou uma mulher forte,

decidida, mas estou no meio da chuva, numa estrada lamacenta, noite escura, o que fazer, então? Deem-me um desconto!

— Vamos para casa. Amanhã venho buscar seu carro. — estava com a boca cheia de batata frita e não respondi. — Coloca esse casaco, irá te aquecer. Tem uma garrafa com chocolate quente aqui atrás do banco.

Quase tive um treco com tanta atenção. Estava muda me escondendo atrás da comilança das batatas. Nunca tive homens cuidando de mim, só meu pai, mas sabemos que ele não conta.

Ele voltou, trancou meu carro, pegou minhas coisas que estavam nele, depois entrou no seu carro e pegamos a estrada. Era muito conforto um carro daqueles, porque apesar da estrada ruim, ele nem sacolejava. Gostaria de dirigir um daqueles um dia.

Capítulo 25

A chuva só aumentava. Como estava cansada, acabei caindo no sono enrolada na mata quentinha. Senti alguém me balançar e não quis acordar, estava tão bom aquele local.

— Emely, acorda, Emely!

— Não, não quero, me deixa! — Quase gritei e acabei tomando consciência de que não estava em minha cama. Eu estava deitada quase no colo do cara, com a mão em seu rosto e a boca perto de suas zonas proibidas.

— Não tem como continuar, não estou conseguindo enxergar mais nada com essa chuva. — olhei para fora e realmente vi que estava muito perigoso continuar dirigindo. — Vou parar e encontrar abrigo para passarmos a noite.

— Não, eu dirijo um pouco, eu consigo enxergar. — Ele viu medo em meu olhar.

— Calma, coração. — pegou minha mão e beijou. — Só vamos nos abrigar da chuva, só quero ajudar você, amor.

Olhei em seus olhos e vi sinceridade e mais algumas coisas que não conseguia discernir naquele momento. Parou o carro perto da estrada, vestiu o casaco e saiu na chuva em busca de abrigo. Acabei ficando preocupada.

Demorou alguns minutos e quando voltou disse que não encontrou nada. Estávamos praticamente ilhados. Sentia-me culpada por ter saído de casa e me metido em toda aquela situação e ainda levei o Rafael comigo.

Ele voltou para o carro, molhado e tremendo. Dei-lhe um copo de chocolate quente, ele pegou e sorriu com carinho.

— Passou mais o frio? — perguntou-me. — Cuidado para não ficar resfriada.

— Estou bem, fique tranquilo — falei tossindo para disfarçar o quanto estava tensa.

— Sabe do que lembrei agora? — olhou para a caneca e sorriu. — Do dia que você achou que eu tinha me afogado.

— Foi complicado. Chorava como louca, não sabia como ia contar para sua mãe. — dei risada lembrando. — Você mergulhava bem e eu era uma medrosa.

— Você não era medrosa, só era um coração de manteiga. — riu. — Eu contava as horas para chegar o horário dos nossos encontros.

Suspirou e me olhou. Percebi que era para confirmar o que estava dizendo. Aquele homem me abalava de diversas formas.

— Você não estava viajando? — mudei de assunto.

— Sim, estava em um congresso de medicina, mas voltei logo, pois meu coração está em São Conrado. Não consigo e não quero ficar longe muito tempo.

— Sua mãe deve está amando ter você por perto. — Não queria falar de coisas do coração.

— Ela fica feliz em me ver recuperado e lutando para consertar as bobagens que fiz. — Com um sorriso tímido bateu seu ombro no meu.

— Sua mãe é maravilhosa. Pena que não se casou novamente.

— Ela teve muita coisa para focar depois que papai morreu. Um filho drogado dá muito trabalho — disse sem emoção.

— Como você começou? — queria saber, estava e sou curiosa.

— Na realidade, começou por brincadeira da turma, um cigarro de maconha para relaxar e bebidas. Fui um fraco, pois muitos pararam na maconha e seguiram suas vidas. — Ele falava e olhava para frente, como se estivesse em transe, perdido nas lembranças. — Fui um garoto mimado, achei que era rico e invencível. Fiquei viciado, comecei a usar coisas pesadas, gostava de festas, garotas e álcool, combinações perigosas. — suspirou e bateu no volante. — Passei meses sem ir à faculdade, dias trancado em casas alugadas para orgias e uso de drogas. Ficar ali era o paraíso quando se está no mundo da lua com tanta cocaína.

— Sinto muito, Rafael. — passei a mão em seu braço, não sei se precisava dizer isso, mas era a coisa certa a dizer.

— Não sinta, não tinha motivos para isso. Meus pais eram maravilhosos, minha família sempre me deu tudo que eu quis.

— Talvez esse tenha sido o erro.

— Não justifica, Emely. Eu era um babaca, como diz você, mimado, só me preocupava com minha vida e vícios.

— Como você saiu?

— Precisei destruir a sua vida e matar a do meu pai para entender o quanto estava destruindo as pessoas e a mim mesmo.

Fiquei calada. Um fio de lembranças veio como avalanche. Eu estava cansada daquele assunto, mas entendi que ele precisava falar sobre sua vida, para exorcizar.

— Eu sei que não mereço perdão, Emely. Combinei com os meninos da irmandade. — virei para a janela e fiquei calada. As lágrimas começaram a descer. — O Zeca era o cabeça da irmandade e viu você sorrindo e correndo com minha irmã.

— Não é fraternidade? — Nunca entendi o que fiz para aqueles garotos.

— Tem fraternidade, mas viciados em entorpecentes não são bem vistos, mesmo porque a maioria dos caras que entram na fraternidade são atletas.

— Entendo! — Não entendia porra nenhuma. Ele não parava de tamborilar os dedos no volante, nervoso.

— Fizemos a nossa irmandade para fazer frente aos CDFs, mas na realidade só queríamos

motivos para infernizar os mais fracos e comer as meninas.

— Ainda não consigo entender por que fui escolhida.

— Foi uma aposta idiota. Zeca me desafiou a conquistá-la e tirar sua virgindade.

As lágrimas caíam abundantemente, não conseguia esconder as fungadas que eu dava. Foi preciso uma chuva para ouvir toda a história, pois se não estivesse chovendo eu teria para onde correr. Só que todas as palavras machucavam como uma faca perfurando minha pele.

— Eu aceitei, Emely. Se eu conseguisse, poderia comer a namorada dele e se eu não conseguisse, teria que permiti-lo a namorar minha irmã.

— A Duda? Como você pode colocar sua irmã nesta merda toda?

— Eu disse que era egoísta, fiz a aposta com a cabeça cheia de cocaína.

— Você sabe que isso não se justifica! — gritei para ele.

— Sei disso, porra! Pensa que não sei? Não queria minha irmã perto dele e sabia o que ele fazia com as meninas quando as pegava. Era violento, doente.

— Por que não contou ao seu pai? Por que não pediu ajuda? — bati em seu peito, transtornada.

— Emely, eu era um jovem tolo, achava que era mais fácil conquistar você. — deu uma risada fraca. — Era só conquistá-la, tirar a sua virgindade e te dar o fora na frente dos caras.

— Vocês esconderam minha roupa e aquele seu amigo de olhar doente me fez correr nua pela cidade.

— Não fui eu. Não era o plano, juro para você. — suspirou e pegou meu rosto. Tentei me soltar, mas ele era mais forte. — Ele também negou que tenha pego e todos os outros. Não faço ideia de quem foi, mas uma coisa é certeza: eu morri um pouco naquela noite. Foi maravilhoso ter você em meus braços naquela semana, fazer amor com você foi divino, pensei em lhe contar tudo, mas fui um covarde.

— Não acredito que você fez isso! Você destruiu a ilusão de amor que eu tinha! Acreditei que me entregar a você selaria nosso amor e você rasgou meu coração!

— Sinto muito! Se serve de consolo, perdi meu pai depois disso. Ele morreu de desgosto e vergonha de mim! Suas lágrimas aquela noite me deixaram transtornado. Bati no Zeca até deixá-lo inconsciente e depois seu pai bateu em mim, com o consentimento do meu.

Comecei a chorar. Por uma jovem romântica que acreditou no garoto errado e pelo garoto que teve que amadurecer e aprender com seus piores erros. A vida nem sempre era boa, mas a maioria dos erros acontece porque nós mesmos que causamos, por não medir as consequências antes de fazer as coisas. A vida sempre nos dá dois caminhos e os sinais estão sempre lá, mas o perigo sempre foi mais atraente.

Duda

Aquela chuva que não parava. Eu não gostava de temporal, sentia-me estranha com eles, como se fosse indefesa. Coisa da minha cabeça louca. Estava de plantão aquela noite. Ainda bem, pois não queria pegar a estrada para casa e dormir no Ricardo estava fora de cogitação.

Suas palavras ainda me machucavam. Ele renegou nosso filho, mesmo antes de saber que ele existia, mas já estava resolvendo aquela situação. Coloquei currículos em outras cidades. Semana que vem, faria entrevistas e sairia da cidade.

Meu filho já era muito amado. Nunca precisei de homem para ser feliz, aquele idiota nunca saberia que seria pai. Se ele não quer meu filho, a mim também não terá, pois não tenho culpa do que aquela louca fez na vida dele. Não pagarei pelos pecados de outra mulher, já tenho meus próprios para carregar.

Entreí na sala de descanso e quando fui fechar a porta tomei um susto. Ela foi bloqueada pela última pessoa que eu queria ver.

— O que faz aqui? — Eu me encolhi com a visão do meu pior pesadelo.

— Saudades, Dudinha. — riu com aqueles dentes amarelos.

— Eu te disse para sumir, pois deixei bem claro que seria a última. — tentei não vacilar na voz.

— Você sabe como é vida de desempregado. Ah, esqueci que você é riquinha e não sabe o que é pobreza. — deu uma risada grotesca que gelou minha espinha. — Preciso de grana.

— Por que veio aqui no hospital? Não quero que ninguém o veja comigo.

— Você agora só anda na casa daquele coroa, fica difícil chegar perto da princesa. — tentou passar a mão em meu cabelo, mas eu me afastei com nojo. — Para ontem, linda.

— Por que você não morre? Some da minha vida!

— Pare de bobagem. O que são algumas notas para ajudar um velho amigo, dona riquinha? — odiava aquela voz, aquela risada, odiava aquele homem. Já pensei em matá-lo várias vezes.

— Não tenho dinheiro aqui comigo, estou trabalhando.

— Cinco mil, Dudinha, ou sua amiguinha vai saber quem escondeu a roupa. — riu e foi até a porta. — Amanhã naquele mesmo local. Não brinca comigo, Duda, não tenho nada a perder, agora você tem muita coisa.

Deixou a sala sorrindo. Meu Deus, quando aquilo iria acabar? Como eu queria poder voltar no tempo e fazer as coisas diferentes. Já estava na hora de sair da cidade. Sabia que aquele drogado nunca iria me deixar em paz.

Capítulo 26

Acordei assustada e toda dolorida. Dormir dentro de um carro chorando não era nada confortável. O Rafael me segurava junto ao seu peito. Como ele era lindo dormindo! As coisas que me revelou ainda martelavam em minha cabeça.

Sei o quanto foi difícil conseguir erguer minha vida, imagine para ele perceber que perdeu seu pai e toda sua família e ainda se culpa por isso? Às vezes uma reação nossa toma uma proporção tão grande que vira uma reação em cadeia, igual carta de baralho, quando derrubamos uma, acabamos levando todas as outras juntas.

Vocês devem estar se perguntando se estou amolecendo. Não é isso, não estou dizendo que vou esquecer ou deixar para lá, mas agora entendo melhor. Tudo o que aconteceu foi difícil para ele também. Nessa história não só eu sofri, como meu pai, a família do Rafa e, principalmente, ele.

Pior é que não podemos voltar no tempo e apagar aquele dia. Iremos levá-lo para toda a vida, mas não quero viver sendo a vítima, quero seguir em frente, levar uma vida normal e perdoar.

Não quero uma alma doente e magoada, pois quando guardamos rancor quem adoece somos nós. Passei oitos anos doente e só ontem à noite entendi a profundidade da dor que todos os envolvidos passaram.

Vou namorar o Rafael? Não, acho que essa história sempre estará entre nós, as lembranças são muito fortes. Em algum momento um dos dois não aguentaria os fantasmas. Aliás, ele só me quer para poder consertar os erros do passado, isso não é saudável.

Estava com uma louca vontade de fazer xixi, assim desci do carro. Ainda chovia, mas não estava mais tão forte e como estava muito apertada, abaixei-me e fiz junto ao pneu mesmo. Sentia-me uma devassa com meu bundão GG para cima.

— Nossa, que visão mais linda! — Meu Jesus! Aquele homem não tinha vergonha, estava me olhando fazer xixi.

— Que coisa feia, Rafa, olhando uma mulher fazendo xixi no pneu!

— Se o pneu é meu e a mulher também então posso olhar. — sorria descaradamente.

Voltei ao carro. Precisava acertar umas coisas com ele, para que pudéssemos viver bem, sem confusões em nossas mentes.

— Rafa, precisamos conversar.

— Emely, discussão uma hora dessas? — desceu do carro e fez xixi também.

— Não é discussão, só gostaria de acertar as coisas, para que tudo possa dar certo para nós daqui para frente.

— Emely... — percebi esperança em seu olhar focado em mim.

— Não diga nada me deixe terminar. Sei que sofremos muito, que passamos por várias coisas e aprendemos com elas, não foi fácil, não é? — sorri sem graça. — Mas não quero continuar com essa mágoa.

— Minha Emely... — Seus olhos estavam brilhando por lágrimas que não tinham caído.

— Te perdoo, Rafa, de coração, eu te perdoo!

— Emely... Esperei por isso há tanto tempo. — veio pegando meu rosto para me beijar, mas desviei e ele ficou me olhando, sem entender.

— Mas somos amigos e só amigos.

— Como? Você me deseja, você também quer ser minha mulher — disse com convicção.

— Eu amei e desejei um Rafa que eu criei em minha cabeça. Idealizei, mas ele não existe. — peguei sua mão e alisei. — Entenda, o passado é passado, agora temos que pensar no futuro, não podemos ficar agarrados a uma história que já passou.

— Eu amo você, Emely, amo a antiga e essa nova mulher que você se transformou — disse olhando meus olhos.

— Vamos ser amigos, o que acha? — argumentei.

— Tudo bem, mas não me culpe ou me ache errado. Continuarei lutando para ser o homem da sua vida.

Com isso, ligou o carro e seguimos para a estrada, calados. Ele de cara feia e eu me sentindo livre e aliviada.

Chegamos quase trinta minutos depois à cidade. Fomos até o guincho pedir para buscar meu carro e fui para casa trocar de roupa e comer alguma coisa. Uma July aflita e sem dormir encontrava-se jogada no sofá da sala.

— July? Por que você não dormiu, mulher?

— Não consegui. Estava preocupada com a senhora que demorava a chegar.

Beijei seu rosto, agradei sua preocupação e pedi que fosse tomar um banho quente e descansar, pois estava tudo bem. Fui para meu quarto e tomei um banho demorado. Estava tão consciente do meu corpo, da minha vida, que acabei cantando no chuveiro. Sentia-me livre e feliz. Era uma sensação maravilhosa.

Tomada banho, voltei para sala, onde encontrei a mesa posta, cheia de coisas gostosas e uma July olhando feio para meu pai que estava sentado à mesa tomando café.

— July, não mandei você descansar? — estava chateada, mas feliz por ter alguém que cuidava de mim.

— Já estou indo, só fiz um café para senhora, melhor comer antes que acabe. — Com mais um olhar feio para meu pai ela saiu.

Dei risada, fui até ele e o beijei com carinho, sentindo saudades daquele turrão.

— Ela não gosta de mim. — Meu pai falou olhando em direção à porta em que a July havia saído.

— Você também não é nada simpático com ela. — revidei colocando suco no copo e peguei uma torrada.

— Soube que seu carro deu problema na estrada. — Ele mudou de assunto. — Desde ontem e fiquei chocado que só soube hoje que minha filha dormiu numa estrada perigosa e sozinha.

Bateu o copo na mesa. Aquele gesto me fez entender que estava encrencada.

Capítulo 27

Fiquei tensa com o olhar do meu pai, mas na verdade, a nova Emely não tinha medo de assumir suas atitudes.

— Não fiquei sozinha na estrada — falei bebendo o suco.

— Humm? Não entendi! — Ele me olhou com os olhos estreitos.

— Eu liguei para Duda quando o carro ficou atolado e ela ligou para o guincho.

— Não entendi. Por que seu pai, que tem oficina, não foi sua primeira opção? — quis saber magoado.

— Pai, você iria fazer essa confusão que está fazendo agora. Não quero ser tratada como criança. Posso resolver as coisas sem precisar correr para você toda vez que me sentir encurralada.

— Você é minha filha e é meu dever proteger você. O que tem de ruim nisso? Mas quem foi acudir você?

— O Rafael foi me buscar — falei baixinho.

— Como? Deixe-me ver se eu entendi: você preferiu a ajuda daquele marginal à ajuda do seu pai? — Ele jogou o pão no prato e já ia levantar da mesa, furioso.

— Pai! Não o chamei. Creio que foi a Duda. Como o guincho não poderia ir me buscar, ele apareceu lá com seu carro traçado. O que o senhor queria que fizesse? O quê? — Ele sentou novamente e ficou me olhando com a cara amarrada. Estava chateado e tentando se acalmar. — Eu o perdoei! — dei o golpe de misericórdia.

— Como?

— Eu não quero mágoas em minha vida, meu pai, quero ser feliz sem ter o passado me rondando.

— Você ainda gosta dele?

— Na realidade, gosto de um Rafa que nunca existiu, mas resolvi ser amiga dele. Não quero mais ser uma vítima, quero ser feliz.

Ele pegou minha mão e beijou, passou a mão em meu rosto e em seus olhos vi orgulho de mim.

— Se isso faz bem a você, pode contar com seu pai.

— Ohhh pai, amo tanto você! — levantei para abraçá-lo e o beijei com carinho, sabia que ele ficaria do meu lado. Minha felicidade sempre foi prioridade para ele.

— Mas se ele sair da linha pode me chamar.

— Claro! — sorrimos e voltamos para nosso café.

Já era quase meio-dia e não conseguia falar com a Duda. Estava preocupada com ela. Eu

precisava tirar os problemas da frente e ajudar minha amiga, pois percebi que ela estava com algum problema e eu não estava sendo uma boa amiga.

Fui ao restaurante buscar comida para almoçar, pois a July ainda dormia e quando acordasse, o grão de feijão deveria está louco de fome. Quando entrei, bati com a Kátia que ia saindo.

— Ficou louca? Não olha por onde anda? — Quando me reconheceu deu um sorriso maldoso. — Entendo que é difícil controlar todo esse peso.

Vadia! Mas não ia ficar assim não, nunca mais ninguém iria me humilhar por conta do meu peso. Sei que sou linda com todas as minhas curvas.

— Limpa o veneno, ridícula, porque você até pode vestir roupas boas, sapatos lindos, mas, amor, por baixo desse verniz de classuda só tem podridão e tenho pena de pessoas como você.

— Me poupe do seu discursinho, não me interessa sua opinião, baleia.

Nem terminou a frase e minha mão já tinha encontrado sua cara. Bati com tanta força que o pescoço dela virou e todos nos olharam com curiosidade.

— Você me agrediu, sua puta! — Ela segurou o rosto com a mão vazia.

— E vou bater mais se não sair do meu caminho. Da próxima vez que me dirigir a palavra vou deixar uma cicatriz em sua cara.

— Louca!

Saiu do restaurante pisando duro e todos ficaram olhando para mim com olhos indagadores. Peguei minha comida e fui para o caixa pagar.

— Emely, tudo bem? — perguntou a mocinha do caixa. — Vi e ouvi tudo daqui, ela foi ridícula em tratar você assim por causa de homem!

— Não tem nada a ver com homem. A questão é que tem seres humanos que são podres por dentro e não tem nada que possamos fazer.

Ela sorriu, passou o troco e me entregou.

— Se precisar de uma amiga pode contar comigo, odeio pessoas podres! — disse simpática.

— Obrigada! — sorri de volta e saí de lá.

“Pronto, agora todos vão dizer que briguei por conta do delegado. Por que tudo para as pessoas se resume a macho?”, suspirei e segui para a loja prevendo várias visitas de fofocas.

Depois de uma hora, o Murilo entrou na floricultura. A July estava preparando um buquê de flores vermelhas e olhou temerosa para ele que fixou seu olhar nela.

Quando o transe dos dois parecia ter acabado, ele veio até mim, que escrevia no livro caixa.

— Emely?

— Sim, delegado?

— Tenho uma queixa contra você. Preciso que me acompanhe à delegacia.

Meu queixo despençou. Devia haver algum engano.

Duda

Estava nervosa, minha vontade era jogar aquele cara barracão abaixo. Filho da puta, odiava aquele Zeca, era a desgraça da minha vida.

— Pensei que você não viria. — fedia igual a um porco.

— Aqui está o dinheiro. — joguei a sacola. — Some!

— Calma, princesa. — olhou para mim com lasciva. Sabia que um dia ele iria tentar o que não conseguiu da última vez. — Sabe que sempre fui apaixonado por você.

— Não me interessa Zeca, pega seu dinheiro e some da minha vida. — coloquei firmeza em minha voz.

— Você se acha melhor que eu? Só por que tem dinheiro? Mas não é, princesa. Traiu seu irmão e sua melhor amiga. Não passa de uma vadia vingativa.

— Some da minha vida, desgraçado! A culpa foi sua, você me induziu a fazer aquilo. — empurrei-o, ele me empurrou de volta e acabei caindo. Uma dor dilacerante veio na minha barriga. — Meu filho!

— Que filho? — Ele abaixou e puxou minhas pernas. Iria me estuprar.

— Me solta, seu louco! Socorro! — desferiu uma tapa em minha cara.

— Solte a moça agora! — Aquela voz, meu Deus! Isso não podia está acontecendo, não ele!

— Ricardo? — foram minhas últimas palavras antes de desmaiar.

Capítulo 28

A July ficou chorando quando entrei na viatura junto com o Murilo. Não lhe dirigi uma palavra até chegar à delegacia.

— Emely, quero que saiba que é só um depoimento de praxe.

— E fui conduzida de viatura para isso? — argumentei. — Quero um advogado.

— Não vamos dificultar as coisas, Emely, só fui buscar você para que não se sentisse constrangida com outro oficial.

— Quero um advogado e vou chamar meu pai também. São meus direitos, não são?

— Claro, mas não vejo necessidade. — Ele me olhou desconfiado.

Na mesma hora ouviu-se uma gritaria do lado de fora da sala, a porta foi aberta abruptamente e um Rafael ainda com a roupa de hospital e com a cara de poucos amigos adentrou a sala.

— Por que você prendeu a Emely? — foi para cima do Murilo. — Ficou louco?

— Calma, Rafa. — peguei em seu braço.

— Se não se acalmar Rafael, terei que prendê-lo por desacato. — O Murilo levantou cheio de si e os olhos dos dois não se desgrudavam em nem um minuto.

— Calma, meninos! Rafa, estou bem. — segurei sua mão e trouxe seu rosto até o meu. — Preciso prestar depoimento, só isso. Não é, delegado?

— Claro. Fizeram uma acusação grave contra a Emely — respondeu olhando para mim.

— O que foi que eu fiz? Não consigo imaginar! — levantei a mão para o ar.

— Agrediu a Kátia e ainda foi racista! — Meu queixo caiu!

— Como é? — falamos ao mesmo tempo.

— A Kátia deu queixa contra a Emely? — perguntou Rafael. Nós nos olhamos e rimos da confusão. Parecia loucura, mas a vadia vestida de onça veio aprontar mais uma.

— Ela foi preconceituosa comigo e eu que estou sendo presa? — argumentei.

— Mas você não veio dar queixa e ela sim — disse o Murilo.

— Pronto, estou dando queixa dela e mais, entrarei com uma ação contra você também. Não é confusão que vocês querem?

— Emely, isso não é necessário — disse tentando parecer impassível.

— Não se preocupe, Murilo, vou dar queixa e abrir o processo na cidade vizinha, já que você é namorado dela. Não posso fazer isso na sua delegacia.

— Está me ofendendo, Emely.

— Ela está correta, Murilo. Você como namorado da Kátia não pode julgar o caso, como está fazendo agora. Fica parecendo arbitrariedade da sua parte. — O Rafael contra-atacou.

— Vocês dois estão transformando uma bobagem em uma guerra — disse sorrindo sem graça. — Sei que não terminamos bem, Emely, mas não precisa guardar tanta raiva sobre isso.

— Você se valoriza demais, não é delegado? Sinto informar que não estou e nunca estive pensando em você como pivô desta briga, mesmo porque sua namorada sabe que você foi *step*. O problema é que ela foi grosseira, preconceituosa comigo e isso é crime.

Ele fechou a cara depois de minhas palavras.

— Muito bem, vamos ouvir a sua versão da história.

Falei tudo como aconteceu, menos a parte que dei uma tapa nela, falei que meu choque foi tão enorme com suas palavras, que escorreguei e bati minha mão no rosto dela. Não precisa sorrir, sou gorda, não burra!

Depois fui liberada, saí fumegando de raiva. Fui levada para a delegacia como uma criminosa por conta daquela puta.

— Como você soube que eu estava aqui? — perguntei ao Rafael.

— A July foi ao posto me procurar, tentou seu pai, mas não o encontrou em casa.

— Obrigada. Agora preciso de um advogado.

— Faz bem, a Kátia precisa de uma lição. — entrei em seu carro e seguimos para a floricultura. Perto de lá, seu celular tocou, ele atendeu e, por conta da ligação, foi ficando nervoso.

— O que aconteceu? Posso ajudar?

— A Duda deu entrada no hospital e está perdendo sangue.

Ricardo

Estava gelado de medo, ver a Duda na mão daquele bandido me deixou apavorado, não tive tempo nem de pegá-lo, pois o cara correu com a sacola de dinheiro na mão.

Precisava esclarecer muitas coisas com ela, mas no momento, a prioridade era salvá-la. Entrei correndo no hospital, pedindo socorro com ela em meus braços. As enfermeiras logo a levaram para outra sala.

Fiquei no corredor andando de um lado para o outro. Minha filha e o Rafael chegaram correndo. Ele nem olhou para mim, invadiu a sala em que a Duda estava como um relâmpago.

— O que aconteceu, pai?

— Um cara a atacou e cheguei na hora, mas ela sentiu muita dor e começou a sangrar.

— Ele a furou? Temos que dar queixa. — Emely, ingênua, foi logo em defesa da amiga sem saber o quanto aquela amiga tinha sido vil com ela.

— Não filha, é melhor esperarmos para saber como ela vai ficar.

— Vou buscar uma água para o senhor. Está tremendo!

Saiu e foi ao bebedouro. Eu estava numa encruzilhada entre o amor e o ódio pela mulher que tanto amo. Como ela pôde esconder que tinha algo a ver com a desgraça da minha filha, sua melhor amiga? E como ela pôde fazer uma coisa contra ela? As duas eram carne e unha desde pequenas.

Uma enfermeira deixou a sala e fui até ela.

— Como está a Senhora Duda?

— O senhor é da família? — perguntou de má vontade.

— Rosa?

— Oi, Emely!

— Como está minha amiga? — Graças a Deus minha filha a conhecia.

— Sinto muito Emely, mas o bebê não sobreviveu!

— Como? — perguntamos juntos.

— Sim, a criança que ela esperava não sobreviveu ao impacto da queda. Tadinha, vai ficar louca quando acordar, o Senhor Rafael está arrasado.

— Ela estava grávida? A Duda esperava um bebê? — Eu estava em transe. Ela esperava um filho meu? Por que nunca soube? Deus!

Não suportei a dor e saí do hospital transtornado. Precisava de um tempo, precisava sair dali, estava sufocando, morrendo, não conseguia acreditar.

— Ela perdeu nosso filho! — repeti isso várias vezes.

Capítulo 29

Eu não conseguia entender nada. Minha amiga engravidou e eu não sabia de quem. Meu pai parecia um louco e o Rafael sumiu dentro do hospital. Eu estava completamente perdida.

Fiquei sentada numa cadeira no corredor esperando a mãe da Duda chegar, sendo que, provavelmente, chegaria transtornada. O que acabou acontecendo vinte minutos depois. Ela entrou chorando copiosamente, desesperada. Quando viram o estado em que chegou, tiveram que levá-la para enfermaria para dar um remédio para pressão. Acabei sentindo muito pena dela, pois como pode perceber era muita coisa acontecendo para uma senhora daquela idade.

Tentei ligar para o celular do meu pai, mas não consegui falar. Só dava caixa postal. Fui dar uma olhada na mãe da Duda, que continuava dormindo, e quando estava retornando para o corredor, dei de cara com um dos meus piores pesadelos.

— Zeca? — era ele, tenho certeza. Encontrava-se desmaiado em uma maca do hospital todo ensanguentado, cheio de cortes e escoriações. — Zeca!

Coloquei a mão na boca e comecei a tremer. Eu odiava aquele homem com todas as forças do meu ser. Era um miserável e eu sentia uma vontade enorme de bater mais nele. Depois do que me fez, o miserável merecia todas as pancadas que deram nele. Um policial encontrava-se ao lado de sua maca. Provavelmente seria preso depois de atendido. Eu torcia para que morresse na cadeia. Não sou tão boazinha assim, então não me julguem! Acredito que tenho esse direito depois que me humilhou tanto.

O Rafael vinha andando com pressa, provavelmente para ver sua mãe.

— Rafa? — chamei.

— Emely! Desculpa, estive muito ocupado com a Duda. — desculpou-se beijando minha cabeça.

— Tudo bem. Você já a viu?

— Sim, estive lá agora, fiquei por uns vinte minutos, porém fui chamado para uma emergência.

— Você já viu seu amiguinho naquela maca? — apontei com o queixo para o local que estava o marginal.

— Quem? — Ele parecia cansado e muito triste. Como tive vontade de abraçá-lo, reconfortá-lo.

— Zeca! — falei com um fio de voz.

— Como? Ele não mora aqui. — virou e tomou um susto quando o reconheceu. Ele andou em direção ao policial.

Depois de falar com o policial, percebi que ficou bastante transtornado, dizendo que ia

matá-lo, xingando o Zeca de todos os nomes impronunciáveis. Tentei contê-lo junto com o policial, mas foi preciso a ajuda de outros enfermeiros para conseguirmos.

— Calma, Rafael, para com isso. — segurei seu rosto e nivelei-o junto ao meu.

— Ele matou o bebê dela, ele fez isso com ela. — Ele dizia transtornado.

— Da Duda? — olhei novamente para aquela massa humana e fiquei furiosa.

Nesse momento, bati tanto naquele imbecil assassino de criancinhas que foi preciso o Rafael e outras pessoas para me conter. Ninguém machuca minha amiga e sai ileso.

— Filho da puta, vou te matar!

Quase fui expulsa do hospital, mas valeu a pena por cada tapa e chute que dei naquele verme.

Quando estava sendo carregada por dois seguranças, meu pai saía da emergência com a mão enfaixada e com cara de poucos amigos.

— Pai? O que aconteceu?

— Tive um pequeno acidente na oficina. Tem notícias da Duda?

— Meu Deus, parece que hoje foi o dia, viu? Todo mundo louco! Você acredita que aquele amigo do Rafael, o Zeca, está aqui no hospital?

— Hum-hum.

— Pois é, acabamos de descobrir que ele agrediu a Duda a fazendo perder o bebê. Por isso, o Rafael bateu nele e depois eu bati também.

Ele sorriu e me abraçou.

— Você é o máximo, filha!

— Como ela pode engravidar de uma cara daqueles? Pude perceber que ela estava com alguém que a deixava nervosa, mas nunca imaginei que fosse aquele verme.

— Ela estava grávida de quem? — Meu pai perguntou confuso.

— Do Zeca. Só pode ser dele, não acha? Por que mais ele a machucaria para perder o bebê?

— Deve haver outras versões, Emely. A Duda nunca deixaria um cara daqueles tocá-la.

— Ele parecia até indignado.

— Vamos aguardar liberarem a visita para podermos descobrir o que realmente houve.

— Aguardarei junto com você — disse meu pai sentando-se e encostando a cabeça na cadeira com um olhar longe e triste.

Depois que toda essa loucura passasse, eu teria uma conversa com meu pai, pois ele também andava cheio de segredos, estranho, triste. Será que todos tinham um pouco de poeira embaixo do tapete?

Ricardo

Queria poder contar tudo para minha filha, abrir meu coração que estava em pedaços, assim como a cara daquele marginal, toda despedaçada. Encontrei-o em um beco comprando drogas e não consegui me controlar. Bati tanto nele que os marginais que o acompanhavam nem se deram ao trabalho de ajudá-lo. Foram embora levando todo o dinheiro dele. Ele sorria com cada soco que recebia e ainda dizia coisas sobre a Duda.

— Vai me bater por conta daquela putinha rica? — dei um soco em sua boca, batia sem pena. Mesmo cuspidando sangue continuava a falar. — Ela quem traiu sua filha e eu que ainda apanho?

— Ricardo? — sabia que o delegado viria me procurar.

— Sim.

— Preciso falar um momento com o senhor, pode ser aqui no corredor mesmo.

— O que você quer com meu pai, Murilo? — Emely levantou e já estava pronta para agredi-lo, se fosse necessário.

— Tudo bem, filha, deve ser porque fui eu quem encontrou a Duda.

Acalmei a Emely e segui o Murilo que estava calado, pisando duro. Fomos para uma sala onde o Rafael nos aguardava. Não me arrependo em momento nenhum de ter feito o que fiz, mesmo que para isso, eu fosse preso. Só me arrependo de não tê-lo matado.

— O que vocês dois pretendem? Destruir a tranquilidade de minha cidade? — Murilo bateu na mesa com raiva apontando o dedo para mim. — Diga-me, Ricardo. Que porra você foi fazer numa zona de risco? E ainda por cima, espancar um dos maiores traficantes da região? — perguntou-me Murilo, cruzando os braços.

— Fui fazer o seu trabalho. — sorri cinicamente.

— Não me venha com esse jeito, querendo ser fodão. — bateu na mesa novamente. — Quero saber o que aconteceu.

— Ele andava chantageando a Duda. — soltei.

— Como? — O Rafael levantou da cadeira e veio para cima de mim. — Minha irmã?

— Sim, o encontrei tentando agredi-la quando ela entregava uma maleta de dinheiro para ele. — soltei tudo que ouvi.

— A Duda? Mas por quê? — perguntou o Rafael.

— Isso você deveria perguntar a sua irmã. — Eu me virei e disse. — Murilo, se quiser me levar preso tudo bem, mas eu faria tudo de novo. Aquele cara fez a minha mulher perder o meu filho.

— Deus! — O Murilo coçou a cabeça sem ter o que dizer.

Duda

Sentia-me dopada e queria ficar assim para sempre. Perdi tudo! Perdi meu filho e meu homem ao mesmo tempo e não tenho certeza se gostaria de viver depois disso.

Meu corpo estava oco, eu me senti vazia e infeliz.

— Duda? — Alguém me chamava e passava a mão sobre minha cabeça. Virei o rosto e lá estava meu irmão e em seus olhos eu vi lágrimas não derramadas. — Sinto muito.

— Obrigada — falei chorando. “*Queria meu filho.*”.

— Por que, Duda? Por que você deixou o Zeca fazer isso? — Ele continuava com as mãos na minha.

— Eu mereci tudo o que aconteceu Rafael, eu mereci. — chorei virando meu rosto para a janela.

— A mamãe quer te ver, mas antes você deveria falar com o Ricardo.

— Não quero falar com ele.

— Melhor fazer isso logo, irmã, pois ele não vai sair daqui antes de falar com você.

— Vamos acabar de vez com essa história. — suspirei e sentei na cama. — Mande-o entrar.

Eu sabia que não tinha para onde correr. A hora da verdade chegou. Ele entrou cauteloso ficando perto da janela, isso significa que estava nervoso. Suas mãos estavam fechadas ao longo do corpo com a cara de alguém que estava prestes a explodir.

— Você está bem? — perguntou cuidadoso.

— Não estou bem, perdi meu filho.

— Nosso filho, pois ele também era meu, apesar de não ter ideia de que teria um filho — falou chegando para perto da cama.

— Mas você não queria mais filhos, lembra? — Eu sabia que ele não tinha culpa, mas precisava culpar alguém.

— Você deveria ter me contado, Duda, eu precisava saber para poder te apoiar.

— Queria que você me amasse, queria que ficasse comigo — disse com a voz quase sumida.

— Eu faria tudo isso por você, porque te amo e você sabe disso. — tentou beijar minha testa. — Por que o Zeca disse que você traiu minha filha?

Fiquei fria com essa pergunta, mas sabia que era hora de acabar com tudo de uma vez. Nada mais me ligava ao Ricardo. Ele nunca iria assumir uma menina, como ele gostava de dizer, então o deixaria partir, mesmo que isso fosse acabar comigo de uma vez.

— Fui eu quem escondeu as roupas da Emely — falei sem encará-lo.

— Foi você? Por quê? Tem que haver uma explicação. Você não é assim! — Ele virou para a janela e pegou na parede como se fosse para se apoiar.

— Por vingança, eu estava com muita raiva de você, muito rancor.

— Não entendo!

— Você nem se lembra, mas você se esqueceu do baile, você me magoou.

— Não justifica.

— Mas eu estava com muita raiva de você, estava transtornada de raiva. Meu presente de aniversário era o seu beijo e você riu de minha cara.

— Pensei que você estava brincando. Você era uma criança.

— Eu tinha dezoito anos, porra! Continuo sendo mais nova que você, mas isso não te impediu de me engravidar — gritei chateada.

— Você estava grávida do meu pai? — Uma Emely com os olhos esbugalhados estava na porta alternando seu olhar entre nós dois.

Capítulo 30

Foi um choque essa descoberta, nem sei o que pensar, só sei que fui tola e ingênua. Mais uma vez sendo traída pelas pessoas que me amavam.

— Você estava transando com meu pai? — queria avançar e quebrar sua cara. — Você não presta!

— Você tem razão. — A Duda tinha um olhar frio, vazio. — Agora saiam do meu quarto.

Meu pai olhou sentido para ela e disse:

— Isso ainda não acabou.

— Termina aqui. — Ela respondeu e uma lágrima silenciosa desceu dos seus olhos.

Meu pai saiu me arrastando pelo corredor do hospital. Eu parecia uma boneca de pano em sua mão, sou eu quem deveria estar zangada com ele, mas era ele que estava uma fera.

— Me larga! — puxei meu braço. — Você me traiu com minha melhor amiga.

— Vamos conversar em casa, Emely.

— Não! Chega! Não quero saber, não vou com você.

Eu não conseguia raciocinar direito, estava com muita raiva. Fui enganada durante anos por aqueles dois, rindo nas minhas costas. Eles deviam me achar uma imbecil. Meu pai e a Duda! Não, eu não conseguia imaginar os dois juntos, fazendo amor. Deus! Ela era minha amiga, tínhamos quase a mesma idade com poucos meses de diferença.

— Emely, eu posso explicar!

— Não pai, você teve sua chance e preferiu me deixar de fora.

— Filha!

— Não sou mais sua filha!

Vi a dor que minhas palavras causaram em seu olhar, mas naquele momento eu só queria feri-lo, causar mais dor, assim como eu me sentia, dilacerada, então desejava o mesmo para ele.

Segui andando para casa, chorando. Não sei como consegui subir as escadas. Ainda bem que a July não estava, já devia ter ido dormir, graças a Deus. Eu não era boa companhia para ninguém no momento.

Tirei toda a roupa na sala mesmo e passei horas me esfregando debaixo do chuveiro querendo arrancar aquele dia de minha pele.

— Dudaaaaaa para! Você sabe que sinto cócegas. — Eu não conseguia parar de gargalhar.

— Você é muito fofinha, quero apertar mais. — Ela continuava me apertando. — Amo

você, amiga.

— Também amo você. Para sempre amigas? — fiz um dedinho e ela juntou o seu ao meu.

Deitamos no chão do meu quarto e ficamos olhando para o teto. Adorava minhas tardes com a minha amiga, ela era muito importante para mim.

Chorei embaixo daquele chuveiro com essas lembranças. Foram anos de amizade jogados fora. Por que eles fizeram isso comigo?

Quando saí do chuveiro tinha alguém batendo na porta. Eu não queria ver ninguém e se fosse meu pai não abriria. Era o Rafael que ainda estava com a roupa do hospital.

— Posso entrar? — estava triste. Será que sabia sobre meu pai e sua irmã?

Afastei-me dando passagem para ele.

— Vim saber como você está — falou sentando-se no sofá.

— Tudo bem. — Não queria conversar, só queria deitar na minha cama e chorar.

— Posso te dar um abraço? Não estou bem e preciso dos seus abraços hoje. — Ele abriu seus braços e eu caí neles, mas ambos sabendo que na realidade era eu quem estava precisando do seu consolo.

Sentia-me sem rumo, arrasada, dilacerada. Chorei segurando nele.

— Calma, amor, vai ficar tudo bem — murmurava beijando minha cabeça. — Calma.

— Eles tinham um caso — falei chorando.

— Eu sei.

— Você sabia? — afastei-me e o olhei com raiva, descobrindo mais um traidor.

— Sim, Emely, mas era a história deles, eu não podia sair por aí espalhando.

— Mas você devia ter me contado — reclamei.

— Se o seu pai e sua melhor amiga não contaram, por que eu, o cara que até pouco tempo você não queria nem que chegasse perto, faria isso? — sorri sem graça.

— Você tem razão, mas eles não são compatíveis, nem se amavam. — tentei argumentar.

— Como você sabe, Emely?

— Ele é meu pai.

— Sei disso, mas o amor não tem essa de escolher, Emely, ele simplesmente toma você sem previsão.

Olhei para as minhas mãos, não tinha coragem de encará-lo, pois no fundo sabia que ele tinha razão, mas não conseguia aceitar.

— Eles se amam, disso pode ter certeza. Você não acha que já tem punição demais para eles?

— Me desculpe, mas não consigo aceitar!

— Seu pai acabou de perder um filho que nem sabia que existia. Já minha irmã perdeu uma criança, seu grande amor e sua amiga.

— Ó, Deus! — recomecei a chorar. Por que nossas vidas deram tantos nós, tanta dor? O que fizemos de errado para que tudo isso acontecesse?

— Venha, vou te colocar na cama. Amanhã você pensa no que fazer.

Não queria ficar sozinha aquela noite. Depois de deitada e enrolada, ele foi para porta.

— Fica comigo! — falei antes que perdesse a coragem.

— Você tem certeza, amor?

— Sim, tenho certeza.

Capítulo 31

Ele tomou banho no meu banheiro, usou minha toalha e estava deitado sob meus lençóis. Como sonhei com esse momento! Várias vezes, para dizer a verdade, mas sempre achei que nunca se concretizaria. Hoje ele estava ali na minha cama, comigo, quentinho e só meu.

Ele apagou a luz e me abraçou por trás igual a um casal. Suspirei em êxtase, pois seus braços me davam proteção e consolo. Eu sei, parecia loucura que isso viesse da última pessoa que poderia me ajudar, mas a vida era engraçada e, às vezes, toma rumos que jamais preveríamos. Por isso, tome cuidado com o que fala ou quem julga. O planeta não gira à toa.

Estávamos abraçados, quase dormindo, pelo menos foi o que pensei, quando senti sua mão no meu rosto e seu hálito em meu pescoço. Estremeci.

— Diga-me que não me quer, peça para parar — falou em meu ouvido. Tentei articular algumas palavras e não consegui. Não me olhem com esse sorrisinho de “eu te disse que isso não vai prestar”. Hoje estou frágil, afinal, meu pai me traiu, então mereço consolo de um macho gostoso. Voltei meu rosto para ele e fundi minha boca na sua. Como era glorioso me entregar nas águas do amor. Sei que, pelo menos naquela noite, eu queria ficar em seus braços e esquecer todo o resto. Ele veio por cima e começou a me beijar. Sua língua bailava em minha boca, sua mão segurou meus seios por cima do pijama. — Tire isso. Quero você nua em meus braços. — Poucos minutos depois eu estava só de calcinha, embaixo dele e toda sua atenção estava voltada para os meus seios. Ambos lambidos, cada um teve igual atenção. Me encontrava tão molhada e louca para ter seu pau dentro mim. — Calma, amor, hoje eu não quero pressa. Irei te amar a noite toda.

— Na segunda vez você faz com calma, agora quero com força. — desculpa, mas estava com muita pressa.

Fui por cima, suguei sua língua e ele sorriu com meu apetite. Beijei seu pescoço, dei igual atenção ao seu peito, ele gemia com meus beijos, sentia-me poderosa. Fiz música com seu corpo, ele gemia a cada toque meu, a cada beijo e lambida. Tomei seu pau em minha boca, lambi, chupei e brinquei com ele.

— Emely! Ohh, Deus! Emely! — Seus gemidos não paravam. Ele segurava os lençóis amarrotando-os com sua euforia e êxtase. Levei aquele mastro duro até minha abertura e o cavalei com fúria. — Minha, minha. — Ele repetia enquanto alisava meus seios. Eu subia e descia no seu pau, encontrando-me em outro nível, no planeta do prazer. Escorregava sobre seu mastro e o senti vindo desesperado para gozar. Seus olhos nublaram e seus dedos foram até meu clitóris. Fui ao céu e voltei, quebrando-me em mil pedaços de partículas de orgasmos. — Emely, assim, goza. — Sua voz morreu, porque seu orgasmo o arrebatou e só ouvi seu grito quando se derramou dentro de mim. Caí do lado da cama, pois estava com medo de esmagá-lo. —

Precisamos aprender a usar camisinha das próximas vezes.

— Verdade, senão vou acabar grávida — disse lânguida e saciada.

— Adoraria ser o pai dos seus filhos. — sorriu e me abraçou. Por mais que eu soubesse que seria só essa, meu coração se enchia de esperança.

— Não tenha ideias, homem. Somos amigos e mais nada — reafirmei o que disse antes tentando acreditar nisso.

Acabei dormindo em seus braços e mais tarde acordamos para uma segunda rodada. Dessa vez, mais lenta e carinhosa, onde meu corpo foi todo explorado por sua língua. Não consigo contar quantos orgasmos tive naquela noite. Foi maravilhoso, afinal, toda mulher merece ter orgasmos múltiplos, e desejo isso também para você que, neste momento, me olha de cara feia.

Ricardo

Cheguei em casa um trapo, procurando logo pelo meu litro de uísque. Eu precisava me embriagar para entorpecer a mente, imaginando a morte, sabendo o quanto seria bem-vinda.

Perdi a minha filha e a mulher da minha vida, tudo em uma só noite. Sou realmente um fracassado. A Elisa tinha razão, não nasci para ser feliz. Sempre ferro com a vida das pessoas, principalmente das que mais amo.

Já estava bêbado quando bateram na porta dos fundos. “*Quem seria uma hora daquelas? Emely? Será?*”. Corri para atender todo esperançoso. Abri e dei de cara com uma pessoa toda enrolada numa capa enorme e com uma cesta na mão. Tremia de medo quando me ofereceu a cesta, seus olhos medrosos viraram para mim e a reconheci.

— July? O que faz aqui uma hora desta, menina?

— Vim trazer isso! — olhei para sua mão estendida e peguei a cesta dando passagem para ela entrar. A mesma me olhou e balançou a cabeça dizendo que não.

— Entre, estou bêbado, mas não ataco mulheres e muito menos crianças.

Deixei a porta aberta e fui colocar a cesta na mesa, abri e tinha um bolo de chocolate e uma garrafa de café com leite.

Virei e olhei-a em pé na porta, ainda parecendo um coelho medroso.

— Venha dividir esse bolo comigo.

— Só queria ajudar.

— Imagino! Como soube? A Emely lhe contou?

— Não, eu a ouvi conversando com o doutor, resolvi vim e ver como o senhor estava.

— Ela está com o Rafael? — Ela assentiu. — Você será uma boa mãe.

— Sinto muito pelo seu bebê. — Ela colocava a mesa com rapidez, cortando uma fatia de bolo para mim, colocando em minha frente, junto com uma xícara de café. — Comer um pouco vai

lhe fazer bem.

— Obrigado, July, desculpa se fui rude antes.

— Tudo bem, entendo sua proteção com sua filha. Quando meu filho nascer, quero ser uma mãe protetora também. — sorriu sem graça.

— Por que veio aqui hoje? — Não entendia sua presença ali, mas era tão bom ter alguém cuidando da gente.

— Ninguém merece ficar sozinho depois de saber que perdeu um bebê.

— Obrigado, July. — chorei e não tinha vergonha de fazer aquilo na frente daquela criança tão nova e já tão madura.

Ela ficou ali, olhando para mim em silêncio.

Capítulo 32

Acordei com alguém beijando meu pescoço. Eram beijos quentes e gostosos. De repente, acabei lembrando quem era o meliante que estava em minha cama me enchendo de beijos.

— Acorda, preguiçosa, tenho que ir embora.

— Não! Fica mais um pouquinho — reclamei ainda sonolenta.

— Não posso, amor, tenho plantão daqui a pouco.

Deu-me mais um beijo e foi para o banheiro. Ouvei o barulho do chuveiro sendo ligado. Meus lençóis tinham seu cheiro, assim continuei na cama, mas confesso, não sou uma pessoa matinal, não consigo acordar cheia de disposição, cantando igual aos personagens de filmes.

Sou péssima pela manhã, só funciono depois de um bom café. Desculpe-me, mas nem sexo me deixa acesa, só aquele pretinho básico numa xícara com aquele cheiro de pão com manteiga. Sendo assim, nada de sexo selvagem pela manhã por aqui.

Ele voltou e me olhou totalmente enrolada nos meus cobertores e deu risada. Já estava totalmente vestido para sair. E vou confessar de novo, não me senti culpada por ter feito sexo com ele.

— Queria voltar para cama, mas o dever me chama e quero ver minha mãe antes de tudo.

— Tudo bem. Sua mãe deve estar arrasada com essa situação.

— Um pouco, mas ela está dando todo apoio à Duda, afinal, perder um filho é um trauma muito grande.

Fiquei em silêncio, mas suas palavras me atingiram em cheio. Meu pai devia estar sofrendo e eu não consegui ver sua dor. Só enxerguei minha mágoa. Ele não merecia meu desprezo, e sim meu conforto naquele momento.

Levantei da cama rapidamente e comecei a procurar minhas roupas.

— Você não pretendia dormir mais um pouco? — Ele me olhava, sorrindo.

— Preciso ver meu pai. — estava com o sentimento de culpa.

— Se arrume e deixa você lá. — Não disse mais nada e foi para sala.

Era estranho estarmos agindo naturalmente naquele momento, sem aquele peso da mágoa, dor e desconforto. Parecia até normal ele estar ali.

Tomei um banho rápido e peguei sua carona até a casa do meu pai. Antes de descer do carro, pensei em algumas coisas para dizer, mas não tinha palavras. Rafael buscou minha mão e apertou com se tivesse me confortando. Desci do carro com uma sensação de vazio, mas com certeza de que iria fazer a coisa certa.

Entre na casa do meu pai e estava tudo silencioso. Provavelmente estaria dormindo. Imagine qual não foi meu susto ao encontrar a July encolhida no sofá e meu pai jogado na mesa

dormindo, parecendo ter bebido todas.

— July? — O que ela fazia ali?

— Dona Emely? Acho que peguei no sono. — parecia desnorreada olhando para todos os lados. — Seu pai?

— Dormindo na mesa da cozinha. O que faz aqui?

— Vim ver seu pai ontem à noite, mas acho que peguei no sono.

— Por quê? — Não conseguia entender o que podia ter motivado aquela visita.

— Ele precisava de um ombro amigo, perder um filho não é fácil!

Foi como um tapa em minha cara. Eu, como filha, não tive sensibilidade nenhuma pela dor do meu próprio pai e a July, que nem se dava bem com ele, veio em seu socorro. Sou uma péssima filha, fui egoísta e mesquinha.

— Obrigada, July! — exclamei com os olhos cheios de lágrimas.

Ela levantou com toda aquela barriga se esticando. Fiquei com pena, uma pessoa tão nova, mas cheia de maturidade e amor pelo próximo.

— Seu pai é um homem bom — falou isso indo para o banheiro. Estaria apertada, afinal, bexiga de grávida é terra sem lei.

Voltou um tempo depois e, tomando conta da cozinha, começou a colocar água para ferver e fazer um bom café. Era uma menina espetacular, merecia ser feliz, ter uma vida melhor.

— Pai? — precisava acordá-lo. Estava fedendo como um porquinho de tão bêbado.

— Emely? — Sua voz estava enrolada com o efeito do álcool.

— Vamos tomar um banho e depois um café reforçado.

Ele sorriu ainda tonto e foi para o quarto tomar o banho. Ajudei a July com o café e trinta minutos depois estávamos todos à mesa. Meu pai, perfumado, mas com o semblante triste e magoado.

— Pai, quero te pedir desculpas por ontem.

— Não filha, eu que fui errado em esconder de você meu relacionamento com a Duda. — Ele buscou minha mão e segurou para enfatizar suas palavras.

— Não, eu estou errada. Vocês dois são adultos e se amam, então quem sou eu para ser contra isso?

— Acho que acabou. Não tem mais como voltarmos.

— Pai, o senhor não pode abandoná-la neste momento. Ela está precisando da sua atenção e carinho.

— Filha, a Duda não me quer na vida dela. Existem coisas que só ela para te explicar.

— Não entendo por que essa recusa em ficarem juntos, agora que todos na cidade vão saber. Não vejo a necessidade de esconder.

— Eu amo a Duda. — Uma tristeza turvou seu olhar. — Mas ela não é mulher para mim.

Levantou da mesa, decidido, e foi para a oficina. Fiquei alguns minutos pensando em tudo que ele me disse e só tinha uma pessoa para me ajudar a entender aquela bagunça.

— Acho que a senhora devia procurar a Dona Duda. Eles se amam e podem ter outros filhos.

— Verdade, July. Você segura as pontas da floricultura para mim?

— Sempre, pode contar comigo.

Nunca tive irmãos, mas a July era a irmã que eu queria ter. Nunca conheci alguém tão pura, com o coração tão grande, apesar dos problemas que passou na vida.

— Obrigada, irmã. — Ela me olhou com carinho e apertou meus dedos. Depois levantou, colocou a xícara na pia e pegou uma cesta saindo pela porta da cozinha.

Murilo

Ela passou pela viatura e não olhou para os lados. Fico pensando como alguém tão pequena poderia parecer tão sexy, mesmo com aquela barriga enorme. Tinha que parar de olhar aquela garota desse jeito. Era muito nova e provavelmente devia ser quebrada igual a mim.

Não tinha direitos sobre ela, pois já tinha problemas suficientes com a Emely para me meter com sua protegida. Mas eu também queria protegê-la, cuidar dela.

Tinha vontade de matar o cachorro que a abandonou grávida, pois não era coisa de homem fazer com uma garotinha. Quando a Kátia me contou que perdeu nosso filho na confusão do meu irmão, meu coração quase partiu em mil pedaços.

Quantos anos teria meu filho? Pareceria comigo ou com ela? Aquela mulher merecia minha atenção, tinha uma dívida com ela, passou por tudo sozinha, enquanto me acabava em bebida.

Então, era melhor tirar a July da cabeça, mas ela parecia tão pequena, tão frágil, acabei não resistindo e comprei um pedaço de bolo de chocolate e fui à floricultura. Talvez a Emely estivesse lá e cortasse minha loucura.

Entrei e a encontrei sozinha naquele vestido enorme azul. Sua barriga já estava bem saliente. Quando me percebeu tomou um susto. *“O que eu diria a ela? Porra, não faço ideia do que falar, nunca fiquei sem palavras com uma mulher antes.”*

— Trouxe um pedaço de torta para você. — acho que gaguejei.

Fui até o balcão e ela franziu o rosto em descrença olhando para o bolo como se não acreditasse em minhas palavras.

— Por quê? Dona Emely não está.

— Não, trouxe para você. Na realidade estava vendo você passar com essa barriga e pensei que seu bebê gostaria de um bolo de chocolate. Sei que foi bobagem minha, desculpa.

Estava me sentindo um idiota. Ela não tirava os olhos de mim como se eu tivesse

enlouquecido ou fosse atacá-la.

— Não, obrigada. Adoro bolo de chocolate, mas ninguém nunca comprou nada assim para mim.

— Pois então, esse povo deve ser louco, porque você tem cara de mulher que ama bolo de chocolate. — sei que deve ter suado bobo, também achei.

— Obrigada, gostei do presente e o bebê também agradece.

— Já sabe o sexo? — Não queria ir embora.

— Ainda não, mas Dona Emely acredita que seja um menino.

— Pode ser uma menina bonita igual à mãe. — Ela ficou vermelha e abaixou a cabeça. Dava para perceber que era preciosa aquela mulher. Como alguém poderia magoá-la? — Vou indo, foi um prazer, July.

— Obrigada, delegado.

— Murilo, me chame de Murilo.

— Murilo, obrigada pela torta. — sorriu lambendo os dedos sujos de chocolate. Era tão inocente que não percebia que aquela cena me deixava em chamas.

— O prazer foi meu.

Capítulo 33

Fui até a oficina e encontrei meu pai sentado numa cadeira, com a cabeça entre as mãos. Foi quando percebi que eu não tinha dimensão do seu sofrimento naquele momento. Às vezes falamos que sei como é sua dor, mas, na realidade, não sabemos, pois cada ser humano sente sua dor de forma diferenciada e ninguém jamais saberá qual é a dor do outro.

É por isso que procuro não julgar quando as coisas acontecem. Você não sabe como vai reagir até se encontrar na mesma situação.

Sentei-me ao seu lado e fiquei calada. Como consolar alguém que perdeu um filho que nem sabia que iria ter? Como consolar alguém que estava apaixonado por uma garota mais jovem? Não sei, realmente não sei, mas ele é meu pai e morreria para protegê-lo, para amá-lo. Não aguentando mais o silêncio, abracei-o e meu coração esfaqueou ao sentir suas lágrimas molhando meus braços.

— Ohh, pai! — Não suportei ver meu velho sofrendo assim.

— Não sei como vai ser agora — falou em um fio de voz.

— Vai ficar tudo bem. Vocês farão as pazes, vão ficar juntos e ainda me darão muitos irmãos. — consolei-o precisando ver seu sorriso.

— Não, Emely, não tem jeito. A Duda que amo não é a mesma.

— Como assim? — Não entendi. Agora estava na dúvida.

Ele levantou, foi para o outro lado da oficina e começou a andar nervoso em volta dos carros que estavam ali para serem consertados.

— Eu sempre pensei que amei sua mãe, mas depois vi que foi um engano meu relacionamento com ela. — fiquei triste ao ouvir aquilo, porque isso queria dizer que eu fui um erro. — A única coisa boa foi você. Eu acordava todos os dias por você, aguentei cada humilhação e até casos dela, porque queria uma família para minha pequena, aquela família que eu nunca tive.

A cada palavra eu o amava mais. Sempre soube que meu pai era um solitário e sofredor, mas ele merecia amar e ser amado.

— Eu sou sortuda em ter um pai como você — disse enxugando as lágrimas.

— Quando sua mãe foi embora, Deus que me perdoe, mas fiquei bêbado de alegria, pois eu odiava aquela mulher.

— Eu também fiquei feliz que ela tenha ido.

— Ela foi péssima para nós, deveria tê-la mandado embora antes — falou com rancor.

— Mas eu tinha você e isso é o que importa. Eu te amo, pai, quero você feliz — disse para ele.

— Eu sei. Você é meu maior tesouro — falou olhando para frente. — Mas quando a Duda começou a se tornar uma mulher, eu a desejei. Porra, era a melhor amiga de minha filha, mas eu a queria, adorava quando ela chegava, amava cada sorriso. — Ele olhou para as mãos e continuou. — Sofri quando percebi que não tinha nada para oferecer a uma menina rica e linda, mas ela me escolheu, me queria. Tentei resistir as suas investidas e até consegui durante alguns anos, mas naquela noite do ano passado, ela veio até mim e aí não consegui mais. Eu tinha ciúmes, era possessivo, rude, ela era minha e eu não conseguia mais disfarçar.

— Por isso ela não namorava ninguém, sempre evasiva com os caras. Ela esperava por você, sempre foi o dono do coração dela. — Agora as peças encaixavam. Agora eu consegui entender por que uma pessoa tão linda como a Duda não namorava ninguém.

— Ela dizia sempre: “Vou te esperar, se não for você não será mais ninguém.”. — Ele passou a mão nas lágrimas. — Eu a amo, Emely, não sei como vou seguir sem ela, não sou tão forte como devo ser para você.

— Por quê? Você merece ser feliz depois de tudo que passou na vida. É lógico que eu aceito esse amor, eu apoio sua felicidade, eu amo você e amo minha amiga.

— Você não sabe de nada.

— Então por que não me conta? Fala, pai, só assim eu conseguirei entender por que vocês dois estão sendo cabeça dura.

— Emely, esqueça essa história, vá pra casa.

— Eu não sou mais uma criança e se o senhor não quer me contar, irei descobrir sozinha.

Capítulo 34

Estava espumando de raiva, todos ficavam dizendo: “Deixa pra lá, Emely, vai passar, Emely, vamos proteger a Emely.”. Porra, tenho cara de lerda? Sou maluca? Criança? Não me olhem assim, tenho todos os motivos para querer tirar essa história a limpo. Minha melhor amiga estava namorando meu pai, e a Emely? Foi a última a saber. Estou cheia desta história!

Meu celular tocou no caminho. Era um número desconhecido, por causa da raiva, atendi quase gritando.

— Alô!

— Emely? — Voz de homem do outro lado.

— Claro, você acha que ligou para quem? Rainha da Inglaterra? — O povo liga e não sabe para quem. Me poupe!

— Desculpa, é o Adriano da Revista Woman.

Eita lascou! Nem fiz as fotos e já perdi a chance pela falta de educação. Com tudo isso acontecendo me esqueci das drogas das fotos.

— Oi, como vai? — tentei amenizar a queimada.

— Tudo certo para amanhã?

— Humm, sim, claro. — Não posso perder a chance.

— Tudo bem, então. Amanhã estarei aí.

— Ok, obrigada!

Nossa! O dia estava tenso. Cada hora acontecia uma coisa e eu lá tentando organizar a confusão. Estava quase chegando ao hospital quando uma moça que conhecia de vista estava caminhando na minha frente com a amiga falou:

— Dra. Duda? Não acredito.

Neste momento desacelerei os passos, pois queria ouvir a conversa para colher informações.

— Com o mecânico? Que tosco! Tanto homem lindo da classe dela e foi pegar um velhote sem dinheiro? Se bem que ele é um gato de banho tomado. — Meu sangue ferveu. Como podem julgar as pessoas assim? Pelo dinheiro? Cor? Classe social? Que raiva! — E ainda se meteu com um drogado, pelo jeito era viciada e estava comprando drogas e quando não pagou o que devia, os caras bateram tanto nela que acabou perdendo o bebê.

Não acredito no que meus ouvidos estão ouvindo! Como as pessoas inventam histórias assim? E o pior, passam a informação adiante e acreditam no que inventam.

— Pior para o mecânico, perdeu a chance de ter um herdeiro. — As duas caíram na risada e, não suportando mais a conversa, gritei com as duas.

— Suas fofoqueiras, ordinárias! Deviam ter vergonha de passar tanta mentira à frente! — Elas se espantaram e me olharam com a cara que dizia: “Vamos fugir que a coisa vai ficar preta.”.

— Você ouviram suas próprias palavras? Perceberam que estão denegrindo pessoas de bem?

— Você defende porque é seu pai. Não temos culpa da pouca vergonha deles. — Ainda tentou argumentar.

— Vocês são culpadas por cada palavra que dizem, duas fofoqueiras.

— Sua louca, gorda de merda!

E saíram correndo. Que mundo mais sujo! Vergonha me define neste exato momento. Vergonha de pessoas que acreditam em tudo que ouvem e ainda reproduzem essas palavras sem medo. Não pensam que podem acabar ou denegrir a vida de alguém.

Cheguei tremendo no hospital. Fui até a recepção e a moça deixou claro que estava proibido visita para Dra. Duda a pedido da mesma. Argumentei que era amiga dela e tomei um soco de realidade quando ela disse que meu nome estava na lista das pessoas que não poderiam entrar.

Duda

Amanhã eu receberei alta e terei que enfrentar o mundo, dar explicações, mas, no momento, só queria ficar deitada, lambendo minhas feridas.

Não sei se conseguiria sorrir novamente ou dormir. Tudo por causa de um pecado que cometi em um momento de bebedeira e raiva que machucou e magoou muita gente. Só entendi as consequências dos meus atos quando vi minha amiga completamente nua na praça e seu pai a cobrindo.

Aquela cena me assombrou durante anos. Tenho pesadelos e sempre acordo gritando. Tive que confessar a verdade para minha mãe e ela sempre me disse que eu deveria ter contado a verdade, mas agora era tarde.

O Rafael entrou com cara de poucos amigos e veio com o dedo apontado para mim.

— Como você não deixa a Emely entrar para te ver? Por que isso tudo?

— Não quero falar com ninguém. — virei para a janela.

— Sei que está sofrendo, mas não pode se esconder do mundo, não pode ficar aí nesta cama se vitimando.

— Posso e estou fazendo isso. Por acaso você já perdeu um filho? Perdeu seu grande amor? Você não sabe de nada!

— Como é que você pode dizer isso? Eu perdi meu pai, minha família, a mulher da minha vida e você ainda se achando a vítima? — Ele me olhava duro e cruel e eu sabia que não tinha como revidar suas palavras.

Derramei lágrimas de dentro da alma. Meu corpo tremia de dor, culpa, rancor. Queria morrer. Ele veio até mim e me abraçou. Como sempre ele era o mais forte de nós dois.

— Diga para mim o que mais te machuca, fala comigo!

— Ohh, irmão! Nossa! Eu sou a culpada por sua desgraça com a Emely. Naquela noite, fui eu quem escondeu a roupa dela.

— Eu sei, quer dizer, eu já desconfiava, mas só nunca entendi o porquê. Por que, meu amor? — Ele ainda estava me abraçando, ainda estava ali comigo, não me abandonou.

— Porque sou má, sou ruim, não presto! — falei tremendo entre as lágrimas.

— Você nunca foi e eu nunca conheci uma pessoa tão altruísta como você. Eu sei que tem outra explicação, deixa eu te ajudar.

Toda a história veio como enxurrada em minha boca. Ela estava lá, entalada e eu precisava falar, precisava contar, pois já tinha passado da hora.

Naquela noite estava tudo preparado. Meu vestido era lindo, a Emely que ajudou escolher. Seria a noite mais feliz de nossas vidas, pois meu irmão finalmente caiu na real que a Emely era a menina certa para ele. Eu estava tão feliz.

Hoje irei me declarar para o Ricardo. Seremos uma grande família feliz, não vejo a hora...

— Filha, vamos começar a nos arrumar? — Minha mãe gritou da porta.

— Sim, mãe! Vai ser um grande dia. — suspirei.

Capítulo 35

Eu estava arrasada com essa recusa da Duda em me receber, queria poder ficar ao lado dela, tentando ajudar a curar sua dor. Ela precisava de mim naquele momento.

Chorei o dia inteiro, pois toda vez que lembrava começava a chorar, soluçava. A July praticamente me colocou para fora da floricultura, dizendo que estava assustando os clientes.

Uma moça pediu uma dúzia de cravos, comecei a fazer o pacote dela e acabei me lembrando da Duda, então comecei a chorar. A moça ficou assustada e foi embora.

Já era noite quando bateram em minha porta. Quando abri dei de cara com o Rafael. Parecia que também estava chorando, porque seus olhos também estavam inchados.

— O que aconteceu? Por que você chorou? — fiquei preocupada e o puxei para dentro do apartamento.

— Não foi nada, estou cansado, só isso. — Mentira dele.

— Vem, senta aqui. Quer conversar? — perguntei levando-o para o sofá.

— Não, estou bem, amor, só queria vê-la. — deitou-se em meu colo e ficou calado.

— Tudo bem, hoje o dia foi bem complicado — falei tentando quebrar o gelo. — Sua irmã me barrou no hospital.

— Sei, ela está sofrendo. Ela só precisa de um tempo, depois tudo vai ficar bem. — levantou e foi à geladeira, pegando a jarra de suco e colocando no copo.

— Se sentindo em casa? — perguntei achando engraçado como ele se comportava como se a casa fosse dele.

— Claro! A casa da minha namorada também é minha casa. — riu suspendendo o copo num brinde silencioso.

— Não sou sua namorada, que fique claro isso. Ontem à noite foi bom, mas não estou namorando você. — Ele fechou a cara, mas logo deu um sorriso.

— Estamos namorando, só você não sabe disso. — pegou meu rosto e beijou minha boca de leve. — Vamos fazer um piquenique amanhã?

— Não posso — falei me soltando. Estava ficando muito grudento aquilo. — Tenho compromisso.

Ele estreitou o olhar e veio ficando perto de mim.

— Com quem?

— Não te devo satisfação. — Não me olhem feio. Ele é lindo, mas, mesmo assim, fez merda comigo antes. Ele é homem, não se pode confiar! — Queria uma pizza hoje.

Olhando de cara feia foi até meu telefone e ligou para uma pizzaria pedindo duas pizzas de vários sabores. Poderia até me apaixonar novamente por ele só por esse gesto, pizza é golpe

baixo!

— Ohhh, amei! Obrigada seu lindo, vou tomar banho e já volto. — mandei um beijo de longe para ele.

Entrei no banheiro e tirei a roupa, estava cansada emocionalmente, tanta coisa acontecendo e ainda tinha o Rafael se aproximando demais.

O box abriu e ele entrou totalmente nu e com um sorriso safado no rosto. O homem sabia ser gostoso com aquela barriga tanquinho.

— Rafael, você não deveria forçar as coisas assim! — sei que vocês estão de sorrisinho agora mesmo. Queria ver a cara de vocês ao terem um cara de um metro e oitenta, puro músculo e beleza, nu em seu banheiro. Bommm, agora morreu o sorriso, né, bandidas?

— Cala a boca Emely. Só quero tomar banho com minha amiga colorida. — Safado de uma figa.

Segurei meu rosto esmagando minha boca com a sua e jogando meu corpo contra a parede. Sua língua fazia uma dança deliciosa contra a minha.

Beijava-me com força. O beijo foi duro e molhado. Queria aquele homem naquele momento entre as minhas pernas, estava sedenta por ele. Correspondi igualmente. Nós dois precisávamos extravasar tanto sentimento, tantos acontecimentos. Nossas vidas pareciam uma montanha-russa.

Ele soltou meu rosto se afastando, mas desta vez fui eu que tomei atitude de pegar sua mão e trazê-la de volta. Já tinha ido longe demais para negar meu desejo. Seu dedo deslizou para dentro de mim. Queria mais, muito mais, aquilo era pouco. Ele me virou ficando de costas, agarrou meu quadril, empinei a bunda e ele veio entrando com tudo. Ofeguei de desejo. Segurando minha cintura com força, ele movimentava sem parar, onde cada estocada era o céu, com o chuveiro sobre nós, molhando e deixando mais essa lembrança de como o sexo entre nós era arrebatador.

Eu sabia que com seus dedos enterrados em minha pele, deixariam marcas depois, mas não me importava, pendii a cabeça e gritei gozando em volta de seu pau. Ele gozou em seguida silenciosamente, mas me segurando firme com seu rosto repousado em minhas costas. Foi maravilhoso. Acabaria viciada nele se não tomasse logo uma atitude.

— Você é incrível! — exclamou ofegante.

Capítulo 36

Comemos a pizza na cama, pelados. Não havia sensação melhor, a liberdade, o carinho, a cumplicidade. Meu coração estava apavorado, mas no fundo estava feliz em viver essa experiência.

— Você comeu a parte de calabresa toda! — Ele fingiu chateação. — Poxa, amo pizza de calabresa.

— Eu também, por isso garanti a minha parte. — sorri me jogando na cama.

— Como vai nossa grávida? — perguntou mordendo um pedaço de pizza de pepperoni.

— A July? Está bem. Você acredita que ela foi cuidar do meu pai no dia em que sua irmã perdeu o bebê? — Ele me olhou duvidando. — Sério, tomei um susto quando a encontrei lá em casa pela manhã.

— Ela é muito boa, tão nova e com um coração grandioso, essa menina merece muito ser feliz.

— Verdade, daqui a uns meses ela vai saber o sexo do bebê, não é?

— Acho que já dá pra saber. Vou marcar uns exames para ela.

— Vamos ajudá-la. Ela é tão legal e não tem ninguém.

— Você tem um coração de manteiga que eu adoro. — beijou minha bochecha e levantou para levar as caixas da pizza para a cozinha. Aquela bunda era de querer morder.

Voltou com duas taças de vinho, sentou pelado na cama, com todo aquele material à vista. Fiquei superexcitada e resolvi que gostaria de experimentar novas posições. Ele percebeu meu olhar e sorriu.

— Desculpa, mocinha, mas tenho plantão hoje à noite. Amanhã podemos brincar mais, pretendo dormir aqui e não adianta trancar a porta.

— E por acaso eu disse alguma coisa? — olhando para aquele pau enorme adormecido quem iria reclamar?

— Muito bem, vamos almoçar amanhã?

— Não posso, tenho compromisso — falei deitando no travesseiro, completamente nua.

Ele gemeu e veio para cima de mim. Acho que vai dar tempo para uma segunda rodada.

— Você fica nua com esses peitos deliciosos, não aguento! Poxa, vou acabar chegando atrasado!

— Mas é por uma boa causa. — estava me sentindo depravada.

Realmente ele se atrasou, mas saiu sorrindo.

Acordei sorrindo, plenamente saciada. Uma noite com sexo e pizza levanta qualquer astral, daqui a pouco faria as fotos para a revista. Estava muito feliz.

Tomei café com a July e esperei o Adriano, que veio sozinho com a câmera e um bloquinho de papel. Sempre simpático, tirou várias fotos da July na floricultura. Disse que seu rosto era lindo e deu o seu cartão para ela procurar por ele depois da gravidez.

Ela ficou vermelha e agradeceu. Começamos a conversar para descobrirmos por onde começar as fotos. Ele resolveu que na pracinha seria um bom lugar e o estúdio onde eu fazia aula de *pole dance*.

Eu mesma fiz minha maquiagem e o Adriano deu alguns toques dizendo que já estava acostumado com isso, mas deixando bem claro que não era gay. Já pensou? Seria um desperdício um homem delicioso daquele ser gay.

Tirei várias fotos em casa, na pracinha e, com isso, toda a cidade estava olhando curiosa. Um bando de fofoqueiros desocupados chegando ao ponto de algumas meninas perguntarem quanto era o book de fotografia. Vocês acreditam?

Todas saíam assustadas quando ele dizia que era fotógrafo da Revista Woman. A cidade estaria fervendo na fofoca agora.

Paramos para almoçar e fomos para um restaurante junto com minha grávida preferida. Ela ficava toda vermelha quando Adriano elogiava os ângulos de seu rosto, era bonitinho de ser ver.

Quem parecia bem zangada era a Kátia, porque o delegado não tirava o olho de nossa mesa. Ela estava com cara de poucas amigas, uma fera. Não sei por que ele ficava olhando, não devíamos nada a ele, mas isso era bom para me lembrar de que eu precisava procurar um advogado para enquadrar aquela louca.

Fomos para o estúdio depois. Troquei a roupa por uma malha, morta de vergonha, mas o Adriano estava hipertranquilo e me deixou muito à vontade. Tiramos várias fotografias.

Quando estava parada do lado dele olhando para uma foto que ele tirou e eu adorei, ouvi meu nome ser dito de forma brusca. Virei assustada e lá estava o Rafael me perfurando com seu olhar.

— Emely, não tem celular, não? — Hummm? Isso mesmo?

— Tenho! Por quê? — tinha esquecido o celular totalmente.

— Liguei para você várias vezes e nada de você atender, fiquei preocupado.

— Mas não precisa fazer cena, não é? Esse é o Adriano. — Adriano estendeu a mão para o Rafael, que apertou com má vontade. — E esse é o Rafael, meu amigo.

Pude perceber que não gostou como o rotulei, porque cruzou os braços e abriu as pernas se mostrando um macho alfa. Me poupe, só faltava essa.

— Posso saber o que você está fazendo? — perguntou para mim, olhando para o fotógrafo.

— Estou tirando fotos. — O Adriano se afastou e continuou olhando para a câmera. — Pare de se comportar como um namorado ciumento — falei entre os dentes.

— Mas eu sou um namorado ciumento. — Ele tentou me abraçar, mas eu consegui me

afastar. — Emely, ontem mesmo você estava embaixo de mim gemendo e hoje fica aí sendo evasiva e grossa comigo.

— Cala boca! Não te dou o direito de vir aqui falar assim comigo. Não quero conversa com você, seu idiota.

— Desculpa, falei besteira. Mas você poderia ter me avisado que iria fazer umas fotos com roupa indecente.

— Não sou sua namorada, não devo explicações de minha vida. Agora dá o fora — falei mostrando a saída. Ele saiu, mas ficou do lado de fora olhando com cara zangada.

Voltei para o Adriano, pisando duro e muito chateada, que tirou uma foto minha antes que eu percebesse.

— Você fica maravilhosa com esse ar de mulher poderosa, zangada, capaz de conquistar o mundo.

Acabei sorrindo para ele e voltei para as fotos. Ouvi quando o Rafael bateu a grade com força e saiu.

— Esquentado seu amigo.

— Muito!

Ricardo

Precisava vê-la, não suportava mais ficar sem notícias, por isso estava ali na porta de sua casa como um bobo esperando para saber se ela queria me ver.

Sua mãe, sempre gentil, pediu para entrar e ter paciência. Honestamente, pensei que ela iria ficar uma fera ao saber que engravidei sua filha.

Alguns minutos depois ouvi um choro e a voz da dona da casa firme. Uma moça simpática disse que poderia seguir em frente que a Dona Duda estava no jardim.

Ela estava sentada, perto de umas roseiras, sozinha e chorando. Sentei no banco ao lado e esperei ela me perceber.

— Por que você não me esquece? — Ela questionou olhando para mim com os olhos vermelhos de chorar. — Acabou tudo!

— Não vim pedir para voltar. Quero explicações sobre aquela noite. Preciso saber por que você fez aquilo.

— Eu odeio você! — disse olhando-me com raiva.

— Você não me odeia. Você não consegue viver com a culpa e agora resolveu transferir para todos a sua volta. — rebati sem pena. Estava na hora daquela garota crescer. — Então não me venha com essa conversa de ódio, quero a verdade!

— Eu... — Ela mudou o olhar de indignada para medo.

— A verdade, Duda!

Duda

Estava cansada daquela fachada de garota mimada, daquele medo. Estava morta por dentro, estava morta para o mundo.

— Eu vou contar — disse olhando para ele pela última vez. — Eu te amo.

— Também amo você e sinto muito pelo que aconteceu.

— Eu sei, não foi sua culpa, eu mereci perder meu filho. Eu o programei, queria ter um filho seu, seria minha companhia e ligação com você depois que descobrisse a verdade sobre aquele dia.

— Você devia ter me contado, poderíamos enfrentar o mundo juntos.

— Você não vai me perdoar, a Emely nunca me perdoará.

— E seu irmão?

— Ele entendeu e ainda tentou justificar, mas eu sei que não tem justificativa.

— Tem que ter, você não é má, nunca vai me convencer. Eu vi tudo que já fez pelos amigos, família, por mim e agradeço por isso.

Ele era um homem incrível, um pai maravilhoso e eu perdi tudo isso.

— Estava louca para te achar na festa, queria me declarar e pedir meu primeiro beijo de verdade. Eu guardei para você. — fechei os olhos e lembrei-me de toda cena.

— Ricardo? — chamei-o, toda feliz. Ele estava lindo no terno preto, era o homem mais lindo que já tinha visto e seria todo meu.

— Sim? Duda! Como você está linda? — falou me olhando com admiração e isso me deu certeza de que daria certo. Ele também me queria, já tinha dezoito anos.

— Posso falar com você em particular? — perguntei grudando em seu braço.

— Claro! Você viu a Emely?

— Ela deve estar por aí. — Nunca iria dizer que ela saiu com meu irmão. Jamais vou estragar a noite de minha amiga. — Vamos ali fora.

Saí com ele e quando já estávamos perto do estacionamento, resolvi falar.

— Ricardo, fiz dezoito anos essa semana. — olhei em seus olhos e ele parecia em dúvida.
— E queria um presente.

— Soube da sua festa de aniversário, parabéns! — sorriu feliz.

— Queria pedir um beijo. — fiquei vermelha ao dizer isso.

— Como? — Ele sorriu achando graça, fiquei com medo. — Você quer um beijo?

— Sim, eu gosto de você desde criança, sabe? Você é meu príncipe.

Ele já não sorria e parecia ter se zangado, nada estava sendo como imaginei.

— Você é uma criança, não devia fazer esse tipo de brincadeiras. Eu conheço e respeito você e sua família, imagine se fosse outro homem, Maria Eduarda?

Eu não entendi por que ele ficou chateado. Eu já era uma mulher, sabia o que queria e ele era o que eu queria. Por que era tão difícil de entender? Estava arrasada, com raiva dele.

— Não sou criança!

— É uma menina mimada que mal saiu das fraldas e já quer se meter em confusão.

— Não sou criança, você está partindo meu coração, eu amo você. — tentei abraçá-lo chorando.

— Pare com isso, você bebeu, sua maluca!

— Não, eu não bebo.

— Então largue de infantilidade e vamos voltar para festa.

Arrastou-me pelo estacionamento como se eu fosse um bebê. Na porta da festa me largou e nem olhou para trás.

Chorei e pela primeira vez bebi. Tomei um litro de vodca, sentia-me arruinada, nunca mais amaria novamente, aquele ogro quebrou meu coração. Sentei, bêbada, numa caixa de cerveja, sozinha e amargurada, quando uma sombra caiu sob meus olhos. Levantei a cabeça.

— Zeca?

Capítulo 37

Eu estava cansada depois de tantas fotos. Acabei jantando com o Adriano e voltei para casa, encontrando um Rafael furioso me esperando sentado na escada. Joguei pedra na cruz, só pode. Por que eles complicam as coisas?

Passei por ele e não falei nada. Entrei com ele atrás de mim, pisando duro e muito puto da vida. Percebi que a noite seria complicada.

— Quem é aquele cara? — foi logo questionando ao bater a porta.

— Aquele era o Adriano, o fotógrafo — respondi de má vontade.

— Sim, então por que ele estava tirando fotos sua de malha? Não entendi. — Bonito, mas idiota, estava cansada.

— Peraí, Rafa, eu não estou entendendo esse seu ciúmes. Já deixei bem claro que somos amigos e mais nada, então não lhe devo satisfações.

— Sério? Amigos? Amigos íntimos você quer dizer? Porque até ontem, você estava gemendo debaixo de mim. — Será que era preciso ele me lembrar dessas coisas? Realmente necessário?

— Você é um ignorante, mal-educado, que fica jogando na minha cara as minhas fraquezas, nem para amigo de foda você serve. — Não me olhem de cara feia, sei que vocês também queriam ter um amigo de foda, sem compromisso e sem satisfação e ainda por cima gostoso como o Rafa!

— Eu não sou somente a porra de seu amigo de foda! — Ele gritou chateado. — Porra! Para de dizer isso, você é minha mulher, caralho!

— Não sou não! — Já estava chateada para não começar uma discussão. Fui até ele e bati meu dedo em seu peito.

— Não? Tem certeza? — Rapidamente ele me jogou no sofá e montou por cima. Acabei ficando sem ar quando minha boca foi invadida por uma língua enorme. Uauu, meu fôlego foi roubado com aquele beijo fervoroso. — Diga, Emely, diga que você é minha! — ordenou enfiando a língua em meu ouvido. Jesus me abana! Socorro! Já estou molhada até minha quarta geração.

— Pare com isso, Rafael! — consegui me soltar.

— Você está a fim daquele fotógrafo, é? Não acredito! Aquele cara sem graça, cheio de frescura? — Humm? É isso mesmo, senhor?

— Ficou louco? Quem está a fim de quem aqui? Você pirou geral.

Fui para o banheiro, tomei banho e quando voltei, ele não estava mais lá. Meu coração ficou apertadinho. Pensei que ele iria me seguir para o banho, me enganei.

— Dona Emely? — July chamou da porta.

— Entra July, como foi o dia?

— Tranquilo, vou tomar um sorvete na praça. Quer ir comigo? — estava cansada, mas ao olhar para July, eu a vi com aqueles olhos esperançosos que eu não poderia dizer não.

— Claro! Vou trocar de roupa e te encontro lá embaixo.

Vesti uma blusa preta e *legging* da mesma cor e tênis confortáveis. Aproveitaria e veria com a July o dia para comprarmos o enxoval do bebê.

Fomos até a pracinha e, como sempre, pedi meu sorvete de tapioca e a July optou por sorvete de morango. Parecia uma criança. Acredito que devia estar com desejo de tomar sorvete.

— Meu Deus, você está tomando com tanto gosto esse sorvete que vou acabar pedindo um desse sabor também — falei sorrindo.

— Passei o dia pensando em sorvete — disse saboreando mais uma colherada.

— Devia ter vindo tomar logo, vai que esse grão de feijão nasce com cara de sorvete de morango?

— Falando nele, Dona Emely, amanhã vou fazer a ultrassom para ver o sexo do bebê.

— Maravilha! Vamos saber o sexo? Que bom! — estava feliz por ela, mas ela estava triste, não sei por que. — Ficou triste, July?

— Não, estou feliz, só que todas vão ter o marido do lado para acompanhá-las e eu estarei sozinha.

— Quem disse? Eu estarei lá com você. Qualquer coisa a gente diz que somos um casal, que tal?

— A senhora é incrível! Ficarei muito agradecida por não precisar ir sozinha, é muito importante para mim.

— Estarei com você, July, sempre que puder. Você sabe que pode contar comigo, não sabe?

— Sei! A senhora é a única família que tenho. — Meus olhos encheram de lágrimas.

— Seus pais, você não sabe onde estão?

— Não os conheci. Fui criada em um orfanato e depois dos dezoito fui trabalhar e morar em um sobrado com outras garotas.

— Onde estão elas?

— Não eram boas pessoas. Elas deixaram o pai do bebê entrar em troca de dinheiro. — Ela olhou para o outro lado da praça, para algumas crianças brincando.

— Como assim, July? Ele não era seu namorado? — estava chocada.

— Não, ele morava no sobrado ao lado, junto com outros homens de uma firma. Sempre que eu passava, ele me seguia e tentava me agarrar. Eu já estava cansada de me esquivar dele, então um dia ele pagou a Lena e ela o deixou entrar no meu quarto. Ele disse que iria tomar conta de mim.

— Ele abusou de você?

— Eu, eu... gritei, mas elas não vieram me ajudar, então ele tapou minha boca. Eu estava com dor. Depois disso, ele vinha todas as noites e me batia quando me negava.

— Deus, isso é estupro! — iria matar aquele porco.

— Não, eu deixava. Os outros homens achavam que eu estava com ele então não mexiam comigo, me protegia deles, entende? Eu tinha medo do que todos aqueles homens poderiam fazer comigo.

— Meu amor, que vida difícil para uma garota! — estava muito abalada com aquela história.

— Eu sobrevivi, estou viva, isso é o que importa, e o meu filho. — Não queria lembrá-la que a criança provavelmente a lembraria do canalha.

— Como ele sumiu?

— Quando eu contei que estava grávida disse que me levaria para conhecer sua família e que iríamos morar juntos. Apesar de tudo, eu estava feliz, pois teria a minha família, mas ele partiu e levou todo o dinheiro que eu economizei para comprar uma casinha para mim.

— Ohh, July! Sinto muito, sinto mesmo, mas tudo dará certo.

— Vai sim, tenho que conseguir criar meu filho, ele precisa ser protegido, não quero que passe pelo que passei.

— Não vai, não vamos deixar o grãozinho sofrer.

— Não vamos!

Já estávamos voltando para casa quando o carro do delegado parou e ele saiu olhando para nós duas.

— Boa noite, meninas! — exclamou, mas seus olhos não deixavam a July.

— Como vai, Murilo?

— Delegado! — July saldou, acanhada.

— Bem melhor agora que encontrei vocês duas. Noite linda, não é? — Ele estava bem estranho e galanteador.

— Parece que sim. Com licença, estamos indo para casa. — Na hora que a Kátia foi chegando, eu já havia pegado a July pelo braço para seguir nosso caminho. A bruaca nos olhou de cara feia.

— O que você faz conversando com essa baleia e essa sem teto? — Ela perguntou e continuamos andando sem olhar para os dois.

— Você anda a cada dia mais mal-educada. — ouvimos ele responder.

Capítulo 38

Só quando deitei foi que resolvi ligar para meu pai. Passei o dia sem notícias. Queria saber como estavam as coisas.

— Pai?

— Oi filha. — Sua voz estava bastante desanimada. — Como foi seu dia?

Contei-lhe sobre as fotos e o problema da July.

— Fico feliz que você vai sair em uma revista. Linda como é, vai chover trabalhos de modelos.

— Para pai, você não conta, é meu pai, sempre vai me achar bonita. — sorri.

— Claro que você é linda, bondosa, um coração de ouro, tenho muito orgulho de você, Emely.

— Obrigada pai, tudo que sou devo ao senhor. Conseguiu falar com a Duda?

Ele fez silêncio por alguns minutos.

— Fui a casa dela.

— Como foi?

— Nada mudou, Emely, nada.

Eu precisava falar com a Duda. Ela era minha amiga e não poderia deixá-la sozinha, precisava colocar juízo naquela cabecinha.

Desliguei com o coração apertado pelo meu pai e por minha amiga. Não gostava de saber que uma bonita história de amor poderia acabar por conta de dois cabeças duras.

Olhei o celular e nem uma mensagem do Rafael. No fundo eu estava triste por nossa discussão.

No outro dia, fui com a July até o hospital fazer a ultrassom. Ela estava superansiosa e confesso que eu também, já amava aquele grão de feijão que estava fazendo cinco meses.

Fizemos sua ficha na recepção e vimos várias mães conversando sobre bebês, noites sem dormir, como a coluna estava doendo, trocando informações em um mundo só delas.

A enfermeira a chamou e eu fui junto. A obstetra era uma senhora muito simpática que conversou bastante com July e comigo. Olhou os exames e disse que parecia estar tudo bem.

Fomos para a sala do exame. Havia tanta máquina que me deu um frio na barriga. Levei um baita susto quando o Rafael entrou todo de branco na sala. Veio em nossa direção e beijou a testa da July que já estava deitada na cama para o exame.

Não me dirigiu nem uma palavra e nem um olhar, ficando ao lado da médica, conversando sobre o estado da gravidez. Na hora em que a médica passou o aparelhinho, eles se olharam e deram risada.

— Seu filho tem um coração forte, olha como bate! — Ele falou emocionado.

— Filho?

— Calma, foi uma forma de dizer. — sorriu piscando.

— Na realidade é uma bela moça. — A médica falou.

July se desmanchou em lágrimas, parecia que ia alagar a sala. Segurou minha mão com força e eu já estava acompanhando na choradeira quando o barulho do coração do bebê preencheu a sala inteira. Era o barulho mais lindo que já ouvi.

— Tudo bem princesa, seu bebê está em ótimo estado. Parabéns, mamãe!

A médica tirou a July da sala para se trocar e acalmar um pouco e eu fiquei sozinha com o Rafael. Ele olhou para mim e eu não resisti. Corri para seus braços que me acolheram com carinho.

— Desculpa! — disse chorando.

— Tudo bem, tenho que ter mais calma com a gente, mas te amo tanto que não consigo.

— Sou uma cabeçuda, desculpa. Deveria ter contado sobre as fotos para a revista.

— Acabei descobrindo sozinho, mas fiquei triste, porque não fui a primeira pessoa a saber sobre uma coisa tão importante.

— Entendo. Só peço que tenha paciência comigo, pois vai demorar a conseguir derrubar as muralhas que construí.

— Vou te esperar. — sorriu. — Mas não demora, até o amor cansa um dia.

Com essas palavras saiu da sala e eu chorei.

Capítulo 39

Comprei para a July o primeiro presente da nossa princesa: um sapatinho rosa-chiclete, bem fofo. Ela chorou e agradeceu. Até meu pai apareceu para felicitar a mamãe, prometeu que faria um almoço delicioso para comemorar.

Só faltava a Duda. Liguei para seu celular e foi sua mãe quem atendeu e disse que ela estava dormindo, mas ficou muito feliz quando eu disse que o bebê da July era uma menina e me pediu para levar a July para vê-la. Não sei se seria um momento bom para Duda ver uma grávida, mas seria uma boa desculpa para encontrá-la. Agradei e disse que iria.

Não queria estar na pele da minha amiga com tantas explicações a serem dadas, pois até o momento, não entendi por que ela estava com o Zeca. Foi atacada pelo canalha, mas ela sabia que ele não prestava. Que barra para minha amiga.

O dia estava num clima gostoso, um frio delicioso, mas as palavras do Rafael não saíam da minha cabeça. Será que estava sendo muito dura com ele? Diga-me? Estou confusa e com muito medo, será que deveria dar uma chance?

Eu estava meio confusa com tantas coisas acontecendo e sentia que faltava fazer alguma coisa, só não sabia ainda o que seria, mas logo descobrirei. Minha intuição estava fortíssima. Falando em intuição, um Murilo meio ressabiado entrou na floricultura e pediu uma dúzia de rosas vermelhas. Com certeza era para aquela vaca, mas ele não tinha vergonha nenhuma em vir comprar rosas na minha loja.

July fez um arranjo bem sem graça, acho que ela também não curtia a Kátia. Ele sorriu, pagou e depois entregou a July, felicitando-a pelo sexo do bebê. Ela ficou totalmente sem graça e vermelha.

Não estava gostando daquela paquera descarada com minha menina, e quando ela agradeceu e pediu licença para colocar as flores na água, foi minha vez de dar uma de irmã mais velha.

— O que você quer com a July? — perguntei de cara feia. Era para intimidar mesmo.

— Somos amigos — respondeu sem olhar para mim.

— Vou só te dar um aviso: sua namorada não vai gostar desta amizade e não quero July sofrendo, já passou por muitas coisas nesta vida e não precisa de uma cobra como a Kátia no pé dela.

— Gosto da July, não quero magoá-la, e a Kátia não tem nada a ver com minhas amizades.

— Não é o que parece! — Ele me olhou com os olhos estreitos. — Mas não é da minha conta, você é bem grandinho para se virar, porém deixe a minha amiga fora dessa, entendeu?

— Entendi, estou indo. — saiu sem mais uma palavra.

Bom para ele, porque se a louca da Kátia magoar minha July, vou acabar com a raça dela sem pena.

July voltou, vermelha. Acho que nunca recebeu flores, nunca teve ninguém para elogiar ou falar palavras de carinho, isso era um problema, porque qualquer cara mal intencionado poderia usar isso contra ela.

— July?

— Sim!

— Cuidado com esse delegado, ele tem namorada.

— Eu sei, mas somos amigos, fique tranquila, Emely, não pretendo me meter em confusão. Além do mais, ele é um solitário, tem olhos tristes, fico com pena.

— Esses homens de olhos tristes são problema, sei bem como funciona.

Caímos na risada, voltamos ao trabalho e ao meio-dia fomos para a casa do meu pai almoçar. Nós o encontramos mais animado, mas bem pensativo. Tinha horas que seu olhar vagava sem rumo pela casa, devia ser a falta da Duda. Estava no segundo prato quando a July disse:

— Já sei como vou chamar minha pequena.

— Que bom, porque chamá-la de grão de feijão não dá. — Todos sorriram.

— Maria.

— Que nome forte, bonito, gostei! — Meu pai exclamou.

— Ela é meu milagre, sem ela eu não teria uma família. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Sua filha vai ser linda e vamos cuidar dela. — apertei sua mão sobre a mesa.

— Obrigada! — Ela disse me abraçando. Ficamos todos emocionados. Uma criança era dádiva para todos a sua volta.

Depois de terminar o almoço, meu pai ficou lavando os pratos, July os guardou e eu comi a sobremesa. Ah! Não me olhem de cara feia. Estou de estômago cheio, mereço ficar sem fazer nada. Além de tudo, os dois estavam cochichando e não dava para ouvir o que era. Não posso atrapalhar.

July resolveu que iria ficar com ele para testar uma receita nova de um doce que ela queria aprender. Aqueles dois agora eram amiguinhos, mas como tinha doce na parada, não fiquei zangada.

Parei na porta da floricultura e lá estava o Rafael, lindo como sempre, me esperando.

— Oi — disse sem graça.

— Oi.

— Queria te fazer um convite.

— Faça. — Na realidade, nossa discussão ainda pairava sobre nós.

— Que jantar comigo?

- Sim, seria ótimo.
- Hoje, então?
- Claro, estarei pronta às sete.
- Tranquilo.

Entrou no carro e foi embora. Acho que o estágio do nosso relacionamento estava mudando.

Duda

Eu me encontrava em um estado letárgico. Parecia ser efeito da anestesia geral, mas eu sabia que fiquei assim depois da saída do Ricardo, suas palavras pairavam no ar como maldição.

— Te perdoo, mas nossa história não tem futuro, pois se cada vez que te chatear você resolver magoar alguém que amo, não posso confiar em você, não posso confiar em alguém tão instável.

— Eu sei, você tem razão, nosso amor já nasceu condenado.

— Não, Duda, você o condenou quando foi infantil e acreditou que uma brincadeira tão cruel não teria consequências. Amo você, mas a Emely é minha vida.

— Estou pagando um preço alto há oito anos — respondi chorando.

— Todos pagaram. Quando vai contar a ela? — Ele levantou e se dirigiu à saída, mas parou para ouvir a resposta.

— Não sei, não tenho coragem.

— Ela merece saber, se você não contar eu terei que fazer isso. — Depois saiu pelo jardim, altivo e lindo. Meu amor, meu eterno amor.

Toda vez que eu me lembrava de suas palavras uma onda de lágrimas vinha sem piedade me sacudindo o corpo. Eu sabia que a descoberta o faria partir, mas não estava preparada para tanta dor.

Estava morrendo sem ele. Meu coração estava aos pedaços, minha vida era um borrão sem sentido.

— Dona Duda?

— Sim, Mara?

— Tem uma visita aqui para a senhora.

— Não quero ver ninguém. — virei para o canto da cama.

— Dona Duda?

— July? — sentei na cama e enxuguei as lágrimas. — O que faz aqui?

— Senhor Ricardo me trouxe, queria vir antes, mas não tinha condução.

— Tudo bem! Soube que seu bebê é uma menina! — falei só para quebrar o clima. A July parecia um anjo iluminado, com aquela barriga linda, poderia ser a minha, mas não era. — Parabéns!

— Maria, vou chamá-la de Maria. — sorriu e passou a mão na barriga.

— Nome lindo, gostei. Vai ser nossa princesa Maria.

— Ela é meu milagre. Quando achei que não tinha mais nada, sem esperança, Deus mandou a Maria para me ajudar, para encontrar um lar e uma família — falou sorrindo e sentou na beira da minha cama, segurou minha mão e disse as palavras que acertaram meu coração. — Sempre há uma segunda chance, sempre terá vida lá fora, só precisamos nos livrar das dores do passado, é essa carga que trava a nossa vida.

— Ohh, July! — chorei abraçada a ela. — Preciso encontrar a Emely!

Capítulo 40

A July demorou a chegar. Subi para me arrumar e ela ainda não tinha chegado. Eu precisava comprar um celular para aquela menina. Liguei para meu pai, mas ele não atendeu. Comecei a ficar preocupada. Será que aconteceu alguma coisa? Provavelmente era uma preocupação boba.

Coloquei um vestido leve rosinha e não usei calcinha por baixo, pois não queria marcar o vestido. Não adianta me olharem assim, como se eu estivesse mal intencionada. Não é nada disso, só não gosto da marca de calcinha na roupa, bando de mentes poluídas.

Com um salto e um cardigã de renda, arrematei o visual com um batom vermelho para dar confiança, pois sempre funciona, anotem aí.

Já estava na sala esperando quando a campainha tocou. Pensei que fosse o Rafael, mas qual foi meu susto ao encontrar uma Duda pálida em minha porta.

— Duda? — parecia que tinha visto um fantasma de tão assustada. — Sente aqui.

— Emely, preciso conversar com você. — Ela não parava de torcer as mãos, quando fazia isso era porque estava nervosa.

— Certo! — levei-a até o sofá e fui pegar um copo com água. Foi aí que vi a July na porta, parecia apreensiva. — Entra, July.

— Não, vou preparar um chá para vocês duas, já volto.

Foi para sua casa quase correndo. Estranho! Por que ela não fez o chá lá mesmo?

— Duda, beba a água, você está muito pálida, não deveria ter vindo aqui, era só chamar que eu iria até a fazenda. Tentei falar com você esses dias, mas não consegui. — estava tagarelando, pois o nervoso era enorme, não me pergunte por que, mas alguma coisa me dizia que aquela conversa nos magoaria.

— Emely, pare de falar e me ouça. — Ela disse com a voz fraca.

— Não fiquei nervosa. Quer mais água? — Não consegui parar, estava quase histérica.

— Eu escondi sua roupa aquela noite. Fui eu que fiz isso, fui EU! — Ela gritou.

Meu mundo parou de girar. Quase caí, segurei no balcão da cozinha com força e bebi o restante da água que estava na minha mão.

— Não, não fez isso! Você é minha amiga, a minha única amiga! — repeti como se estivesse em transe. — Não faria isso!

— Eu fiz, foi no momento de raiva, eu, eu... peguei e saí pelos fundos do prédio. Era só para o Zeca chamar seu pai e ele pegar você com o Rafa, não imaginava que você sairia nua pelas ruas. — Lágrimas de crocodilo caíam dos seus olhos, maldita. — Me perdoa, me perdoa.

— Maldita! — desferi um tapa em sua face. — Você levou oito anos dando seu ombro

para mim, sabendo que foi a culpada por minha humilhação? Não vou perdoar você, nunca!

Dei outro tapa e ela nada fez para revidar, ficou ali parada, recebendo meus tapas. Aquilo me deu uma ira, um rancor, um ódio.

— Saia da minha casa, sua amiga da onça! Eu amava você, era uma das pessoas mais importantes para mim, daria minha vida pela sua! Eu não consigo entender, não consigo, não consigo! Como você pôde ser capaz de fazer isso?

Sentei no chão e chorei! Tudo estava ruindo a minha volta. Quantos segredos ainda tinha para descobrir? Meu corpo todo tremia ao peso das minhas lágrimas.

— Amiga, me ouça, preciso contar, preciso dizer como aconteceu.

— Você teve oito anos para dizer tudo, juro que te perdoaria naquele dia, mas você levou oito anos sabendo de tudo e ficou calada, fingindo amizade.

— Nunca fingi amizade, nunca, eu amo você. Por favor, me perdoa?

— Nunca! — disse entre as lágrimas com um olhar mortal. — Sai da minha vida e da minha casa!

Ela correu para a porta e saiu. Deitei no tapete e desabei sob minha dor.

Uma mãozinha segurou minha cabeça, deitou em seu colo e com uma xícara de chá consolou meu coração partido.

Capítulo 41

Não consegui parar de chorar. Aquela noite sempre voltava para estragar minha vida, minhas esperanças de dias melhores, de uma nova vida. Por quê? O que fiz para merecer?

— Está doendo? — O Rafael perguntou preocupado. — Não quero machucá-la.

— Não, estou bem. — Seu pênis entrava e saía do meu corpo. Ele era grande e machucava, mas era uma sensação boa, não sei o que procurava. Meu corpo buscava alguma coisa, algo dentro de mim queria chegar até isso, foi como uma trovoadas que a sensação me alcançou, meu corpo convulsionou, chegava a doer, era o tão sonhado orgasmo, poucas alcançavam na primeira vez.

— Emely, Emely! — Ele gritou meu nome na sua vez.

Nosso ninho do amor foi naquele prédio abandonado, ninguém entraria ali. Foi quando o meu mundo caiu, ouvi risadas se aproximando e o Rafael falou:

— Emely, cadê suas roupas? Emely. — Sua voz parecia longe, mas só via aqueles rapazes rindo de mim, não conseguia achar o meu vestido. Meu Deus, cadê minha roupa de baixo?

— Você conseguiu, irmão, conseguiu comer a gordinha, você é um dos nossos. — O que ele estava falando? Meu Deus, cadê minhas roupas?

— Pare João, cadê as roupas dela?

— Não sei, por que saberia, já que foi você quem a despiu?

— Comer banha é bom? Essa porquinha está bem gorda.

Suas risadas me perseguiam. Precisava sair dali, minha cabeça estava rodando.

— Você já experimentou, agora é nossa vez. — Uma risada grotesca gelou meus ossos. — Vai um de cada vez.

Era um pesadelo, estava no meio de um filme de terror. Fui cercada pelos garotos que me cutucavam e gritavam obscenidades.

— Parem, não foi esse o combinado. Já fiz minha parte no acordo, agora deixem a Emely em paz! — O Rafael falava, mas eu não conseguia entender. Era um acordo, uma aposta? Foi uma droga de uma aposta! Ele nunca me amou ou me quis.

— Tudo bem, mas não temos a roupa da gordinha, ela vai ter que sair nua. — sorriu maldosamente e partiu para apertar meus peitos. Fiquei com tanto medo daquele olhar que corri para a porta. Alguém gritou, mas eu já não ouvia, estava em estado choque, aterrorizada. Corri pelas ruas, eu só queria chegar a minha casa, queria meu pai, queria me esconder, todos saíram do

baile e ficaram olhando, rindo, gritando. Meu pai me segurou e tentou me cobrir com seu casaco, mas o estrago já estava feito.

A cidade estava a minha volta, falando ao mesmo tempo. Entre minhas pernas ainda escorria o sangue da minha perda da virgindade. Todos sabiam o que eu estive fazendo, meu coração despedaçou.

Olhei para o lado e um Rafael, com arremedo de sorriso estava em pé, pelo menos eu achava que era um sorriso. Uma Duda veio com um lençol e me cobriu. Abracei-a e chorei.

— Obrigada!

— Não! Não mereço seus agradecimentos, foi minha culpa.

— Você nunca me magoaria — disse entrando no carro do meu pai.

Nunca estive tão enganada na vida. Ela me magoaria sim, ela me destruiria junto com seu irmão, veio para acabar comigo, dois desgraçados. Não consigo acreditar o quanto deram risada nas minhas costas, o quanto rolaram de rir da gordinha.

— Quero morrer!

— Vai passar, Dona Emely, essa dor vai passar. — A voz da July era um bálsamo para minha alma ferida, mas não acredito que vai passar.

Capítulo 42

Eu ainda estava no colo da July quando Rafael entrou. Estava maravilhoso. Vestia calça social preta e camisa rosa de botão. Estava mais que lindo e em suas mãos trazia rosas vermelhas.

Estava pronto para o encontro, mas quando viu como eu me encontrava, correu e me segurou alterado.

— O que aconteceu? — perguntou pegando no meu pulso, tentando ouvir meu coração. Estava em modo doutor. Será que ele conseguia ouvir o barulho do meu coração quebrado? — July, o que aconteceu com ela?

— A Dona Duda esteve aqui. — Eu não tinha força para falar, só chorava.

— Deus! — Ele beijou minha testa, pegou o celular e ligou para a irmã. — Como você está? Sim, tudo bem, vou tentar. — desligou, pegou-me no colo e levou para o quarto. — Vou tomar conta dela July, vá descansar.

— Vou tomar um banho e volto para saber como ela está — disse tranquilamente.

— Sim, tudo bem.

Deitei e fiquei calada. Ainda estava sem entender, mas juro que estava tentando. Por que a Duda fez isso comigo? Será que eu mereço todas as coisas que acontecem em minha vida? É por isso que meu pai não quer voltar com ela, agora entendo. Por que tantas vidas destruídas? Tudo porque me apaixonei pelo garoto errado.

— Vamos tirar essa roupa, deixá-la mais à vontade.

Eu estava parecendo uma boneca de pano. Deixei-o me despir sem reclamar. Acho que é assim que as pessoas em estado de choque se sentem, arruinadas, dilaceradas.

— Vai ficar tudo bem, princesa, chore, pode chorar. — Ele tirou suas roupas ficando só de cueca boxer, deitou ao meu lado e ficou me segurando em seu peito. — Coloca essa dor para fora.

— Não quer passar, está doendo muito — disse com a voz fraca.

— Eu sei, entendo você, mas estou aqui, vamos passar por tudo juntos.

Chorei muito, ele não me soltou em nem um momento. Eu estava arrasada, chorei tanto que adormeci em seus braços. Acordei com barulho de xícara, sentei e meu pai estava a minha frente com café quentinho.

— Acredito que precise de um colo — disse abrindo os braços. Corri e me joguei neles voltando a chorar. — Calma, minha princesa.

— Foi ela, ela me disse — falei entre lágrimas.

— Eu sei, ela me contou.

— Ela estava com você? — perguntei. — Dormiu em sua casa?

— Sim Emely, depois que ela saiu daqui me procurou, e sim a deixei dormir lá em casa.

— Ela nos traiu! — falei para ele entender que não devia tê-la deixado entrar.

— Sei, mas todos nós erramos nesta história — disse beijando minha testa.

— Você a defende? — Meu pai estava a defendendo.

— Sim, nunca vou esconder o amor que tenho pela Duda, sei que agora você está magoada, mas entenderá melhor quando parar para analisar as coisas.

— Nunca! Eu passei oitos anos praticamente reclusa por conta dela.

— Ela passou oitos anos sendo chantageada por ter feito mal à amiga que ama, por amar o pai desta amiga demais — disse e vi brilho de lágrimas em seus olhos. — Todos nós sofremos oito anos, Emely, você não foi a única ferida naquela noite.

Capítulo 43

Meu pai tinha razão, mas eu não estava preparada para perdoar, não queria perdoar. Podem me achar mimada, mas eu era fã da Duda, ela sempre foi meu modelo de pessoa perfeita, sempre presente, minha melhor amiga, então era difícil aceitar que ela não era o que imaginei.

— Sei que é difícil entender por que ela fez isso, mas tenha empatia pela dor dela. Eu já a perdoei, mesmo sabendo que não temos como seguir em frente.

— Não sei se consigo pai, sinto muito.

— Todos nós erramos filha, ninguém é perfeito. — Com um beijo tranquilo em meu rosto, saiu do quarto.

Passei o dia na cama, eu me sentia um nada. O Rafael ligou algumas vezes. Por conta de uma emergência, ele precisou voltar ao hospital, mas eu sentia sua falta, era muito bom tê-lo por perto, preocupado comigo. Já eram onze horas quando recebi uma mensagem no celular. Era a Duda, li e voltei a chorar, porque eu não conseguia perdoá-la, abraçá-la. Minha mente dizia que era necessário, mas meu coração se negava.

“Amiga, me perdoa.

Passei oito anos sofrendo, porque sabia que era culpada pelo que aconteceu com você. Sei que jamais será como antes, mas saiba que te amo e, por conta disso, resolvi deixar a cidade, não posso mais ficar, perdi o homem que amo e minha amiga/irmã. Fica com Deus!”

Rafael chegou e eu ainda estava deitada na cama, sofrendo. Sei que precisava levantar, mas meu corpo só queria deitar e chorar.

— Emely, você já comeu? — perguntou colocando a mochila em cima da poltrona.

— Não estou com fome. — Isso quer dizer que realmente estava sofrendo, porque amo comer.

— Você precisa se alimentar. Vamos pedir comida japonesa? — sentou na cama e alisou meus pés.

— Não tenho vontade, Rafa, desculpa, mas peça pra você.

— Você precisa lutar contra essa tristeza, Emely, não pode deixar a depressão pegar você mais uma vez.

Não sei por que, mas sua colocação me deixou com raiva. Encostei-me no travesseiro.

— Diz isso, porque foi sua irmã que aprontou toda essa confusão. — soltei com raiva.

— Não, Emely, eu poderia odiá-la. Sabe por quê? Porque passei esse tempo todo achando que estava tão drogado que escondi suas roupas e não lembrava. Passei noites chorando sem

dormir, mas escolhi perdoá-la, porque não sou perfeito, fiz merdas por minha vida afora, então quem sou eu para culpá-la?

— Não consigo. Ela era tão perfeita, tão amiga, sempre solícita comigo, com meu pai, esteve comigo em todas as consultas me ajudando a sair da depressão que entrei. — As lágrimas não paravam de cair.

— Eu entendo você, entendo mesmo e eu daria tudo para voltar no tempo e não fazer aquela aposta idiota que culminou nesta confusão toda.

— Ela vai partir, mandou mensagem avisando.

— Eu sei, talvez seja o melhor, um tempo fora, para acalmar os ânimos e lambar as feridas.

— Obrigada, Rafa. Desculpa pelo jantar de ontem! — falei abraçando-o.

— Tudo bem, teremos outros jantares. Mas agora, mocinha, você vai comer. Vou pedir pizza e um refrigerante gigante para nós dois, e eu também trouxe uma coisa que sei que mulheres amam quando estão tristes.

— O quê? — perguntei sorrindo.

— Sorvete de chocolate. Vamos tomar muito sorvete e assistir filmes tristes e eu serei seu ombro para você chorar à vontade.

— Obrigada, não sei como seria sem ter você aqui.

— Não pense nisso, porque estou aqui e não vou embora.

Murilo

Estava extremamente chateado. Não suportava as conversas da Kátia, estava na hora de dar um basta nessa história. Liguei para ela marcando um jantar na minha casa, não queria uma cena em público.

Como sempre ela se atrasou, porque acreditava que era a rainha do mundo e todos tinham que esperar por ela.

Não sei por que caí nesta conversa de “Volta para mim, porque ainda te amo.”. Pelo filho que ela perdeu sem que eu estivesse presente, achei que poderia dar certo.

Fui um idiota, não consigo nem ouvir a voz da mulher que fico irritado. Depois que ela chamou a July de sem-teto, fiquei mais chateado ainda. Como alguém pode tratar outro ser humano com tanta falta de empatia?

Tenho muita culpa sobre as costas, ainda tenho pesadelos com a morte do meu irmão e sei que sempre levarei essa culpa. Mas quando vejo a July, linda e frágil, lutando para viver e sorrindo, meu coração vibra de felicidade, pulsa de vontade de ter um pouco daquele sorriso para mim.

Ela preenche toda tristeza a minha volta, queria poder mimá-la, abraçá-la e nunca mais soltá-la. Ela fica linda com aquela barriga enorme.

— Sorriso lindo! Espero que seja para mim. — chegou a possessiva. — Boa noite, amor. — tentou me beijar, mas virei o rosto.

— Precisamos conversar — disse sério.

— O que aconteceu? — Seu semblante ficou nublado.

— Não quero magoar você, Kátia, mas nosso relacionamento não está dando certo.

— Espera aí, você está terminando comigo? É isso? — jogou a bolsa no sofá e veio para cima de mim com raiva. — Perdi meu filho e a culpa foi sua e mais uma vez vai me dar o pé no traseiro?

— Não use nosso filho para justificar as coisas.

— Agora é nosso filho! Mas me diga, já dormiu com ela? — fiquei confuso.

— Com ela? Que ela?

— A prostituta sem-teto, aquela puta que você come com os olhos.

— Não diga isso da July, lave a boca para falar daquela menina. — Agora ela foi longe com essa conversa.

— Isso mesmo. Uma menina. O que será que a cidade vai dizer depois que souber que você anda fodendo com uma menina?

— Você é louca, está completamente maluca!

— Você não viu nada ainda. Mas isso tudo é culpa daquela gorda metida e aquela médica riquinha, filhas de uma puta, estragaram tudo, mas elas vão pagar, assim como você. Nunca, nunca você vai ficar com aquela xixelenta.

Com isso entrou no quarto pegou suas coisas e saiu da minha casa pisando duro. Previ tempestades, bem que Emely me avisou!

Capítulo 44

Apesar da tristeza inicial, acordei bem. Foi uma noite especial, ter o Rafael por perto, cheio de carinho, atencioso. Me fez tão bem! Foi o pacote completo: Rafael com todo o sorvete e a pizza que amenizaram a tristeza.

Dormimos juntos e fizemos amor pela manhã, um sexo calmo, sem pressa, bem carinhoso. Foi lindo, estava a cada dia mais envolvida por ele.

Com um beijo gostoso se despediu, prometendo vir me ver antes de começar o plantão. Suspirem, podem suspirar, esse homem era de tirar o fôlego.

O que me deixou com uma sensação de medo foi ver a Kátia na frente da minha floricultura. Estava com cara de poucos amigos, ignorei-a e comecei a abrir a loja. A July não parava de olhar para ela como se estivesse hipnotizada.

— Sua puta sem-teto, não devia dar em cima do meu homem! — falou chegando perto da July.

— Eu não fiz nada. — July se encolheu.

— Pare com isso, Kátia! Agora agride grávidas? Ficou louca? — falei indo para cima dela. — Deixa July em paz! Se não sabe segurar homem não fique culpando os outros.

— E você por acaso sabe? Gorda maldita! Odeio você e todos desta cidade ridícula!

— Cala a boca e não fala assim com Dona Emely! — July gritou muito nervosa, tropeçou na calçada e acabou caindo.

— JULY! — corri para acudi-la. — Você está bem?

— Tomara que morra você e esse bastardo! E fique longe do Murilo, sua putinha! — virou as costas e foi embora.

— Dona Emely?

— Sim, você está sentindo alguma coisa?

— Meu bebê, minhas costas estão doendo, estou com medo.

— Vai dar tudo certo. Fique aqui, vou buscar o carro.

Chegamos ao hospital rápido. Acho que quebrei todas as regras de velocidade. As enfermeiras encaminharam a July rápido, e eu fiquei aguardando notícias, gelada de medo.

Rezei para todos os santos que conhecia que meu grão ficasse bem. Nossa pequena Maria não podia morrer.

Duda saiu de uma sala e me viu, não lembrei que estava chateada com ela.

— Duda, a July está com dor, preciso que você cuide dela. — puxei seu braço e falei chorando.

— July? Como assim? — Ela ficou vermelha.

— Discutimos com a Kátia e a July caiu na calçada.

— Meu Deus! Vou vê-la — falou e saiu correndo.

Nessas horas todas as diferenças são esquecidas. A July e a Maria eram mais importantes que qualquer rancor que eu tivesse com a Duda. Eu só queria que elas ficassem bem.

O meu pai chegou ao hospital afobado, nervoso. Alguém o avisou que passei dirigindo feio louca para o hospital. Ele ficou comigo, nós dois estávamos apreensivos com a situação.

— Vai ficar tudo bem! — falou me abraçando.

— Preciso ligar para o Murilo. — saquei o celular do bolso e liguei para ele. — Oi Murilo, não estou bem não, estou aqui no hospital com a July, que caiu na calçada depois de uma discussão com a sua namorada.

Ele desligou o celular em minha cara? Foi isso mesmo? Cara estúpido.

— O que ele disse? — Meu pai perguntou.

— Desligou na minha cara.

— Daqui a pouco ele chega aqui — respondeu tranquilo.

— Será?

— Ele está encantado pela garota, vai querer ver o estado dela.

— Ou ele não vai ver nada, pois irei arrancar os olhos dele.

— Para de confusão! Quem sabe a July não seja o que ele precisa.

— Ele não presta!

— Você fala por conta do que aconteceu entre vocês dois, mas não era para ser, então o deixe ser feliz com a garota.

— Não concordo! A July ainda é uma criança. — Ele sorriu.

— Você parece uma mãe coruja!

Capítulo 45

Meu pai estava certíssimo. O Murilo chegou parecendo um furacão atrás da July. Passou por mim e foi direto para recepção exigir notícias. Não vou mentir, eu estava de queixo caído com a reação dele. Meu pai sorriu e fechou minha boca, sei que ele queria dizer “NÃO DISSE?”, mas ficou calado.

Nunca imaginei que o delegado estaria caído pela July, percebi que a coisa era bem séria pelo semblante do cara. Não queria nem pensar na confusão que irá rolar.

Fui até ele e o segurei pela mão. O cara tremia.

— Murilo? Calma!

— Emely, o que aconteceu com a menina?

— Ela caiu na calçada depois de discutir com a sua namorada.

— Ex-namorada, não tenho mais nada com a Kátia.

— Eu avisei a você sobre fazer a July sofrer.

— Pare, Emely, já estou me sentindo culpado o suficiente, não precisa jogar na minha cara.

— O que aconteceu aqui? — Rafael chegou e olhou para minha mão na do Murilo. Acabei soltando rápido, como se tivesse culpa.

— A July caiu e está lá dentro, não tivemos notícias ainda, mas a Duda está com ela.

— Como isso aconteceu? — perguntou preocupado.

— Discutindo com a Kátia hoje e a July acabou caindo na calçada.

— Kátia? Você precisa dar um jeito em sua mulher, não vou aceitar que ela fique procurando confusão com minhas meninas — falou olhando para o Murilo, chateado.

— Ela não é mais minha namorada, foi uma loucura que fiz me envolvendo novamente com ela. Ela perdeu nosso bebê, você sabe, naquela época que eu não andava legal. — sentou no banco e ficou olhando para frente.

— Ela perdeu o bebê? Cara veja essa história direito, pelo que sei, nem filho ela pode ter. — Rafael sentou perto dele e bateu em seu ombro.

— Como? Ela disse que perdeu nosso filho naquela briga com os traficantes.

— Estou sendo sincero. Ela teve alguns problemas de saúde, eu que pedi os exames dela na época. Ela fez cirurgia de apendicite e nesses exames acabou descobrindo sobre sua impossibilidade de conceber.

— Ela mentiu? Sério que teve coragem de fazer isso comigo? Por quê? Não consigo entender. — Ele parecia desorientado e eu fiquei chocada com a falta de caráter daquela mulher.

— Meu amigo, descubra. Agora eu já sei por que ela queria saber para onde você foi transferido. Logo depois veio para cá. Nessa história tem mais coisa que você precisa entender,

antes que ela cause mais estragos.

— Ela tem que ser presa, ela quase agrediu a July. — queria a louca presa.

— Não funciona assim, Emely, mas vou resolver essa situação, assim que souber como a minha menina está.

— Sua menina? — Rafael perguntou sem entender nada. — Quem?

— A July! — respondi e o Rafa ficou olhando para nós dois. — Ele está apaixonado por ela.

— Gente, ela é nova demais para você! — Rafael não estava gostando disso, assim como eu também não.

— Não estou apaixonado, só quero ajudá-la, assim como vocês dois — disse isso e foi para o outro lado da sala.

— Sério isso? — Rafael tornou a me perguntar.

— Seríssimo.

— A Kátia vai querer o coro da July.

— Mato ela primeiro! — respondi.

— Adoro você assim, nervosa, durona. — abraçou minha cintura e deu o maior beijão na frente de todos do hospital.

— Pare! Todos estão olhando, inclusive, meu pai. — Claro que tentei me afastar, mas ele estava grudado em minha cintura. Nem me olhem achando que estou mentindo.

— Acostume-se, sou um namorado beijoqueiro. — sorri.

Capítulo 46

Vocês precisam ver como o clima ficou pesado quando a Duda saiu da sala. Meu pai não conseguia disfarçar seu olhar e ela olhava para todos, menos para nós dois.

Foi estranho e esclarecedor. Ali percebi que minha amiga não existia mais, ela estava sumindo dentro de sua culpa. Meu pai nunca a perdoaria por conta de tudo, e eu? Não sei se consigo sorrir para ela de novo.

Ela sempre foi a pessoa que idealizei ser, pois era linda e perfeita. Não consigo acreditar e aceitar que teve coragem de fazer uma maldade daquelas. Meu coração não aguentaria outra situação como aquela; não confiarei nunca mais nela.

— Como está a menina? — O delegado quebrou o clima que se instalou na sala.

— Ela está bem, tem alguns arranhões, mas o bebê e ela se encontram em ótimo estado, graças a Deus.

— Amém! — Ele disse emocionado.

— Mas você precisa ver o que fazer com sua namorada, ela não pode sair por aí ameaçando todo mundo. Você é o delegado e precisa agir. — Ela falou apontando o dedo para ele, chateada.

— Vou ter uma conversa com ela. — Ele disse. — Não sou mais o namorado dela.

— Você sabe que ela tentou coagir a July e a Emely, portanto, já conversei com meus advogados e estamos entrando com uma ação contra ela. — Ninguém reagiu. Eu sabia que ela não deixaria barato, pode até ter sido uma adolescente irresponsável, mas protegia quem amava. — Ela não poderá nem passar na mesma esquina que a July.

— Você está certa, farei com que a lei se cumpra. — Ele disse.

— Assim espero! Vocês podem entrar para vê-la, mas ela vai passar o dia em observação para poder descansar e amanhã a mandaremos para casa.

— Mas ela não corre nem um risco? — Meu pai perguntou, mas acredito que foi somente um pretexto para a Duda olhá-lo. Eles dois brilhavam de tanta tensão.

— Sim, não tem risco, só para tomar algumas vitaminas e descansar mesmo, fiquem tranquilos — falou e continuou seu caminho.

— Duda? — Seu irmão chamou. — Me espere.

Ela desacelerou e aguardou de costas. Ele beijou minha boca rapidamente e seguiu a irmã para os fundos do hospital.

Murilo se despediu e foi embora. Não quis entrar para ver a July, acredito que esteja com sentimento de culpa pelo que aconteceu, afinal foi o ciúme da sua ex-namorada que causou toda a confusão. A menina podia ter perdido o bebê.

Esse relacionamento da Kátia com o delegado ainda iria dar o que falar. Espero que consigamos salvar a July disso tudo.

Entreí no quarto em que ela estava. Parecia cansada, mas serena. Um dia iria alcançar aquele estado de certeza de que tudo podia dar certo. Parece um anjo essa menina.

— Que susto, hein? — Meu pai sorriu para ela e beijou sua testa.

— Graças a Deus, Maria está bem. — Ela passava a mão na barriga de forma carinhosa.

— E você também. Sem July não tem Maria — disse sentando na cadeira.

— Verdade, somos uma unidade, não consigo viver sem minha pequena, ela é meu coração. — Sempre com palavras para emocionar, menina linda de alma. — A senhora está bem?

— Estou bem, agora estou tranquila. Aquela víbora quase nos mata de susto.

— Verdade, ela tem uma alma negra, tem ódio demais em seu coração, vai acabar envenenada. — suspirou e olhou para meu pai. — A Dona Duda saiu ligando para todos os advogados. Estava indignada, uma mulher incrível.

— Ela nos falou do processo. Você merece, July, você poderia ter perdido seu bebê. — Ele disse segurando sua mão.

— Vocês sabem que nos meus documentos mostram que tenho 18 anos? Mas, na realidade, tenho 17. Quem me registrou errou o ano de nascimento. A moça que trabalhava no orfanato disse que foi erro do cartório.

— Entendo, acontece muito isso. Naquele tempo as pessoas não precisavam apresentar tanta papelada para registrar as crianças. — Na realidade, não entendi nada, mas gostaria de saber onde ela queria chegar com aquela conversa.

— Eles fazem mutirão para registrar as crianças de lá, para não deixar as crianças sem documentos. A Raquel era louca por mim, sempre tentou me adotar, eu adorava o cheiro dos seus cabelos. — olhou para a janela, saudosa.

— O que aconteceu com ela? — Meu pai perguntou curioso.

— Morreu de câncer. Tão nova! Cada dia a doença levava um pouquinho dela, mas seu sorriso, esse a doença não tirou. Ela me ensinou que sempre vai existir uma solução, que o amor supera tudo, que todo ser humano tem uma história. Precisamos de empatia para não julgar e amar nosso próximo.

— Quanta sabedoria em uma pessoa. — Meus olhos encheram de lágrimas.

— Verdade, ela dizia que um dia alguém viria me resgatar, um príncipe negro, que era para meu coração estar limpo, pois só nasce amor em terra fértil.

— Você acredita que o Murilo seja o seu príncipe? — estava chocada com essa revelação.

— Não sei. Duas almas que se encontram e se amam podem tentar se odiar, podem magoar, mas sempre irão se reconhecer e vencer. Gosto do Murilo, meu coração está limpo, vamos ver se o amor floresce — disse com um bocejo.

— Vamos deixá-la descansar, minha flor, mais tarde voltaremos. — beijei sua testa em despedida. — Amo você, minha irmã.

— Também!

Saí de lá com meu pai. Estávamos em silêncio. Depois de tudo que July disse, precisávamos de tempo para analisar nossos problemas. Meu coração não estava limpo, por isso não conseguia amar o Rafael de verdade ou qualquer pessoa. Como se limpa um coração?

— Emely?

— Oi, pai!

— Desculpa!

— Por?

— A Duda me contou antes de contar a você a verdade, eu deveria ter te contado, mas preferi que ela fizesse isso. Talvez se eu tivesse dito, não teria sido tão traumático para você.

— Ela tinha que me contar frente a frente. Você fez bem, mas você dormiu com ela na noite que sua filha estava sofrendo precisando de seu colo — acusei-o.

— Ela veio até mim, chorando. Eu não dormi com ela, ela dormiu em minha casa, mas eu não a toquei, Emely. Fui até você depois disso, mas o Rafael estava lá e você estava dormindo.

— Ninguém me disse que você esteve lá.

— Estive, pergunte à July. Voltei pela manhã quando o doutor estava saindo. — Ele passou a mão no cabelo. — Amo a Duda, mas você é minha filha, minha vida. Nunca vou escolher alguém antes de você.

— Perdão, pai! — abracei-o. — Pensei mal de você, fiquei com ciúmes, você me perdoa?

— Sempre, filha, sempre fomos nós dois contra o mundo e sempre vai ser, mas posso te pedir uma coisa?

— Claro, pai!

— Ouça a Duda.

— Mas, pai, ela praticamente destruiu minha vida. — soltei-o e me afastei.

— Não estou pedindo que a perdoe, quero só que você ouça tudo que aconteceu aquele dia. Faz parte da cura para seguir em frente. Você mesma disse que não queria se prender ao passado.

— Vou pensar, mas não garanto. — Não sei como me sentia com aquele pedido. — Você a ama muito, não é?

— Amo mais você. — Com um aperto forte, entrou no carro e seguiu para casa.

Capítulo 47

Duda

Entrei na salinha de descanso e chorei. Estava trêmula. Ver o Ricardo tão perto e a Emely, mexeu comigo. Não consigo viver tão perto e tão longe ao mesmo tempo.

— Duda, a mamãe falou que você vai embora, ela estava arrasada hoje cedo. — Meu irmão perguntou entrando na sala. — Você está chorando?

— Não aguento mais, estou tentando, mas não sou forte.

— Pare de chorar, para com isso, essa não é você. — Ele me sacudiu pelos braços. — Você passou oitos anos sabendo de tudo e calada, agora quer fugir?

— Todos já sabem que fui eu, agora estão me olhando com ódio.

— Você sabe que amo você, não sabe? — perguntou pegando meu queixo e levantando para nivelar nosso olhar.

— Eu sei. — choraminguei.

— Então vou falar o que realmente você precisa ouvir. Não quero te magoar, mas está na hora de você analisar as coisas, desculpa irmã.

— Tudo bem, se não for você a fazer isso quem será? — tentei sorrir.

— Emely levou oitos anos sendo motivo de chacota de uma cidade, tendo pesadelos com tudo que aconteceu naquele dia. Foi horrível o que fizemos com aquela garota e ela não fugiu, ela ficou e lutou. — Ele segurou em minha mão. — Ela foi forte, ela que deveria ter caído fora, mas fui eu que fiz isso, fui covarde em não ficar e lutar por nós dois.

— Vocês dois se amam e vão superar tudo. — Eu acreditava no amor deles.

— Você também ama o Ricardo e aquele chato também ama você. — suspirou. — Não seja covarde, fique e lute por vocês dois e pelo amor da Emely.

— Não sei se posso.

— Você pode, tem uma força incrível dentro deste coração e vai vencer todas as barreiras. Não vai ser fácil, talvez nada volte a ser igual, mas precisa tentar.

— Obrigada, irmão, nosso pai ficaria orgulhoso pelo homem que você se tornou.

— Amo muito você, baixinha. — Com um beijo na testa ele me deixou sozinha na sala.

Murilo

Estava nervoso, cansado. Procurei a Kátia na cidade inteira e ela sumiu. Mulher escorregadia. Falei com um amigo do Rio, ele iria descobrir o porquê da Kátia estar naquela

cidade e por que tanta obsessão por mim.

Só em pensar nisso dava um frio na espinha, sentia uma tempestade se aproximando.

Estava ali na frente do hospital rodando, queria vê-la, mas não tinha coragem de entrar.

— Entra logo, rapaz. — Não tinha visto Rafael ali perto.

— Não, ela não precisa de mais confusão — respondi.

— Nem parece o cara que conheci anos atrás, que lutou pela vida do irmão com afinho e coragem.

— Ele morreu, não fui eficiente em minha luta. — lembrar-me do meu irmão era doloroso.

— Ele escolheu o lado dele, não foi culpa sua, seja corajoso agora também e vá lá dar um “olá” para ela.

— Por que está me ajudando? Nem gosta de mim.

— Não gosto de você com a Emely. Gente feliz não atrapalha relacionamento alheio.

— Emely e July merecem coisa melhor que nós.

— Concorde, mas amo a Emely e não consigo ficar longe. A July é minha menina, como se fosse minha irmã, por isso vou ficar de olho em você — dizendo isso bateu em meu ombro e saiu.

Suspirei, entrei no prédio e quando cheguei à recepção, pedi para vê-la. Logo fui atendido. Ela estava deitada toda enrolada, devia estar com frio com aquele lençol fino. Anotei para trazer um cobertor.

— Murilo? — Ela me viu na porta.

— Oi. — fiquei muito sem graça na frente dela. Parecia um adolescente.

— Posso te ajudar? — Aquela voz doce e hipnótica.

— Só passei para ver você e me desculpar pelo que aconteceu. — Não sei por que, mas eu não conseguia parar de dobrar o boné, nervoso.

— Tudo bem, você não tem culpa. Senta aqui na cadeira um pouquinho. — Como se fosse hipnotizado fui até a cadeira e sentei. Aquela pequena garota tinha um poder enorme sobre mim.

— Você não teve culpa, não carregue mais essa mágoa em sua alma. Ela já tem dores demais.

— Você é muito nova para entender tanto de dores. — sorri sem graça.

— Já vi tanta coisa nesta vida! Você ficaria chocada se contasse a você.

— Meu irmão era mais novo que eu, imaturo e se envolveu com o tráfico, foi um período sofrido para mim. — Não sei por que tive vontade de contar para ela aquela história. Poucas pessoas sabiam. — Ele foi morto pelo comparsa, por minha culpa, eu prendi o chefe deles achando que estava o ajudando.

— Não foi sua culpa.

— Ele morreu para que eu tivesse uma lição, ele deveria ter saído de lá, mas não veio, ele não quis vir. — Não conseguia para de falar, precisava falar.

— Escolheu não vir, sempre existe escolha, mas nem sempre escolhemos o caminho certo.

— Você é um anjo! — sorriu sem graça. — Como vai Maria?

Mudei o foco da conversa, chega de tristeza.

— Sinta como ela está agitada. — coloquei minha mão de leve em sua barriga e um leve chute em minha mão me deu um susto.

— Ela é forte! — era a coisa mais linda aquele sorriso. Um milagre aquele bebê e eu queria aquele brilho em minha vida. — Quando você estiver melhor vai querer tomar um sorvete comigo?

— Só se for de morango.

— Combinado.

Não desgrudávamos os olhos um do outro. Realmente, Murilo, você está encrencado. Você perdeu o coração para duas pequenas.

Capítulo 48

Graças a Deus estava tudo bem com a July. A história da vida dela ainda martelava em minha cabeça e eu ficava com vergonha de não conseguir alcançar o patamar de entendimento sobre a vida que nem ela, que já passou por tanta coisa e não tinha rancor de ninguém, não falava em raiva.

Suas palavras transbordavam sabedoria, carinho, mas nunca raiva pelos seres humanos que fizeram mal a ela, e eu sabia que esse era o correto, foi isso que Deus pregou para nós. O difícil era conseguir perdoar, esquecer e voltar a acreditar nas pessoas.

Meu coração batia cheio de amor pelo Rafael, mas no fundo, eu tinha muito medo de sofrer novamente, de tudo não passar de uma ilusão, de uma mentira. Esse medo poderia vir a ser o fim do nosso relacionamento.

Você deve estar se perguntando por que ando tão piegas e chorosa. Existem acontecimentos que te fazem refletir. A minha psicóloga sempre dizia que temos que aprender olhando ao nosso redor, aprender a ter empatia, não tomar as dores dos outros para si, mas procurar se colocar no lugar e analisar, pois tudo tem um porquê.

Tudo que July disse mexeu comigo. As palavras do meu pai também estavam mexendo com meus pensamentos. Eu sei que vai ser difícil perdoar a Duda, mais estou me sentindo egoísta em não fazer. Seria justo não perdoar? O meu pai nunca ficaria com a Duda se eu não conseguisse perdoá-la e meu amor pelo Rafael pode ser drasticamente comprometido por essa confusão. Afinal, ela é irmã dele e é o grande amor do meu pai. Que confusão, meu Deus!

Eu precisava analisar tudo com a cabeça fria, desta vez agindo com a cabeça, não deixando minhas emoções me dominarem. Não me olhem de cara feia, estou tentando ser adulta, podem parar com os julgamentos.

— Pensando em quê? — O Rafael veio dormir comigo. Ele estava só de cueca boxer na minha cozinha. Eu vi vocês revirando os olhos, invejosas! Podem babar mais um pouco.

— Estou aqui analisando algumas coisas que a July me falou.

— Aquela menina sabe mexer como o nosso emocional. — Ele sentou no sofá com um copo de suco na mão. — Às vezes me pergunto se ela não é um anjo.

— Também me pergunto isso. Ela fala umas coisas na hora certa, que sempre nos atingem como flecha.

— Com certeza, mas dizem que Deus escolhe alguns seres humanos para fazerem papéis de anjos, assim não consigo imaginar alguém machucando a July.

— Também, ela traz uma paz para todos. — deitei em seu colo, carinhosamente alisando seu peito.

— Vamos para cama, vou fazer uma massagem em seus pés.

— Hummm! Amo.

Fomos para o quarto onde tomei banho, vesti nada mais que uma calcinha de renda branca e deitei na cama.

— Você é linda, Emely. — Seus olhos brilhavam ao dizer isso.

— Pare, sou gorda, nada demais. — Ele colocou os dedos em meus lábios me silenciando.

— Você é linda, a mulher mais sexy e gostosa que eu conheço, porque tudo é seu, toda essa volúpia é sua. Sua personalidade junto com tanta gostosura faz de você perfeita. — fiquei vermelha, sem graça. Nunca ninguém tinha dito que eu era bonita, nunca me achei bonita ou sexy. Duda dizia sempre, mas ela era minha amiga, pelo menos era o que eu pensava na época, mas um homem dizendo isso com tanta convicção, nunca aconteceu. — Adoro cada parte do seu corpo, cada sorriso seu derrete meus neurônios, perco o ar quando você me beija, não consigo imaginar minha vida sem você.

— Rafael! — estava sem palavras.

— Não diga nada, só me deixa idolatrar seu corpo com minha boca.

Capítulo 49

Ele idolatrou meu corpo com sua boca e quando meu corpo convulsionou em sua língua, seus lábios encontraram com os meus. Ele gemeu com a sua língua invadindo minha boca, suas mãos em meus seios, fácil e rápido. Queria ele, precisava dele, estava em chamas e não aguentava mais esperar.

Minhas partes se contorciam de desejo, minhas pernas apertaram sua cintura, minhas mãos o procuraram.

— Quero você agora! — falei ofegante.

Meus quadris o mantiveram firme no lugar, estava faminta por ele, seus dedos enterraram no meu bumbum. Arfei com a sensação, pendii a cabeça enquanto ele invadia minha boceta molhada. Suas estocadas eram longas e furiosas, parecia que tocava minha alma, estávamos suados.

— Olha para mim, meu amor, quero que se veja em meus olhos quando eu gozar. — Ele pontuava suas palavras com estocadas, era quente, molhado, intenso, um jogo de entrega, ele estava totalmente comigo naquele momento.

— Rafaelaaaaaaaaa! — gritei seu nome, ele não parava de estocar minha boceta, estava duro como um pau, sentia o seu pulsar, éramos um só.

Seguindo meu orgasmo, ele também veio gritando meu nome. Foi fenomenal.

Estava suada e lânguida em seus braços e acabei dormindo.

Acordei com barulho do chuveiro e já eram sete horas da manhã. Não acredito que dormi a noite toda. Que vergonha! Devia ter aproveitado mais do Rafael. Pessoa dorminhoca, nem sabe deixar um homem com canseira.

Fui para o banheiro e abri o box. Ele estava nu em toda sua glória usando meu xampu.

— Você fica uma delícia todo molhado.

— Você acha? Então vem aqui mostrar para mim como você prefere comer essa delícia. — Com isso me puxou para debaixo do chuveiro quente. Homem delicioso de safado!

Sorrindo com cara de safada, gostaram dessa, não é? Fui descendo e ajoelhei em sua frente.

— Amo quando você faz essa cara. — Ele disse em êxtase quando o coloquei na boca.

O banho foi uma delícia!

Tomamos café juntos na padaria. Foi complicado não ficar sem graça quando todos estavam olhando para nós dois juntos. Rafael era carinhoso, nada discreto, fazia questão de me tocar, beijar, colocar o pão em minha boca, salpicar beijinhos em meu pescoço.

Pior que não era superficial, era dele mesmo essa necessidade de me fazer bem, de

mostrar que sou dele, que me queria, era uma forma de possessividade carinhosa.

As pessoas nem disfarçavam em olhar, cochichando. Ele nem parecia perceber, tão concentrado em mim. Mas eu estava constrangida com tantos olhares.

Depois que saímos de lá relaxei e quando já estávamos no estacionamento uma senhora se aproximou e falou na maior cara dura.

— Meu rapaz, você é muito bonito, fico triste em ver tanta beleza desperdiçada.

— Não entendi. — Ele estava sem entender mesmo, mas eu já estava ligada no que viria por aí.

— Vocês dois não combinam, seu pai não iria ficar feliz com esse namoro, você tem berço, é médico...

— Não entendi onde a senhora quer chegar. — Sua voz já estava alterada.

— Emely é uma fofa, menina boa, mas vocês não deveriam constranger a família desse jeito, essa menina quase destruiu você uma vez. — Que filha da puta! Já ia dar o dela, quando o Rafa falou.

— Não que eu lhe deva satisfação. — mediu a senhora de cima a baixo com seu olhar duro. Ela se encolheu toda. — Mas fui eu quem quase destruiu a vida dela e gente como você deveria se envergonhar por achar que sou melhor que ela, só porque a minha família tem posses. — pegou minha mão e saiu andando, mas acabou voltando e dizendo. — Faça um favor a nós dois, não nos dirija mais a palavra e guarde seus conselhos para quem lhe pedir.

Mostrei a língua para ela e sorri. Quando chegamos ao carro, ele estava ofegante e nervoso.

— Calma, Rafael! Já estou acostumada a essas fofoqueiras que se acham donas da verdade.

— Errado, Emely. Eu fico possesso de raiva por elas acharem que sou inocente, porque sou rico. É errado, isso não deveria acontecer. — bateu no volante com raiva.

— Nossa cidade é assim. Infelizmente não podemos mudar as pessoas, mas podemos fazer nossa parte com nossas vidas. Vai por mim, dá uma banana para elas que funciona. — tentei fazer graça para ele sorrir e não funcionou.

— Emely, nem você e nem ninguém merece passar por esse constrangimento. Tudo que aconteceu foi em nossa adolescência, não podemos passar a vida pagando por isso, só porque meia dúzia de velhas cheias de si assim deseja. — Ele estava realmente chateado. — Não admitirei que te tratem desse jeito. Você é minha mulher e vão ter que entender isso e aceitar nosso amor.

— Calma, amor, daqui a alguns dias elas esquecem.

— Não quero que esqueçam, quero que respeitem nossa decisão, não devemos satisfação a ninguém.

— Tudo bem, deixa isso para lá. Vamos buscar a July.

Seguimos para ao hospital onde já a encontramos arrumada para partir. Sorridente, despediu-se de todos que estavam ali. As enfermeiras ficaram encantadas com ela, cheia de mimos e, com isso, ganhou vários presentinhos para Maria.

Aquela garota cativava a todos por onde passava. Era iluminada.

Murilo

Estava em busca da Kátia, que tinha sumido. Ninguém na pousada sabia dela, não tinha aparecido para trabalhar. Seu carro sumiu também, nem uma notícia.

Era estranho esse comportamento, mas todos os policiais estavam de sobreaviso. Eu seria o primeiro a ser informado assim que ela voltasse. Iria intimá-la para vir à delegacia. Dessa vez não salvaria sua pele, deixaria os advogados da Duda acabarem com sua raça, ela precisava de uma lição. Não seria presa, mas pagaria uma excelente indenização para aprender.

Mas antes, ela teria que me contar o porquê de ter mentido, queria explicações.

Estava com um pedaço de torta de chocolate no carro para July. Sabia que a qualquer momento ela chegaria do hospital, queria só saber se estava bem.

Percebi o carro do Rafael chegando e aguardei na porta da floricultura. Engraçado, mas a Emely e o Rafael formavam um belo casal. Ela em toda sua volúpia, morena. Era uma mulher espetacular com toda aquelas curvas, eu a achava deliciosa. Um dia, talvez tivesse dado certo entre a gente, mas vendo o Rafael totalmente apaixonado, vejo que jamais teria acontecido.

A história daqueles dois só deu um tempo, agora voltou com carga total e eu torcia para que desse certo, porque depois de tudo, eles mereciam. Mas a beleza da Emely se apagava perto daquele anjo. July era linda, eu não conseguia explicar sua beleza.

Era uma mistura de angelical com fatal, seus olhos serenos com aqueles cabelos maravilhosos. Ela tirava meu sono, fazia-me querer fica perto, cuidar, zelar.

— Bom dia — falei sem graça e Rafael deu risada da minha cara.

— Bom dia, Murilo, você apaixonado está uma figura. — O sacana falou.

— Vim ver como está a July. — Ela sorriu e parecia que o sol se abriu. — Tudo bem, pequena?

— Sim, delegado — falou com um pequeno sorriso.

— Murilo! — corrigi. — Já passamos dessa fase de formalidade. — dei a ela o prato com a torta. — Para comemorar sua volta.

— Obrigada, Murilo.

— Melhor.

— Vamos subir, July? Assim você deita e descansa um pouco. — Emely disse me

fuzilando com o olhar.

— Claro! Obrigada mais uma vez, Murilo, e não se esqueça de que temos um sorvete de morango para tomar. — subiu a escada junto com a sua protetora que, com certeza, não facilitaria minha vida.

— Você está lascado. — O doutor se divertia.

— Não entendi. — cruzei os braços não achando graça.

— Emely não vai deixar você se aproximar da July tão facilmente.

— Ela não deveria se meter.

— Claro que deveria. A menina não tem ninguém, você acha que ela não vai protegê-la?

— Não sei o que está acontecendo comigo, ela é uma garota de dezessete anos — falei angustiado, olhando para escada.

— Isso é amor, meu irmão, amor!

— Será?

O cara caiu na gargalhada, lágrimas desciam dos seus olhos, faltando rolar na calçada. Maluco.

— Você é um babaca! — entrei na viatura e dei partida.

— Bem-vindo ao clube dos apaixonados — gritou dando mais risada ainda.

Capítulo 50

Tinha passado alguns dias e a July já estava de volta à floricultura. Dali a dois dias seria seu aniversário e eu iria fazer uma festa surpresa para ela. Eu já tinha tudo preparado, meu pai era meu cúmplice, seria em sua casa, para não levantar suspeitas.

Queria que saísse tudo perfeito, pois ela merecia. Pedi ao Rafael para convidar a Duda, sua mãe e as meninas do hospital também. Elas amaram a July quando ela ficou internada, mas é claro não estou querendo convidar o Murilo.

Não me olhem de cara feia, suas bajuladoras de homem bonito e gostoso, tenho medo que ele machuque minha pequena. Ela já sofreu tanto, ainda tem a Maria, não quero que nada de ruim aconteça àquelas duas.

Se bem que o cara parecia apaixonado, todo dia trazia bolo de chocolate, que eu aproveitava e comia também, e sempre estava uma delícia! Sempre levava July para tomar sorvete e, pasmem, ele comprou uma TV de 52 polegadas para ela, o que rolou a primeira briga dos dois. A menina tinha força de vontade e achou uma afronta ele comprar uma coisa tão cara.

Claro que ela devolveu, e eu fiquei com pena dele. Sei que tinha boa intenção, mas July não seria comprada. Quase pedi, eu disse “quase”, para ele colocar lá em casa. Seria um sonho assistir um filme em uma daquelas. Fiquei de olho comprido na TV e o Rafael deu altas risadas de minha cara, mas comprou uma dizendo que era para assistir futebol aos domingos.

Vocês ficaram com inveja, não é? Pode crer, o cara era um fofo, lindo, bom de cama. Querem mais detalhes? Ohh, invejosas!

Estava rindo da cara de vocês quando meu telefone tocou e era o Adriano, o fotógrafo.

— Oi Adriano. — estava animada.

— Bom dia, Emely.

— Fico feliz que tenha ligado, quero te convidar para o aniversário da July, neste sábado. Será surpresa.

— Muito bom, vou fazer o possível para poder participar, mas estou ligando para dar-lhe uma notícia.

— Sim, pode falar.

— A revista está pronta, vai sair essa semana nas bancas, mas mandei umas fotos suas para um amigo e ele quer conversar com você.

— Por quê? O que tem esse amigo? — estava confusa com aquela conversa.

— Ele tem uma agência, Emely, ele quer fazer um *book* com você.

— Não sou modelo, Adriano, não acho que sirva para isso. Além do mais, sou gorda.

— Emely, modelos *Plus Size* ganham bem e quebram tabus. Você mesma me disse que

gostaria de mostrar para as outras meninas que ser gorda não é defeito.

— Com certeza. E quanto ganha?

Ele disse os dígitos e eu quase tive um treco. Sério! Ganha tudo isso? O que devo fazer? Meu Deus, estou com medo.

— Vamos fazer assim: você conversa com ele, vê a proposta e depois veremos.

— Certo. E quando posso falar com ele?

— Você tem que vir ao Rio. Ele quer umas fotos com o fotógrafo da agência e você pode dar um passeio.

— Rio de Janeiro? Nunca fui lá.

— Estarei com você, Emely, será tudo pago pela agência.

— Tudo bem, acho que posso fazer isso.

— Então iremos na próxima segunda.

— Já?

— Claro, vai ser maravilhoso, vamos *turistar* pelo Rio depois.

Deu um frio da barriga, pois eu sabia que o Rafael não iria gostar nada disso. Mas vou fazer mesmo assim, era hora de ganhar asas. Comecei a sorrir e lembrei que a Duda seria a primeira pessoa que contaria se estivéssemos bem.

Capítulo 51

Eu estava superansiosa pelo aniversário. Como eu acho que ela nunca teve uma festa, fizemos tudo de princesa. Meu pai disse que seria muito infantil aquelas coisas de criança, mas tenho certeza que ela vai adorar.

Tudo rosa e branco, o bolo era de três andares e tinha um sapatinho de cristal em cima. Uma cascata de bolas ia de uma parede a outra. Todos os salgados estavam no lugar, bebidas e petiscos, seria uma festa linda.

Ela amanheceu triste, tentou disfarçar, mas percebi que estava se sentindo abandonada. Comprei um vestido para ela e a entreguei logo cedo. Ficou certo que Murilo iria buscá-la para jantar, como desculpa para levá-la à casa do meu pai. Pois é, acabei me rendendo e chamei o Murilo, fazer o quê? Parem de rir de mim.

No caminho para casa, encontrei a Duda saindo de uma loja de presentes e nos esbarramos sem querer.

— Desculpa, Emely. — Ela estava totalmente sem graça com a situação.

— Tudo bem. — suspirei. — Vai ao aniversário?

— Acho que não. Estou comprando uma lembrança para ela e enviarei pelo Rafa.

— Ela vai ficar triste.

— Não tem clima, Emely. Imagine seu pai, você e eu no mesmo espaço? — Ela olhava para frente como se estivesse engessada. — Não posso fingir que não vai doer olhar para ele e não tocar. Eu amo seu pai, amo você também, mas sei que não mereço perdão pelo que fiz.

— Não sei quando vou poder perdoar, mas eu quero você lá conosco, não vai ter graça sem você.

Virei e saí caminhando.

— Emely? — virei e esperei. — Obrigada. Prometa-me que iremos conversar um dia?

— Prometo!

Continuei caminhando e fui para casa. Senti-me aliviada porque falei com ela. Meus sentimentos ainda eram indefinidos, mas meu pai merecia uma mulher como a Duda. Ele já sofreu muito para me criar, seria egoísmo não ver a solidão em seu olhar.

Voltei para a floricultura e fui recebida por uma July toda cheia de sorriso.

— Olha o que ganhei! — Em sua mão estava uma caixinha pequena.

— O que é? — fiquei maravilhada quando ela abriu a caixa e dei de cara com dois brincos de borboleta, um para adulto e outro para uma criança. — Que lindos! Parecem joias de verdade.

— Acho que são caros, o Rafael quem me deu. — Seus olhos brilhavam. — Nunca ganhei presente no meu aniversário. Quando fiz 17 anos ganhei uma surra porque me dei a fazer sexo

aquela noite.

— Ohh, July, acabou. Agora é uma vida nova, todos amam você e a Maria.

— Eu sei, já agradei a Deus por esse ano, obrigada, Dona Emely.

— Emely. — corrigi. — Somos amigas-irmãs, nada de “dona”.

— Certo, Emely. — Nós nos abraçamos forte e tive certeza que daria minha vida para proteger aquela pequena. — Vou jantar com o Murilo hoje.

— Tomara que ele não traga outra TV de presente. — sorrimos juntas.

— Ele só quer acertar, mas não sabe como. — Ela disse serenamente.

— Com certeza você vai ensinar. — beijei sua cabeça. — Um dia vou ser como você.

— Rafael já está comendo na sua mão. — Ela bateu palmas. — Está louco para se mudar para seu apê.

— Ele praticamente já mora lá, tem roupas, cremes, perfumes, tudo em meu armário.

— Ele ama a senhora.

— Você! — corrigi de novo. — Eu sei, mas ainda tenho medo. Como faço para deixar rolar sem neuras? — mordi a unha. — Fico apavorada.

— Vocês estão indo bem, na hora certa tudo se ajeita.

— Não contei para ele sobre o *book*, estou com medo da sua reação, ele vai querer ir ao Rio comigo, mas eu não quero.

— Por quê?

— Não sei, quero, pela primeira vez, fazer uma coisa sozinha.

— Isso vai dar a maior briga entre vocês, a viagem é segunda-feira.

— Vou contar domingo.

— Não sei se isso vai acabar bem.

Capítulo 52

Estávamos todos reunidos esperando a July. Eu estava com uma saia jeans rasgada, camiseta com o nome “sexy” na frente, uma blusa jeans aberta na frente, uma bota de cano curto e cabelos presos. Eu diria que estava sexy sem ser vulgar.

Rafael babou e tentou me apertar a todo o momento, dizendo o quanto eu era gostosa. Deixei-o mais calmo com promessas de uma boa lambida depois.

Duda parecia deslocada, linda como uma princesa em sua calça cintura alta e camisa com o nome “CHIQUE” na frente, calçada no salto fino, com cara de rica e fina.

Meu pai recebeu a todos com um sorriso no rosto. Eu acho que parte desse sorriso se deu por ter a Duda por perto e por eu não ter feito nem um drama, deixando-o mais tranquilo. Toda hora ele oferecia uma bebida a ela e tentava puxar conversa. Homem apaixonado é pior que mulher, mas eu estava ficando chateada, com ele puxando o saco dela como um bobão.

Suspirei tentando deixar para lá. A noite era da July, não devia estragar com meu ciúme bobo. Meu pai era adulto e sabia se cuidar muito bem. Avistei a mãe do Rafael e fui até ela.

— Como sempre, uma diva. — Ela sorriu e me abraçou, era uma *lady*.

— Emely, a cada dia que passa você fica mais linda e não estou falando de beleza física, estou falando de beleza aqui de dentro. — tocou meu coração. — Linda você sempre foi, mas agora seu rosto transparece uma beleza de felicidade, calma, paixão e aceitação.

— Que palavras lindas! Enche meu coração de alegria ouvir isso.

— Há dias que tenho tentado arrumar um tempinho para falar com você, mas estava com uns compradores de fora do país lá em casa e acabei não tendo tempo.

Fomos até uma mesa e sentamos.

— Seu pai fez um belíssimo trabalho com essa festa, sempre sensível.

— Com certeza, ele é um grande homem.

— Verdade, como estava dizendo, queria falar com você, o Rafael e a Duda juntos. — tentei falar, mas ela me calou com o olhar. — Criei vocês todos, no fundo você também é minha e eu sempre amei você, Emely, sempre! — fiquei calada de cabeça baixa porque previa um sermão. Ela deixava as coisas rolaem para depois vir e consertar nossa bagunça. Sempre foi assim. — Estou triste com toda essa confusão. Seu pai não merece e eu não mereço, não criamos vocês para isso. — levantou meu queixo e olhou nos meus olhos. — De todos eles, você sempre foi a mais forte, suportou uma mãe egoísta e fraca e, mesmo assim, continuou linda por dentro e por fora. Eles tiveram tudo, quando digo tudo, Emely, digo amor também. — Seu olhar, duro e firme, não deixava o meu. Era uma mulher extraordinária. — Meus filhos foram fracos, mimados e o que

aconteceu foi baixo, vil, doente. Minha família sofreu e a sua também. Fui dilacerada, perdi meu marido naquele dia. Ele não foi mais o mesmo, perdeu o brilho, a vontade de viver.

— Sinto muito. — Ela segurou minha mão.

— Não criamos nossos filhos para isso, mas não podemos impedi-los de errar. Ficaram marcas irreparáveis para todos, mas o futuro nos apresenta esperanças, Emely, não deixe o passado afetar seu amor por meu filho. Você é a luz na escuridão da vida dele, assim como seu pai é a luz da Duda e vice-versa.

— Estou tentando!

— Pense, Emely! Não deixe a dor, o orgulho e a mágoa dominarem você. Somos uma família e família vence os dissabores unida.

— Vou pensar.

— Vou marcar um jantar em minha casa e vou querer todos vocês ao redor de minha mesa. Vamos vencer tudo isso, juntos. Quero netos, Emely, minha vida aqui na Terra está quase no fim, quero conhecê-los antes de partir.

— A senhora tem uma vida inteira pela frente. — Ela levantou e balançou o lenço que segurava.

— A vida é fugaz, temos que aproveitar o tempo que nos resta.

Não tive como responder por que a July chegou e todos nós corremos para apagar a luz. Ela estava linda em seu vestido rosa, parecia uma fada naquele tule.

Quando nos viu, seu rosto se encheu de alegria e esperança. Chorando, abraçou a todos. Sentia-me recompensada por ter causado tanta alegria a ela.

Cantamos parabéns e o primeiro pedaço foi meu. Chorei, sou uma chorona, podem rir de mim. A festa estava muito boa, até o Adriano aparecer e Rafael fechar a cara.

— O que ele faz aqui? — perguntou olhando feio para o cara que estava cumprimentando a July, com uma caixa enorme de presente.

— Veio para o aniversário, ele gosta da July.

— Ele gosta de você, isso sim. Não gosto deste cara.

— Para com isso, Rafael, ele é amigo dela e merece participar da sua festa.

Adriano nos viu e veio falar comigo. O homem era lindo, um deus grego.

— Boa noite, Emely, tudo pronto para segunda? — Agora estou ferrada.

— O que tem segunda? — perguntou Rafael, desconfiado.

— Nossa viagem. — O outro respondeu cheio de sorrisos.

— Tudo pronto, Adriano, Rafa preciso falar com você. — saí puxando seu braço antes que uma tragédia acontecesse.

Fomos até meu antigo quarto conversar.

— Diga o que você anda aprontando com esse idiota arrumadinho.

— Na realidade, vou viajar para o Rio com ele, passar uns dias. — Não estava dando certa essa abordagem, ele ficou vermelho.

— Como assim? — passou a mão no cabelo e sentou na cama.

— Uma agência quer assinar comigo como modelo e preciso tirar fotos para o *book*.

— Por que só estou sabendo agora? Diga-me, Emely, quando iria me contar?

— Eu, eu... Na realidade quero fazer isso por mim mesma, quero, pela primeira vez, tomar uma decisão por mim.

— Nunca que iria te atrapalhar, Emely, só quero seu bem e, mais uma vez, tenta diminuir nosso relacionamento. Quando vou parar de pagar pelos meus pecados? — levantou da cama e foi até a porta. — Somos adultos agora, não somos mais adolescentes sem cabeça, sei o que eu quero, mas nosso relacionamento só pode funcionar a dois.

Com isso saiu me deixando sozinha. Merda! Eu devia ter contado antes, foi infantilidade minha esconder isso dele, droga.

— Emely? — virei e Duda estava na porta torcendo as mãos.

— Sim — sentei na cama e esperei.

— Desculpa, mas ouvi sua conversa com o Rafa. Parabéns pelo *book* sei que vai ser uma grande modelo.

— Obrigada, mas eu acabei magoando o Rafa.

— Vai passar, ele sempre perdoa. — sentou do meu lado e ficou calada.

— Espero que sim. Eu gosto dele, gosto do que temos, não quero perder o que já conquistei.

— Sei como é, mas você vai conseguir, sempre consegue, é a mais forte de todos nós.

— Sua mãe também me disse isso hoje. Mas será? Às vezes me acho tão mimada e frágil.

— suspirei. — Vou viajar segunda-feira, mas quando eu voltar, podemos conversar?

Ela me olhou com esperança no olhar.

— Claro que sim, vamos marcar, vou querer saber tudo que aconteceu lá.

— Tudo bem.

Adriano apareceu na porta do quarto e olhou para Duda curioso.

— Duda, esse é o Adriano meu amigo.

— Prazer.

— Prazer.

— Vamos tomar uma bebida, estou precisando.

Ricardo

A noite seria longa, já tinha tomado três cervejas para clarear a mente. Era maravilhoso

fazer a pequena feliz, mas ter a Duda perto era uma tortura, estava mais linda que nunca naquela calça apertada.

Aquela mulher me enlouquecia, tirava meu fôlego, meu coração batia mais rápido com ela por perto. Sou apaixonado por ela, vivia cada dia uma luta com minha consciência entre a lealdade a minha filha e meu amor pela Duda.

Eduarda corria no meu sangue como lava quente. Acordava molhado sonhando com ela, e só de imaginar ela com outro homem ficava fora de mim.

Neste momento, estou me controlando para não quebrar a cara daquele fotógrafo que babava em cima dela. Como posso dizer que ele está errado, se ela realmente é linda e solteira? Só de imaginar meus dentes rangiam.

— Também não gosto deste arrumadinho.

— Ele vai viajar sozinho com sua namorada — falei para espezinhar o Rafael.

— Fiquei sabendo, mas é em cima da sua que ele está jogando charme. — Médico idiota.

— Ela não é mais minha. — tomei mais um pouco da cerveja da lata.

— Então, o caminho fica livre e ele esquece a minha namorada. — Com isso, bateu na minha garrafa com seu copo e saiu sorrindo.

Esse moleque era muito atrevido, tirado a sabe tudo. Não sei o que minha filha viu nele, chegava a ser irritante. Com o canto dos olhos vi a Duda seguir para o banheiro do meu quarto.

Segui de perto e entrei no quarto assim que ela entrou no banheiro. Tranquei a porta do quarto. Era loucura, mas precisava falar com ela a sós. Ela tomou um susto quando me viu parado ali.

— Ricardo! Quase me mata do coração.

— Preciso falar com você.

— Sim, sobre?

— Não gosto daquele fotógrafo, ele é muito pegajoso.

— Não tenho que te dar explicações sobre minhas amizades. Desculpa, mas você pode dar licença?

— Não!

Puxei seu braço e tomei sua boca na minha, apertando-a. Estava louco de saudades. Aquela mulher tinha dominado meu sangue.

Sua língua se rendeu e procurou a minha. Fomos parar em cima da cama. Procurei seus seios, queria marcar sua pele com meu nome.

— Não! Temos que parar. — Ela se soltou e saiu do quarto correndo.

Estava perdido. Como vou conseguir ficar longe?

Capítulo 53

A festa estava muito animada para July, muitos presentes, muitos amigos, mas minha cabeça não saía da minha discussão com o Rafael e das palavras de sua mãe.

Será que eu estava sendo muito egoísta? Sentei no banquinho da pracinha, pois precisava de um tempo, sozinha. Apesar de toda fofoca e preconceito, eu amava aquela cidade. Nunca viajei e sempre quis conhecer o mundo.

Meu medo de viver sempre foi meu pior inimigo. Aqui eu tenho meu pai e amigos. Ficava com medo de sair e não me adaptar. Sei que poderia ter ido para a faculdade, mas tinha medo de não ser aceita por lá, por isso acabei ficando por aqui mesmo.

A noite estava gostosa para pensar. Eu amava o Rafael, não adiantava negar, fingir que não o amo. Não me vejo sem ele, adoro cada parte daquele doutor delicioso.

Porra, por que fui esconder essa viagem dele? Agora estava em um beco sem saída. Que raiva de mim mesma, às vezes!

— Triste? — virei e encontrei o Adriano olhando ansioso.

— Pensativa. — sorri e ele sentou do meu lado.

— Seu namorado é possessivo, não gostou de saber que você vai viajar comigo.

— Ele é protetor, temos uma história meio tensa, mas estamos superando. — precisava deixar claro que não tinha interesse em outro homem que não fosse o Rafa.

— Imaginei, ele ama você. O cara não desgruda o olhar de nós dois. — virei e dei de cara com o Rafael nos olhando de cara feia perto do seu carro.

Suspirei e levantei para falar com ele, estava na hora de pedir desculpas pela mancada.

— Emely? — virei para o Adriano.

— Duda tem namorado? — perguntou com o olhar ansioso.

— Humm, ela tem dono e é dona de alguém.

— Imaginei. — suspirei triste.

— Se não quer sua cara linda quebrada, melhor ficar longe dela — falei e dei as costas.

Fui até o Rafael que já estava sentado dentro do carro para partir. Abri a porta do passageiro e entrei, não iria sair sem conversar.

— Vai embora? — perguntei olhando para frente.

— Sim, estou cansado. Despeça-se da July por mim. — Não me olhou quando disse isso.

— Desculpa, eu devia ter contado a você. — estava nervosa, tinha feito merda desta vez.

— Emely, acredito que precisamos de um tempo. Você vai para o Rio e eu vou ficar aqui. Precisamos ter certeza se é isso o que queremos para nós.

Meu coração deu um tranco de medo.

— Está terminando comigo? É isso?

— Estou dando espaço para você descobrir o que deseja. Quero muito mais de você, princesa. — Dessa vez seu olhar se desviou para o meu. — Viajei, conheci o mundo, fiz merda, namorei outras garotas. — Nossa, como doía. As suas palavras estavam me machucando, não queria saber de outras mulheres em sua vida. — Você não teve nada disso, não é justo segurá-la se nem você tem certeza. Quero muito que fiquemos juntos, mas você precisa querer também.

— Tudo bem, Rafael, entendi. — estava arrasada. Meu coração estava batendo a mil, mas meu orgulho me mantinha firme.

Peguei na maçaneta da porta para abrir e descer, ele segurou e não deixou.

— Você não está entendendo nada. — Sua voz veio até mim ansiosa.

— Sim, eu entendi. Entendo que cada vez que a coisa não sair do seu jeito, vamos dar um tempo, é isso? — perguntei e não esperei a resposta. Abri a porta do carro e desci.

— Emely? — Ele me chamou apreensivo.

— Fique tranquilo, Rafa, vou fazer tudo que você fez antes de voltar para a cidade. Vou viver tudo que puder esses dias lá no Rio.

— Não disse isso!

Não dei bola para suas palavras e entrei na festa.

Duda

Ainda estava tremendo depois de tudo que aconteceu com Ricardo. Tive que implorar por forças aos céus para não voltar àquele quarto, tirar minha roupa e me jogar em cima dele.

Queria muito ser dele, na realidade nunca deixei de ser dele e estava sendo muito difícil me manter longe. Estava ali bebendo, sorrindo, mas por dentro estava um caos. Ainda tinha o fotógrafo que não parava de me paquerar, ele era lindo, sexy, mas não era meu Ricardo.

Seria bom namorar outra pessoa, mas não estava preparada para ninguém tocando meu corpo. Depois dele, acredito que não conseguiria ser de mais ninguém.

Fui me despedir da July porque eu já estava ficando chateada com as investidas do Adriano e também não havia mais assunto com ele. O olhar do Ricardo era mortal, pressinto uma tempestade se aproximando.

Depois de encher aquela fada de beijos e abraços, segui para a saída da casa. Chegando ao meu carro quase morro de susto ao ter meu braço segurado.

— Deus! É a segunda vez que você me assusta hoje.

— Já vai embora? — Ele não me soltou.

— Sim, já é tarde e preciso pegar a estrada. — dei a melhor resposta que veio à cabeça.

— Você sabe que pode dormir aqui. — Seu olhar era quente.

Consegui soltar meu braço e abri a porta do carro para entrar, mas não consegui entrar, porque ele segurou meu pescoço por trás e beijou minha nuca lambendo minha orelha. Arrepios de excitação passaram pelo meu corpo. Acho que molhei a calcinha.

— Ricardo, para com isso, você sabe que não podemos. — Minha voz estava chorosa de desejo.

— Tentei, caralho, juro que tentei, mas estou louco de ciúmes de você.

— Isso é só possessividade. Você não me quer, mas não quer que outro homem me tenha.

Soltei-me e fui para longe dele, mas se ele dissesse que me amava, provavelmente estaria de pernas abertas esperando ele meter seu pau grande e grosso.

— Vamos conversar, vamos resolver essa merda toda, Duda.

— Sua filha não vai gostar disso e eu mereço mais, Ricardo. — suspirei. — Não quero me esconder, não quero ser um mero caso de sexo casual.

— Você nunca foi isso para mim. — Ele ainda tentou argumentar.

— Prove!

Empurrei-o e entrei no carro. Estava na hora dele fazer algum esforço para que nossa história deixasse de ser um mero caso para ser um caso real.

Capítulo 54

Passei o domingo alternando entre alegria e tristeza. Triste pelo fora do Rafael e feliz porque iria viajar para o Rio de Janeiro. Arrumei as malas. Meu pai apareceu para se despedir e dar sermão sobre o perigo da cidade grande, mas seu olhar estava pensativo e distante.

July estava numa bolha de felicidade. Claro que o melhor presente foi o do delegado: um celular de última geração com seu número gravado. Estava supermeloso, toda hora ele ligava para saber de alguma bobagem.

Homem apaixonado era bem cômico, às vezes, o cara parecia um ursão protetor, e como era sua folga, apareceu para levar July em um passeio na cidade vizinha. Pelo menos alguém estava feliz no amor.

O meu celular não tinha nenhuma ligação daquele cabeça dura. Pois, então, ele vai ver o que vou fazer, vou curtir, beber todos os drinks e ficar bem bêbada. Vou beijar o homem mais lindo que eu achar.

O que foi? Vocês me olham com esse olhar de desprezo porque não sabem o que estou sentindo. Estou arrasada, ok? Agora ele está solteiro, está disponível para vocês e eu ficarei no Rio, bem linda e feliz.

As lágrimas vieram sem culpa. Não queria chorar, mas a ideia do Rafael namorando outra me tirava do sério.

Passei a noite em claro, chateada e acordei com olheiras enormes. Fui para a cidade vizinha no meu carro e de lá pegamos condução para o aeroporto. Adriano estava calado e eu de mau humor, fazíamos uma dupla interessante.

Quando meu voo foi anunciado, senti meu celular vibrar, mas não quis olhar, só peguei já dentro do avião. Era uma mensagem do Rafael. “Amo você, não esquece.”.

Era uma boba e não deveria me importar, mas suas palavras me fizeram sorrir. Eu era completamente apaixonada por aquele idiota. Precisava voltar para casa logo e resolver nossas pendências.

Chegamos ao Rio. Já era noite e fomos direto para o hotel e, apesar de tudo escuro, eu estava encantada com tantas luzes e tanto brilho. Era um sonho.

No hotel, um luxo de lindo, em Copacabana, dava para ouvir da janela o barulho do mar, só que fazia um calor insuportável, mas como não tinha costume de sentir esse clima, era tudo novo e maravilhoso para mim.

Acordei bem disposta, liguei para o papai e contei tudo que tinha acontecido até ali, em seguida falei com a July que parecia borbulhar de felicidade. Tomei banho e coloquei uma saia lápis marrom, blusa branca de botão e calcei um salto da mesma cor da saia. Uma maquiagem

leve, a bolsa de couro que a Duda me deu em meu último aniversário, óculos de sol e estava pronta. Eu estava linda.

Pelo assovio que o Adriano deu na mesa do café, eu realmente estava poderosa. Isso é bom porque eu queria impressionar, minhas curvas estavam em evidência e era isso que eu queria.

— Já viu a sua matéria? — jogou a revista em minha frente com um sorriso sexy.

Peraí, aquela era eu mesma? Não estou acreditando que sou a garota da capa! Estava linda, de malha, encostada no poste do *pole dance*, com a cabeça jogada para o lado parecendo uma mulher fatal.

— Meu Deus! Na capa? — falei tapando a boca emocionada.

— Sim, era minha surpresa para você.

— Nem acredito! — Realmente estava sem acreditar.

— Leia a matéria.

Na chamada estava escrito: “Emely em toda sua exuberância.”. Abri a revista tremendo, tinha fotos de várias outras mulheres e entrevista com todas elas, e quando cheguei a minha, confesso que estava muito emocionada. “Emely, filha da cidade de São Conrado, uma cidade montanhosa e bem pitoresca. Elegante e reservada, para quem não a conhece, mas para os amigos, ela é um encanto, com tanto bom humor, dona de uma floricultura, não esconde seu orgulho de chegar aonde chegou. Exemplo para sua geração. Faz *pole dance*, não escondendo sua sexualidade, alega que seu peso já foi motivo de vergonha, mas hoje convive bem com isso. Acredita no amor, na vida e na família. Leal e companheira, Emely é um exemplo de mulher guerreira, está trilhando nos caminhos da modelagem, quebrando padrões de beleza impostos pela sociedade. Emely é nossa *Woman* da semana.”.

No começo da matéria tinha uma foto do meu rosto. Meus olhos estavam brilhantes e bem expressivos. Já no fim, tinha outras fotos pequenas: na floricultura, na academia e outra na praça da cidade.

Meus olhos encheram de lágrimas. Nem acredito que tudo o que li fazia parte de mim. Sou uma boba chorona, mas era lindo ler aquilo e perceber que posso ser mais que uma menina escondida dos seus próprios medos. Segurem-se! Essa menina estava saindo para conhecer o mundo!

Capítulo 55

Chegamos à agência e já estavam a nossa espera. O amigo do Adriano era baixinho e bem sem graça, mas tinha um olhar aguçado e frio. Parecia que enxergava nossa alma.

Fomos apresentados e todos foram bem simpáticos. Depois de alguma conversa nada a ver, fomos tirar algumas fotos, acabei tirando com a roupa que estava.

O fotógrafo era bem educado e tranquilo, ele me fez sorrir várias vezes, foi tudo bem calmo e simples. Saímos de lá antes do almoço.

Nada sobre contrato foi conversado. Amanhã voltaríamos para ver as fotos, aproveitei a tarde para passear e conhecer a cidade. Adriano foi excelente me apresentando tudo. O Cristo foi minha primeira parada, pois estava ansiosa para conhecer, com isso tirei várias fotos. Vantagem em ter um fotógrafo por perto!

Postei todas as fotos na minha rede social e, na mesma hora, várias curtidas. A Duda foi a primeira a fazer isso.

Chegamos já tarde no hotel. Tomei banho e preferi tomar café no quarto. O Adriano disse que sairia com uns amigos, então aproveitei para falar com meu pai e saber como foi o dia da July, sozinha na floricultura.

Levei vários minutos com o Senhor Ricardo e percebi que ele estava feliz por mim, mas sua voz ainda era de tristeza. Ele devia sentir falta da Duda. Com July demorei mais, porque ela estava cheia de novidades.

— Como assim?

— Não entendi nada, Emely. As flores do casamento foram canceladas, a moça disse que você ligou e avisou que não podia mais fornecer.

— Não fiz isso. E agora o que vamos fazer com tantas rosas brancas?

— Entrei em contato com o fornecedor e ele aceitou receber a metade, pois tinha cliente para comprar, e a outra parte ainda não sei o que vou fazer.

— Estranho. Essa cliente nunca falha, por isso não liguei para ela, mas deve haver alguma explicação.

— Ela também achou estranha sua ligação. Disse que você era muito correta, mas teve que procurar outro fornecedor, pois estava muito em cima o casamento.

— Tudo bem July, vamos dar um jeito.

— Rafael esteve aqui — Meu coração fez um barulhinho. —, perguntou se tinha falado com você.

— Como ele estava?

— Com medo.

— Medo?

— De perder você, apesar de achar que lhe deve esse tempo, ele tem medo de que você goste e não queira voltar.

— Ele é uma anta.

— Ele te ama.

Suspirei e me despedi. Percebi que ele também tinha curtido minhas fotos. Como tinha umas que tirei para matéria, coloquei no meu perfil e na mesma hora choveram elogios. O povo era fofoqueiro mesmo, além de tudo, falso.

Na foto, ele colocou um coração. Achei tão fofo, deu vontade de ligar, mas não podia, tinha que ser dele o primeiro passo. Duda também comentou dizendo #lindonasempre.

Acordei atrasada para o café, eu me vesti rapidamente e fiz uma maquiagem qualquer. Coloquei um vestido solto de bolinha e uma sapatilha. Estava simples e leve. Adriano só resmungou quando me viu com cara de ressaca. A noite deve ter sido boa.

Pegamos um táxi para a agência. As fotos ficaram lindas, eu nem me reconhecia, parecia poderosa, cheia de vida. Comecei a sorrir maravilhada, todos me abraçaram. Tirei outras fotos, agora com roupas da agência, de biquíni. Nessa parte fiquei com vergonha, mas depois me soltei. Depois nos deslocamos, pois o fotógrafo queria umas fotos à luz do dia. Saímos para um pátio, onde foi tudo preparado com pufes e plumas. Vesti várias saídas de praia e vários biquínis. Passei o dia fazendo fotos. O almoço foi uma salada leve e tomei várias taças de Prosecco.

Estava meio alta quando terminei e resolvemos ir a uma boate. Foram todos os que participaram da sessão, nunca tinha ido a lugares assim. Foi bom, tomei todas as Margaritas do lugar, dancei com todos os meninos. Já eram três horas da manhã quando voltamos para o hotel.

Acordei às sete horas para uma nova sessão de fotos, estava louca de dor de cabeça e, dessa vez, foi Adriano que riu da minha cara.

O dia parecia que não iria terminar. Estava louca para dormir e esquecer que tinha vários tambores em minha mente.

Como todos estavam exaustos pela noite de bebedeira, menos o chefe que parecia que nunca bebeu todas as cervejas importadas daquela bendita boate, ele resolveu que poderia parar quatro da tarde. Voltei para o hotel, tomei várias aspirinas e caí na cama.

Acordei com o celular vibrando. Era meu pai, que me passou o maior sermão, pela foto que postei dançando e bebendo com três rapazes da agência, só que eu nem lembrava que fiz isso.

Disse que eu estava me expondo, que essas coisas não eram do meu feitio, que não podia deixar essa vida nova subir à cabeça. Fiquei triste e com vergonha, porque ele tinha razão, mas para meu desconto, eu estava bêbada e nem me lembrava de nada. Assim que desligamos, fui logo olhar que fotos postaram e quase tive um treco.

Tinha sido várias, em todas eu estava bebendo e dançando. Tinha até uma onde eu aparecia

sendo beijada na bochecha pelo dono da agência. Meu Deus, Rafael viu isso? Estou lascada.

Murilo

Passei na casa da July duas vezes naquela noite. Estava de plantão e não gostava de saber que ela ficou sozinha em casa. Com a Emely viajando, minha garota ficou sozinha.

Esses dias tinham sido diferentes, sentia uma paz com ela, sem aquela necessidade de ficar mostrando perfil de homem forte. Com a July eu era Murilo, simples assim.

Não rolou nem beijo ainda, mas eu não tinha pressa, queria que ela confiasse em mim, pois aquela garota seria minha para sempre. Estava perdido em pensamentos quando avistei Rafael encostado perto do carro olhando o celular. Parecia derrotado. Na realidade, desde que a Emely viajou, ele andava assim, de cabeça baixa, olhar caído, triste.

— E aí, Rafa? — conversaria para ver se ajudava.

— Oi — falou seco.

— Como vai, cara?

— Estou tranquilo.

— Não parece, você anda meio abatido, a July está preocupada.

— Estou bem. — O celular dele acabou virando e na tela tinha uma foto da Emely com uma turma, sorrindo, bem feliz.

— Ela volta essa semana ainda, cara.

— Eu sei, mas tenho medo que ela tenha conhecido alguém sem um passado sujo como o meu.

— Ela te ama, companheiro, você vai ver, tudo acabará bem.

— Espero, porque estou morrendo sem ela.

— Por que não faz uma surpresa e aparece por lá?

— Não, ela merece viver esse momento, não vou atrapalhar. — entrou no carro e partiu.

Neste momento me veio a sensação de que estava sendo observado. Senti um frio na espinha, pois a Kátia não tinha aparecido, mesmo colocando-a como procurada, ninguém tinha notícias. Não ficaria tranquilo enquanto não colocasse minhas mãos nela.

Voltei para a casa da July. Alguma coisa me deixou inquieto. Precisava ter certeza que ela estava bem com a Maria.

Ela me recebeu sorrindo com uma xícara de café que acabara de fazer. Parecia cansada.

— Tudo bem, criança?

— Cansada, Maria já está pesando.

— Falta pouco agora.

— Murilo, queria te perguntar uma coisa. — balancei a cabeça e ela prosseguiu. — Você

acredita que a Kátia queira prejudicar a Emely?

— Por que essa pergunta? — coloquei a xícara na mesa e aguardei.

— Uma cliente fez um pedido enorme de rosas brancas para um casamento que estava organizando, mas alguém se passando pela Emely ligou e cancelou. Sei que ela não fez isso. Não perdemos as flores e nem tivemos prejuízo, porque devolvi a metade para o fornecedor e a outra a própria moça ficou para outro casamento.

— Estranho. — Mais uma vez aquela sensação ruim.

— Muito.

— Não quero você abrindo a porta para ninguém. Vou investigar essa história.

— Fique tranquilo. — Ela veio para perto de mim e colocou a mão em meu rosto para me tranquilizar.

Foi sem pensar e já tinha as mãos em sua pele e sua boca veio na minha, foi um beijo doce e terno. Morreria se acontecesse alguma coisa com aquela menina.

— Não vou pedir desculpa, queria fazer isso há muito tempo — disse soltando-a, mas ela não fugiu, encarou meus olhos com uma certeza desconcertante.

— Se você pedisse desculpa, eu que ficaria magoada. — E me beijou novamente, dessa vez, um beijo mais forte e cheio de promessas.

— Casa comigo? — Quando percebi já tinha falado e estava feliz por ter feito.

— Tem certeza? — Ela estava calma, o que me deixou chocado, geralmente mulheres piram com isso. — Vejo escuridão em seu olhar. Quero poder te ajudar, mas quero amor também, Maria merece isso.

— Deixe-me ser o homem para você, aquele que te ama, que vai passar a vida te fazendo feliz, que vai amar sua filha como se fosse nossa.

— Aceito.

— Não sei como pode isso, mas acredito que te amo e vamos passar por muita coisa com essa cidade cheia de preconceito — falei para deixar claro que pretendia lutar por nós.

— Vamos vencer juntos. Também amo você, nunca tive dúvida que seria você o meu príncipe. — acho que fiquei vermelho. Ela falava com tanta certeza, que me senti o homem mais forte do mundo.

— Seu príncipe está meio quebrado, mas quer muito fazer isso dar certo.

— Vamos fazer um almoço quando Emely voltar e comunicar a todos?

— Sim, quando Maria nascer, estaremos casados e a registrarei como minha.

— Você me faz a mulher mais feliz do mundo.

— Será minha missão a partir de agora. — selamos nosso amor com um beijo e Maria chutou naquele momento para dizer que estava ali. Rimos muito.

Duda

Cheguei em casa cansada, pois o dia foi duro hoje. Quase perdemos um pequeno para a pneumonia, mas graças a Deus, agora estava fora de perigo. O trabalho me fazia esquecer a solidão e os problemas.

Minha mãe estava sentada na sala com o seu costumeiro cálice de vinho e um Rafael sentado a sua frente era a imagem da derrota. Depois que Emely viajou, ele ficava só assim, de cabeça baixa. Depois que olhei suas fotos postadas em sua rede social, entendi sua angústia.

Ela estava linda nas fotos, livre, sem neuras ou medo. De um lado, acredito que minha amiga precisava deste momento, e do outro, ficava com medo pelo meu irmão, porque sei que se ele a perdesse ficaria louco.

— Boa noite, família. — joguei a bolsa no sofá e beijei minha mãe no rosto.

— Oi, filha, saiu tarde, jantamos sem você. — Ela me abraçou carinhosa.

— Tivemos um problema com um pequeno, mas agora está tudo bem. — Rafael continuava olhando o celular calado. — E você, irmão, como foi o dia?

— Tranquilo, nem uma emergência. — Não levantou os olhos ao dizer isso. Minha mãe olhou para mim e piscou.

— Você viu, Duda, as fotos da Emely? Não está linda aquela garota? Realmente ela vai fazer sucesso como modelo. — olhei de cara feia para minha mãe, que não escondia o divertimento.

— Vou dormir. — Rafael levantou e foi para o quarto.

— Mãe! — falei chocada quando ele saiu.

Ela, para meu espanto, caiu na risada, parecia louca. Será que tinha droga naquele vinho?

— Ele está tão fofo assim! Apaixonado e morto de ciúmes.

— Não tem graça, mãe. — comecei a rir junto com ela. — Vou lá falar com ele.

Levantei e fui atrás do senhor apaixonado. Bati na porta do quarto e ele não respondeu. Entrei e lá estava ele sentado na cama, chorando? Será?

— Rafa?

— Oi. — Ele limpou as lágrimas e virou para o outro lado.

— Posso ajudar, irmão?

— Estou bem.

— Não, meu querido, você está chorando, nem na morte do papai você chorou. — Ele me abraçou e deitou no meu colo.

— Estou com medo, Duda. E se ela não quiser mais voltar?

— Ela volta, ela te ama, só está confusa. Pense: pela primeira vez na vida está se sentindo valorizada, mas aqui é a casa dela, você é o amor dela, ela vai voltar.

— Terminei com ela antes dela partir. — Como?

— Por que fez isso?

— Estava louco de ciúmes. Achei que ela iria dizer que não iria ou me chamaria para viajar com ela, mas não, ela disse que iria fazer tudo que eu fiz oito anos atrás.

— Ela falou com raiva.

— Você viu as fotos dela, cheia de novos amigos, um monte de homem ao redor. Estou com vontade de ir lá, dar uma surra em todos, colocá-la nas costas e trazê-la para casa.

— Faça isso, vai lá. — apertei-o bem. Era linda a forma que meu irmão amava a Emely. Os dois formavam um belo casal, meio confuso, mas acredito que ficaria tudo bem.

— Não posso, ela precisa me querer também, estou cansado de correr atrás. — virou e deitou na cama. Ele estava sofrendo com ciúmes e medo.

— Tudo bem, você quem sabe. — suspirei com um pouco de pena do meu irmão.

Capítulo 56

Tinha ligado para July e perguntado sobre o Rafa. Ela me disse que ele passou lá para saber como estavam as coisas e tal, mas não perguntou por mim. Devia está uma fera com minhas fotos. Mas foi ele quem terminou comigo, não tenho culpa se é um idiota. Estava com saudades de casa. Tudo bem, parem de me olhar de cara feia, estou louca de saudades do Rafa também.

Um dia viria ao Rio com ele. Iríamos tomar banho de mar, dançar na boate os dois juntinhos, fazer programa de casal mesmo. Se ele me perdoar, não é? Tinha que conversar bem sério com ele quando voltasse.

Tinha várias fotos para aquele dia e depois um coquetel beneficente para participar. Seria apresentada a alguns empresários e, se tudo corresse bem, já sairia com um contrato garantido.

Fiz fotos o dia todo, mas foi tudo bem. Todos elogiaram minha desenvoltura, sempre dizendo que nasci para isso. Realmente, as fotos estavam sendo bem tranquilas, eu me sentia à vontade com a equipe e Adriano estava sempre por perto, dando dicas e cuidando de mim.

Quando terminei, o Adriano trouxe um vestido de noite de veludo vinho, com uma fenda enorme na perna direita. Acho que se eu abaixasse todos veriam meu útero pela fenda de tão alta que era. Fui maquiada e mimada pelas meninas da agência. Estava me sentindo uma diva, com sandálias de tiras pretas e bolsa da mesma cor. Cabelos presos com um coque baixo, bem sofisticado.

Estava deslumbrante. Tirei fotos com Adriano e com as meninas. Em seguida, fomos para a festa em um carro luxuoso. O dono da agência e Adriano foram junto comigo no mesmo carro. Prosecco corria solto na festa e vários canapés.

Estava meio deslocada, com todas aquelas pessoas ricas e finas. Sentia-me estranha, foi quando percebi que não sei se estou preparada para tanto glamour. Fui apresentada a várias pessoas, todas educadas e cheias de conversa sem graça sobre moda. Fingi entender tudo o que diziam. No final, um senhor não parava de me encarar, já estava me sentindo constrangida com ele fazendo isso. Não quis perguntar ao Adriano qual era o problema daquele homem, porque ele me disse que aquele senhor era um dos donos da maior empresa de biquínis da América Latina.

Fiquei caladinha fingindo não ver o cara praticamente babar em mim. Quase no fim da noite, ele veio para mais perto e falou com a voz grave.

— Você será o rosto da minha campanha de biquínis *Plus Size*.

— Não sei o que dizer — respondi sem graça.

— Não diga nada. Vou acertar tudo com seu agente. Você é o rosto e corpo que procuro. Espero que possamos negociar bem.

Apertou minha mão, cochichou com Adriano e saiu para outra sala.

— Emely!

— Não estou acreditando.

— Eu não disse? Eu sabia garota, você vai ser o maior sucesso. Você sabe o tamanho deste contrato? Seu rosto estará em toda América. — Seus olhos estavam brilhantes de felicidade. Abraçando-me tirou uma foto com seu celular.

Depois disso foi só comemoração, meu copo não ficava vazio, tive quase certeza de que já estava bêbada. Não sei como cheguei ao hotel e nem quem tirou meu vestido.

Acordei só de calcinha e com a cabeça latejando de tanta dor. Bateram à porta do quarto e eu fingi que não ouvi. Fui tomar banho e quando voltei só de toalha, estava Adriano sentado na poltrona e com uma bandeja de café e flores.

— Não me lembro de tê-lo autorizado a entrar — resmunguei, mas peguei a xícara de café.

— Rabugenta pela manhã. Ontem à noite você estava bem receptiva quando tirei sua roupa.

Meu estômago embrulhou, não quero ouvir o resto. Juro que não fiz isso! Pelo amor de Deus, digam que não transei com ele!

— Não quero ouvir. — Meu rosto estava branco como cera.

— Mas eu quero ouvir!

Não! Agora a vaca foi para o brejo! Um Rafael com cara de poucos amigos, pronto para matar qualquer pessoa, estava na porta do quarto, de mochila na mão.

Estou enjoada, vou vomitar! Corri para o banheiro.

Capítulo 57

Coloquei todo o café que bebi para fora e, provavelmente, algum órgão do meu corpo. Me sentia péssima. Rafael não parava de bater na porta do banheiro. Em algum momento teria que sair e encarar a merda toda. Nunca mais vou beber juro para vocês. Pior de tudo isso é que não me lembro de nada. O pinto dele deveria ser pequeno, porque não sinto que fiz sexo com alguém. Vocês sabem quando o pau é grande, no outro dia ficamos com a sensação de que ainda estamos meio que lascadas por ali.

Não tinha nada, deveria ter sido só entra e sai e gozei. Queria morrer, morrer. Não precisam me matar, eu mesma vou fazer isso, me enforcar com minha toalha.

Levantei, escovei os dentes e suspirei, hora de enfrentar a guilhotina. Quando abri a porta não tinha ninguém por ali. Já se ouviam vozes alteradas no quarto. Tinha que ir lá mesmo?

Realmente a coisa não podia ficar pior. Adriano estava com o nariz sangrando e um Rafa vingador apertava sua garganta. Corri e puxei Adriano, que caiu no sofá sem ar.

— Maluco! Vou processar você, seu louco! — falou engasgando.

— Antes vou matar você. — segurei Rafa pelo braço. — Aproveitando-se de uma mulher bêbada.

— Ficou louco? Nunca faria isso. — Adriano tentava respirar.

— Então você foi para cama com ele por que quis? — olhou-me com raiva.

— Não lembro! — respondi soltando seu braço.

— Parem de ser loucos! Eu nunca dormi com a Emely. Ela é minha modelo e amiga.

— Mas você disse que me despiu e eu estava receptiva, acordei nua. — olhava para Adriano sem entender nada.

— Quando nós dois transarmos, com certeza você estará sóbria e bem receptiva. — Rafael rosnou. — Não bêbada igual a um gambá.

— Sinto informar que isso nunca vai acontecer — disse o médico, vermelho de raiva.

— Só tirei sua roupa, pois o vestido era da agência e tinha que devolver hoje cedo. — ignorou o que Rafa disse. — Hoje você não tem nada para fazer. Tire o dia de folga e resolva suas pendências com seu namorado esquentadinho.

Saiu do quarto segurando o nariz. Que confusão, meu Deus. Só podia ser euzinha para achar que tinha feito sexo sem lembrar. Virei para o Rafa, que me olhava bem estranho.

— O que foi? — olhei para ele desconfiada.

Ele veio até mim e puxou a toalha me deixando só de calcinha. Seu olhar era guloso, cheio de desejo.

— Estava com saudades disso tudo.

— Rafa, precisamos conversar. — Minha voz falhou quando ele correu sua língua em minha orelha e falou.

— Depois, depois. Agora quero matar a saudade da minha namorada.

Me beijou com fervor e paixão. Puxando-me pelo quadril me jogou na cama vindo por cima. Minha calcinha estava no caminho, mas não por muito tempo. Sua boca lambeu por cima do algodão da mesma me deixando molhada. Puxou para o lado e assoprou bem no meu pontinho. Gemi, cheia de tesão! Ele lambeu de leve meu clitóris. Virei cachoeira, queria que arrancasse minha calcinha. Ele não fez isso. Continuou com ela de lado friccionando de vez em quando meu ponto com ela. Sua boca estava delirante de tão ousada. Chupava e lambia toda minha extensão. Aquilo era bom demais.

— Diga, Emely. — pedia, mas minha mente não sabia o que ele queria. Estava nas nuvens do êxtase. — Diga, Emely.

— O quê? O quê? Ai, Deus! Vou gozar, meu Deus! — Ele parou de lambe-me deixando vazia.

— Que me ama e nunca vai me deixar. — Seus olhos focaram nos meus e vi a ansiedade naquela frase e um pouco de medo também.

Engatinhei e engatei minha mão em seu queixo, beijando sua boca com todo meu sentimento.

— Amo você, mas não sei se nunca vou te deixar, não posso falar do futuro. — beijei-o novamente. — No momento, você é a única coisa que eu quero, desejo e amo.

— Por enquanto é o suficiente. — Ele se levantou da cama e tirou toda a roupa. Me derreti de tão molhada. Sua boca tomou a minha mais uma vez.

Seu pau estava latejando de vontade de entrar em mim. Apertou meus seios e os colocou na boca, chupando até quase doer. Ele estava alucinado de tanta excitação.

— Minha mulher, só minha! — Ele lambia e dizia.

Aquela possessividade me deixava louca. Era uma delícia ser desejada com tanto fervor. Ele puxou minhas pernas e as enroscou em volta de sua cintura, entrou em mim com uma só estocada. Nossa dança de vai e vem era alucinante. Acredito que nossos gritos foram ouvidos por toda Copacabana.

Estávamos em modo acelerado, suados. O ritmo fazia a cama bater na parede. Gritei seu nome com voz trêmula. Era uma sensação de voltar para casa. Estava nos braços do meu homem, do homem certo para mim.

— Emely, amo você, porra! — Ele gritou quando gozou.

Capítulo 58

Estava lânguida, nua e suada nos braços do Rafael. Aquilo era o paraíso, maravilhoso, nem acredito que ele foi atrás de mim. Não dava mais para fugir.

— Não usamos camisinha de novo. — Seu tom não tinha nada de preocupado.

— Estou tomando pílula — falei sonolenta.

— Humm, você nunca disse nada. — alisou minha testa com carinho. — Adoraria ter um filho com você.

— Desde a primeira vez que fizemos amor sem camisinha, resolvi me prevenir.

— Você não quer filhos? — perguntou se afastando um pouco para me olhar nos olhos.

— Claro que quero, mas não acredito que tenha que ser agora.

— Tem razão, vamos com calma.

— Rafa?

— Sim.

— Gostei de você ter vindo — falei a verdade, estava muito feliz em tê-lo ali comigo.

— Acho que nada me faria ficar longe de você depois que vi aquelas fotos. — sorriu.

— Que fotos? — sentei na cama.

— Ontem minha mãe me mostrou umas fotos suas que saíram em um site de uma revista famosa. Você estava linda no vestido vinho ao lado de um cara, também simpático, parecendo feliz e descontraída.

— Não sei dessas fotos.

— Eles estavam cobrindo o evento lá na cidade. Só falam na sua viagem, bando de fofoqueiras.

— Você me achou linda? — estava feliz e me sentindo boba.

— Sempre linda, Emely, você brilha, nasceu para ser rainha. — fiquei vermelha. — Não suportei saber que tinha outro cara do seu lado naquele momento.

— Era trabalho, só fui para conhecer pessoas, mas acho que consegui um contrato grande — argumentei.

— Eu sei, mas o senhor ciumento em mim ficou chateado, queria estar do seu lado e morreu de medo de você conhecer alguém e esquecê-lo. — Sua voz era triste e alisou meu rosto com suas mãos enormes e másculas.

— Não vai acontecer isso, Rafa, amo você desde que me entendo por gente, sempre foi meu príncipe — falei com a voz embargada.

Ele beijou minha boca docemente.

— Agora serei seu rei. — forçou sua língua para minha boca com bastante pressa.

Sua língua açoitava a minha. Me puxou pegando minha coxa e abriu sobre seu peito. Estava literalmente montada nele, nua em pelo. Minhas partes formigavam de vontade de montar em seu pau, mas iria torturá-lo um pouco. Subia e descia molhando seu abdômen com meu néctar, seus olhos estavam cheios de desejo e amor.

Fechei os meus olhos e gemi me sentindo poderosa. Peguei seu pau e passei na minha entrada molhada, ele gemeu meu nome. Não o montei, mas flexionei bem perto de entrar e retrocedi.

Ele não aguentou e, me colocando sobre ele, meteu fundo com força. Gozei num grito de derrubar paredes, ele não parava de meter gemendo meu nome, foi forte e gostoso. Ele não parou até que um segundo orgasmo varreu meu corpo e o seu me acompanhando num gemido rouco.

Passamos o dia fazendo amor e pedindo comida. Só à noite saímos, pois ele queria me levar em um restaurante de frutos do mar. Comi o melhor camarão na moranga da minha vida com um excelente vinho branco. Caminhamos pelo calçadão de mãos dadas e tiramos várias fotos, juntinhos.

Ele fez questão de postar e me marcar. Fiquei emocionada com a legenda. #mulherdeminhavida #paravidatoda. Compartilhei colocando #meuprincipedesempre.

Éramos dois namorados melosos, só faltava mudar o status da rede social. Várias pessoas curtiram, inclusive, a Duda e sua mãe, que ainda colocou vários corações no comentário.

Era um sonho. Passei a vida sonhando com aquele homem e agora ele estava aqui comigo, apaixonado, me querendo, amando. Eu só podia agradecer a Deus.

Ele sorriu e mexeu no celular sem deixar me olhar. Tentei pegar o celular, mas ele não deixou. Mandou olhar o meu e na foto do perfil tinha uma foto nossa e alterou o status para namorando com Emely.

— Você tem certeza? — perguntei com medo de ser sonho ou brincadeira.

— Amo você e não vou deixar ninguém te roubar de mim. — joguei-me em seus braços e o beijei. A vida estava entrando nos eixos, nós merecíamos depois de tanto sofrimento.

Ricardo

Eu estava parecendo um tigre enjaulado, não suportando mais a ausência dela, não conseguia dormir na minha cama, tudo lembrava e tinha o cheiro dela.

Eu não conseguia ficar dentro de minha própria casa, por isso estava na calçada tomando um ar fresco. Quando virei para o lado esquerdo, lá estava minha princesa, saindo do mercadinho, sorrindo para um menino que falou alguma coisa com ela. Como sempre fazia, dedicou um tempo para ouvir o que ele dizia e saiu gargalhando.

Era linda, meu coração batia rápido e nem percebi, mas meus pés já a alcançavam na

esquina.

— Eduarda. — Ela virou e me olhou com aqueles olhos maravilhosos.

— Sim — respondeu e olhou para o outro lado.

— Queria falar com você. — peguei sua mão e trouxe para perto de mim.

— Pode falar, estou ouvindo. — Mas não olhava para mim, percebi vários curiosos olhando para nós.

— Tem muitos curiosos por aqui, vamos lá para casa — disse.

— Não, melhor não. — Ela ficou vermelha, sei o que ela estava pensando.

— Então vou seguir você até seu carro e conversamos dentro dele.

— Você acredita que é o melhor? — Eu não respondi e saí andando atrás dela.

Entramos em seu carro e ela travou as portas, e como o vidro era escuro, acredito que ninguém estava nos vendo.

— Diga, Ricardo — falou friamente.

— Não estou suportando essa situação, caralho, precisamos achar uma solução.

— O que você sugere? Já pensei em sair da cidade, até pedi demissão, mas não vou fugir. Perdi meu filho e isso vai me acompanhar para onde eu for. Mereço recomeçar minha vida e você precisa seguir em frente.

— Você quer seguir em frente sozinha, sem mim? — Não acredito que estava ouvindo isso.

— Não quero restos, Ricardo, quero tudo que tenho direito. Uma família, aliança, casamento, um feliz para sempre. — respirou fundo e continuou. — Você não está preparado para isso, além do mais, você já sabe como é, eu não, quero entender a temática de um relacionamento real, mereço isso.

— Não fale por mim. — estava chateado com suas palavras e com medo que aquilo fosse um adeus. — Você fala como se eu não tivesse sentimentos.

— Sei que tem, mas nunca quis assumir nosso relacionamento, primeiro porque eu era mais nova, agora por conta da sua filha. Qual será a próxima desculpa?

Ficamos em silêncio, mas estava louco para fazer amor com ela, sabia que não resistia aos meus beijos. Segurei seu queixo de leve e a virei para mim. Trouxe seus lábios até o meu, beijei de leve e depois intensifiquei o beijo, então a trouxe para meu colo. Ficamos sem fôlego.

Meu pau estava apertando a calça e como ela estava de vestidinho, toquei sua calcinha e a senti úmida. Essa facilidade em se excitar me deixava louco. Gemi sem deixar sua boca e coloquei meu dedo dentro de sua boceta escorregadia de tão molhada.

Queria entrar nela, queria me fundir em seu corpo. Minhas costas bateram no vidro do carro, alguém bateu na porta e tomamos um susto. Ela voltou rápido para seu banco, era um guarda perguntando se estava tudo bem, ela agradeceu e deu partida no carro.

Ficamos num silêncio constrangedor. E era uma loucura aquilo tudo, quase fomos pegos

fazendo amor em plena rua. Eu não tinha mais idade para ser tão inconsequente. Coloquei-a numa situação constrangedora.

— Desculpa, não queria constranger você — falei quando o carro parou na porta lá de casa.

— Foi excitante. — Seus olhos brilhavam. — Emocionante.

— Humm! Pensei que você estivesse chateada.

— Não, adorei essa excitação.

— Vamos entrar? Vou fazer uma comida para nós — falei esperançoso.

— Não, boa noite, Ricardo.

Saí do carro, derrotado. Precisava mudar aquela situação o mais rápido possível ou meus ovos iriam ficar azuis. Ainda estava de pau duro.

Capítulo 59

Queria me beliscar o tempo todo para ter certeza que não estava sonhando. Acordar nos braços daquele homem, ali no Rio de Janeiro, era tudo um sonho. Tomamos café na cama e depois fizemos amor bem devagar e sem pressa.

A cada vez que ele dizia que me amava, meu coração batia mais rápido. Se dessa vez ele me abandonasse, eu não conseguiria sobreviver. Mas não quero pensar nestas coisas agora. Quero viver esse momento, ser feliz ao lado do homem mais lindo do mundo, e todo meu.

Com o telefonema do Adriano, saímos da cama e fui me aprontar, pois eu tinha que ir à agência. Vesti uma saia jeans e uma blusa amarela com uma sapatilha. O Rafa me olhava todo safado.

— Nem comece, doutor.

— Venha cá, deixa te ajudar! — falou com um sorriso no canto da boca.

— Sei e se eu for não sairemos daqui hoje. — beijei sua boca rapidamente. — Vou para a agência. O que você vai ficar fazendo?

— Vou para a agência também. — olhei para ele e estava sério. Vestia uma roupa formal com calça, camisa e blazer. O cara estava uma delícia. — Não vou desgrudar da minha gata.

— Tudo bem. — Na realidade, ele queria fazer igual cachorro, marcar território.

Encontramos com o Adriano na porta do hotel, já com um táxi nos esperando. Olhou para o Rafael e fez cara feia, seu rosto ainda estava meio roxo. Os dois não tiveram um bom começo. Chegamos à agência e todos estavam em clima de festa. O Rafael não largava minha mão, as meninas não desgrudavam o olhar dele e os meninos se encolhiam com sua olhada macho alfa.

Recebi a notícia sobre a proposta da rede de biquínis, pelo jeito a quantia era alta e aquele contrato seria maravilhoso para todos. Fiquei feliz, mas tinha um “porém”: o velhote só aceitava se eu fosse a modelo. Podem gritar, eu sim, euzinha, só eu.

Recebi vários abraços e apertões e o pessoal pediu champanhe para comemorar. O Rafa ficou calado, era um clima de alegria. Quando recebi o contrato, peguei a caneta para assinar, o papel foi arrastado da minha mão por um Rafael com cara de poucos amigos.

— Vamos levar para nossos advogados analisarem e depois ela assina.

— Não precisa, está tudo claro — falou o dono da agência indignado.

— Entendo, mas o senhor não trabalha sem assessoria jurídica, não é?

— Claro que não. — estava adorando ter o meu namorado defendendo meus direitos.

— Então veremos um advogado e à tarde voltaremos para debater os pormenores.

— Claro, mas quem é o senhor? — esqueci-me de apresentá-lo. Que cabeça a minha.

— Meu namorado — falei sorrindo.

— Tudo bem, veja tudo e à tarde voltaremos para o assunto. — Mas não estava satisfeito com essa interrupção.

Sáímos de lá com Adriano no nosso encalço. Pegamos um táxi para o centro da cidade, onde um advogado já nos aguardava. O meu macho era rápido e decidido.

O advogado deu uma olhada no contrato, debateu algumas coisas que para ele não eram legais. Pelo jeito usariam meu rosto, mas a agência que receberia todo o aval pelo trabalho. Minha porcentagem, para Rafael e Adriano, estava baixa, para mim era uma fortuna, mas eles achavam que não. Entramos num acordo.

No fim, passamos o dia todo resolvendo isso. Só posso dizer que Adriano embolsou uma boa grana, porque foi quem me descobriu, e meu contrato ficou bem gordo e eu serei exclusiva para eles durante um ano, podendo ser renovado, mas depois deste um ano posso fazer outros trabalhos com outras marcas.

Rafael era astuto e seu advogado uma verdadeira ave de rapina, discutiu ponto por ponto do contrato e já eram mais de sete da noite quando consegui sair da agência para comemorar.

Jantamos juntos com todos, inclusive o advogado. Ficou para daqui a dois meses o anúncio oficial e lançamento da marca *Plus Size*. Resumindo, teria que voltar no fim do mês para tirar as fotos ou eles irem até minha cidade, o que não era opção, pois lá não tinha praia. Então, veríamos onde seria depois.

Capítulo 60

Ficamos por mais um dia na cidade, pois eu queria passar mais uma noite com meu amor. Despedimo-nos do Adriano que voltou para sua cidade.

Fomos para a praia comer o melhor hambúrguer, pelo menos foi o que ele disse. Eu achei igual a todos os outros, mas não iria ferir o sentimento do cara. Ele fez questão de *turistar* comigo. À noite fomos para uma boate, onde achamos alguns amigos da antiga turma dele, todos simpáticos, ninguém fez nem um comentário sobre meu peso.

Confesso que temia isso, quando ele comunicou que iríamos ver alguns amigos. Estava trêmula e sem graça quando chegamos lá. Mas foi bem legal, dancei, beijei, abracei e ele não deixou dúvida de que me amava, de que estava comigo.

Fomos convidados para um churrasco na casa de um deles no outro dia, mas não poderíamos ir, porque voltaríamos para casa logo cedo.

Eu estava meio de pileque quando voltamos para o hotel e o ataquei no elevador. Nosso beijo era escandaloso. Um cara entrou e nos mandou procurar um quarto. Saímos de lá sorrindo, ele me puxando para dentro do nosso quarto, onde caímos no chão e montei nele.

Eu estava ávida por ele, cheia de fogo, desejo, paixão. Puxei sua camisa, tentei abrir sua calça, mas não tive êxito. Ele me levantou sem soltar minha boca e fomos para o sofá.

— Diz que me ama? — Ele pediu segurando meu rosto.

— Eu amo você! — falei sem hesitar.

— Ah, Emely! Você me faz o homem mais feliz do mundo!

Beijou-me com paixão, puxou meu vestido, soltou meus seios e chupou com desejo, lambendo. Eu gemi e peguei seu pau. Desci do seu colo e ajoelhei em sua frente, levei toda aquela glória a minha boca. Ele gemia, sentia-me poderosa, todo aquele delírio era por mim, eu estava deixando-o louco.

— Emely, irei gozar em sua boca se você continuar... caralho!

Continuei levando seu pau ao fundo da garganta, entrava e saía da boca com um barulho de pirulito. Era bom, apesar de bem dotado. Não seria a primeira vez que o chupava e engolia tudo. Deixei-o vir com tudo e lambi toda sua porra sem medo. Ele caiu no sofá tremendo e chamando meu nome.

Viajamos cedo e acabamos chegando ao fim da noite em São Conrado. Foi uma viagem chata, porque estávamos de ressaca. Quase não falamos nada, só fiquei deitada em seu peito, com uma dor de cabeça terrível.

Chegando em casa, só fiz beijar a July e fui direto para a cama, pois estava morta, precisava dormir. Rafael foi para sua casa, precisava avisar a sua mãe que chegou — o que eu

achei muito fofo —, avisei meu pai por torpedão, prometendo tomar café com ele.

Acordei renovada e fui para a casa do Senhor Ricardo. A mesa já estava posta. Viajar era bom, mas estar em casa com aquele cheiro de café era melhor ainda.

— Que saudades desse coroa gato. — abracei-o e o beijei com carinho.

— Estava com saudades de você. Não gosto de saber que você estava tão longe de mim.

Sentei-me à mesa e peguei a geleia de morango. Os ovos estavam cheirando, fiquei com água na boca.

— Vai se acostumando, Senhor Ricardo, porque sua filha acabou de assinar um contrato milionário com uma agência, portanto, viajarei bastante.

Ele me olhou com os olhos brilhando de orgulho e fez o que nunca fez: chorou me abraçando.

— Minha pequena, que felicidade! Estou tão feliz, parabéns! — falou entre as lágrimas.

— Ohh, pai, não chora. Era para ser uma boa notícia — falei beijando seu rosto.

— É uma excelente notícia, estou orgulhoso de você, filha, pois você merece.

— Nós merecemos. Devo tudo que sou a você e sua infinita paciência comigo.

Choramos juntos naquela mesa de café, naquela casa cheia de lembranças boas e ruins, mas era o nosso lar. Amava meu pai e tudo o que ele fez para me criar e, naquele momento, percebi que precisava fazer alguma coisa por ele também.

Duda

Eu estava no lago e ali me sentia em paz, aquele lago me deixava calma. Foi um susto o telefonema da Emely me chamando para conversar ali. Nem acredito que finalmente iríamos ter aquela conversa.

Precisava desabafar, falar sobre aquele dia, exorcizar de nossas vidas aquela noite. Não sei como seria depois disso, mas pelo menos não tinha nem um segredo assombrando minhas noites, minha vida.

Pensei em fugir da cidade, mas não era uma opção. Apesar de tudo que aconteceu, queria reconquistar o Ricardo. Meu coração pertencia a ele, não tem como fugir de algo tão forte, estava na minha pele, no meu sangue. Amava aquele homem, era coisa de outras vidas, pois meus sentimentos estavam cada vez mais fortes.

Ouvi barulho de pisadas nas folhas e me virei pensando ser a Emely chegando, mas não era. Estranho, tinha certeza de que eram pisadas humanas. Senti um calafrio. Deus é mais, parecia que tinha alguém me observando.

Emely enfim chegou e assim suspirei de alívio, já estava apreensiva.

— Demorei muito? July estava meio enjoada, então esperei ela ficar melhor para poder sair.

— Tudo bem, só achei que tinha alguém me observando. — olhamos para o lado, mas não tinha ninguém à vista.

— Não vejo ninguém. — virou e olhou novamente para a estrada. — Escolhi aqui, porque sabia que ninguém iria nos atrapalhar.

— Tranquilo, acho que foi coisa da minha cabeça. — suspirei e olhei para ela. — Como foi no Rio de Janeiro?

Ela deu pulinhos de alegria, parecendo a Emely alegre que me encantava e motivava a ser melhor.

— Perfeito, consegui um contrato enorme. Ainda estou sem acreditar. Ah, tomei tequila!

— Não acredito que você bebeu aquela porcaria! — sorri.

— Não é ruim, só me deixa com dor de cabeça. — gargalhou. — Foi perfeito, você precisava estar lá para ver minha cara quando achei que tinha dormido com o Adriano.

— Mentira! Que confusão... — Já estávamos como nos velhos tempos, às gargalhadas com nossas travessuras. — Senti falta de você, Emely.

Sentei perto da árvore e chorei, não conseguia conter minhas lágrimas. Ela ficou em pé na minha frente, sem saber como agir.

— Quero te ouvir — falou com a voz sumida.

— Naquele dia bebi demais e tomei um fora de seu pai.

— Por que nunca me falou que era a fim dele? Éramos amigas — questionei já chorando.

— Eu também me faço essa pergunta hoje. Eu devia ter contado, mas era meu segredo, na realidade, sempre sonhei com todos nós numa grande casa, como uma grande família feliz.

— Não tenho nada contra seu amor pelo meu pai, ele merece uma mulher melhor que minha mãe, você sabe o quanto ele sofreu ao lado dela! — exclamou chateada.

— Eu era imatura, Emely. Ele partiu meu coração, não correspondeu ao meu amor, assim bebi todas, achando que morrer era a melhor coisa. Como iria encará-lo depois de tudo? Estava bêbada quando a possibilidade de magoá-lo surgiu.

— Vi o fora que o coroa te deu. — estava morta de vergonha por saber que alguém tinha visto e ouvido aquela humilhação. — Ele não devia ter feito isso.

Funguei e tomei mais uma dose calada, mas eu morria de medo daquele menino, na realidade, a turma do meu irmão não era coisa boa.

— O gato comeu sua língua, gata? — pegou meu rosto e nivelou com seu olhar. — Posso te

ajudar a humilhá-lo também.

Eu não devia ter perguntado como, mas minha mente já estava nublada, meu coração enraivado e a semente da discórdia tinha sido plantada.

— O Rafael está com a gordinha?

— Não quero minha amiga envolvida nisso! — falei com a voz alterada pela bebida.

— Tudo bem, você só precisa esconder as roupas dela e do resto eu cuido.

— Como? — foquei meu olhar nele, mas não estava enxergando direito.

— Faça o que estou falando e vou chamar o pai dela. Ele vai ficar uma fera e vai acabar estragando a noite dele.

— Mas e a Emely?

— Vai ficar tudo bem, ela vai namorar o Rafael, depois o pai dela vai descobrir e vai ter que apoiar o relacionamento.

— Verdade, eles vão ficar lindos juntos.

Estava tão bêbada que não percebi que o plano era a maior furada da minha vida. O sorriso do garoto era de um gato que engoliu o passarinho.

Capítulo 61

As duas choravam copiosamente por um tempo que não voltaria mais. Quando se é adolescente tudo parece vantagem, tudo é romance, amores são para sempre, mesmo que seja só paixão ou mais nada que isso.

Eu sei que errei, pois o Rafael nunca mostrou me querer como eu o queria. Ninguém passa a amar intensamente de uma hora para a outra, todas as pistas estavam ali, eu que não quis enxergar, fui burra e imatura.

Duda também foi ingênua, tudo foi um plano louco de adolescentes inconsequentes e maldade de um Zeca sem escrúpulos. Sentei perto da árvore ao lado dela e ficamos ali deixando as lágrimas caírem. Somente o canto dos pássaros quebrava esse silêncio.

Vivemos nossa infância nos banhando naquele lago, com aquela casa velha sendo testemunha de nossas traquinagens. Foi uma época boa e, apesar de tudo que vivia em casa, a família da Duda sempre esteve presente, ela não ganhava um par de chinelos sem o meu vir junto. Éramos dois grudes.

— Você lembra quando tentamos afogar o Rafa? — quebrei o silêncio.

— Sim, ficamos de castigo um mês. — sorriu entre as lágrimas.

— Ele mereceu, estava sendo um idiota comigo.

— Muito. Nossa! Como eu odiava quando ele te chamava de baleia, não conseguia entender o porquê dele não enxergar sua beleza.

— Os garotos são uns idiotas. — suspirei. — Você sempre me defendia e ficava contra ele, éramos nós duas contra o mundo.

— Sempre foi assim e pode continuar sendo. Eu amo você como uma irmã, Emely. Sinto falta de nossas conversas, de seus conselhos. Você foi minha madrinha de formatura, não gosto deste vazio que ficou entre a gente.

— Então por que você nunca me contou? — perguntei olhando para ela.

— Daria no mesmo, você só me odiaria mais cedo — disse desviando o olhar.

— Não odeio você, nunca vou conseguir te odiar. Eu disse aquelas palavras no momento de raiva. — Naquele momento vi alguma coisa se mexendo na cabana, parecia um vulto. — Tem alguém na cabana.

— Será? — levantamos as duas ao mesmo tempo. — Vamos olhar?

— Vamos, pode ser um tarado nos observando e alisando seu pau.

— Você sempre teve uma imaginação fértil. — sorrimos.

Fomos devagar para perto da casa, olhei pela janela e não enxerguei ninguém. Duda empurrou a porta e entrou. Neste momento percebi um cheiro de gás forte. Tinha alguma coisa

pegando fogo.

— Dudaaaaa sai daí agoraaaa!

Na mesma hora a porta bateu e um cheiro forte de tábua queimando subiu. Afastei-me da janela gritando por minha amiga, fui para o outro lado tentar ajudá-la.

— Dudaaaaaaaaaaaaaa!

Ela virou para mim e correu para a janela. Fiquei na dúvida se ela pulou, pois na mesma hora a casa explodiu em chamas.

— Dudaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Capítulo 62

Com o impacto da explosão, fui arremessada para dentro do lago. Fiquei nadando a esmo procurando a Duda. Minha amiga não podia morrer, não era justo, eu não disse que a perdoava. Nem tivemos tempo de batizar nossos filhos com os nomes que escolhemos na infância.

Não parei de mergulhar, minhas lágrimas se misturavam com a água, então foi quando ouvi barulho de pneus cantando na estrada. Alguém estava fugindo do local.

Quando pensei que não iria achá-la, avistei seu corpo boiando entre a água e a margem do lago. Nadei desesperadamente, virei-a e sua pulsação estava fraca. Ela era a médica, eu não fazia ideia de como ajudar. Arrastei-a até perto da árvore e fiz massagem em seu coração, coloquei sua cabeça de lado, apertei sua barriga desajeitadamente para ver se saía a água que ela engoliu.

— Preciso de ajuda. — corri para o carro, percebi que os pneus estavam furados, quem fez isso? — Meu Deus, o que vou fazer? Celular!

Peguei minha bolsa e liguei para o Rafael. Eu não conseguia falar palavras coerentes, mas acho que ele entendeu e disse que já estava chegando. Um carro parou no acostamento, era Murilo.

— Emely, o que aconteceu? Um senhor ligou dizendo que aconteceu uma explosão aqui perto.

— A Duda, ela se afogou e não consigo ajudá-la.

— Onde? — Já estava arrancando e chamando os bombeiros. — Vou mergulhar para ver se consigo achá-la.

— Não! Consegui encontrá-la, mas não consigo acordá-la.

Ele correu até ela e aplicou os primeiros socorros, mas sua pulsação ainda era franca. Ela gemia e eu sentia um medo terrível, nunca senti tanta aflição na vida.

Os bombeiros chegaram e tentavam apagar o fogo da cabana para não atingir as árvores. Respondi às várias perguntas que o Murilo fez. O Rafael chegou louco na ambulância. Ninguém conseguia entender o que aconteceu, mas pelo que percebi, Duda teve queimaduras, ainda não sabia o grau delas.

Fomos levadas para o hospital e, apesar de tudo, não sofri nem uma lesão ou queimadura. Já a Duda teve queimaduras de segundo grau em suas pernas e de primeiro grau nos braços, o estado das pernas estava bem pior que os braços. Como iria contar ao meu pai? Como vou dizer que fui a culpada por tudo que aconteceu? Todos irão me culpar, o Rafael vai me odiar. Se eu não tivesse marcado esse encontro, nada disso teria acontecido.

Chorava tão descontroladamente que me aplicaram um calmante para dormir. Apaguei com a imagem da cabana pegando fogo.

Murilo

O estado da Emely era caótico, ela estava se culpando. Era uma pena o que aconteceu, a cabana virou cinzas, por pouco não pegou fogo em todas as árvores virando uma destruição de natureza em massa.

— Murilo? — O policial Gomes me chamou.

— Sim, Gomes. — fui até ele.

— Tem mais pegadas aqui, não estavam sozinhas.

— Tem certeza? — olhei para ele.

— Absoluta. Tinha uma terceira pessoa e essa tinha pés pequenos.

Abaixei para olhar o local e realmente alguém com pés mais ou menos 36 andou por ali, fora os pés das meninas.

— O que descobriram sobre o incêndio?

— Só quando sair o laudo, mas posso dar um palpite? — perguntou. Ele era um homem sério, tinha anos de profissão, confiava em sua experiência. Assenti para que ele continuasse. — Alguém desejava a morte das garotas.

— Essa história está ficando complicada. O que elas poderiam ter feito para alguém querê-las mortas? São meninas boas — argumentei.

— Inveja pode ser uma desculpa para alguém. — Com isso saiu e foi conversar com o técnico que estava juntando provas na cena.

“*Ela não seria capaz, seria?*”. Se fosse quem ele estava pensando, todos corriam perigo até colocá-la atrás das grades.

— July! — Se ela fizesse alguma coisa com minha pequena eu a mataria com as minhas próprias mãos!

Capítulo 63

Acordei meio zozna ainda. Meu pai estava sentado na cadeira, com os olhos fechados, fiquei com medo de acordá-lo e enfrentar seu rancor. Levantei e fui ao banheiro, na volta o encontrei em pé.

— Você não deveria ter se levantado sozinha, filha — ralou comigo.

— Estava com vontade de ir ao banheiro e o senhor estava dormindo, não quis acordá-lo. — Não o encarei com medo de sua reação.

— Você está bem? Sente alguma coisa, tontura? — veio para perto e me abraçou. — Fiquei apavorado com essa situação, poderia ter perdido vocês duas.

Ele chorava emocionado e suas lágrimas molhavam meus cabelos. Meu pai era um homem admirável, maravilhoso e nunca poderia duvidar do seu amor por mim.

— Desculpa, pai! — Ele pegou meu rosto e beijou minha testa.

— Você não teve culpa, vai ficar tudo bem. A Duda ainda está sedada para que não sinta muita dor. Ela está viva, você a salvou e é isso que importa, que as duas estejam vivas.

Chorei com ele. Realmente estávamos vivas, o resto se organizaria com o tempo, mas precisava falar com ela.

— Te amo, pai. — precisava afirmar meu amor por ele.

— Também te amo, filha.

Estávamos abraçados quando Rafael entrou no quarto, tinha cara de cansado, de quem não dormiu direito.

— Também quero abraço. — Ele disse com um sorriso sincero.

Soltei meu pai e me joguei em seus braços, quase chorando de felicidade.

— Ela não resiste! — piscou para meu pai.

— Engraçadinho! — resmungou. — Vou aproveitar que você chegou e vou tomar um café — disse saindo do meu quarto.

Meu pai e o Rafael viviam se alfinetando, pareciam duas crianças.

— Como está, minha linda? — levou-me para a cama me deitando com carinho. — Fiquei preocupado com você ontem.

— Estava com medo de que ela morresse, eu a chamei para aquele local.

— Não foi culpa de vocês duas, poderia ter sido eu e você ou Duda e eu, sempre estávamos por ali, era nosso local preferido.

— Não entendo como aconteceu, foi tão rápido.

— Falei com Murilo ontem à noite e ele acha que foi criminal. Pelo que você disse e também por algumas evidências que ele não quis dizer quais, acreditam que alguém atentou contra

a vida de vocês duas.

— Meu Deus! Mas quem poderia fazer isso?

— Não sabemos ainda, mas encontraram um botijão de gás e vasilhames de gasolina por perto. O rapaz da delegacia que me contou.

— Mas a Duda vai ficar bem? — Quem poderia querer nossa morte?

— Ela ainda está sedada para ajudar a não sentir dores. As queimaduras da perna direita estão um pouco infeccionadas. Por conta dessas infecções, teremos que ter mais cuidados. As outras parecem responder bem ao tratamento, ela não corre perigo de morte, vai ficar com cicatrizes para lembrar — explicou com a voz triste. — O que importa é que estejam vivas e bem.

— July deve estar bem preocupada. — tinha me esquecido dela.

— Tivemos que tirá-la à força daqui ontem, queria dormir com você ou com Duda com aquela barriga toda, nem cabia na cadeira. — sorriu.

A enfermeira entrou com uma bandeja de remédios e comida.

— Vou deixar você com Sara, daqui a pouco volto. Tenho uns pacientes para visitar. — Com um beijo cheio de promessas deixou o quarto.

— Vocês formam um lindo casal! — disse Sara, sorrindo.

— Obrigada! — agradei alegre.

Capítulo 64

Acho que acabei dormindo, pois quando abri os olhos mais tarde, encontrei uma barriguda sentada na cadeira, concentrada em uma revista sobre bebês.

— July? — chamei.

— Emely, pensei que não iria acordar mais, estava ficando preocupada. — levantou e veio para perto da cama.

— Estou bem! E meu grão de feijão? — perguntei sobre Maria.

— Aqui, crescendo e não é mais um grão, está muito pesado para isso. — sorriu passando a mão na barriga saliente.

— Sou pequena sim, tia Emely, sou o grão da titia — falei fazendo carinho na barriga dela que chutou me reconhecendo. — Viu? Ela concorda.

Demos risada e ela me contou várias coisas sobre a gravidez e tudo que aconteceu quando estava fora.

— Estava querendo marcar um almoço para domingo, agora com tudo isso, Murilo acha que devemos adiar — disse tristonha.

— Humm, mas era um almoço de comemoração? — perguntei desconfiada.

— Sim. — Com um sorriso levantou o dedo e mostrou a aliança, que só um cego não veria um troço daquela grossura.

— July! Você ficou noiva? — estava de boca aberta, chocada. — Ele é muito velho para você. — Depois que falei percebi que disse merda, ela murchou e me olhou triste.

— Eu gosto dele, vamos nos casar e ele vai registrar minha Maria como um pai.

— July, desculpa, não deveria falar assim, mas você há de convir que a cidade irá falar: você fez dezoito anos agora, Murilo tem 28 anos, são alguns anos de diferença — argumentei.

— Dona Emely, não me importo com o que a cidade vai dizer, com o que a sociedade pensa. Onde estava essa mesma sociedade quando fui abandonada, espancada, passei fome, frio e estuprada? Onde? Nem uma sociedade se preocupou com uma garotinha sozinha e com medo. — Nunca vi a July tão chateada. — A senhora sabe muito bem como a sociedade pode ser cruel, mas não me importo, quero ser feliz e vai ser com Murilo, goste a sua sociedade ou não.

— July! — Merda, ela saiu e bateu a porta com raiva.

Falei bobagem, fui preconceituosa como as pessoas que tanto abomino. Que raiva! Devia dar apoio a ela. Ela estava tão feliz e eu destruí isso com minhas palavras doentes. Sentia-me um monstro.

Ainda estava triste com a situação da July, quando Murilo entrou no meu quarto e, pela sua cara, o cara não estava muito contente.

— Emely, sei que nosso caso não terminou muito bem. Magoei você com a situação. — fiquei calada ouvindo, porque merecia o “passa-fora” que ia levar. — Então, se tem raiva de mim, desconta em mim, deixa July fora disso.

— Murilo, não tenho raiva de você e amo a July, só temo por ela, por já ter sofrido demais nesta vida.

— Por isso mesmo, ela já sofreu demais, merece amor, Emely, e não recriminações. Não gosto de ver minha pequena chateada ou chorando. Por favor, atenha seu problema a mim, já que sou o “x” da questão para você.

— Não tenho nada mal resolvido contigo, você está se valorizando demais.

— Então, para de jogar a nossa diferença de idade nas nossas caras. Vou enfrentar o mundo por ela, inclusive você, se for necessário. — Assim como entrou, saiu e eu fiquei com cara de que mereci isso.

Já era tarde quando recebi alta do hospital, estava aguardando meu pai junto com o Rafael, mas minha mente ainda estava no fora que dei na July.

— Amor, você está muito quieta. — Rafael falou me abraçando.

— Fiz uma merda hoje, ultimamente só ando dando fora. — suspirei. Estava arrasada comigo mesma.

— O que aconteceu? Quem sabe eu não possa te ajudar. — Com um abraço ficou esperando que eu contasse o que me afligia.

Contei tudo que aconteceu com July e, conseqüentemente, sobre o sermão do Murilo. Ele ouviu tudo calado e depois que terminei, beijou minha testa e ficou a minha frente para falar.

— Amo você e sei que está com medo da July sofrer. Você não confia no Murilo. — olhei para ele com pena de mim porque sei que estou errada. — Mas não dá para viver o tempo todo julgando o que nem aconteceu ainda. Emely, é notável o amor daqueles dois, o cara teve vários problemas na vida e a July uma vida de merda.

— Eu sei!

— Então? São duas almas quebradas que se encontraram e merecem construir uma nova história de amor. Deixe-os serem felizes ou você vai acabar perdendo a July.

— Estou errada, eu sei, vou pedir desculpas a eles.

— Faça isso. Aproveite e veja a dor do seu pai — disse me olhando intensamente.

— Meu pai? — Não entendi.

— Sim, ele está sofrendo longe da mulher que ama sendo fiel a você.

— Mas a Duda fez merda e não posso mudar isso. — sabia o que ele queria dizer, mas ainda não podia admitir.

— Eu também fui culpado e hoje estamos juntos. Eles também merecem uma segunda chance, não?

— Você tem razão, estou sendo cruel com meu velho, ele merece ser feliz. Prometo que vou resolver essa merda.

— Eu sei. Você tem o coração mais lindo que já vi, sou um homem de sorte por ter você.
— beijou-me para selar suas palavras.

Capítulo 65

Voltei para casa com meu pai. Estava chateada, porque não consegui ver a Duda, pois os médicos não queriam que ninguém entrasse em seu quarto, por conta do risco de infecção, mas queria poder olhar minha amiga, ter a certeza de que tudo ficaria bem.

Eu ainda precisava conversar com a July. E foi mais uma discussão com meu pai, porque ele não me queria sozinha em casa, achando que eu estava em perigo. Ele me queria em sua casa. Recusei, pois não posso mudar minha vida porque um louco resolveu tocar fogo em uma cabana. Além do mais, tinha o Murilo que ficava na casa da July, e eu sabia que, independentemente de qualquer coisa, ele iria me ajudar se precisasse, mas não foi fácil convencer o meu pai.

Cheguei a minha casa, fiz um chá e sentei no sofá. Eu precisava descer para a floricultura, mas não estava com coragem de falar com ela. O que poderia dizer? Além de lidar com um louco tocador de fogo, ainda tinha minha língua enorme que não sabe ficar na boca quando deve. Não me olhem com raiva, juro que achei que naquele momento estava protegendo a July. Sou uma merda de amiga. Engraçadinhas, não era para concordarem comigo!

— Emely? — virei para a porta e minha amiga estava lá totalmente acanhada.

— Entra, July, preciso falar com você. — Não dava para empurrar aquilo.

— Não é necessário dizer nada, queria pedir desculpas pelo comportamento do Murilo, ele ficou nervoso quando me viu chorando e resolveu tomar minhas dores. — sorriu. — Ele anda bem protetor, mesmo que eu diga que não é necessário.

— Isso é bom, que dizer que ele te ama, não é? — Nem acredito que estou defendendo ele. — Não deveria me meter em sua vida deste jeito, você sabe o que está fazendo, fui uma idiota.

Ela veio e sentou ao meu lado, seus olhos já estavam tranquilos novamente, brilhantes.

— Não, Emely, pare com isso. — Ela buscou minhas mãos e segurou nas suas. — Sei que me ama e tem medo que eu quebre meu coração, mas fique tranquila, não vai acontecer.

— Tenho que te apoiar como amiga e irmã. — beijei seu rosto. — Pode me perdoar?

— Claro que sim, agradeço seu amor e posso dizer que amo você também.

Levantamos e nos abraçamos. Estava selado o amor de duas amigas, faltava a Duda agora.

— Precisamos planejar um casamento — falei para ela, sorrindo.

— Você é muito especial! — beijou meu rosto, feliz.

Capítulo 66

Depois de três semanas, o médico liberou visita para a Duda. Pensei que seria a primeira da fila para visitá-la, mas não, o Senhor Ricardo já estava na minha frente, nervoso.

— Filha? — acho que se assustou quando me encontrou.

— Tudo bem, pai. — abracei-o. — Imaginei que viesse vê-la.

— Estou nervoso — confessou.

— Vai ficar tudo bem, diga como se sente e ela vai entender, tenho certeza.

— Vou deixar você entrar, acredito que precisam conversar.

— Não, pode entrar, eu volto outra hora.

— Não, preciso me acalmar. Esperei tanto por esse momento nas últimas semanas e ainda não sei o que vou dizer. — sorriu sem graça.

— Tudo bem, vou falar com ela enquanto o senhor se acalma. — Ele balançou a cabeça concordando.

A enfermeira avisou que poderíamos entrar, mas uma pessoa por vez e usando máscaras, pois ainda corria risco de infecção para ela.

Ela estava deitada, pálida, naqueles lençóis brancos. Fiquei arrasada em ver minha amiga assim, faltou pouco para que morrêssemos naquele incêndio. Pior era pensar que quem fez isso estava lá fora ainda e não temos nem ideia de quem seja e o porquê. O Murilo estava quase louco investigando, tinha policiamento o tempo todo na porta de nossa casa.

Eu me aproximei da cama e seus olhos estavam fechados, parecia que estava dormindo. Minha amiga era linda, por dentro e por fora. Não consigo mais fingir que não sofro pela distância entre nós duas, não sei se poderemos ser as melhores amigas de novo, mas sei que posso superar e conviver com tudo que aconteceu. Devia pelo menos tentar, não pelo meu pai, por Rafael ou qualquer outra pessoa, mas por mim mesma, preciso fazer isso.

— Emely, você veio! — Ela exclamou com a voz sumida. — Devo estar horrível com essa cara sem maquiagem.

— Você está horrível, branca igual um papel — disse sorrindo.

— Por favor, me diz que tem maquiagem nesta bolsa. Um batom pelo menos? — perguntou.

— Você deu sorte, tenho sim! E foi mais sortuda ainda por eu ter entrado primeiro, já que meu pai está aí e quase entra antes de mim. — sorri para ela entender que não estava chateada. — Vamos passar um batom.

Depois que passei batom e pó no rosto, ela ficou com uma aparência bem melhor.

— Pronto, ficou muito bom.

— Obrigada. Você está bem? Soube pouca coisa sobre o incêndio.

— Estou bem, não sofri nem uma queimadura. — suspirei sentando na cadeira. — Murilo fala pouco sobre o assunto, mas soube que foi criminoso, deixamos alguém “pau da vida”.

— Kátia?

— Não sei, July acredita que pode ser ela. Outro dia quase perdi um carregamento de flores, alguém ligou cancelando, muita coisa estranha acontecendo.

Ficamos em silêncio digerindo essa ideia de ter uma pessoa louca querendo nos matar.

— O que vamos fazer? Não fizemos nada àquela mulher para isso.

— Não sei, o delegado colocou policiamento em minha porta, seu irmão está louco, me liga de meia em meia hora.

— Imagino, ele vai me deixar louca também. — tentou se ajeitar na cama, mas não conseguiu e eu ajudei.

— Suas pernas? — perguntei.

— Vão ficar com umas cicatrizes bem feias, mas estou viva, não é?

— Verdade, estamos vivas. Quero te pedir desculpas por levá-la naquele lugar.

— Não foi sua culpa, Emely, se alguém queria nossas cabeças, iria dar um jeito de fazer isso de qualquer forma. — Ela olhou para a janela. — Aqui tive tempo para pensar muito. Sei que fiz muita coisa errada, que provavelmente nunca serei perdoada, perdi meu filho, isso foi um dos piores castigos.

— Não sei se vou conseguir ser como antes com você — falei interrompendo-a.

— Aceito isso, mas vou deixar claro: estou cansada de me sentir culpada, não que eu não seja, mas quero uma vida. Não estou vivendo, estou vegetando, mereço ser feliz, com seu pai ou não.

Fiquei parada processando suas palavras e suspirei. Ela tinha razão, todos pararam suas vidas, por culpa, isso não era justo e eu não queria isso.

— Você tem razão, amo meu pai e, apesar da mágoa, eu amo você. — peguei sua mão e a encarei. — Quero sua felicidade e a do meu pai, não sei se consigo ser como antes, como disse, mas não consigo imaginar outra mulher para ele.

Ela começou a chorar e me abraçou. Ficamos assim por alguns minutos, meu coração estava em paz, aquilo era tão bom!

— Temos um casamento para organizar, então acho melhor você ficar boa logo. — limpei suas lágrimas. — July vai casar.

— Sério?

— Seríssimo! Aquele delegado pediu nossa menina em casamento.

— Humm! Então precisamos organizar um noivado primeiro.

— Verdade. Uma festa surpresa? — perguntei.

— Com certeza. — bateu palmas, feliz.

Duda

Eu estava sentindo dores, mas com a visita da minha amiga até me esqueci delas. Foi bom desabafar, chorar, talvez nunca voltemos a ser como antes, mas pelo menos vou tentar começar de novo e isso incluía conquistar meu homem. Eu o quero e jogarei pesado para conseguir. Não vou facilitar até conseguir um anel de compromisso e um vestido de noiva.

Ele entrou de cabeça baixa, parecia estar com medo.

— Você está bem? — perguntou.

— Apesar de marcada para sempre, sim, estou feliz por estar com vida.

— Droga, Duda, fiquei apavorado com você daquele jeito. — sentou chateado e com os olhos cheios de amor, ali estava a certeza de que eu precisava para reconquistá-lo.

— Não precisava se preocupar comigo, não sou responsabilidade sua. — Ele me olhou como se estivesse falando com uma louca. — Estou mentindo?

— Claro que é responsabilidade, sabe que desejo o melhor para você sempre e me preocupo com tudo que acontece com sua vida. — veio para perto da cama e me deu um beijo simples. — Você engravidou de um filho meu, passamos por muitas coisas juntos, sei que não sou o melhor homem para você, mas mesmo assim, ainda quero você comigo.

— Não. Você me deixou de fora de sua vida. Eu sempre estive em sua cama, pelos bastidores, mas você nunca teve coragem de me assumir perante todos.

— Eu ia falar com sua mãe, pedir sua mão em namoro, mas então você perdeu o bebê e tudo veio à tona.

— Então, você me afastou mesmo quando pedi perdão. — virei para a parede. — Sou culpada, você não gostaria de viver com uma mulher que pode, a qualquer briga nossa, magoar quem você ama.

Devolvi suas palavras, pois me lembro delas exatamente, e parece que funcionou, porque ele recuou e me olhou de cara feia.

— Estava magoado quando disse isso. Sei que fez aquilo no momento de raiva, que hoje jamais faria, não venha colocar palavras em minha boca.

— E isso? — puxei o lençol e mostrei as queimaduras em minhas pernas. — Está preparado para ter uma amante desfigurada?

— Vejo que não me conhece para fazer uma pergunta idiota como esta — falou alto. — Vou dar um desconto, porque sei que está neste hospital, nervosa com tudo que aconteceu.

Saiu do quarto pisando duro. Dei o primeiro passo, agora era com ele. Tomara que dê certo, senão eu iria morrer de amor.

Murilo

Há dias que não consigo dormir direito. A Kátia praticamente evaporou da face da Terra, ninguém consegue achá-la, nem os maiores bandidos com quem já tinha lidado conseguiram ficar desaparecidos por tanto tempo.

Estava nervoso, pois todas as provas coletadas na cena do crime levavam a uma mulher. Só podia ser ela, mas por que tanta raiva, rancor?

— Chamou, delegado? — Rafael falou da porta da minha sala.

— Entre, precisamos conversar. — Ele entrou fechando a porta da sala.

— Sim, alguma notícia sobre nossa amiga? — tínhamos conversado em particular.

— Parece que virou fumaça. Ela está escondida aqui na cidade, mas onde? — bati na mesa com raiva.

— Precisa achá-la, minha irmã e minha mulher estão em perigo. — entendia seu medo, eram os mesmos sentimentos que eu tinha pela July. Estava frustrado com essa falta de informação.

— Estou vasculhando como um louco. Pensa que não sei que estão todas em perigo? Ela vai querer a July também. — bati na mesa com raiva.

— Desculpa, sei que você está apreensivo. Estou nervoso com toda essa situação. A Emely viajou para a Bahia, foi tirar as fotos para a campanha, pelo menos vai ficar duas semanas fora.

— Preciso saber o porquê desta raiva toda, o que motiva aquela mulher, não é normal tanta raiva. — levantei passando a mão no rosto, frustrado.

— Não sei, cara, o tempo que trabalhei com ela, nunca deu a entender que era uma louca assassina. — parou e ficou me olhando com se lembrasse de alguma coisa. — Ela sempre perguntou por você, parecia até obsessão. Acabei comentando com ela que você estava aqui na cidade. Depois de uns dias ela veio me avisar que conseguiu trabalho aqui.

— Ela disse que foi você quem conseguiu o trabalho para ela, que precisava sair do Rio.

— Não, fiquei surpreso depois que ela comunicou que iria deixar o hospital. Todos lá sabiam que ela não poderia ter filhos. Ela ficou arrasada durante dias, pegou folga do trabalho e quando voltou, pediu demissão e veio para cá.

— Então, eu sou a conexão. Se não foi porque perdeu meu filho, então foi por quê? O que fez para ela ter tanto ódio?

— Para seu bem é melhor descobrir logo.

Capítulo 67

Estava cansada, a viagem acabou comigo. Duas semanas numa praia linda da Bahia e não tive tempo de conhecer, fazer um turismo. Foi um ritmo intenso, horas de roupa de banho naquelas águas lindas e não consegui nem um bronze.

Vida de modelo era bem complicada. Alimentação regrada, você pensou que por ser gordinha poderia comer de tudo? Enganou-se! Fiquei comendo salada, suco verde e frutas. Várias massagens, para ficar com a pele perfeita e o peso ideal.

Não se engane, só muda o nome *Plus Size*, mas a paranoia é a mesma. Cuidar dos cabelos, dos pés, das unhas, pele. Estou cansada, mas depois de olhar as fotos, percebo que ficou tudo tão perfeito, que outras meninas vão poder entender que seu peso não é defeito ou vergonha.

Cansada, mas realizada. Sei que estou fazendo um belíssimo trabalho, mas só quero chegar em casa, dormir por dois dias e fazer sexo com meu amor. Estou louca para morder aquele homem todinho. Nossas conversas por telefone me deixaram com água na boca. O cara sabia fazer sexo por telefone como ninguém, tanto que estou *expert* em ter orgasmos com os dedos.

Já estava pegando as malas na esteira quando o avistei. O Rafael parado com as mãos no bolso, sorrindo. O safado nem me avisou que viria me buscar. Peguei as malas e fui ao seu encontro, eufórica, com os braços abertos e um beijo de tirar o ar.

— Nem me avisou, seu safado! — falei depois do beijo. Foda-se. Todos estavam olhando.
— Eu estava morta de saudades de você.

— Decidi na última hora, consegui trocar o plantão. Estava louco com saudades também.
— pegou minha mala e fomos para o estacionamento.

— Como vão as coisas? — perguntei afivelando o cinto.

— Até o momento sem grandes novidades, só a festa de noivado da July que está a todo vapor. Minha mãe só fala disso. Lá em casa está um entra e sai de flores e mesas. — suspirou.

— Graças a Deus sua mãe embarcou nesta. Eu estava apreensiva com a Duda. Ela com as pernas daquele jeito, fazendo tudo sozinha... — Ele dirigia com uma mão e segurava a minha com a outra.

— Ela já está bem melhor, não infeccionou, só não pode fazer traquinagem. — levou minha mão a sua boca e beijou. — Falando de traquinagem, por que não vamos traquinar um pouco? — piscou descaradamente.

— Eu gosto de traquinar, o que você sugere?

— Um quarto de hotel e uma garrafa de vinho?

— Algum hotel em mente?

— Quarto já reservado!

— Safado! Como você sabia que eu iria topa? — Como se eu fosse difícil quando o assunto era ele.

— Acho que foram seus gritos de orgasmos ontem pelo telefone. Já não aguento mais tomar banho frio e me masturbar.

Com uma risada seguimos para o hotel reservado. Era isso que eu curti nele, sempre pensando em tudo. Aquele desejo desenfreado pelo corpo me fazia sentir poderosa, gostosa. Eu não tinha vergonha de ficar nua em sua frente e pensando nisso iria organizar uma surpresa para ele ainda essa semana.

Chegando ao hotel, fui direto para o banheiro tomar um banho. No meio do caminho, ele me pegou dizendo que não aguentava esperar, que estava com fome do meu corpo.

Arrancou minha roupa, lambeu meus seios. Gemia desesperado, de pau duro. Fui empurrada em cima de uma cama enorme, minha saia subiu e minha calcinha foi colocada para o lado. Estávamos em chamas. Foram semanas separados. Eu já me encontrava pronta para ele.

Se eu soubesse que reencontros fossem tão bons, teria viajado mais vezes. Seu pau entrou deliciosamente na minha boceta escorregadia de tão molhada. Percebi que sua calça ainda não tinha sido tirada, que ele estava me comendo com o pau saindo pelo buraco da braguilha de tão ansioso. Fiquei encharcada, excitada ao extremo e gozei.

— Minha Emely, estava morrendo longe de você. — foram suas palavras antes de me acompanhar no orgasmo.

Capítulo 68

A festa de noivado da July estava pronta. Toda a arrumação foi feita pela mãe do Rafael. As mesas, cadeiras, rosas brancas, tudo no tom de dourado com branco, ficou perfeito. Como sempre, tudo com muito bom gosto.

O cardápio escolhido regado a camarão. Tudo muito chique. Sei que foi escolha da Duda que, apesar de não poder andar por conta dos ferimentos, comandava tudo de uma cadeira de rodas improvisada.

Quase não precisei fazer nada, mas também não podia ficar longe da floricultura sem levantar suspeita. Como seria surpresa, o casal não podia desconfiar. Já estava tudo armado para levá-los à casa do Rafael.

Com a desculpa de um jantar para comemorar a volta da Duda para casa, conseguimos convencer o casal. Ganhei da agência um vestido verde-claro parecido com os do período romano, de uma alça só. Fiz uma maquiagem leve, coloquei um salto alto e pronto. Sentia-me glamorosa. Quase toda a cidade estaria na festa. Era a forma de mostrar para todos que apoiávamos aquele novo casal e que compraríamos briga por eles, se fosse necessário.

Rafael ficou de queixo caído quando me viu, não parava de dizer o quanto estava maravilhosa. Ele estava delicioso de gravata e com aquelas mãos fortes segurando minha cintura entrou na festa e todos viraram para nos olhar.

Quem poderia imaginar que no fim ficaríamos juntos e tão apaixonados? Todos olhavam e cochichavam. Provavelmente falando do passado, mas nem me importo. Só sei que amo meu homem e me sinto muito feliz, o resto é só resto.

— Emely? — virei e era Éster, a fofoqueira.

— Oi, Éster.

— Você parece que emagreceu. Comprei sua revista, muito lindo o que escreveram sobre você. Fico feliz em ver que conseguiu superar o passado e está namorando esse moço.

— Obrigada, e não, eu não emagreci, continuo com o mesmo peso, mas talvez a diferença esteja no fato de que deixei de me importar com as fofocas sobre isso.

— Bobagem, emagrecer é sempre bom, principalmente que você agora é uma modelo famosa e namora um rapaz tão bonito. — A velha safada ainda argumentou. — Tem que entrar em forma, esse mercado de modelagem é bem competitivo.

— Dona Éster, não é? — perguntou Rafael que estava calado ouvindo a conversa do meu lado.

— Sim, como você não conhece? Lembro-me de você pequeno, um príncipe. — sorriu com a boca murcha.

— Ahh! Lembro-me de uma fofoqueira chamada Éster, mas creio que não é a senhora. Não poderia ser. E falando da Emely, eu a amo do jeito que ela é, gosto de cada grama deste corpo, você não tem noção de como essa mulher me acaba na cama.

Coloquei a mão na boca para não sorrir. A velha ficou vermelha, pediu licença e se retirou chocada.

— Você quase fez a senhora ter um ataque cardíaco — disse quase gargalhando.

— Ninguém sentirá falta e não menti. Você acaba comigo na cama, sempre sou eu que peço menos. — beijou de leve minha boca.

— Mentiroso! Vamos procurar sua mãe.

Ela vestia um lindo modelo rosa suave, muito elegante. Ninguém supera aquela mulher neste quesito.

— Tudo pronto, daqui a pouco a July chega — disse com os olhos brilhando, percebia sua alegria em seu olhar. — Vocês estão lindos, sempre foi meu sonho vê-los assim.

— Mãe, você é maravilhosa. — Ele beijou sua testa. Os dois eram fisicamente muito parecidos. — Obrigada!

— Não me agradeça, essa casa estava precisando desta energia. Temos que planejar o noivado de vocês dois agora. — saiu sorrindo e nos deixando sem graça.

— Vamos fugir antes que ela volte. — Eu disse disfarçando meu constrangimento.

— Ela quer netos! — Rafael falou como se isso explicasse a situação.

Capítulo 69

Todos estavam esperando os noivos. Duda vestia uma linda calça pantalonada preta, uma blusa da mesma cor, porém cheia de brilhos e com os cabelos loiros puxados para trás. Estava muito linda.

Apesar de tudo, pela primeira vez em meses seu sorriso era original, parece que tudo que aconteceu trouxe alegria de viver a ela. Isso era bom, ficava feliz, só temia pelo meu pai que não parava de beber e olhar para ela.

Não tive tempo de perguntar como estavam os planos dela de reconquistá-lo. Espero que se resolvam logo, pois meu pai estava sofrendo.

Já eram quase oito horas quando o som do carro do delegado se fez ouvir. Todos correram disfarçadamente. Eu havia ajudado a July escolher um vestido para o jantar. Um branco, acima dos joelhos, de lacinho rosa na cintura, e sandálias pretas. Estava uma grávida linda e elegante.

Quando as lâmpadas do salão se acenderam, eles tomaram um susto e todos começaram a aplaudi-los. July começou a chorar e Murilo ficou desnortado. Com o microfone na mão, Rafael pediu a palavra.

— Como amigo e conhecedor da história deste belíssimo casal, não poderia deixar de comemorar um momento tão importante como este. July é uma mulher incrível, tenho certeza que vai colocar juízo na cabeça deste delegado. — Todos sorriram. — Maria é o brinde maravilhoso para todos nós. Que a família de vocês cresça e prospere, pois é sempre bom recomeçar.

Todos aplaudiram e os dois começaram a agradecer aos convidados da festa.

— Festa linda, obrigada, Emely. — Murilo chegou perto de mim para me agradecer, totalmente acanhado. — Desculpa pelas coisas que eu disse lá no hospital.

— Agradeça aos familiares do Rafael, foram eles que organizaram tudo. E sobre o hospital, eu mereci ouvir aquelas palavras. — apertei sua mão. — Só peço que faça minha amiga feliz.

— Minha meta nesta vida — respondeu.

— Então, ficará tudo bem. — deixei-o e fui ao encontro da Duda.

Chegando perto de minha amiga vi uma loira, que eu conhecia muito bem, próxima de Duda e um Rafael sem graça.

— Emely, não é nada do que você está pensando. — Rafael foi logo dizendo.

— Quem é Emely? — Ela virou procurando.

— A namorada dele — disse Duda, chateada.

— Você não disse que estava namorando. — Ela parecia magoada ou chateada, não sei, minha cabeça estava rodando, o que aquela mulher fazia ali? — Prazer, Emely, sou a Juliana, ex-

namorada do Rafael.

Claro que sei quem é ela. Desfilou várias vezes pela cidade com suas pernas longas. Eu sofria toda vez que os via juntos, morria um pouquinho toda vez que vi seus beijos. Como posso não saber quem é ela? A pergunta é o que ela faz ali?

— Prazer. — Só disse isso.

Ele veio para o meu lado e pegou minha mão que estava fria. Tentei me soltar, mas ele não permitiu. O ciúme me consumia, roía minha alma. Ela era linda, uma modelo internacional, e eu sou quem? Uma gorda sem graça.

— Duda ligou dizendo que você estava precisando de mim, não consegui me concentrar no trabalho e vim correndo para cá.

— Duda ligou? — Nós dois falamos em uníssono e olhamos para Duda que parecia querer desmaiar.

Capítulo 70

Não aguentei ouvir aquilo e saí de perto deles, meu coração não estava suportando. Como ela pôde trazer aquela mulher para cá? Encontrei a mãe deles no caminho que me levou para o escritório. Acho que estava tão transtornada que só a abracei e chorei.

— Calma, criança, tem que ter uma explicação. — enxugou minhas lágrimas. — Duda jamais ligaria para ela.

— Então quem foi? — argumentei.

— Já pensou que ela possa estar mentindo? Como ela não sabe que ele está namorando? Toda rede social sabe disso, então tem coisa errada.

— Verdade, muito estranho.

— Então, você tem que ser superior. Você foi a escolhida, a mulher que é dona do coração do Rafael, vai lá fora e assuma seu lugar de direito — disse batendo de leve no meu rosto e olhando em meus olhos. Ela tinha razão.

— Obrigada! — suspirei e fui ao banheiro retocar a maquiagem e quando saí, a Duda estava na porta esperando.

— Emely! — falou.

— Eu sei que você não faria isso — interrompi.

— Nunca liguei para ela, nem mesmo tenho seu número e você sabe que nunca fomos íntimas. — Ela parecia cansada.

— Você parece cansada. Não quer descansar?

— Estou bem, mas fiquei preocupada com você. Acho que não deve deixar aquela loira sem sal grudada em meu irmão.

Virei para o salão e lá estava os dois, ele parado ouvindo o que ela falava em seu ouvido. Aquela cena me deu uma raiva e fui para perto dos dois. Iria arrancar os cabelos dela.

— Emely? — chamou Duda e me virei para ouvir.

— Não arruma briga, estou impossibilitada de te ajudar a bater nela, e eu não aceito que se divirta sozinha. — piscou sorrindo.

— Sou uma modelo elegante, não faço barraco. Não se preocupe, vou ser sutil. — sorri de volta.

Peguei uma taça de Prosecco e me aproximei. Rafael me viu primeiro e se desvencilhou dela me beijando na boca de leve.

— Bom conhecer você, Emely — Pelo seu olhar suas palavras eram mentirosas. — Soube que é modelo *Plus Size*. O Rafael sempre gostou de modelos, quando terminei com ele ficou arrasado, mas meu trabalho me deixava muito ausente.

Posso jogar minha taça nela? Concordo com vocês, preciso manter a classe e não estragar a festa de noivado de minha amiga.

— Sorte minha, então! — falei sorrindo falsamente. — Rafa, posso falar com você?

— Claro, amor — respondeu rápido demais para meu gosto.

Fomos até a varanda. Eu estava uma fera, iria enforcá-lo com sua gravata.

— Emely, não sabia que ela viria, portanto, não tenho culpa. — foi logo dizendo.

— Então por que está cheio de dedos? Por que fica de papo furado com ela? Vou te dar um aviso: te perdoei uma vez, mas se me humilhar de novo, partirei desta cidade, de sua vida e nunca mais voltarei.

Ele me olhou com cara de desespero. Deixei-o sozinho e fui falar com a July, que estava feliz, totalmente alheia ao meu drama. Não iria contar, deixaria para o outro dia.

Duda

Quando penso que os problemas acabaram aparecem outros. Como é que a Juliana resolve aparecer sem ser convidada? E com aquela conversa de que fui eu quem a convidou?

— Juliana? — falei quando nós duas entramos no escritório. Aquela cadeira de rodas me deixava irritada, mas era necessário para que minhas pernas não infeccionem com o esforço por andar.

— Sim, me chamou? — sorriu docemente, falsa igual a nota de duzentos reais.

— Não liguei para você, então quero saber o porquê de sua presença.

— Desculpa, mas ligou sim. — tirou o celular e me mostrou uma chamada de um número desconhecido. — Achei estranho, porque sua voz parecia diferente, mas você disse que sofreu um acidente e seu irmão estava precisando de mim.

— Esse número não é meu e você sabia que Rafa estava em outra, então não entendo o porquê de ter vindo.

— Duda... — sentou na poltrona a minha frente. — Aquela garota é só um passatempo. Você olhou direito para ela? Eles não têm nada em comum.

— Ele ama a Emely. Acredito que você irá se decepcionar com sua estadia aqui na cidade.

— Veremos. Aquele relacionamento não tem futuro — falou levantando. Busquei sua mão e segurei-a.

— Ele ama a Emely! — repeti. — E se você ficar entre os dois, vou ter que me envolver e você não irá gostar de me ter como inimiga.

Soltei seu braço e ela saiu pisando duro. Minha perna estava doendo demais, queria deitar um pouco, pois passei muito tempo sentada esses dias. A porta abriu e Ricardo entrou. Passei a noite ignorando-o, mas agora não tinha como.

— Você está cansada, suas olheiras são visíveis — falou sentando a minha frente. — Vamos subir, eu ajudo você.

— Estou bem — argumentei.

— Não, vou ajudar você a subir.

Pegou-me no colo e me levou à escada. Subimos e, no quarto, trocou minha roupa. Em nem um momento mostrou constrangimento com as minhas pernas.

— Você não tem nojo? — precisava saber.

— Não. Por que teria? — pegou minha mão e, olhando em meus olhos, disse. — Eu amo você.

Chorei, esperei tanto por aquelas palavras que meu coração bateu descompassado no peito.

— Não farei plástica nelas, quero que fiquem assim para que eu possa me lembrar delas. São marcas pelos meus erros. — beijei sua mão.

— Não precisa se martirizar assim. — beijou minha testa. — Quero te pedir uma coisa — falou soturno.

— Sim.

— Quero te visitar, falar com sua mãe sobre nós. — Meu coração bateu rápido.

— Você tem certeza?

— Estou sentindo sua falta, quero fazer a coisa certa desta vez.

— Sim, eu aceito com uma condição. — Ele me olhou desconfiado. — Você tem que me beijar, estou morrendo sem seus beijos.

— Com prazer. — Sua boca desceu sobre a minha.

Eu estava de volta aos céus.

Murilo

Nem acredito que meus amigos fizeram uma festa linda para comemorar o meu noivado com a July. Minha menina estava tão linda, brilhava em meio àquela festa.

Trouxe luz para minha vida. Eu não conseguia largá-la, queria sempre apertar, abraçar, ter certeza de que era de verdade, morria de medo de perdê-la. Aquela garota sempre foi o que esperei. Ainda não rolava sexo entre a gente, eu não achava correto com ela grávida, mas estou esperando ansioso para quando Maria nascer.

Estava igual bobo vendo-a andar pela festa. Era um anjo sempre sorrindo, sua alma era linda. Acho que as coisas não estavam bem para meu amigo Rafael, o cara parecia que ia para o limbo, não tirava os olhos da Emely, que fazia questão de ignorá-lo. É melhor eu tentar descobrir o que aconteceu.

— Não agradei a sua mãe pela festa — falei puxando conversa.

— Depois você faz isso. Hoje aproveite sua festa — disse seguindo a Emely com o olhar.

— Humm, posso saber por que você está bebendo sozinho e Emely parece que vai te matar?

— Aquela é o problema. — apontou para uma loira maravilhosa do outro lado da sala. — Minha ex-namorada resolveu dizer "olá".

— Ixe! Como isso aconteceu? — perguntei.

— Boa pergunta. Ela disse que Duda ligou convidando, o que eu duvido. Agora Emely está uma fera e toda cidade comentando que mais uma vez ela vai ser trocada. — Sua voz estava sumindo. — Me diz se pode ficar pior?

— Pode — falei olhando para a porta e o fotógrafo Eduardo entrou. Parecia capa de revista de tão bonito. Detesto caras assim.

— Se ele se aproveitar da situação, pode preparar o mandado de prisão. Vou matar esse cara!

Com isso tomou a bebida da taça de uma vez.

Capítulo 71

Estava uma fera com Rafael, ele pode não ter convidado a loira-aguada-de-pernas-compridas, mas deu bola para a conversa dela. Não demonstrou que sou a mulher dele. Vontade de voltar lá e dar na cara dos dois idiotas.

Já tinha tomado todos os Proseccos daquela festa. Se tomasse mais uns iria bater naqueles dois.

— Chateada, parceira?

— Eduardo? Nossa, pensei que não viria. — Lindo como sempre.

— Consegui chegar a tempo. Foi complicado, pois tive uma seção de fotos hoje.

— Fico feliz que tenha vindo. Queria que você tirasse foto da July grávida, para fazer um álbum. — pedi fazendo beicinho.

— Não sou fotógrafo de grávidas, mas como você está me pedindo com tanto jeitinho, podemos negociar — falou beijando meu rosto.

— Humm, diga.

— Quero o telefone daquela loira maravilhosa. — virei e era de Juliana de quem ele estava falando.

— Você também? Não aguento isso, aquela idiota é modelo e é ex do meu atual — respondi sentando na cadeira do lado.

— Agora sei quem é. Ele namorou a Juliana Pires? Cara sortudo. — fechei a cara e ele percebeu a mancada. — Quero dizer, ela é linda. Olha desculpa, estou falando merda.

— Odeio vocês homens! — peguei outra taça.

— Então você está se roendo de ciúmes e ele lá do outro lado se roendo de ciúmes de mim. Essa noite promete.

— Ele não está com ciúmes de ninguém, só não sabe como sair desta roubada.

— Não quero estar na pele dele. Venha me apresente à garota — pediu cheio de charme.

— OK, vamos falar com July e depois levo você até a pernuda.

Fomos até a noiva que ele beijou e abraçou sob o olhar atento de um Murilo nada receptivo. Marcamos as fotos para o outro dia. July deu pulos de alegria, seria meu presente de noivado para ela.

No meio do caminho começou a tocar “Adore You”, da Miley Cyrus. Ele me puxou para a pista, pois aquela música lembrava o dia que tomamos todas no Rio. Começamos a dançar, rindo e conversando sobre aquela noite de loucura.

Fui praticamente tirada da pista por um Rafael nervoso, nada contente. Voltou e olhou bem na cara do Eduardo.

— Se tocar na minha mulher de novo quebro sua cara. — Para não fazer cena, eu o deixei me levar para outro vão da casa.

Dentro de uma sala, ele fechou a porta e veio até mim com cara de poucos amigos.

— Ficou louca? Eu não trouxe a Juliana, não tenho culpa se ela veio para a porra desta cidade. — apontou o dedo me acusando. — Agora você fica se ralando na frente de todos com aquele idiota.

— Estava dançando e não estou te culpando por trazê-la para a cidade. — suspirei e fui até ele. — Você ficou parado, não me assumiu, deixou ela achar que tem chances com você.

— Duda disse que você era minha namorada, jamais negaria você para ninguém, sempre deixei claro que amo você. O que mais vou ter que fazer para que entenda isso? — passou a mão na cabeça e rodou pela sala. — Quando terminei com Juliana, já não transávamos há muito tempo, pois da última vez que tive aqui, eu a vi na praça. Fiquei balançado, desnorteado, meus sonhos voltaram. — sentei na poltrona e deixei-o falar. — Acordava suado e não conseguia tocar nela, não sentia prazer com sua presença, cheguei a chamar seu nome na hora de fazer sexo. — prendi a respiração. Para qualquer pessoa passar por isso era humilhante, imagino a dor que aquela garota sentiu. — Era com você que eu queria estar. Ligava e enchia Duda de perguntas, queria saber se tinha alguém na sua vida. Até para Murilo liguei, pedi a ele para saber se você estava bem, contei para ele o que aconteceu, não queria que ele descobrisse que meu interesse era por ciúmes e amor por você.

— Rafael! — Não posso duvidar do seu amor.

— Larguei tudo porque queria voltar para você, descobri que minha vida não tinha sentido sem você ao meu lado. — veio ao meu lado e se ajoelhou em minha frente. — Emely, casa comigo?

— Rafael! — estava chocada, encantada, louca, nem sei quais sentimentos passavam por mim. — Tem certeza?

— Nunca tive tanta certeza em minha vida. — tirou do bolso uma caixinha preta e abriu, lá dentro estava um anel lindo com pedras que pareciam brilhantes de verdade. — Emely, quero ter filhos com você, acordar ao seu lado, levar café na cama, fazer amor em noite de chuva, dormir em seus braços. Diga que aceita ser o centro do meu universo.

— Meu Deus, amo tanto você, sonhei várias vezes que voltava e me pedia para fugir. Sempre foi meu príncipe, sempre foi você, como posso dizer que não aceito? Já sou sua, Rafael — respondi ajoelhando a sua frente.

— Isso é um sim? — perguntou com lágrimas nos olhos.

— Para sempre! — Com um beijo selou nosso momento mágico.

Fomos para sala, e ele, todo eufórico, pegou o microfone.

— Peço a atenção de todos. Sei que esse é o momento do casal Murilo e July, mas não

posso deixar de dividir com vocês a minha alegria. A Emely acabou de me fazer o cara mais sortudo do mundo. Parece que estou sonhando, porque aguardei por isso tantos anos, mas hoje ela me deu o presente de aceitar ser minha mulher.

Todos aplaudiram de pé nossa alegria, menos Juliana com cara de raiva, percebendo que sua estadia em São Conrado seria curta.

Duda

Não aguentava mais aquela cadeira. Pedi ao médico para liberar pelo menos uma muleta, mas ele disse que nem pensar, só daqui a algumas semanas. O pior de tudo era ter que ficar longe dos meus pacientes, isso estava me deixando mais chateada ainda. Adorava meus pequenos. Minha mãe insistia que eu deveria tomar um sol. Já estava no jardim tinha uns quinze minutos e o tédio junto comigo.

Depois da visita do Ricardo ontem, pode-se dizer que fiquei mais calma. Ele estava todo melindroso. Pedi minha mão em namoro, bem antigo isso, mas confesso que adorei. Achei tão fofo como ele ficou nervoso na frente da mamãe.

Por conta do meu estado, não podíamos transar, mas iria pedir para brincar um pouco. Tinha muito tempo que não ficávamos juntos, queria pelo menos uns amassos. Ver a Emely se pegando com meu irmão não ajudou muito. Outro dia, entrei na biblioteca e os dois estavam praticamente nus se lambendo na mesa.

Todo mundo sabe que seu irmão faz sexo, mas ver era muito constrangedor. O safado ainda teve a audácia de sorrir. A coitada da Emely ficou vermelha igual um tomate. Sorri com a lembrança. Senti que tinha alguém atrás de mim e virei, qual foi meu susto quando dei de cara com Kátia, parecia que estava maluca.

— Saudades, doutora? — sorriu, suas roupas estavam machucadas, botas cheias de lama, cabelo desgrehado. — Não gostou do visual?

— Kátia? O que faz aqui? — olhei para os lados, apavorada.

— Gostou do presente que deixei para você e sua amiga? — perguntou sentando no banco de madeira. — Pena que ninguém morreu!

— O que fizemos para você? — perguntei.

— Nada, apesar de que eu odeio a cara de santa das duas. Mas o presente é para outra pessoa, seu irmão gostou da volta da ex-namorada?

— Foi você quem ligou? O que ganha com isso?

— Você perdeu um filho, sabe como dói, mas vai poder ter outros. Eu nunca mais vou poder ter outros filhos, nunca — falou com raiva, quase gritando. — Tudo culpa daquele desgraçado.

— Murilo? Foi ele que fez alguma coisa com você? — falei tentando aparentar calma e ganhar tempo para ver se aparecia alguém.

— Sim, deixou o Emílio lá, eles o torturaram e a mim, mataram meu amor e perdi meu bebê — falou chorando, mas seu olhar era de loucura.

— Quem é Emílio? Como posso te ajudar?

— Você não passa de uma patricinha idiota, junto com aquela gorda sem graça, que agora é modelo. Vê se pode? O mundo anda perdido mesmo. — levantou e tirou uma arma de dentro da bolsa, meu coração disparou. — Avisa para o Murilo que vou tirar tudo dele, que estou só no começo. Para mim só sua morte trará fim a minha dor, mas eu mesma vou tirar sua vida.

Com isso, virou sorrindo e correu.

— Meu Deus! — Meu coração estava disparado.

Capítulo 72

Foi um susto quando Murilo ligou avisando que a Duda havia recebido a visita da Kátia. Ficamos assombrados com sua audácia. O Murilo redobrou a nossa segurança, pois ninguém sabia o que a motivava nos atacar.

Acabamos descobrindo que a ex do Rafael realmente recebeu uma ligação, mas foi da louca da Kátia, ela queria enlouquecer todo mundo. Rafael acredita que Murilo seja o seu alvo e que tenha a ver com o irmão dele. Ela deixou claro para Duda que perdeu um bebê e que a culpa era do Murilo.

A July estava com sete meses de gestação e não saía mais sozinha de casa, com isso, ajudei arrumar o quarto de Maria. Tudo em tons pastéis. Apesar de não dizer nada, eu sabia que ela estava com medo do que a Kátia pudesse fazer para machucar sua filha.

Apesar de ser uma cidade de fofoqueiros, também éramos uma cidade unida. Todos estavam apreensivos com a situação e todas as informações colhidas eram passadas para os policiais.

Criou-se um laço de proteção, principalmente por conta da July. Todos os dias, recebíamos visitas para saber como ela estava, com direito a bolo, tortas e presentes para o bebê.

Não tive nem tempo de pensar no noivado. O Rafael também ficou muito preocupado com Duda. Ela estava arrasada com a visita surpresa da Kátia. Não era para menos, ficar na mira do revólver de uma louca.

Meu pai estava todo melindroso por conta disso, praticamente se mudou para a casa do Rafael. Pediu Duda em namoro e tudo. Estavam acertando os ponteiros e, provavelmente, pensando em casamento.

Não gosto de imaginar meu pai fazendo sexo e acabei balançando a cabeça para tirar essa cena horrível da minha mente. Como chegaram algumas meninas para visitar July, desci para a floricultura. Atendi alguns clientes e tomei um susto quando meu pai chegou de surpresa. Ultimamente eu andava nervosa mesmo.

— Pai? Aconteceu alguma coisa? — perguntei aflita.

— Não, vou ver Duda, mas não sei se durmo por lá. É meio estranho ficar na casa dela. — estava bem vestido e totalmente cheiroso.

— Daqui a uns dias ela já pode ficar na sua casa, deixa essa loucura passar.

— Verdade, as pernas dela estão bem melhores. Ontem ela caminhou por meia hora sem sentir dor. — Meu pai amava muito a minha amiga.

— Ela vai ficar bem, se quiser é só fazer plástica depois. — tinha até comentado isso com

Rafael.

— Ela se nega, diz que as cicatrizes fazem ela se lembrar de tudo que fez de errado na vida.

— Bobagem dela! Essas coisas cicatrizam na alma, não precisa marcar a pele para isso. Depois conversarei com ela. — seria uma conversa séria, pois eu não imaginava como ela pode se martirizar assim!

— Falando em conversar com ela, preciso que você saiba que fiquei muito feliz com seu noivado. Rafael vem se mostrando um rapaz responsável e sei que a fará feliz — falou rápido e tive certeza que tinha mais coisa naquela história. — Então, estou pensando em pedir a Duda para morar comigo.

— Pai, que maravilha, mas você não acha que casar seria o melhor? — Pelo menos acredito que seria isso que minha amiga esperava.

— Já fui casado e como sua mãe não morreu ainda estou casado com ela — disse triste.

— Verdade, tinha me esquecido deste detalhe. — Minha mãe era um empecilho. — Mas tive uma ideia. Por que não fazemos uma cerimônia de casamento sem a parte do padre e do cartório?

— Sou um homem péssimo para essas ideias, se quiser me ajudar eu aceito. Eduarda merece um homem melhor, mas ela me escolheu, então vou ser esse cara que ela espera. — estufou o peito para dizer isso.

— Bobagem, pai, ela te ama do jeito que é, tenho certeza que não mudaria nada, então seja você mesmo.

— Você acha? — perguntou inseguro.

— Claro que sim. Vamos organizar um piquenique ou lanche, para oficializar esse encontro de vocês, até você conseguir se casar de verdade.

— Obrigado, filha, seu apoio é muito importante para mim.

— Você sempre terá! — abracei-o e beijei seu rosto.

Murilo

Parecia que eu estava andando em círculos. Sei que ela estava embaixo dos nossos narizes, mas onde? Não tem como evaporar tão fácil. O recado que mandou para mim, por Duda, me dava pesadelos. Tentei conseguir informações sobre a noite em que meu irmão morreu, se tinha uma mulher com ele, mas ninguém sabia dizer.

Namoramos durante dois anos e foram anos de confusão, pois ela não queria que eu continuasse na polícia e durante esse tempo os encontros entre ela e meu irmão Celso foram

esporádicos. Nunca percebi um relacionamento entre eles.

Estava perdendo alguma informação naquele mistério. Depois de falar com alguns dos policiais de plantão, meu celular tocou e era um número desconhecido.

— Alô? — atendi impaciente.

— Pelo que me lembro você não era tão nervoso assim. — era ela.

— Pelo que me lembro você não andava tentando matar ninguém — falei instigando-a.

— As coisas mudam. Aconteceram muitas coisas, mas na realidade, eu só queria dar um susto nas patricinhas — falou com voz de riso.

— Você quase as matou.

— Quase, mas sua namorada, a July, essa está difícil de perder o bebê. — deu um frio na barriga. — Soube que ficou noivo.

— O seu problema sou eu, então deixa as meninas em paz. — estava muito nervoso.

— Mas não tem graça matar você, tem que ter dor, lágrimas e te prometo tudo isso. — soltou uma gargalhada.

— Diga o que você quer! O que fez para você?

— Você matou meu filho, matou seu irmão, deixou meus amores morrerem. — gritou. — Te odeio!

— Eu não sabia de você e ele, não foi culpa minha — argumentei.

— Foi culpa sua. Eu sou juiz e o júri, então te declaro culpado! — desligou o telefone.

Comecei a suar frio. Tentei ligar para July e caiu na caixa postal. Tentei o celular da Emely e aconteceu a mesma coisa. Liguei para um dos policiais designados a tomar conta delas e eles disseram que estava tudo normal.

Mas minha intuição dizia que tinha alguma coisa errada. Assim, peguei a chave do carro e fui verificar.

Capítulo 73

Depois de tranquilizar meu pai, fechei a floricultura e subi para falar com a July sobre a ideia de ajudar Duda com a cerimônia. Tomei um susto ao abrir a porta e dar de cara com uma Kátia transtornada, com uma arma na mão apontada para July, que estava sentada na cadeira, chorando.

— July, você está bem? — tentei ir ao seu encontro, mas a louca colocou a arma em minha cabeça.

— Nem um passo, fofa! — sorriu. — Gostou do presente que mandei para você? Aquela moça é bem melhor para meu amigo Rafael.

Não respondi, ela puxou a cadeira e me colocou sentada em frente à July, que não parava de abraçar a barriga e chorar. Tentei fazer com que ela me olhasse para saber se estava tudo bem, mas foi impossível. Ela estava em estado de choque. Gelei de medo, pois eu sabia que isso poderia afetar a sua gravidez.

— Daqui a pouco seu namorado chega — falou olhando para July. — Sabia que também estive grávida? — balançamos a cabeça dizendo que não. Eu estava suando frio, tentando imaginar o que aquela maluca tinha na mente. Deus nos proteja! — Pois é, passei horas sendo torturada e acabei perdendo meu bebê. Meu namorado morreu na minha frente. Passei meses, abalada, foi horrível. — Ela parecia perdida em lembranças. — Mas seu namorado vai pagar por isso.

— Murilo não tem culpa! — July resmungou.

— Tem sim, claro que tem. Ele deveria ter ido buscar o irmão, nos salvar, mas não fez! — gritou balançando a arma. Estava enlouquecida. Levantou e começou andar pela sala. — Tomá-lo desta tonta gorda foi fácil, então o seduzi, pois pretendia cortar sua garganta dormindo. — pudemos perceber que seu caso era de loucura, pois enquanto falava, dançava pela sala, muito feliz. — Mas aí apareceu essa sem graça com cara de anjo e estragou meus planos. Odeio esse jeito meigo, tenho vontade de dar um tiro. — disse indo até a July e deu um tapa no rosto dela.

— Não faz isso Kátia, ficou louca? — gritei. — Não bate nela!

Ela se virou para mim e deu uma bofetada em meu rosto. Estava com olhos injetados.

— O médico disse que meu caso era transtorno, que precisava de ajuda, mas eu sabia que era bobagem, porque eu sei que depois do Murilo morrer, tudo voltará ao normal.

Sentou na cadeira calmamente e olhou para o relógio como se estivesse esperando alguém.

— Você não vai conseguir nada com esse comportamento, vamos conversar, posso te ajudar. — tentei falar com ela.

— Você, fofinha? Não sei o que meu amigo viu nesta sua cintura número 50. Deve fazer um

boquete como ninguém. Todas lá no hospital passaram pela mão dele, menos eu, claro, sou uma mulher que só ama um homem na vida. — fingi que não ouvi a sua insinuação sobre Rafael. — Ele uma vez pegou duas enfermeiras no quartinho de descanso. Uau o homem tem um fôlego! — deu risada maldosa. — Não acredito que vai ficar muito tempo com uma sem graça como você.

— O assunto aqui é você e não a vida amorosa do Rafael — falei.

— Fofinha, você não passa de uma gorda sem noção. — tornou a olhar o relógio.

— Deixa a July ir, eu fico aqui com você. — July parecia sentir dor.

— Que graça vai ter assim? Ela é o ponto chave para meu plano. — E soltou um beijo para mim.

Murilo

Parecia tudo tranquilo na casa das meninas. Subi as escadas e comecei a sentir uma sensação de ser observado. A porta estava meio aberta, empurrei-a chamando pelas meninas, mas ninguém respondeu. Aquilo me deu certeza de que tinha alguma coisa acontecendo. Eu precisava pensar, não podia deixar meu emocional me abalar neste momento.

Minha mulher poderia estar em perigo. “*Pensa, Murilo, pensa!*”. Völtei, falei com os policias da viatura e pedi reforço. Sacando minha arma, subi pelas escadas devagar. Empurrei a porta e meu coração quase parou. Meu amor estava sentado na cadeira, chorando, e a Kátia atrás dela, com uma arma na mão.

— Bem-vindo a nossa festa! — riu alto.

— Solte-a, Kátia! A casa está cercada.

— Que lindo! Você ama mesmo essa sem sal? Vejam como o olhar dele está desesperado. — sorriu histérica. — Solta a arma, lindo.

Coloquei minha mão para o alto e tentei transmitir segurança para minha mulher, mas na realidade estava apavorado. Não consegui nem imaginar o que aquela doida tinha preparado para nós. Perto da bancada da cozinha, Emely estavas sentada em outra cadeira. Não chorava, mas seu olhar não deixava em nem um momento a July. Foi aí que percebi que meu amor sentia dor.

— O que você quer? — perguntei.

— Seu sofrimento! — fechou a cara e puxou a cabeça de July.

— Estou aqui, então solte as meninas.

— Você é engraçado, mas é claro que não farei isso. — passou a mão na barriga de July e o bebê mexeu. — Ela gosta de mim, olha que fofinha!

— Ela está grávida, solta as meninas e eu ficarei aqui com você.

— Vamos fazer o parto dela aqui, porque acho que ela está com dor. — riu como se isso fosse uma piada. — Você vai ver sua mulher morrer e grávida. Verei você sofrer, assim como eu

sofri.

— Não sei do que você está falando — disse ganhando tempo.

— Claro que não se lembra, você nos deixou lá! — apontou a arma para mim.

— Como poderia saber? Você tinha um caso como meu irmão, me traiu com ele e ainda me culpa por ele ter morrido?

— Não, não! — bateu a mão na cabeça. — Culpa sua, tudo culpa sua!

Estava louca e com toda certeza nos mataria. Preferia me culpar ao assumir sua culpa no que aconteceu na vida dela.

— Calma, deixa eu te ajudar! — fui chegando para perto dela. — Deixa as meninas e vou ficar aqui com você e te ajudo.

— Não, não! Você quer me confundir! — puxou o cabelo de July com força.

— Para! Não faz isso! — Emely falou e ela virou para olhá-la.

Aproveitei sua distração e me lancei sobre a cadeira, July caiu e acabei pegando o braço de Kátia que atirou no teto. Nunca bati em uma mulher, mas dessa vez precisei fazer isso. Com o soco, acabei desacordando-a.

— Você está bem? — perguntei a July que já estava nos braços de Emely.

— Precisamos de uma ambulância. A bolsa estourou! — Emely disse, já que July sentia muita dor.

Chamei pelo celular a viatura e algemei Kátia, deixando para os policiais levarem-na presa. Peguei minha pequena nos braços e desci as escadas correndo, direto para o hospital.

— Calma, amor, vai ficar tudo bem — falei para ela.

— Está doendo, estou com medo, é muito cedo para Maria nascer.

Capítulo 74

Chegamos ao hospital em tempo recorde. Tive que dirigir, pois Murilo não queria largar a July e a ambulância demorou muito para chegar. Liguei para Rafael do caminho e uma cadeira de rodas já nos aguardava junto com ele e algumas enfermeiras.

— Amor, irão te examinar assim que levarem a July para a sala de parto — disse abraçando-me apertado.

— Estou bem, não tenho nada. Por favor, Rafa, ajude-a! — disse.

— Mas eu não estou bem, ainda procuro minhas pernas de tão tremendo. Se eu te perdesse, não sei o que seria de mim — falou com a voz embargada.

— Agora estou aqui e bem. Amo você.

— Também te amo, então deixa o médico olhar você para me deixar mais tranquilo? — pediu olhando em meus olhos. Como podia dizer não?

— Tudo bem!

Ele saiu correndo atrás de July e não deixou Murilo entrar na sala junto com ela. O delegado estava arrasado, fiquei com muita pena dele. Fui ao seu encontro e sentei do seu lado.

— Vai ficar tudo bem — disse batendo em seu ombro.

— Quando é que a vida irá me dar um desconto? Estou cansado de só perder — falou, desolado. — Se alguma coisa acontecer a elas, não sei, Emely, não sei se vou conseguir suportar.

— Não vai acontecer nada, você não tem culpa das loucuras de Kátia, não se martirize por isso.

— O índice de crianças que nascem prematuras e vivem bem a cada dia mais cresce — falou a Duda se aproximando de nós, junto com meu pai. Ainda estava de muletas. — Nossa Maria vai nascer e vai ser uma princesa amada por todos.

Levantei e abracei os dois.

— Você está bem? — perguntou meu pai.

— Tudo bem. O Murilo foi um verdadeiro herói.

O médico chegou e pediu para me examinar antes que Rafael tivesse um treco. Todos riram quando ele disse isso. Fui examinada e, apesar do tapa que levei, estava tudo bem. Quando voltei, soube que July entrou para fazer uma cesariana, pois Maria queria nascer e não tinha dilatação suficiente. O líquido amniótico não era suficiente para a proteção do bebê, pois a July estava sentindo muita dor. Os médicos optaram por uma cesariana de emergência.

Murilo foi convidado a assistir o parto e aceitou. Tive que voltar em casa para pegar as coisas de Maria. Quando cheguei ao hospital ainda não tinha acabado o parto. Todos nós estávamos apreensivos, pois estava demorando demais.

Arrumei o quarto onde July ficaria. A Duda me ajudou prendendo os balões coloridos no berço. Ficou tudo tão lindinho, mas ainda faltavam algumas coisas e tive que comprar às pressas.

— Que loucura essa obsessão da Kátia! — falei para quebrar o silêncio.

— Tem pessoas que têm problemas ou desenvolve e nem percebemos — disse ela. — Ela projetou a culpa dos seus problemas no Murilo e fez como meta da sua vida destruí-lo.

Fiquei pensando no que ela falou. Nem todo mundo estava preparado para assumir seus erros, era mais fácil culpar terceiros.

— Imagine como está sendo terrível para o Murilo que, além de descobrir que o irmão era um bandido, ainda tinha um caso com sua mulher. — suspirei triste. — Aquele cara vai precisar de muita atenção da July.

— Verdade, que loucura. Mas onde ela estava escondida? — Duda perguntou curiosa, então tive uma lembrança de quando era criança.

— No porão! Como não pensamos nisso? — gritei.

— Que porão?

— Da casa velha. Lembra que uma vez entramos de ousadas, seu pai brigou e nos colocou de castigo? Havíamos passado o dia todo sumidas.

— Verdade, era rota de fuga dos antigos colonizadores que sai no meio da floresta. — Ela colocou a mão na boca. — Há anos não lembrava que existia aquele local.

— Por isso conseguiu fugir depois que colocou fogo na cabana. Ninguém conseguia descobrir seu esconderijo por conta dos escombros da tapa de descida do local. — bati minha mão na dela. Estava desvendado o mistério.

— Uau, somos demais! — sorrimos.

Rafael entrou no quarto sorrindo e, pela sua cara, foi tudo bem com o parto da pequena.

— Como estão as meninas? — Duda perguntou.

— Foi tudo bem. Apesar de prematura, tem os pulmões fortes e uma vontade louca de viver. — abraçou-me. — Vamos fazer um bebê também?

Fiquei vermelha e olhei para Duda que caiu na risada.

— Murilo deve estar todo bobo. — Duda falou piscando para mim.

— O cara quase desmaiava, ficou verde. Foi muito engraçado.

— July já vem para o quarto? — perguntei.

— Sim, estão arrumando ela, e Maria foi para a incubadora.

Depois de algumas horas, trouxeram a July para o quarto junto com Murilo. Este se encontrava todo sorridente, não parava de falar como Maria era pequena e linda, repetindo mais de mil vezes o quanto os pulmões dela são fortes, que chorou como um bebê que nasce com nove meses.

Todos queriam olhar a menina, o que só foi permitido pelo vidro bem mais tarde.

Realmente era uma princesa, pequena com as pernas roliças. Que vontade de apertar tanta fofura!

Ricardo

Os olhos da Duda brilharam quando viram a pequena Maria. Sei que se lembrou do nosso bebê que perdeu. Cheguei perto dela e a abracei. Não tinha mais medo de que todos soubessem do nosso relacionamento. Queria mais era que todos os homens desta Terra entendessem que aquela mulher tinha dono e ele era possessivo.

— Muito fofa, não é? — Ela falou colocando sua cabeça embaixo do meu queixo.

— Muito! Acho que os nossos vão ser mais bonitos se parecerem com você. — Ela virou com os olhos brilhando.

— Você quer filhos e mais de um? — perguntou com um sorriso.

— Com você quero tudo!

— Ricardo! Você tem certeza? — Seus olhos pareciam duas joias.

— Sim, não quero ficar longe de você nunca mais. Não sou bom com as palavras e ainda sou um pouco inseguro, pois você é linda e rica e eu sou um velho mecânico, tenho muito pouco a oferecer. — sei que estava me enrolando para falar, mas queria que ela entendesse meus sentimentos. Colocando a mão em meus lábios me calou.

— Eu amo você desde que me lembro. Sempre foi você e o que a gente não souber vamos aprender juntos. Temos que ser sinceros e não deixar nem uma palavra sem dizer. — beijou minha boca docemente.

— Sempre, mas ainda sou casado com a mãe da Emely, então casar na igreja não vai ser uma opção por enquanto. — queria dar o casamento que ela merece.

— Sei disso, mas podemos fazer uma cerimônia para celebrar? — O seu sorriso me fazia querer dar-lhe o mundo.

— Tudo bem. Como disse: com você eu quero tudo! — beijei-a com fervor, estava louco de saudades de seu corpo. — Seu médico já te liberou?

Ela sorriu entendendo o que estava falando. Sua boca veio até a minha e mordeu meus lábios de leve.

— Sim, só não vou poder ficar por cima por um tempo. — sorriu maliciosa.

— Posso viver com isso. — sorrimos e fomos para minha casa.

Duda

Nem bem desci do carro e Ricardo já estava em cima de mim me chupando, me lambendo. O cara estava enlouquecido de excitação.

Fui levada para o quarto, onde ele tirou minha blusa e procurou meus seios com as mãos e em seguida com a língua. Também estava sedenta de desejo, pois foram meses que não fazíamos amor.

Sua boca deixou meus seios e procurou a minha. Sua língua lambia e dançava junto com a minha, aquela boca sempre me tirou do sério. Gemi entre os beijos que ganhei.

— Precisamos ir devagar, amor, suas pernas — disse lambendo meu pescoço.

— Estou com saudades — expliquei minha fome.

Puxou minha calça e olhou minhas cicatrizes. Ainda estavam avermelhadas, não tinham sarado totalmente. Fiquei com medo que ele sentisse asco pelo estado delas, mas foi uma surpresa quando ele as beijou de leve e subiu sua boca para dentro de minhas pernas, invadindo minha boceta com sua língua.

— Minha! — disse me lambendo.

Mais tarde estávamos saciados e eu estava deitada no peito dele. Parecia que o mundo voltou aos eixos. Lugar certo com a pessoa certa.

— Eu amo você! — disse sorrindo.

— Não sei o que fiz para merecer esse amor, mas juro, Duda, vou fazer de tudo para mantê-lo. — virou beijando minha boca com carinho. — Você é a mulher de minha vida.

— Então vamos fazer amor de novo? — virei para lamber seu pescoço.

— Seu desejo é uma ordem!

Tudo se ajeita quando tem que ser. Deus organiza nossas vidas, conforme nossa necessidade e, naquele momento, eu me sentia a mulher mais completa do mundo.

Capítulo 75

Nossa pequena Maria ficaria no hospital por mais um mês. July voltou para casa chorando e, por conta dos degraus do nosso apartamento, ela foi para a casa da Duda. Eu sabia que lá ela seria mimada e bem cuidada por todos.

Todos os dias, Murilo pegava July e levava até o hospital para amamentar nosso grãozinho de feijão, que ficava forte a cada dia.

Foram dias tensos. Todos tentando esquecer o que aconteceu com Kátia. Depois de mexer seus contatos, Murilo conseguiu que ela fosse enviada para um manicômio. Era louca e tinha que ficar trancada para sempre. Dava-me um arrepio só de me lembrar da sua cara louca com uma arma na mão.

Eu sabia que estava em débito com meu noivo. Olha que fofo: meu noivo! Comecei a ter crises de risos, parecendo uma louca sorrindo sozinha, mas confessem: vocês também estão um pouco apaixonadas por ele! Era tão fofo, nem acredito que irei me casar! Que vai rolar vestido de noiva, sabendo que aquele loiro perfeito estará no altar me esperando!

Então hoje irei fazer uma surpresa para ele. Já está na hora de mostrar todo o meu amor. O que vai ser? Bando de curiosas, nem disfarçam!

Tudo pronto! Dei os últimos toques na casa para esperar Rafael chegar. Ansiedade era meu nome, pois eu queria que a noite fosse perfeita. Ele não esteve lá em casa, pois passou o dia na cidade vizinha, teve plantão por lá.

Passei o dia mandando mensagens picantes. Ele estava louco de tesão, chegaria pronto para bater o ponto. Do jeito que era fogo, eu sabia que já chegaria de pau duro.

Nove horas a chave rodou na fechadura e como tinha certeza que era ele, corri para o quarto me escondendo no banheiro.

— Emely? Cadê você?

— Aqui no quarto!

— No lugar certo, sua safada. Estou de pau duro com suas mensagens.

Sua voz chegava mais perto do quarto e ouvi sua respiração quando entrou.

— Amor, o que é isso? — saí do banheiro sorrindo. Estava vestida de mulher gato, a diferença que minha fantasia era com uma calcinha preta minúscula. — Meu Deus!

— Um dia você me perguntou se já tinha feito *pole dance* para o Murilo — falei me aproximando da barra fixa que mandei colocar no meio do quarto. — Eu disse que não.

— Temos que falar do Murilo? — choramingou.

— Sempre achei que essa dança era íntima demais, tinha que ser feita para o homem da minha vida.

Coloquei a música “I’m So Sorry” e com minhas botas pretas salto quinze, deitei no chão. Ele sentou na cama e curtiu o show. Desci de pernas abertas, subindo com o bumbum virado para o lado dele.

Ajoelhada, lambi os dedos, abracei a barra e joguei as pernas para o lado direito e depois para o esquerdo. Estava praticamente escalada no chão, a música subia pelo meu corpo, sentia-me poderosa. Seu olhar não deixava os meus movimentos.

Subi na barra e fiquei de cabeça para baixo. Toquei meus seios, joguei os cabelos e desci escalando até o chão. Tocava-me como se fosse ele ao fazer isso.

Sentei entre a barra e comecei a me tocar, me masturbar com o fundo da calcinha. Lambi meus dedos, levantei e encostei minha boceta no mastro, passando a mão pelo metal com tesão. Os gemidos de Rafael eram altos, ele estava se tocando desesperado.

Quando a música acabou, fiz um giro com as pernas e acabei sentada no colo dele, bem em cima do seu pau duro.

Rápido o acolhi entre minhas dobras. Cavalguei em seu pau sem pena. Nossos gritos e o contato de nossas peles eram muito intensos. Segurando meus cabelos com uma mão e minha bunda com a outra, ele dominava o ritmo das estocadas.

— Sim, sim. — gemi. — Vou gozar.

— Porra, estou no meu limite, vem amor.

Gozando gritei seu nome desesperada e ele me acompanhou no orgasmo.

— Foi lindo, amor — falou me beijando.

— Gostou?

— Muito, sou o cara mais feliz deste mundo.

— Te amo!

— Também te amo.

Murilo

Eu estava superansioso! Tinha uma surpresa para a minha July. Era para termos nos casado antes da Maria nascer, mas aconteceu que a menina veio prematura, então o jeito era improvisar.

— Tudo organizado, meu amigo. Está calmo? — Rafael sorria com meu nervoso.

— Daqui a alguns dias vai ser você.

— Estou contando as horas. — O cara era apaixonado pela Emely, isso ninguém podia negar. — Calma, a Emely já está chegando.

— Será que vai dar tudo certo?

— Vai sim, calma, rapaz! — bateu no meu ombro e saiu sorrindo.

Esses trinta dias foram meio tensos. Precisei voltar ao Rio para levar Kátia. Ela se

encontra internada em um manicômio. O médico disse que ela teve um surto psicótico por conta da perda do bebê e, provavelmente, também pela forma que foi torturada pelo bandido, amigo do meu irmão.

Era mais fácil me culpar por tudo que aconteceu do que assumir sua própria culpa. Era triste saber que Emílio, por onde passou, só deixou dor e tristeza. Era meu irmão, mas agora vejo como o cara foi cruel e egoísta. Ele torturou a própria amante, nunca imaginou que no fim era ele quem morreria.

Os especialistas acreditam que Kátia nunca mais voltará a ser uma mulher normal. O seu trauma foi tão grave que, se ela saísse da cadeia, minha vida correria perigo. Na sua mente, sou culpado por tudo, então consegui sua transferência para um manicômio do governo, de onde nunca mais sairá.

Hoje é o dia em que Maria sairá do hospital. Consegui inventar uma desculpa para não ir buscar a pequena com July. A Emely, sabendo do plano todo, foi junto com ela. Eu tinha bons amigos e isso era precioso. Faria qualquer coisa por aquelas pessoas.

O juiz já estava aguardando. A Duda entrou correndo, apontando para a porta. No dia que percebi que Maria era morena, olhei para July indagando e ela docemente me disse:

— Sempre acreditei que meu príncipe era negro, só que acabei me envolvendo com os errados, mas agora encontrei o meu rei negro.

Aquela mulher mexia com meu coração, ela me fazia querer lhe dar o mundo. Ela chegou à porta da sala vestida numa saia rodada com Maria no carrinho. Seus olhos me olhavam meio chorando e meio sorrindo.

Veio ao meu encontro e quando pegou na minha mão, tive certeza de que estava fazendo a coisa certa. Ela me completava e a partir daquele dia, seria minha mulher para sempre.

O juiz falava e suas palavras pareciam vir de longe. Eu só conseguia enxergar minhas pequenas.

— Murilo, você aceita a Senhorita July como sua legítima esposa?

— Sim, sim, lógico! — Todos sorriram.

— Juliana, aceita o Senhor Murilo como seu legítimo esposo?

— Sim!

— Eu os declaro marido e mulher.

Todos aplaudiram. O Rafael assinou como testemunha junto com sua mãe, Duda e Ricardo também.

Emely mandou fazer um bolo simples, bonito e muitos refrigerantes.

— Obrigada, meu amor.

— Eu que tenho que agradecer por você existir em minha vida. Hoje sei pelo que viver e o que realmente vale a pena.

Beijei-a com todo amor que tinha em meu corpo. Era um cara sortudo. Para alegria e muito gritos, a Duda pegou o buquê.

Capítulo 76

O casamento foi tão lindo. A forma como Murilo olhava para a July era muito emocionante. Maria, uma linda. Todos os tios estavam babando por ela, era uma boneca morena, parece loucura, mas era a cara do Murilo.

Ele não escondia o contentamento em segurar a pequena. Como era lindo ver um homem tão grande sendo domado por um ser tão pequeno. Até consegui uma casa maior para eles, mas os dois continuariam morando em cima da floricultura. Como sempre estarei viajando a trabalho, a July ficaria na gerência da loja e, por isso, preferia continuar morando no apê, pois morar perto do trabalho facilitaria amamentar a pequena.

Rafael não parava de tentar roubar Maria dos braços de Murilo, que sempre inventava uma desculpa e não deixava.

A menina era poderosa, pois mal chegou e já dominava todos os machos da festa. Comi o bolo que estava delicioso. Não consigo resistir a doces, é minha perdição.

— Emely? — chamou Duda, junto com meu pai.

— Sim! — coloquei o pratinho do lado e levantei para falar com eles.

— Estava conversando com seu pai e decidimos organizar uma pequena reunião para abençoar nossa união.

— Que maravilha! Para quando?

— Tem que ser antes de você viajar. Já tem data sua viagem?

— Fim do mês. Vou ter que fazer a prova dos biquínis para o desfile. — suspirei. — Coisa rápida de um ou dois dias, acredito eu.

— Então você poderia me ajudar a organizar. — olhou para meu pai que balançou a cabeça confirmando.

— Tudo bem, será um prazer. — Com certeza será.

— Falando nisso, eu teria que organizar o meu também, mas como aconteceram tantas coisas, acabei não discutindo isso com Rafael.

— Então amanhã vamos sentar para conversar sobre isso?

— Vamos tomar café juntas?

— Fechado. — abraçou-me feliz.

Depois disso, o casal se despediu de todos. Iriam passar o fim de semana em um hotel fazenda. Acho que Murilo estava louco para ficar sozinho com sua mulher, pois acredito que ainda não rolava sexo, mas alguns amassos acredito que sim.

Nem quero imaginar quando tiver que ficar tanto tempo sem poder fazer amor com o marido. Devia ser bem difícil. Acho que o Rafael vai me fazer arrebentar os pontos da cesariana.

O cara fica louco sem sexo.

Falando nele, olhei e vi o quanto estava lindo naquela roupa de padrinho delícia. Veio e me beijou na testa com carinho.

— Vamos para casa? — perguntou.

— Pensei que você estivesse em casa, garotão! — fiz-me de desentendida.

— Não me quer em sua casa? Bom saber!

— Não sei, acho que hoje prefiro transar com o padrinho do casamento.

— Hummm, boa ideia. — sorriu. — Mas ele é comprometido e ama sua noiva.

— Nada que uma dança no mastro lá no meu quarto não resolva.

— Upa! Aí é golpe baixo!

Bateu na minha bunda e nos encaminhamos para seu carro.

— Rafael, acho que vou trocar de carro.

— Estava na hora. Aquele seu jipe rosa é fofo para uma menina de dezoito anos.

— Engraçadinho, adoro meu carro! Mas vou comprar um mais confortável e passar aquele para July. Ela vai precisar para andar com o grão de feijão por aí.

— Podemos olhar depois que você voltar de viagem.

— Certo, agora tenho uma cerimônia de casamento para organizar.

— Já pensou numa data, amor?

— Na realidade estava falando da cerimônia de sua irmã.

— Humm, certo!

Percebi que ele ficou chateado. Eu sei o quanto queria muito casar, mas eu tinha minha carreira neste momento. Primeiro uma coisa, depois outra. Não dava para ter filhos agora. Eu gosto da ideia de ter uma criança, mas ainda era cedo, queria curtir meu relacionamento. Será que estou sendo egoísta?

Capítulo 77

Passei o dia seguinte resolvendo a cerimônia da Duda com meu pai. Eles queriam tudo simples e bonito. Claro que minha amiga não abriu mão do vestido de noiva. Concorde com ela, pelo menos para ter fotos e fazer um álbum.

Já estávamos há duas horas olhando vestidos de noiva. Duda não se decidia por nada, sempre na dúvida. Achei vários lindos, já tinha até o modelo do meu casamento em mente.

Ela encheu tanto o meu saco que resolvi vestir o vestido que gostei. Fiquei emocionada ao me ver no espelho. Um modelo branco, estilo princesa, de cintura marcada por uma fita branca, os ombros e colo tinham rendas bordadas com flores que iam até o pescoço arrematado com uma fita grossa e uma cauda enorme.

Eu não tinha mais dúvida de que me casaria com um vestido igual àquele. Todas as meninas da loja se desmancharam em elogios. Duda queria comprar logo para meu casamento. No fim, decidi que compraria, pois não conseguia me imaginar casando com outro vestido. A dona da loja disse que na época do casamento eu poderia trazer o vestido, caso fosse necessário fazer algum ajuste.

Duda optou por um modelo estilo sereia, colado até a cintura que abria numa cauda maravilhosa embaixo. Ficou lindo nela, todo cheio de bordados e uma tiara com flores entrelaçadas.

— Nem acredito que comprei meu vestido de noiva no mesmo dia que você — falei emocionada.

— Não é o máximo?

Abraçamo-nos totalmente felizes, pois apesar de tudo o que aconteceu, no fim nossa amizade prevaleceu. No meu coração não tinha mais lugar para a bagagem pesada da mágoa. Queria ser feliz e isso só poderia acontecer se meu coração estivesse limpo para o amor florescer.

Naquele momento senti um vento suave tocar meu rosto e levar minhas lágrimas de alegria. Sim, meu coração estava totalmente limpo. Era hora de ser feliz.

Escondi a caixa na casa do papai. O Rafael era muito curioso e poderia achar e eu acredito nesta coisa de má sorte o noivo ver o vestido da noiva antes do casamento.

Estava muito empanturrada de experimentar docinhos, bolos, salgados. Acho que vou casar daqui a dois anos, não quero nem imaginar passar por aquilo tudo de novo. A Duda era muito indecisa sobre cores das mesas, cores das flores, qual prato principal. Nem parecia que ia ser uma simples cerimônia.

Acho que as mulheres piram quando vão casar, porque ela não conseguia nem decidir a cor do buquê.

Tinha que pensar no vestido de madrinha. Ela ainda brigou com meu pai, pois me queria como madrinha dela e ele queria que eu fosse dele. Resolvi a situação: seria dos dois junto com Rafael, afinal, não seria um casamento de verdade.

— Emely?

— Oi July, estou aqui no quarto.

— Oi, você poderia ficar com Maria para mim?

— Claro! Vai sair?

— Vou jantar com Murilo. Depois da nossa mini lua de mel, não tivemos tempo para ficarmos um pouco sozinhos. — sorriu sem graça. — Ele anda meio inquieto.

— Nada de sexo ainda? — perguntei, sorrindo.

— O médico liberou hoje.

— Entendi. Vai tranquila amiga, ficarei com Maria.

— Ahhh, Emely! Posso te perguntar uma coisa?

— Sim, claro. — Por favor, que não seja uma conversa sobre sexo com Murilo.

— Você pensa em ter quantas madrinhas e padrinhos?

— Humm?

— É porque fiquei curiosa com isso.

— Para mim, dois padrinhos e duas madrinhas estariam ótimos. Eu quero você e a Duda, Murilo e outro amigo que Rafael queira.

— Pensei isso também.

— Você e Duda estão picadas pelo bichinho do casamento.

— Verdade. — saiu do meu quarto, sorrindo.

Capítulo 78

Gente, a arrumação do casamento da minha amiga não tinha nada do que combinamos. A louca mudou de ideia e fez tudo diferente. Mas ficou bonita, os tons de rosa ficaram muito bonitos.

As flores brancas deram um charme e um contraste interessante com as malhas rosa e enfeites pratas. O bolo foi um espetáculo, tinha cinco andares, com um noivinho vestido de mecânico e uma noivinha vestida de médica.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando vi meu pai de paletó e gravata. Estava um noivo espetacular e muito nervoso. Minha sogra era só felicidade, não parava de sorrir. Ela adorava ver a casa cheia, contando as horas para ter netos. Nem me olhem com essas caras, está muito cedo para fazer menino, ainda queria fazer alguns treinos.

Um conhecido que trabalhava com casais veio discursar para o casal. Como não podiam oficializar, seria só para abençoar a escolha dos dois.

Na hora que tocou a marcha nupcial, ela entrou sozinha, com um buquê de rosas. Estava uma princesa. Meu pai já a aguardava e quando olhei para ele, lágrimas silenciosas desciam do seu rosto. Emocionante.

No dia do meu casamento, eu entraria ao som de minha música preferida, e não de marcha nupcial.

Ele não se segurou e veio encontrá-la no meio do caminho, beijando sua boca com fervor. Todos os convidados começaram a aplaudir, rindo.

— Senhores, estamos aqui para comemorar a união do Ricardo e Eduarda. Esse casal escolheu viver juntos, na alegria e nas adversidades. Foram testados e provados pela natureza. O caminho do casamento não é de flores, é árduo, é complicado, requer, às vezes, negar-se, abandonar-se para viver o outro, para ser do outro. Terão pedras, lágrimas e, muitas vezes, dores, vontade de desistir, mas também será de amor, de pensar antes de falar, de carinho, de beijos. Ahhh os beijos! Esses são essenciais para manter um casamento. Casais, beijem-se mais. No momento que perceber que não beija mais sua esposa ou seu esposo, saiba que ali estão residindo os graves problemas. Reflitam, conversem e beijem. Beijar é a respiração do amor. Toda entrega amorosa começa pelos beijos, sejam eles roubados, compartilhados, o que for, então beijem com fervor, beijem com carinho, beijem porque amam, beijem porque sim. Sejam a luz na treva do outro, sejam a alegria de viver, de sorrir. Queiram-se, completem-se, desejem-se, façam amor, permitam-se se isolar para se amarem. Surpresas de amor são bem-vindas. Um “eu te amo” em momentos especiais dá um frio delicioso na barriga. Nada como sentir-se amado. Isso é um casamento feliz, isso é uma união normal, aquela que você sabe que nem tudo serão flores, mas

você está com quem se ama e, no fim, tudo valerá a pena.

As palavras do orador tocaram todos na cerimônia. Tinha tanta volúpia e verdades nelas. As mulheres estavam emocionadas e seus homens desconcertados. O bom é que ele não só falou para os noivos, mas para todos, e foi lindo.

Minha amiga chorou o casamento inteiro. Seu maior desejo estava realizado, ela lutou pelo que acreditava e conquistou seu amor. Que tudo nos sirva de lição para não fugir na hora das dificuldades, manter a fé e a certeza de que no fim tudo ficará bem.

O beijo de confirmação deles foi um pouco indecente. Meu pai segurou a bunda dela. Meu Deus! Era meu pai, e eu não quero pensar naqueles dois se pegando. Vocês falam assim porque não é o pai de vocês.

O “eu te amo” dito com o olhar foi a coisa mais linda. Eles realmente se amavam.

— Te amo, amor! — disse para Rafael do meu lado.

— Eu te amo mais. — piscou descaradamente.

— Duvido.

— Então acho que vamos ter que fugir da festa para discutir isso.

— Tarado!

Acabamos nos encontrando na biblioteca para uns amassos. Não consigo resistir quando ele me olha com aquele olhar guloso. Sou de carne e osso e meu noivo é gostoso demais.

Foi só uma rapidinha. Ele saiu primeiro para não levantar suspeita. Ouvi a mãe falando com ele na porta, então fiquei calada para não ser descoberta.

— Sim, mãe, vou buscar o gelo — disse alto demais. Sorri comigo mesma.

Quando suas passadas foram ouvidas, saí de fininho e fui pega no flagra por Duda.

— Amiga? O que estava fazendo aí dentro? — fiquei sem graça.

— Arrumando o forro do vestido.

— Humm, e o Rafael cadê?

— Com sua mãe, eu acho.

— Você me ajuda a tirar essa cauda para poder valsar?

— Lógico! — salva, obrigada Deus!

A valsa foi aberta pelos noivos que dançaram divinamente. Meu pai deu show. Sua felicidade era visível ao olhar sua mulher. Rafael tomou Duda de seus braços e prosseguiu com a dança. Então meu pai veio e me tirou para dançar.

— Parabéns, pai.

— Obrigado, filha! Amo muito você.

— Também te amo!

Capítulo 79

Eu estava cansada demais da viagem, pois foram três dias bem intensos. Passei o tempo inteiro vestindo e tirando roupas. Em trinta dias haveria um desfile para apresentar os biquínis da coleção *Plus Size*.

Estava louca para voltar para casa, pois o Rafael andava muito estranho, muito frio. Ele deve estar pensando que não me importo com nosso casamento. Sempre que ligo ele diz que está ocupado ou cansado, ou então, simplesmente demora a atender.

Não fizemos sexo pelo telefone, o que era uma decepção. Será que ele não me ama mais? Ou arrumou outra? Não me olhem com cara de menina boba! Estou muito nervosa, com um medo enorme de perder meu homem! No meu lugar, vocês também estariam assim!

Cheguei em casa arrasada, pois ninguém foi me buscar no aeroporto. Quando eu cheguei, vi que a July nem estava em casa com Maria. Ninguém queria saber sobre minha viagem. Tentei ligar para Rafael e ele não atendeu.

Fui tomar um banho e quando estava almoçando, meu telefone tocou e era a Duda.

— Como vai, cunhada? — estava totalmente feliz.

— Bem!

— Triste, isso sim! O que aconteceu?

— Nada, cansada da viagem.

— Humm, vamos almoçar?

— Amanhã, hoje só quero dormir.

— Então me prometa que amanhã teremos o dia das meninas?

— Prometo! — fiquei um pouco mais animada.

— Fechado!

July chegou com Maria bem mais tarde. Não entendi porque não abriu a floricultura naquele dia, mas ela logo explicou que minha pequena teve consulta médica.

— Mas está tudo bem com ela? — perguntei temerosa.

— Tudo bem, ela tem que ir ao pediatra uma vez por mês. Rotina.

— Ainda bem. Fiquei preocupada.

Estava com ela deitada em meu colo. A menina era uma fofura, com aquele laço rosa nos cabelos quase inexistentes.

— Cada dia mais fofa minha sobrinha.

— Afilhada! — July disse.

— Como? Sério! — Minha alegria era enorme com aquela notícia.

— Sim, vou convidar o Rafael para padrinho. Minha pequena estará protegida com vocês.

— Sempre estaremos aqui para ela — falei emocionada.

— Sei disso. Murilo achou a casa com quintal que estávamos procurando. — Ela olhou para a mão pensativa — Conversei com ele sobre como Maria foi concebida.

— Como foi? — fixei meu olhar nela. Se aquele grandão machucou minha amiga, iria arrancar seu coração.

— Ele ficou nervoso, queria descobrir tudo sobre o pai da July, pois disse que iria matar o cara. — suspirou. — Precisei fazê-lo entender que não quero que minha filha saiba disso, ela não precisa crescer com essa dor.

— Entendo você.

— Ele entendeu na mesma hora, mas também, depois disso, ficou todo melindroso na hora de fazer amor, com medo de me assustar.

— Humm, complicado, mas faça-o entender que isso distancia vocês. — beijei a pequena. — O diálogo é o melhor negócio.

— Queria fazer uma coisa especial para ele. — Ela estava com as bochechas vermelha. — Uma coisa bem sexy.

— Faz um jantar depois dança para ele.

— Boa ideia!

— Seja sincera com ele, mostre como você gosta que ele lhe coma! — caímos na gargalhada!

— Vamos amanhã para o dia das garotas?

— Duda convidou você também?

— Claro! Estamos muito cansadas com tantos acontecimentos e precisamos nos divertir um pouco.

— Humm, verdade! Você viu o Rafael hoje? Não consigo falar com ele. — tentei não parecer ansiosa.

— Acho que ele está de plantão, deve ser por isso que não atendeu!

— Deve ser.

Passei o resto do dia organizando a casa e olhando a Maria para July ficar na floricultura. No final da noite recebi uma mensagem dele avisando que só poderia me ver no outro dia, pois estava com alguns problemas com o plantão e, por isso, não iria chegar em casa cedo.

Meu coração ficou tão apertado que acabei chorando para dormir. Acordei com olheiras e me sentindo péssima. As meninas não comentaram nada sobre o fato do meu humor está horrível.

July aproveitou a folga de Murilo e o deixou na floricultura. Achei meio engraçado sua cara de desespero no meio de tantos arranjos de flores.

Fomos para a cidade vizinha, que tinha um pequeno SPA. Fizemos as unhas, mas demoramos um pouco, pois a July parou várias vezes para amamentar a pequena. As meninas

insistiram que eu fizesse um penteado bem elaborado.

Depois, todas fizeram maquiagem e cabelo. Gastamos uma pequena fortuna para ficarmos lindas para um jantar das amigas. Olhei várias vezes meu celular e nada de ligação ou mensagem de Rafael.

— Meninas, posso passar em casa para pegar uma roupa? Acabo me arrumando na casa de vocês.

— Claro Duda, assim é bom que sua mãe vê a Maria.

Só assenti com a cabeça. Minha mente estava no homem que tinha sumido. Chegamos, então resolvi entrar para colher informações. Se havia outra mulher, eu descobriria.

Cheguei à sala e fui levada para cima por uma Duda nervosa. Tomei um susto, pois meu vestido de casamento encontrava-se sobre a cama e os vestidos das minhas madrinhas também, do jeito que falei a Duda.

Fiquei em choque e fui para a janela calada. O jardim estava totalmente arrumado para um casamento, com as cores que ajudei Duda escolher para seu casamento.

— Era o meu casamento que estávamos organizando? — saiu quase sem voz.

— Sim, Rafael te espera no quarto dele. — Duda disse apreensiva.

Saí do quarto sem mais uma palavra e fui para o dele.

— Amor, desculpa, mas não consigo esperar para te fazer minha. — foi dizendo isso quando entrei no seu quarto.

— Devíamos fazer isso juntos! — retruquei, ainda não sabia o que pensar.

— Você vai dizer não? — Ele estava com o olhar chocado.

— Não sei, mas não sei como fazer isso dar certo! Tenho uma carreira e você quer filhos, estamos correndo aqui! — suspirei. — Estou nervosa!

Sentei na cama e fiquei tentando respirar. Ele veio e ajoelhou aos meus pés.

— Eu amo você e o que você decidir eu vou acatar e esperar. — Seu olhar era sincero. — Quero filhos com você, mas sei que no momento você tem uma carreira para administrar. Desculpa amor, não fiz isso para te pressionar.

Olhei em seus olhos.

— Você organizou tudo, não foi?

— Sim, pedi ajuda às meninas.

— Quem são meus padrinhos?

— July e Adriano. — suspirou e fechou a cara. — Não gosto do Murilo como seu padrinho.

— E os seus? — perguntei.

— Duda e Murilo.

— Meu pai sabe de tudo, não é?

— Ele achou que você iria me matar ou surtar. — sorriu sem graça. — Mas quero muito casar com você, te dar meu sobrenome e poder dizer a todos que é minha esposa.

Suas palavras eram tão bonitas, seu olhar trazia uma paixão que não tinha como negar aquele amor para nós dois.

— Então vamos nos casar, não é? — levantei. — Da próxima vez, atenda as minhas ligações. Não gosto de ser ignorada pelo meu marido.

Seu sorriso era perfeito, era a visão da felicidade.

— Eu amo você!

— Também te amo!

Voltei ao quarto e comecei a me arrumar, afinal era meu casamento!

Capítulo Final

Quando coloquei o vestido minha emoção foi a mil. Lágrimas começaram a cair copiosamente. Nunca imaginei que depois de tanta dor conseguiríamos superar. Nem nos mais belos dos sonhos me via casando com Rafael.

Meu vestido ficou perfeito. Minha sogra veio me abraçar e começou a chorar. Nós duas não parávamos de chorar. Ainda bem que minha maquiagem era a prova d'água.

— Sonhei tanto com esse dia, Emely. — limpou minhas lágrimas com carinho. — Vocês dois foram feitos um para o outro.

— Obrigada por tudo — falei emocionada. Ela beijou minha testa e saiu do quarto.

Duda entrou. Já estava vestida de madrinha. Estava linda, uma princesa.

— A noiva mais linda que já vi — falou com a voz embargada. — Eu amo muito você.

— Também te amo, amiga. Obrigada por organizar minha festa. — peguei sua mão. — Por fazer tudo do jeito que disse.

— Sempre estarei aqui para você. — beijou minha testa.

— Não podem mais chorar, meninas. — July entrou sorrindo também vestida de madrinha. — O noivo está com medo, acha que você desistiu de casar.

— Ele merece sofrer um pouquinho — disse, sorrindo. — Ontem passei horas sofrendo por um telefonema dele.

— A culpa é minha, Emely. Ele queria ligar, estava nervoso, mas eu não deixei, porque sei que ele acabaria estragando tudo. — Duda sentou na cama.

— Poxa, Duda, quase morri achando que ele estava com outra!

— Boba! Ele não pensa em outra mulher. O Rafael beija o chão que você pisa. — July caiu na risada. — Ele está tão ansioso que fico com pena.

— Ele é lindo, não é? — falei soltando suspiros apaixonados.

— Muito lindo, parece um príncipe. — July piscou e Duda caiu na risada. — Que Murilo não me ouça.

— Verdade, ele é bem possessivo. — Duda disse.

— Ontem fiz como Emely me ensinou e foi perfeito, ainda estou de pernas bambas com as coisas que ele fez com meu corpo. — Seu olhar apaixonado era cômico. — Foi maravilhoso.

— Safada! — gritei e todas riram. — Venham cá.

Abracei as duas e nossos olhos encheram de lágrimas.

— Eu amo vocês. Obrigada por fazerem meus dias mais iluminados.

Ficamos juntas por alguns minutos. Era tão bom ser amada, ter amigos verdadeiros ao meu lado! Sou uma mulher realizada, amada e muito feliz!

Fui para a escada e meu pai me aguardava ao pé dela. Seus olhos pareciam duas joias de tanto brilho. Seu sorriso era enorme e emocionado.

— Linda, filha! — beijou minha mão com carinho. — Você merece toda a felicidade deste mundo!

— Obrigada, devo tudo que sou a você e seu amor incondicional por mim. — passei minha mão em seu rosto. — Obrigada por não desistir de mim.

— Você sempre foi e sempre será a pessoa mais importante de minha vida. — Mais uma vez beijou minha mão. — Nunca esqueça que te amo e estarei sempre aqui para você.

— Amo você!

— Pronta? — perguntou piscando os olhos.

— Sim, vamos logo antes que Rafael fuja. — sorriu e seguimos para o jardim.

Começou a tocar os acordes de minha música preferida: “Amor”, de Clovis Pinho. Não segurei as lágrimas, pois até nisso ele pensou. Como não amar alguém tão especial assim? Ele parecia um príncipe naquela roupa branca de noivo, com detalhes em prata.

Segui pelo corredor cheio de flores amarelas, ao lado do Senhor Ricardo, que era todo sorriso. Rafael não escondia sua alegria. Vibrava amor, felicidade e lágrimas.

Durante o percurso, passou um filme em minha mente, de tudo o que passei para chegar ali. Precisei aceitar que não podia mudar o passado. Aceitei o amor como fonte de energia, abri espaço para o futuro, para a felicidade, para a aceitação do meu corpo, da minha beleza. Uma brisa fresca levantou meu véu. Comecei a sorrir. Sentia-me completa, sentia-me grande, única.

Rafael me recebeu dos braços do meu pai e beijou meus lábios.

— Te amo tanto — disse sorrindo e me levou para o altar, onde o padre já nos aguardava.

Suas palavras foram breves, mas intensas. Na hora de dizer nossos votos, fui surpreendida pelas palavras de Rafael.

— Sou um homem de sorte. Encontrei o amor depois de achar que não merecia ser amado. Prometo proteger-te, amar-te e respeitar-te além desta vida e em todas as outras, minha esposa Emely. — colocou a aliança em meu dedo.

Falei meus votos mais contidos. Não era tão boa com as palavras, mas acredito que meu amor estava em meu olhar a todo o momento naquela cerimônia.

— Pode beijar a noiva.

Ele nem esperou o padre terminar de falar e já estava me beijando. Foi um beijo de posse, cheio de promessas e de um futuro de alegrias.

— Vamos fugir logo da festa.

— Rafael!

— Bobagem! Estou há semanas sem fazer amor com minha mulher, hoje vou saborear cada parte de minha esposa — falou em meu ouvido.

Comecei a sorrir indo junto com ele cumprimentar os convidados. Abrimos a festa com a valsa tradicional.

— Eu sei que é para sempre. — Ele falou beijando meu rosto.

— Te amo!

Olhei para os lados e meu pai já estava dançando com a Duda, o Murilo com a July. Eu estava rodeada de pessoas do bem.

— Vamos fugir? — perguntei.

— Estava com medo que você não perguntasse. — beijou minha mão. — Linda donzela, meu carro já nos aguarda na porta.

— Vai ser um prazer fugir com você, meu amado guerreiro — retruquei entrando no clima.

Demos uma volta no salão e saímos pela lateral da casa. Íamos fugir desavergonhadamente, mas na porta já estavam todos os amigos nos esperando. Foi uma chuva de aplausos e pedidos para jogar o buquê.

O carro estava todo pintado com a palavra recém-casados e com várias bolas penduradas. Virei, joguei o buquê de flores amarelas e entrei no carro com Rafael ao volante. Nem olhei para trás para saber quem pegou. Agora era para frente, para o futuro.

Epílogo

Dois anos depois...

Rafael

Acho que fico mais nervoso do que Emely na hora em que ela vai desfilar. Minha mulher era um estouro nas passarelas. Dentro de um ano, ela se tornou uma das modelos *Plus Size* mais bem pagas, um fenômeno. Nunca tive dúvidas de que seria assim.

Ela era linda, tinha um brilho próprio. Confesso que sinto ciúmes das olhadas que os caras dão para ela, mas na hora em que ela me olha e me beija, esqueço tudo. É minha, minha esposa, só minha.

— Rafael? — virei para falar com Adriano. Continuo não gostando dele.

— Tudo bem, Adriano? — apertei firmemente sua mão.

— Feliz por Emely. Como vai a July?

— Vai bem! Acabou de ter outro bebê. Esse se chama Joaquim. Ela e Murilo estão muito felizes. Na realidade, aqueles dois se completam. — O casal vivia em estado de graça com sua família. O cara era o típico paizão.

— Eles merecem, depois irei lá conhecer o bebê. — sorri, mas não fiz festa para sua visita. Como disse: não gosto dele.

Meu sogro se aproximou com minha irmã e meu sobrinho Guilherme, de oito meses. Era o Ricardo em miniatura. Adriano logo se afastou, pois meu sogro também não ia com a cara dele.

Guilherme quando me viu se jogou em meus braços. Eu adorava aquele pequeno.

— Oi, tio! — beijei sua cabecinha cheirosa.

— Vai demorar muito? Guilherme daqui a pouco vai querer mamar.

— Posso amamentar aqui mesmo, Ricardo. — Minha irmã deu risada para ele.

— Todos vão olhar seus seios. Nem pense nisso! Vamos encontrar um local apropriado para não chamar atenção de ninguém.

— Meu marido acredita que todos os homens piram nos meus seios! — caímos na risada.

— Claro que sim, são lindos!

— Não preciso ouvir isso. — revirei os olhos para os dois. — Não é, tio? Não queremos ouvir essas coisas.

Guilherme deu risada evidenciando os dois dentinhos da frente.

Na hora que as luzes apagaram, voltamos para nossos lugares na primeira fila.

Emely entrou em um biquíni vermelho, muito bonito. Estava linda. E assim foi uma sucessão de roupas e aplausos. Meu peito se enchia de orgulho. Nosso amor estava mais forte a

cada dia. Sempre que podia, eu a acompanhava em suas viagens de trabalho. Éramos conhecidos na mídia como casal grude, até já fizemos reportagem juntos.

Tentaram me convencer a virar modelo, mas minha praia era hospital, em minhas veias corria a medicina. Não posso negar que adorei ver minhas fotos com ela na revista. Éramos o retrato da felicidade.

Tivemos nossas brigas, normal para casais, afinal, somos ciumentos. Mas tudo se resolvia com uma boa conversa e muito sexo. Éramos insaciáveis!

Ela voltou à passarela com um vestido largo branco, muito sexy, anotei para comprá-lo, pois queria despi-la dele depois. Fiquei de pau duro. Isso sempre acontecia quando pensava em minha esposa. O que, na maioria das vezes, era constrangedor, pois pensava nela o tempo todo.

Coloquei o papel da programação no colo e tentei pensar em água gelada. Depois de me acalmar um pouco, voltei meu olhar para o lado e reconheci várias celebridades brasileiras.

Apesar de o desfile ser em Milão, vários brasileiros faziam questão de participar, para ficar por dentro de tudo que estaria na moda naquele ano, o que para mim era uma bobagem, mas isso deixava minha mulher mais em evidência e um pouco mais rica. Sorri com esse pensamento.

Agora morávamos perto do lago. Construímos uma casa de dois andares, bem aconchegante. Aquele lugar era muito importante para nós. Lembrava nossas tardes de amor na juventude. Aquele fase de sofrimento ficou para trás, mas ainda me culpava por tudo. Estava superando a cada dia, mas fazer minha esposa feliz era minha meta de vida para sempre.

O desfile estava terminando, então ela entrou com um buquê de flores amarelas. Todos sabiam o quanto ela amava flores daquela cor. Entrou acompanhada com o estilista da marca para a qual desfilava. Os dois agradeceram ao público.

Estávamos no coquetel de comemoração só para convidados. Ela entrou novamente com o estilista e todos aplaudiram e cumprimentaram os dois. Foram quase trinta minutos para ela conseguir chegar a nós.

— Cansada? — perguntei segurando sua mão e beijando sua boca.

— Um pouco. — beijou seu pai e Duda. — Preciso conversar com você.

Um garçom passou oferecendo bebida e ela não aceitou.

— Tudo bem? Beba uma taça para relaxar. — parecia tensa, até mesmo nervosa. Aquilo me deu um frio na barriga.

— Não quero beber hoje. — beijou Guilherme, que já dormia no colo do seu pai.

— Nós vamos voltar ao hotel, esse moço está pesado. — Ricardo falou se despedindo de nós.

Ela me levou para uma sala fechada. Meu coração estava batendo a mil.

— Rafael!

— Emely!

— Eu preciso te mostrar uma coisa. — Ela buscou um papel em sua bolsa e me entregou.
— Nem acreditei quando vi o resultado.

Ela me olhava com aqueles olhos lindos, enormes e apreensivos. Minhas pernas tremeram, meu coração palpitou forte, acho que vou passar mal.

— Sério? Meu amor, estou sem palavras!

— Sim, papai, é muito sério! — sorriu aquecendo meu coração.

— Vamos ter um bebê — falei em voz alta, mas para ninguém em especial. Ela me beijou e eu correspondi demonstrando o quanto aquilo era importante para mim. — Eu estou muito feliz.

— Eu também!

— E sua carreira?

— Posso dar um tempo, depois eu volto. — passou a mão por meu rosto, encarando meus olhos. — Eu quero ter um filho seu!

— Putz! Caralho, eu amo você demais! — Não consegui segurar minhas lágrimas. — Vamos fazer tudo dar certo.

— Eu amo você! — Ela não parava de me olhar com amor.

— Eu amo mais! — retribuí beijando-a com todo amor que tinha em meu corpo.

Sou o cara mais sortudo deste mundo!